

O ATENIENSE

NUM. 1

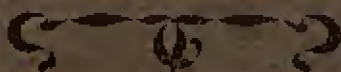
S. LUIZ DO MARANHÃO

ANO 1

BIBLIOTECA PÚBLICA
de
CITY DO MARANHÃO
OUTUBRO 1920



ALBERTO I. REI DOS BELGAS



O ATENIENSE

NUM. 1

S. LUIZ DO MARANHÃO

ANO 1

BIBLIOTECA PÚBLICA
do
CITY DO MARANHÃO

OUTUBRO 1920



ALBERTO I. REI DOS BELGAS



Quadro social da Legião dos Atenienses

PATRONOS

João Vitor Ribeiro	—Sotêro dos Reis
Djalma Fortuna	—João Lisbôa
Hilton Fortuna	—Gonçalves Dias
José M. Reis Perdigão	—Artur Azevedo
Joaquim Luz	—Aluizio Azevêdo
Pitágoras Morais	—José do Patrocínio
Edmundo Calheiros	—Euclides da Cunha
Antônio Viana de Souza	—Antônio Lôbo
José de Padua Fortuna	—Maranhão, sobrinho
João Guilherme de Abreu	—Vespaziano Ramos
Deolindo Couto	—Alcides Freitas

SOCIOS HONORARIOS

Henrique Coelho Neto, José Eduardo Teixeira de Souza, José Ribeiro do Amaral, Domingos Afonso Machado, d. Helvécio Gomes de Oliveira, Júlia Lopes de Almeida, Manoel Fran Paxeco, Alberto de Oliveira, José Francisco da Rocha Pombo, Medeiros e Albuquerque, Godofredo Mendes Viana, Júlio Dantas, Domingos Quadros Barboza Alvares, Clóvis Beviláqua, Justo Jansen Ferreira, João Ribeiro, Afrânio Peixoto, José Luso Torres, Alfredo de Assis Castro.

SOCIOS AUXILIARES

Djalma de Pádua Fortuna, Hilton de Pádua Fortuna, João Vitor Ribeiro, Nestor de Assunção Madureira, Joaquim Vieira da Luz, José Maria dos Reis Perdigão, Henrique de Brito Caldeira, José Zoroastro da Silva Vieira, José de Ribamar de Pádua Fortuna, Djalma Pereira de Vasconcelos, Américo Mendes, Gregório Apolônio Diniz, Edmundo Calheiros, Rúben Ribeiro de Almeida, João Pestana Mendes, Deolindo Nunes Couto, Walter Spindola Silva, Newton Mendonça, Tenack Wilson de Souza, José Silva, Diocleciano Ribeiro, sobrinho, José Mata de Oliveira Roma, Valdemar de Souza Brito, Celso da Rocha Santos, Francisco Chagas de Araújo, Odorico Amaral de Matos, João Nunes Bona, Hermelindo Gusmão Castelo Branco, filho, Assis Gariido, Fulgêncio de Souza

Pinto, Antonio de Vasconcelos, Luiz Silca, Adelino Ribeiro, Elpidio Santos, João Guilherme de Abreu, Pitágoras de Morais, Benedito C. Ferreira, Carlos Macieira, Emiliano Macieira, José Manoel Nogueira Vinhais, Ebron Wolf de Souza, Guilherme Macieira, José Monteiro, Anaxágoras Carvalho, Benedito Santos, Hélio Cunha, Roberto Vinhais, Luuro Domingues da Silva, Hilton Pinheiro Costa, Clemente Guedes, Edison da Costa Brandão, Antonio Viana de Souza, Francisco de Castro Lins, José Francisco Ferreira, José Santos Fonsêca, Zildo Fábio Maciel, senhoritas: Maria Carolina Botelho de Andrade, El Zuila Souza, professora; Noemi Souza, professora; Marieta de Padua Fortuna, professora, Esveraldina de Pádua Fortuna, Luiza Viana, professora, Raimunda Vasconcelos, professora, Circe Castro, Creuza Castro, Francisca Domingues Silva, Maria Celina Pessoa de Holanda, Conceição Parga Batista; sra. d. Corina Caldas Dias, Esthér Fortuna Pires, Raimunda Souza Ribeiro, senhoritas Adelaide Kerte, professora, Esmeralda Kerte, professora, Lucrécia Kerte, Zila Pais, professora, Diná Teixeira, professora, Amélia, Macieira, Odila Berniz, Odessa Berniz, Alfredo da Silva Fortuna, Domingos de Castro Perdigão, José da Silva Coutinho, Antônio Paiva, Pedro Pestana Mendes, José Neves de Andrade, José Seabra, Clóvis Castro, Constantino Néri Camélo, Raimundo Nonato da Luz e Silva, Alcides Marcos de Andrade e Raimundo Viana de Souza.



Quadro social da Legião dos Atenienses

PATRONOS

João Vitor Ribeiro	—Sotêro dos Reis
Djalma Fortuna	—João Lisboa
Hilton Fortuna	—Gonçalves Dias
José M. Reis Perdigão	—Artur Azevedo
Joaquim Luz	—Aluizio Azevêdo
Pitágoras Moraes	—José do Patrocínio
Edmundo Calheiros	—Euclides da Cunha
Antônio Viana de Souza	—Antônio Lôbo
José de Padua Fortuna	—Maranhão, sobrinho
João Guilherme de Abreu	—Vespaziano Ramos
Deolindo Couto	—Alcides Freitas

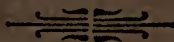
SOCIOS HONORARIOS

Henrique Coelho Neto, José Eduardo Teixeira de Souza, José Ribeiro do Amaral, Domingos Afonso Machado, d. Helvécio Gomes de Oliveira, Júlia Lopes de Almeida, Manoel Fran Paxeco, Alberto de Oliveira, José Francisco da Rocha Pombo, Medeiros e Albuquerque, Godofredo Mendes Viana, Júlio Dantas, Domingos Quadros Barboza Alvares, Clóvis Beviláqua, Justo Jansen Ferreira, João Ribeiro, Afrânio Peixoto, José Luso Torres, Alfredo de Assis Castro.

SOCIOS AUXILIARES

Djalma de Pádua Fortuna, Hilton de Pádua Fortuna, João Vitor Ribeiro, Nestor de Assunção Madureira, Joaquim Vieira da Luz, José Maria dos Reis Perdigão, Henrique de Brito Caldeira, José Zoroastro da Silva Vieira, José de Ribamar de Pádua Fortuna, Djalma Pereira de Vasconcelos, Américo Mendes, Gregório Apolônio Diniz, Edmundo Calheiros, Rúben Ribeiro de Almeida, João Pestana Mendes, Deolindo Nunes Couto, Walter Spindola Silva, Newton Mendonça, Tenack Wilson de Souza, José Silva, Diocleciano Ribeiro, sobrinho, José Mata de Oliveira Roma, Valdemar de Souza Brito, Celso da Rocha Santos, Francisco Chagas de Araújo, Odorico Amaral de Matos, João Nunes Bona, Hermelindo Gusmão Castelo Branco, filho, Assis Garrido, Fulgêncio de Souza

Pinto, Antonio de Vasconcelos, Luiz Silva, Adelino Ribeiro, Elpidio Santos, João Guilherme de Abreu, Pitágoras de Moraes, Benedito C. Ferreira, Carlos Macieira, Emiliano Macieira, José Manoel Nogueira Vinhais, Eron Wolf de Souza, Guilherme Macieira, José Monteiro, Anaxágoras Carvalho, Benedito Santos, Hélio Cunha, Roberto Vinhais, Luuro Domingues da Silva, Hilton Pinheiro Costa, Clemente Guedes, Edison da Costa Brandão, Antonio Viana de Souza, Francisco de Castro Lins, José Francisco Ferreira, José Santos Fonsêca, Zildo Fábio Maciel, senhoritas: Maria Carolina Botelho de Andrade, El Zuila Souza, professora; Noemi Souza, professora; Marieta de Padua Fortuna, professora, Esveraldina de Pádua Fortuna, Luiza Viana, professora, Raimunda Vasconcelos, professora, Circe Castro, Creuza Castro, Francisca Domingues Silva, Maria Celina Pessoa de Holanda, Conceição Parga Batista; sra. d. Corina Caldas Dias, Estnér Fortuna Pires, Raimunda Souza Ribeiro, senhoritas Adelaide Kerte, professora, Esmeralda Kerte, professora, Lucrécia Kerte, Zila Pais, professora, Diná Teixeira, professora, Amélia, Macieira, Odila Berniz, Odessa Berniz, Alfredo da Silva Fortuna, Domingos de Castro Perdigão, José da Silva Coutinho, Antônio Paiva, Pedro Pestana Mendes, José Neves de Andrade, José Seabra, Clóvis Castro, Constantino Néri Camélo, Raimundo Nonato da Luz e Silva, Alcides Marcos de Andrade e Raimundo Viana de Souza.



O ATENIENSE

NUM. 1 ◀ ANO I

(NOVA FASE)

S. Luiz do Maranhão

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

EXPLIQUEMO-NOS

Reaparece hoje, sob um novo aspecto, o vivaz *Ateniense*, agora como portavoz das associações fundidas, segundo o que se resolveu numa concorrida sessão, feita em 12 de setembro d'este ano. Esses grêmios de cultores das belas-letas, na maioria compostos de estudantes liceais e jurídicos, houveram por bem decidi-lo assim, reconhecendo que era melhor unir os esforços do que separá-los. Procederam com acerto. Souberam vêr as coisas, demonstrando que desejam concorrer para um trabalho profícuo.

Um dos maiores males da época em curso está na indisciplina moral e cultural, fenómeno vulgar, mas em que se desenha o claro prenúncio de outra época, mais equilibrada e altruística, onde cada um encontre o campo aberto ás suas aptidões e os dirigentes possam definir os seus poderes. Caminhámos para o total emancipacionismo do braço e da consciência após o revoloteio inseguro de séculos opressivos.

O Maranhão criou-se, pelo espírito, um lugar de primazia, entre os compartes do Brazil. Nenhuma zona teve, dentro do largo período que vai de 1820 a 1890, ou seja das vésperas da Independência ao facto positivo da República, uma pleiada tão luzida e homogénea, no farto celeiro dos produtos beletrísticos e científicos. A sua imprensa avançava-se, pela nobreza das idéas e pelo escoreito da linguagem, á de qualquer outra parte do paiz.

Mas essa predominância perdeu-se, precisamente do 15 de novembro para cá. Influiria a mudança das instituições, porventura, na vida social do estado? Não. O golpe vibrou-lho a «lei áurea». O declínio económico arrastou-o ao declínio mental e político. Dantes, os fazendeiros opulentos viajavam para as bandas europeas, educando lá os filhos. Estes, na volta, fixavam-se aqui. Consu-

mando-se a reclamadíssima abolição, além dos prejuizos materiais, que destruíram, pela base, a fortuna dos particulares, os olhares convergiram,—quanto á esfera da recompensa monetária, para as parajens amazónicas, quanto ao ensino superior para as apetecidas faculdades do Recife e de S. Paulo, quanto ás posições de evidência, para o Rio de Janeiro. De modo que a federação, consagrando o princípio descentralizador, chegou a um corolário de todo inverso.

Qual o meio de reerguer o espírito maranhense? Proporcionandolhe condições de labor lucrativo, pelo transporte rápido, e desenvolvendo as escolas de carácter enciclopédico, afim de que delas advenha um proveito iniludível ás escolas secundárias e primárias.

A Legião dos Atenienses, onde se corporificam elementos dessas duas categorías, ou seja dos bancos escolares e dos mestéres comerciais, promete contribuir para que se atinja esse alto objectivo.



SOCIEDADE...

Disfarça-te, homem vil, em teu rosto afivéla
A mascara gentil e vai á sociedade.
Ninguém te obstará a entrada, e, á sociedade,
Terás risos gracios, meneios de donzela.

Não seras repellido, embóra com teus modos
De vilão, de canalha e de bandido enfim;
Mil braços se abrirão e tu terás, assim,
As honras de excelência imácula de apódos...

Se já não tens pa'avra, — ó sim! — tanto melhor! ...
A hipocrisia é tudo! E essa jamais te falta!
Tal a joia sem preço ofusca na ribalta,
Tu brilharás também, grandioso em teu fulgor! ...

Não tens de que corar. O caso mais de vulto
E' que saibas vestir com distincão teu fraque...
Paufes, como tu, te hão de servir de claue,
Todos se curvarão a te render um culto.

—Não conheces ninguém?—Esta a razão não seja
De ficares a um canto; êles virão buscar-te
Se tiveres um ar soberbo a apresentar-te...
—E verás como então a roda te festeja!

Através d'esse luxo, entre esse lindo encanto
Que te deslumbra e pasma é só mizerias, cré!

O ATENIENSE

NUM. 1

ANO 1

(NOVA FASE)

S. Luiz do Maranhão

EXPLIQUEMO-NOS

Reaparece hoje, sob um novo aspecto, o vivaz *Ateniense*, agora como portavoz das associações fundidas, segundo o que se resolveu numa concorrida sessão, feita em 12 de setembro d'este ano. Esses grêmios de cultores das belas-letas, na maioria compostos de estudantes liceais e jurídicos, houveram por bem decidi-lo assim, reconhecendo que era melhor unir os esforços do que separá-los. Procederam com acerto. Souberam vêr as coisas, demonstrando que desejam concorrer para um trabalho profícuo.

Um dos maiores males da época em curso está na indisciplina moral e cultural, fenómeno vulgar, mas em que se desenha o claro prenúncio de outra época, mais equilibrada e altruística, onde cada um encontre o campo aberto ás suas aptidões e os dirigentes possam definir os seus poderes. Caminhámos para o total emancipacionismo do braço e da consciência após o revoloteio inseguro de séculos opressivos.

O Maranhão criou-se, pelo espírito, um lugar de primazia, entre os compartes do Brazil. Nenhuma zona teve, dentro do largo período que vai de 1820 a 1890, ou seja das vésperas da Independência ao facto positivo da República, uma pleiada tão luzida e homogénea, no farto celeiro dos produtos beletrísticos e científicos. A sua imprensa avançava-se, pela nobreza das idéas e pelo escoreito da linguagem, á de qualquer outra parte do paiz.

Mas essa predominância perdeu-se, precisamente do 15 de novembro para cá. Influiria a mudança das instituições, porventura, na vida social do estado? Não. O golpe vibrou-lho a «lei áurea». O declínio económico arrastou-o ao declínio mental e político. Dantes, os fazendeiros opulentos viajavam para as bandas europeas, educando lá os filhos. Estes, na volta, fixavam-se aqui. Consu-

mando-se a reclamadíssima abolição, além dos prejuizos materiais, que destruíram, pela base, a fortuna dos particulares, os olhares convergiram,—quanto á esfera da recompensa monetária, para as parajens amazónicas, quanto ao ensino superior para as apetecidas faculdades do Recife e de S. Paulo, quanto ás posições de evidência, para o Rio de Janeiro. De modo que a federação, consagrando o princípio descentralizador, chegou a um corolário de todo inverso.

Qual o meio de reerguer o espírito maranhense? Proporcionandolhe condições de labor lucrativo, pelo transporte rápido, e desenvolvendo as escolas de carácter enciclopédico, afim de que delas advenha um proveito iniludível ás escolas secundárias e primárias.

A Legião dos Atenienses, onde se corporificam elementos dessas duas categorías, ou seja dos bancos escolares e dos mestéres comerciais, promete contribuir para que se atinja esse alto objectivo.

SOCIEDADE...

Disfarça-te, homem vil, em teu rosto afivéla
A mascara gentil e vai á sociedade.
Ninguém te obstará a entrada, e, á sociedade,
Terás risos gracios, meneios de donzela.

Não seras repellido, embóra com teus modos
De vilão, de canalha e de bandido enfim;
Mil braços se abrirão e tu terás, assim,
As honras de excelência imácula de apódos...

Se já não tens pa'avra, — ó sim! — tanto melhor!...
A hipocrisia é tudo! E essa jamais te falta!
Tal a joia sem preço ofusca na ribalta,
Tu brillharás também, grandioso em teu fulgor!...

Não tens de que corar. O caso mais de vulto
E' que saibas vestir com distincão teu fraque...
Pauzes, como tu, te hão de servir de claue,
Todos se curvarão a te render um culto.

—Não conheces ninguém?—Esta a razão não seja
De ficares a um canto; êles virão buscar-te
Se tiveres um ar soberbo a apresentar-te...
—E verás como então a roda te festeja!

Através d'esse luxo, entre esse lindo encanto
Que te deslumbra e pasma é só misérias, cré!

De aparências o brilho é aquilo que se vê;
Das almas o negrôr é tal que causa espanto.

Ha risos com estudo; ha modos fementidos;
Ha frases de carinho; ha lances de amavios...
E tu serás na trama um dos melhôres fios,
Porque sabes tirar com geito os teus partidos.

E's mestre no jogar; — pareces um barão !
Liberdades dizer às damas és perito;
— Mascara-te, homem vil, vais conseguir teu fito,
Chamando sobre ti de todos a atenção !

Mente, bândido; infama: essa lingua perversa
Passa, numa rajáda, em tudo o que entenderes !...
E' preciso mentir para agradar mulheres...
— Verás que a sorte a ti não te será adversa !

— E é isto a sociedade ! Um palco iluminado,
Luzidio, solene, e imenso de belêza;
Mas lá no bastidor é a dura singelêza
De um esqueleto nú, nojento e deformado...

Vencedor ficará o que mais fôr artista,
O que melhor souber, distinto, ser galante !
O reino é de Petrônio, e a plêbe tolerante
O cobrirá de aplauso ao cabo da conquista !

Tu serás um rubi nessa corôa augusta,
Festejada, sublime, onipotente e rara.
Basta encobrir, bândido, essa medonha cara,
Ser grande com tal gente é coiza que não custa !

Rio—abril—1920.

HILTON FORTUNA.

NA INSTALAÇÃO

*Discurso do sr. João Vitor
Ribeiro:*

Não é esta a primeira vêz que me encontro entre camaradas, na maioria filhos desta terra de tão alto renome. concorrendo, com o meu pequeno esforço, para a organização de um núcleo predisposto á cultura dêsse vasto campo de frutos proveitozos, que é o dominio das letras.

E, porque assim falei, não é esta a primeira vêz que se congregam, nesta cidade rapazes cheios de entusiasmo, num vivo desejo de lhe crescer o movimento mental.

Tantas e tão malogradas têm sido as instituições literárias que aqui surgiram, dêz que entrei para as vigorozas fileiras do batalhão estudantal, que enumerá-las seria uma dolorosa tarefa, numa ocasião como esta, em que aqui estamos reunidos, para assistir ao alvorecer de mais uma agremiação dêsse genero.

Estou mesmo convencido de que nenhum outro estado brasileiro tem produzido tantas corporações literárias como o nosso Maranhão, pátria gloriosa de vultos afamados, que lhe conquistaram o título de Atenas Brasileira.

Uma triste verdade paira sôbre toda a atmosfera promissora que sempre envolve essas cruzadas, tão frequentemente empreendidas entre nós: apenas atravessam o portal das suas aspirações, sentem o rude efeito de um pesado quebranto, atrofiando todo o entusiasmo que presidiu ás primeiras investidas

A desorganização é um micróbio que se instila nas associações desta categoria, desde os primeiros momentos da sua vida. E' esse o ponto inicial do fracasso de que sempre se coroaram os esforços da mocidade.

Ainda não houve, nesta terra, uma associação literária que pudesse gosar, por muito tempo, os proventos cobizados e contidos nas linhas dos seus programas. O desânimo, filho da desorganização, é uma praga que se alastra assustadoramente, cerecendo os alicerces de tais instituições. Isso, porém, não é coiza nova ou que nascesse com os rapazes da geração hodierna. O nosso grande mestre Antônio Lobo deixou-nos, no seu livro *Os novos atenienses*, um precioso subsídio para a historia literária do Maranhão, e lá encontramos perfeitamente estampada a situação, entusiasta quão volúvel, dos nossos precursores

Rebuscando os factos, a partir do sétimo decênio do século passado, fala-nos de Heráclito Graça, Martins Costa, Celso Magalhães, os quais, junto de Joaquim Serra, Gentil Braga, César Marques, Antonio Henriques Lial, Souza Andrade, mantinham o *Semanário Maranhense*, auxiliados por Sotêro dos Reis, o grande filólogo maranhense, que dava a mão, nos ultimos quartéis da vida, a esse pugilo vigoroso. O *Semanário* fulgurou de 1867 a 68, e desapareceu, levando com êle todo o alento da mocidade, amesquinhada pela indiferença pública. indife-

De aparências o brilho é aquilo que se vê;
Das almas o negrôr é tal que causa espanto.

Ha risos com estudo; ha modos fementidos;
Ha frases de carinho; ha lances de amavios...
E tu serás na trama um dos melhôres fios,
Porque sabes tirar com geito os teus partidos.

E's mestre no jogar; — pareces um barão !
Liberdades dizer às damas és perito;
— Mascara-te, homem vil, vais conseguir teu fito,
Chamando sobre ti de todos a atenção !

Mente, bândido; infama: essa lingua perversa
Passa, numa rajáda, em tudo o que entenderes !...
E' preciso mentir para agradar mulhéres...
— Verás que a sorte a ti não te será adversa !

— E é isto a sociedade ! Um palco iluminado,
Luzidio, solene, e imenso de belêza;
Mas lá no bastidor é a dura singelêza
De um esqueleto nú, nojento e deformado...

Vencedor ficará o que mais fôr artista,
O que melhor souber, distinto, ser galante !
O reino é de Petrônio, e a plêbe tolerante
O cobrirá de aplauso ao cabo da conquista !

Tu serás um rubi nessa corôa augusta,
Festejada, sublime, onipotente e rara.
Basta encobrir, bândido, essa medonha cara,
Ser grande com tal gente é coiza que não custa !

Rio—abril—1920.

HILTON FORTUNA.

NA INSTALAÇÃO

*Discurso do sr. João Vitor
Ribeiro:*

Não é esta a primeira vêz que me encontro entre camaradas, na maioria filhos desta terra de tão alto renome. concorrendo, com o meu pequeno esforço, para a organização de um núcleo predisposto á cultura dêsse vasto campo de frutos proveitosos, que é o dominio das letras.

E, porque assim falei, não é esta a primeira vêz que se congregam, nesta cidade rapazes cheios de entusiasmo, num vivo desejo de lhe crescer o movimento mental.

Tantas e tão malogradas têm sido as instituições literárias que aqui surgiram, dêz que entrei para as vigorozas fileiras do batalhão estudantil, que enumerá-las seria uma dolorosa tarefa, numa ocasião como esta, em que aqui estamos reunidos, para assistir ao alvorecer de mais uma agremiação dêsse genero.

Estou mesmo convencido de que nenhum outro estado brasileiro tem produzido tantas corporações literárias como o nosso Maranhão, pátria gloriosa de vultos afamados, que lhe conquistaram o título de Atenas Brasileira.

Uma triste verdade paira sôbre toda a atmosfera promissora que sempre envolve essas cruzadas, tão frequentemente empreendidas entre nós: apenas atravessam o portal das suas aspirações, sentem o rude efeito de um pesado quebranto, atrofiando todo o entusiasmo que presidiu ás primeiras investidas.

A desorganização é um micróbio que se instila nas associações desta categoria, desde os primeiros momentos da sua vida. E' esse o ponto inicial do fracasso de que sempre se coroaram os esforços da mocidade.

Ainda não houve, nesta terra, uma associação literária que pudesse gosar, por muito tempo, os proventos cobicados e contidos nas linhas dos seus programas. O desânimo, filho da desorganização, é uma praga que se alastra assustadoramente, cerceando os alicerces de tais instituições. Isso, porém, não é coiza nova ou que nascesse com os rapazes da geração hodierna. O nosso grande mestre Antônio Lobo deixou-nos, no seu livro *Os novos atenienses*, um precioso subsídio para a historia literária do Maranhão, e lá encontramos perfeitamente estampada a situação, entusiasta quão volúvel, dos nossos precursores.

Rebuscando os factos, a partir do sétimo decênio do século passado, fala-nos de Heráclito Graça, Martins Costa, Celso Magalhães, os quais, junto de Joaquim Serra, Gentil Braga, César Marques, Antonio Henriques Lial, Souza Andrade, mantinham o *Semanário Maranhense*, auxiliados por Sotéro dos Reis, o grande filólogo maranhense, que dava a mão, nos ultimos quartéis da vida, a esse pugilo vigoroso. O *Semanário* fulgurou de 1867 a 68, e desapareceu, levando com êle todo o alento da mocidade, amesquinhada pela indiferença pública. indife-

rença que ainda hoje é um terrível espantinho para todos aqueles que ainda se lembram de ser literatos.

Os j6vens de hoje debatem-se na 6nsia de crescer, de subir. Mas a crua indiferença geral n6o os deixa desenvolver-se — e, quando se n6o torna agressiva, como no tempo em que Alu6zio Azevedo se estreou com *O Mulato*, livro que mereceu de um jornal da terra — *A Civilizaça6o* os mais causticantes improper6ios, posta-se a6i como uma barreira intranspon6ivel, diante da qual, muitas v6zes, s6o resta recuar.

Em 1889, Reis Carvalho, Euclides Marinho, Alu6zio P6rto, I Xavier de Carvalho, Ant6nio Lobo, sob os ausp6cios de Manoel de B6thencourt, a quem liam os seus ensaios liter6rios, fundavam o *S6culo*, que desapareceu em 1890; veio depois a *Filomatia*, em substituiça6o ao *S6culo*, n6o sendo mais feliz do que o outro. Uma camada mais nova, composta de Godofredo Viana, Domingos Barboza, Antonio da Costa Gomes, Viriato Corr6a, Clodomir Cardoso e outros, publica o *Estudante*, que, como aqueles, foi por 6gua abaixo.

Era sempre o mesmo. N6o havia quem n6o tentasse cooperar para a estabilidade e a fama liter6ria do Maranh6o. Mas os elementos eram falhos e, 6 falta de um firme incentivo, derruiam-se todas as boas tentativas da mocidade.

O Maranh6o permaneceu assim adormecido, at6 que uma nova 6ra despertou. Fran Paxeco, ainda j6ven, veio fixar a resid6ncia em S. Luiz — e foi tamanho o amor que tomou 6 nossa terra que, em breve, empreendeu nova campanha de ressurreic6o intel6tual. Foi um verdadeiro man6, que veio alentar quase todos os maranhenses inclinados para as letras.

Por inspiraça6o direta de Fran Paxeco, fundou-se, em 1900, a Oficina dos Novos, sob o patronato de Gonç6lves Dias, da qual faziam parte Godofredo Viana, Clodomir Cardoso, Viriato Corr6a, Francisco Lisboa, filho, Luiz Carvalho, Francisco Serra, Astolfo Marques, Jo6o Quadros, Domingos Barboza, Luzo

Torres, Corr6a de Araujo, Agostinho Reis e outros. *Os Novos* eram o seu 6rg6o liter6rio.

Depois dessa investida de Fran. tivemos, a seguir, *A atualidade*, a *Renascença*, feita por um grupo desligado da Oficina, em 1901. Neste ano, surgiu a *Revista do Norte*, que viveu at6 1905. Em 1903, a *Nova Atenas*, que pouco viveu.

J6 em 1908, apareceu a *Academia Maranhense*, pr6spera nos primeiros anos, que tambem sofreu os rigores de um esmorecimento prolongado, at6 ha bem pouco tempo.

Da6 para c6, foram in6meras as sociedades liter6rias que se estabeleceram no Maranh6o. Agora, ainda por iniciativa de Fran Paxeco, o refulgente espelho das nossas gl6rias liter6rias, veem de fundir-se algumas associaç6es sob a bandeira da *Legi6o dos Atenienses*. Oxal6 que amanh6 poss6mos, ufanos, fruir os loiros desta outra cruzada!

Camaradas: Atentai bem! O Maranh6o precisa de aumentar as p6ginas da sua hist6ria e n6s, com o gesto de hoje, assumimos, perante 6le, um grande compromisso.

Trabalhemos, pois, com afinco! Eis o nosso chefe! Avante!

— — —

SOB nuvens radiantes, plan6cies de estr6las de ouro, ao farfalhar das suas palmeiras, 6s endechas dos sabi6s, — ante a eterna calma, a eterna luz dos seus c6us silenciosos, 6 imortal claridade da sci6ncia e das letras, em alta esfera p6ramo profundo, onde n6o iam bramir, errantes, raivosas, as paix6es do mundo, — vivia o Maranh6o.

A brilhar e a dar guarida, elevava-se, altaneiro e forte, s6bre o altar da nossa independ6ncia.

Estr6la, irradiava e luzia sob as vistas do Cruzeiro, preenhe de gl6rias e de b6nç6es. C6rebro da p6tria, a guiar-lhe os passos, rubro fanal a indicar-lhe o caminho, o caminho 6nico, que de abalada leva uma naç6o ao cimo da gl6ria.

Roble, embora j6ven, abrigava, nos seus ramos benfazejos, a sua casta de iluminados. A sua som-

rença que ainda hoje é um terrível espantallo para todos aqueles que ainda se lembram de ser literatos.

Os j6vens de hoje debatem-se na 6nsia de crescer, de subir. Mas a crua indiferença geral n6o os deixa desenvolver-se — e, quando se n6o torna agressiva, como no tempo em que Alu6zio Azevedo se estreou com *O Mulato*, livro que mereceu de um jornal da terra — *A Civilizaç6o* os mais causticantes improper6ios, posta-se a6i como uma barreira intranspon6ivel, diante da qual, muitas v6zes, s6o resta recuar.

Em 1889, Reis Carvalho, Euclides Marinho, Alu6zio P6rto, I Xavier de Carvalho, Ant6nio Lobo, sob os ausp6cios de Manoel de B6thencourt, a quem liam os seus ensaios liter6rios, fundavam o *S6culo*, que desapareceu em 1890; veio depois a *Filomatia*, em substituiç6o ao *S6culo*, n6o sendo mais feliz do que o outro. Uma camada mais nova, composta de Godofredo Viana, Domingos Barboza, Antonio da Costa Gomes, Viriato Corr6a, Clodomir Cardoso e outros, publica o *Estudante*, que, como aqueles, foi por 6gua abaixo.

Era sempre o mesmo. N6o havia quem n6o tentasse cooperar para a estabilidade e a fama liter6ria do Maranh6o. Mas os elementos eram falhos e, 6 falta de um firme incentivo, derruiam-se todas as boas tentativas da mocidade.

O Maranh6o permaneceu assim adormecido, at6 que uma nova 6ra despertou. Fran Paxeco, ainda j6ven, veio fixar a resid6ncia em S. Luiz — e foi tamanho o amor que tomou 6 nossa terra que, em breve, empreendeu nova campanha de ressurreic6o intel6tual. Foi um verdadeiro man6, que veio alentar quase todos os maranhenses inclinados para as letras.

Por inspiraç6o direta de Fran Paxeco, fundou-se, em 1900, a Oficina dos Novos, sob o patronato de Gonç6lves Dias, da qual faziam parte Godofredo Viana, Clodomir Cardoso, Viriato Corr6a, Francisco Lisboa, filho, Luiz Carvalho, Francisco Serra, Astolfo Marques, Jo6o Quadros, Domingos Barboza, Luzo

Torres, Corr6a de Araujo, Agostinho Reis e outros. *Os Novos* eram o seu 6rg6o liter6rio.

Depois dessa investida de Fran. tivemos, a seguir, *A atualidade*, a *Renascença*, feita por um grupo desligado da Oficina, em 1901. Neste ano, surgiu a *Revista do Norte*, que viveu at6 1905. Em 1903, a *Nova Atenas*, que pouco viveu.

J6 em 1908, apareceu a *Academia Maranhense*, pr6spera nos primeiros anos, que tambem sofreu os rigores de um esmorecimento prolongado, at6 ha bem pouco tempo.

Da6 para c6, foram in6meras as sociedades liter6rias que se estabeleceram no Maranh6o. Agora, ainda por iniciativa de Fran Paxeco, o refulgente espelho das nossas gl6rias liter6rias, veem de fundir-se algumas associaç6es sob a bandeira da *Legi6o dos Atenienses*. Oxal6 que amanh6 poss6mos, ufanos, fruir os loiros desta outra cruzada!

Camaradas: Atentai bem! O Maranh6o precisa de aumentar as p6ginas da sua hist6ria e n6s, com o gesto de hoje, assumimos, perante 6le, um grande compromisso.

Trabalhemos, pois, com afinco! Eis o nosso chefe! Avante!

≡

SOB nuvens radiantes, plan6cies de estr6las de ouro, ao farfalhar das suas palmeiras, 6s endechas dos sab6s, — ante a eterna calma, a eterna luz dos seus c6us silenciosos, 6 imortal claridade da sci6ncia e das letras, em alta esfera p6ramo profundo, onde n6o iam bramir, errantes, raivosas, as paix6es do mundo, — vivia o Maranh6o.

A brilhar e a dar guarida, elevava-se, altaneiro e forte, s6bre o altar da nossa independ6ncia.

Estr6la, irradiava e luzia sob as vistas do Cruzeiro, preenhe de gl6rias e de b6nç6es. C6rebro da p6tria, a guiar-lhe os passos, rubro fanal a indicar-lhe o caminho, o caminho 6nico, que de abalada leva uma naç6o ao cimo da gl6ria.

Roble, embora j6ven, abrigava, nos seus ramos benfazejos, a sua casta de iluminados. A sua som-

bra. nasceram avezinhas implumes, cantaram e alaram-se depois ao sol da immortalidade, ás regiões do além.

Ah! Depois porém que dêles partiram, os que ficaram, desanimados, emudeceram; somente de vez em quando, um ou outro desfere o seu canto...

O roble estremece. Mas já se não embaia àquele concêrto antigo, e, a definhar, a soluçar, geme, alta noite, sentidas nébias á luz mortifica da lua.

Já não é mais a estrêla de outrora. Fogo-fátuo, astro apagado no firmamento da pátria, mais parece magoada lágrima de sangue. O Maranhão literário parece morto, com a emigração dos seus filhos. A mocidade de hoje, desfalecida, apenas lembra o seu fulgôr antigo.

Amigo do Maranhão. o sr. Fran Paxeco tem empregado todos os esforços em prol do nosso ressurgimento literário, e aqui nos achamos, prontos a receber este seu novo incentivo. os desta nova Legião dos Atenienses.

Pois, meu caro sr., com justiça reconhecemos a vossa bôa vontade, em favor da nossa terra. Ficai certo portanto, de que havemos de acatar as vossas inspirações. Guiados por vós, empreendemos esta jornada fatigante no deserto árido de más vontades mas seguros de que havemos de alcançar o ressurgimento literário do nosso Maranhão. Nobres cruzados havemos de combater até á morte, contanto que não percâmos o seu braço de Atenas.

Mocidade, companheiros da Legião! Não temâmos, nem esmorecâmos, perante a refrega. Enfrentemos com coragem e valôr, as dificuldades e. ao último toque de clarim, ao descansar das armas, levemos conquistado a vitória.

Avante!

PITAGORAS DE MORAIS.



JA' que o Onisciente, conferindo ao homem o privilégio do raciocínio, estabeleceu de modo irrefragável a sua prioridade sôbre os

outros sêres; já que só a este é lícito perquirir, no abismo do cognoscível, o *porquê* da sua existência; já que é ele o único talhado para compreender o papel a desempenhar no complexo da vida planetária, cumpre-lhe aprofundar-se cada vez mais e cada vez mais divagar por essas regiões místicas, onde se encontra a solução de todos os problemas.

Poucos são ainda aqueles que, olvidando esses gosos mundanos, precursores de paixões funestas, germes de ódios incontidos, embrião de maldições futuras, se dedicam ao estudo.

E', porém, no recêso dos gabinetes, no convívio salutar dos livros, que se formam os caratêres, cultivam as inteligências, ilustram os espíritos. E' também dêsse recinto amigo, de ambiente saturado de virtudes, que saem os sábios, cada um dos quais é mais um astro que desponta no firmamento límpido da sciência, marcando mais uma éra de luz, mais um período de glória.

Em todas as épocas e em todos os paizes houve gênios que levantaram o expoente cultural da humanidade. Arquimedes fornecendo principios á física; Newton, descobrindo a atracção universal; Lavoisier, derrubando a teoria do flogístico e substituindo-a pela da oxigenação; Frâncelin, inventando o párraios; Galvani, explicando a electricidade animal; Wahler, abrindo novos horizontes á quimica, como a síntese da uréa; Pasteur, negando a geração espontânea; Röntgen, descobrindo os raios X; Branly e Marconi, inventando o telégrafo sem fio, além de outras revelações de alta utilidade.

E a sua série infinda, que constitue o verdadeiro tesouro das nações, porque passarão de geração em geração, como exemplo aos porvindoiros, desdobra-se aos olhos ávidos do povo, nunca exausto de contemplá-las.

Mas o homem, a quem é inata a volúpia do ignôto, já se não satisfaz em restringir ao nosso planeta o campo das suas observações; e, á

bra. nasceram avezinhas implumes, cantaram e alaram-se depois ao sol da immortalidade, ás regiões do além.

Ah! Depois porém que dêles partiram, os que ficaram, desanimados, emudeceram; somente de vez em quando, um ou outro desfere o seu canto...

O roble estremece. Mas já se não embaia àquele concêrto antigo, e, a definhar, a soluçar, geme, alta noite, sentidas nébias á luz mortifica da lua.

Já não é mais a estrêla de outrora. Fogo-fátuo, astro apagado no firmamento da pátria, mais parece magoada lágrima de sangue. O Maranhão literário parece morto, com a emigração dos seus filhos. A mocidade de hoje, desfalecida, apenas lembra o seu fulgôr antigo.

Amigo do Maranhão. o sr. Fran Paxeco tem empregado todos os esforços em prol do nosso ressurgimento literário, e aqui nos achamos, prontos a receber este seu novo incentivo. os desta nova Legião dos Atenienses.

Pois, meu caro sr., com justiça reconhecemos a vossa bôa vontade, em favor da nossa terra. Ficai certo portanto, de que havemos de acatar as vossas inspirações. Guiados por vós, empreendemos esta jornada fatigante no deserto árido de más vontades mas seguros de que havemos de alcançar o ressurgimento literário do nosso Maranhão. Nobres cruzados havemos de combater até á morte, contanto que não percâmos o seu braço de Atenas.

Mocidade, companheiros da Legião! Não temâmos, nem esmorecâmos, perante a refrega. Enfrentemos com coragem e valôr, as dificuldades e. ao último toque de clarim, ao descansar das armas, levemos conquistado a vitória.

Avante!

PITAGORAS DE MORAIS.



JA' que o Onisciente, conferindo ao homem o privilégio do raciocínio, estabeleceu de modo irrefragável a sua prioridade sôbre os

outros sêres; já que só a este é lícito perquirir, no abismo do cognoscível, o *porquê* da sua existência; já que é ele o único talhado para compreender o papel a desempenhar no complexo da vida planetária, cumpre-lhe aprofundar-se cada vez mais e cada vez mais divagar por essas regiões místicas, onde se encontra a solução de todos os problemas.

Poucos são ainda aqueles que, olvidando esses gosos mundanos, precursores de paixões funestas, germes de ódios incontidos, embrião de maldições futuras, se dedicam ao estudo.

E', porém, no recêso dos gabinetes, no convívio salutar dos livros, que se formam os caratêres, cultivam as inteligências, ilustram os espíritos. E' também dêsse recinto amigo, de ambiente saturado de virtudes, que saem os sábios, cada um dos quais é mais um astro que desponta no firmamento límpido da sciência, marcando mais uma éra de luz, mais um período de glória.

Em todas as épocas e em todos os paizes houve gênios que levantaram o expoente cultural da humanidade. Arquimedes fornecendo principios á física; Newton, descobrindo a atracção universal; Lavoisier, derrubando a teoria do flogístico e substituindo-a pela da oxigenação; Frâncelin, inventando o párraios; Galvani, explicando a electricidade animal; Wahler, abrindo novos horizontes á quimica, como a síntese da uréa; Pasteur, negando a geração espontânea; Röntgen, descobrindo os raios X; Branly e Marconi, inventando o telégrafo sem fio, além de outras revelações de alta utilidade.

E a sua série infinda, que constitue o verdadeiro tesouro das nações, porque passarão de geração em geração, como exemplo aos porvindoiros, desdobra-se aos olhos ávidos do povo, nunca exausto de contemplá-las.

Mas o homem, a quem é inata a volúpia do ignôto, já se não satisfaz em restringir ao nosso planeta o campo das suas observações; e, á

noite, no silêncio sepulcral dos observatórios, enquanto menestres apaixonados desferem canções de amor, á luz referta de um plenilúnio, vamos encontrar o sábio perscrutando os outros mundos que se perdem na vastidão interminável dos céus.

Nas meditações, que são apanágio d'esses predestinados, paira sempre uma auréola de esperança, porque é delas que irradiará, mais tarde, como um luaréu sagrado e como um luaréu de glória, o sol benéfico de novas descobertas.

Ao sábio, pois que é bem a transição do humano para o divino, está, de verdade, sujeito o universo. E' a esse vexilário do bem, a esse apóstolo do dever, que se subordina o orbe, cujos arcânos elle desvendou, cujas leis reguladoras conhece e em cujos mistérios já penetrou.

A aridez da sciência, porém, precisa de ser amenizada com a literatura, rosal eternamente florido, campo de contínuo pródigo, em que encontrâmos de tudo o que Alcides Freitas descobriu na obra de Alvares de Azevedo: um punhado de sonhos virgens, uma mancha de fantazias pálidas; silêncios doirados, que convidam, negruras amarguradas, que falam; pudores enrubescidos, que apaixonam, desvairamentos lascivos, que sacodem; harmonias claras de piano, gemidos embaladores de violão, um retinir descontraído de corações, apertos furtivos de mãos histéricas; segredos eloquentes de olhares demorados; um arregaçar ligeiro de sorrisos trémulos; aromas leves de cabelos pretos, frufriús de rendas sôbre carnes róseas; a brancura religiosa de açucenas; o rôxo dolorido de perpétuas rôxas, volúpia de sentimento, enlêvo de emoções; esperanças vivas e palpantes de aurora, evocações saudosas de poentes purpúreos; queixumes cavos de sinos velhos, a melancolia estasiante dos Angelus; exilamentos vagos de Rodenback, delirios geniais de Wagner; tremulamentos amarelos de círios, ardências apaixonadas de pupílas ne-

gras; o roçagar preguiçoso de cortinas môças, ondulamentos tristes de crepes mortuários; alegria e pesar, saudade e amor; vida e morte...

A literatura é como um oasis vivido e umbroso, pleno de frescura e repleto de vida, em que, a meio termo da jornada, descansam os caminheiros da sciência.

Depois, refeitas as fôrças, ei-los que partem, rumo de outros ideais, fitando outras vitórias.

Atravessado todo o arenoso deserto da sua vida rútila, descambam para além da Eternidade. E as suas pègádas, como um rastilho indelével e como uma trajectória de luz, permanecerão em desafio perene ás agruras do tempo, repassadas sempre de valor, cheias de virtude, desbordantes de glória.

E para sempre serão benditos aqueles que, trabalhando na literatura, marcharem *pari-passu* com os obreiros grandiosos da sciência, que é o farol eterno da humanidade, um luzeiro espargindo rajadas de luz, o archote que, dissipando a treva da ignorância, desfaz também a noite da ignomínia e mata o nefando germe de todos os males.

— Deduindo Co...

Pelos heróis da Laguna

Os últimos jornais da capital da república, num entusiasmo palpante e significativo, dão-nos a boa e agradável nova dum gesto distinto e justo da mocidade, que cursa a nossa escola militar dali, levantando a sublime idéa da ereção de um monumento em honra aos heróis da retirada da Laguna—heróis que, pelos seus feitos, e amor ao Brasil, tão bem evidenciados, pelo muito que fizeram e sofreram, se tornaram credores da mais viva admiração de todos nós.

Esse pensamento da mocidade militar da nossa terra, convertido em realidade, agora, é um protesto do Brasil unido e justiceiro, que acorda, e quer pagar o tributo de gratidão, resgatando a sua dívida de honra, ainda em aberto, desde aqueles memoráveis tempos de 1867.

A idéa não podia encontrar campo mais apropriado para o seu surgimento, nem podia ser mais feliz, por isso que nasceu entre a farda, a sublime farda,

noite, no silêncio sepulcral dos observatórios, enquanto menestres apaixonados desferem canções de amor, á luz referta de um plenilúnio, vamos encontrar o sábio perscrutando os outros mundos que se perdem na vastidão interminável dos céus.

Nas meditações, que são apanágio d'esses predestinados, paira sempre uma auréola de esperança, porque é delas que irradiará, mais tarde, como um luaréu sagrado e como um luaréu de glória, o sol benéfico de novas descobertas.

Ao sábio, pois que é bem a transição do humano para o divino, está, de verdade, sujeito o universo. E' a esse vexilário do bem, a esse apóstolo do dever, que se subordina o orbe, cujos arcânos elle desvendou, cujas leis reguladoras conhece e em cujos mistérios já penetrou.

A aridez da sciência, porém, precisa de ser amenizada com a literatura, rosal eternamente florido, campo de contínuo pródigo, em que encontrámos de tudo o que Alcides Freitas descobriu na obra de Alvares de Azevedo: um punhado de sonhos virgens, uma mancha de fantazias pálidas; silêncios doirados, que convidam, negruras amarguradas, que falam; pudores enrubescidos, que apaixonam, desvairamentos lascivos, que sacodem; harmonias claras de piano, gemidos embaladores de violão, um retinir descontraído de corações, apertos furtivos de mãos histéricas; segredos eloquentes de olhares demorados; um arregaçar ligeiro de sorrisos trémulos; aromas leves de cabelos pretos, frufriús de rendas sôbre carnes róseas; a brancura religiosa de açucenas; o rôxo dolorido de perpétuas rôxas, volúpia de sentimento, enlêvo de emoções; esperanças vivas e palpantes de aurora, evocações saudosas de poentes purpúreos; queixumes cavos de sinos velhos, a melancolia estasiante dos Angelus; exilamentos vagos de Rodenback, delirios geniais de Wagner; tremulamentos amarelos de círios, ardências apaixonadas de pupílas ne-

gras; o roçagar preguiçoso de cortinas môças, ondulamentos tristes de crepes mortuários; alegria e pesar, saudade e amor; vida e morte...

A literatura é como um oasis vivido e umbroso, pleno de frescura e repleto de vida, em que, a meio termo da jornada, descansam os caminheiros da sciência.

Depois, refeitas as fôrças, ei-los que partem, rumo de outros ideais, fitando outras vitórias.

Atravessado todo o arenoso deserto da sua vida rútila, descambam para além da Eternidade. E as suas pègadas, como um rastilho indelével e como uma trajectória de luz, permanecerão em desafio perene ás agruras do tempo, repassadas sempre de valor, cheias de virtude, desbordantes de glória.

E para sempre serão benditos aqueles que, trabalhando na literatura, marcharem *pari-passu* com os obreiros grandiosos da sciência, que é o farol eterno da humanidade, um luzeiro espargindo rajadas de luz, o archote que, dissipando a treva da ignorância, desfaz também a noite da ignomínia e mata o nefando germe de todos os males.

— Deduindo Co...

Pelos heróis da Laguna

Os últimos jornais da capital da república, num entusiasmo palpante e significativo, dão-nos a boa e agradável nova dum gesto distinto e justo da mocidade, que cursa a nossa escola militar dali, levantando a sublime idéa da ereção de um monumento em honra aos heróis da retirada da Laguna—heróis que, pelos seus feitos, e amor ao Brasil, tão bem evidenciados, pelo muito que fizeram e sofreram, se tornaram credores da mais viva admiração de todos nós.

Esse pensamento da mocidade militar da nossa terra, convertido em realidade, agora, é um protesto do Brasil unido e justiceiro, que acorda, e quer pagar o tributo de gratidão, resgatando a sua dívida de honra, ainda em aberto, desde aqueles memoráveis tempos de 1867.

A idéa não podia encontrar campo mais apropriado para o seu surgimento, nem podia ser mais feliz, por isso que nasceu entre a farda, a sublime farda,

no meio vivificante e entusiástico da mocidade forte, inteligente, que representa a honra e a glória do Brasil futuro, — mocidade que é a nossa defesa, mocidade que é o nosso ideal.

Assim, vitoriosamente, ela — a grande idéa — transporá os umbrais daquela oficina de bravos, e aparecerá, com o carinho devido, em todos os recantos deste paiz imenso, deparando, em cada coração brasileiro, o maior aplauso, o mais cordial apoio.

Estamos certos de que todo aquele que conhecer a história da Laguna, através das páginas brilhantes de Taunay — o admirável historiador; páginas onde admirámos a dedicação e o patriotismo grandioso do velho João, o guia fiel e sincero dessa cruzada; páginas — epopéias bellissimas do quanto valemos —, que nos deixam, bem claro, o valor intrínseco dos nossos irmãos, os quais, mesmo assolados pela sêde, ás voltas com as terríveis emboscadas dos inimigos, debatendo-se, ainda, de instante a instante, com o fogaréu crepitante das campinas, ataçado pelos paraguaios, tendo a dizimá-los a colera mórbus, mesmo assim, repetámos, conseguiram vencer a dolorosa marcha de umas dezenas de léguas, entre Cuiabá e Santos, de regresso da missão que lhes incumbira a pátria.

Pois bem: acreditámos que nenhum brasileiro, digno deste honroso nome, deixe de bendizer a attitude enobrecedora desses môços, esforçando-se para a efectivação da grande obra: o levantamento duma estátua aos heróis da Laguna.

E, terminando, façamos nossas as palavras, de amôr e de incentivo, escritas por Genseric Vasconcelos, talentoso jornalista, convidado, pelos estudantes militares, a prestar o seu concurso á grande causa: — «Qual será o brasileiro que se negue a concorrer com um óbolo, confiando-o á juventude da Escola Militar, para que êles erijam o altar diante do qual pretendem jurar á bandeira que tremulou altiva dentro dos nossos quadrados, virgem das mãos inimigas e que nunca foi tão fielmente servida como na retirada? Qual o filho desta terra, tão dignificada por semelhants heróis, que não concorrerá para que se apaguem do frontispício da obra imortal de Taunay as duras e verdadeiras frases de Ernesto

Renan:—A Grécia teria erguido um monumento, para immortalizar tão brilhante feito de armas; parece que, no Brasil, julgaram bastante registá-lo».

S. Luiz, 26 — IX — 920.

J. GUILHERME DE ABREU.

FAZER BEM

.....
Caía brandamente a tarde.

Os últimos raios vespertinos, abraçando, com carinho, a Teria, doiravam, de leve, a ervaçada viçoza, que se perdia na longínqua linha do horizonte...

Aqui e ali, a abóbada celeste mostrava se salpicada de travêssas andorinhas. ziguezagueando, em rumo ás cópas frondozas das árvores próximas, abrigando-se. medrozas da friêza da noite.

A' direita, de inacabadas reticências rubras, manchava o firmamento um bando de guarás.

Ao longe, ouvia-se o sussurrar de um corregoito, que serpenteava entre despenhadeiros, formando pequenas cascatas, cujo murmúrio se cruzava com o choro saudozo dos inhambús.

Cigarras e grilos orquestreavam, calozos, a cena, entrecortada, de vês em quando, pelo mugido piedozo do gado, que demandava, paciente, os currais.

.....
Surgiu a noite.

O céu, de azulado que era, tornou-se agraúnado, crivando-se de estrélas, num piscar contínuo, deslumbrante.

As irrequietas andorinhas, já empoleiradas, aguardavam, dormitando, a passagem da noite.

Toda a aldeia caíra em sono. Somente a pequena Mari, a misérrima filhinha da cega, batia, receoza, de porta em porta, implorando um pedaço de pão, para suavizar a fome, e a da sua velha mãe.

Ninguém ouvia as suas súplicas .. O coração daquele povo era todo uma barreira impenetrável.

E a pobrezita, doentia, fraca, andrajosa, taminta, continuava, choramingando, a percorrer toda a aldeia e a bater a pequena mão de encontro ás portas.

Nada arranjava. De súbito, como que orientada por Deus, lembrou-se de que, lá, na curva estreita do caminho, se erguia o cazebre feliz da mãe Maria, a

no meio vivificante e entusiástico da mocidade forte, inteligente, que representa a honra e a glória do Brasil futuro, — mocidade que é a nossa defesa, mocidade que é o nosso ideal.

Assim, vitoriosamente, ela — a grande idéa — transporá os umbrais daquela oficina de bravos, e aparecerá, com o carinho devido, em todos os recantos deste paiz imenso, deparando, em cada coração brasileiro, o maior aplauso, o mais cordial apoio.

Estamos certos de que todo aquele que conhecer a história da Laguna, através das páginas brilhantes de Taunay — o admirável historiador; páginas onde admirámos a dedicação e o patriotismo grandioso do velho João, o guia fiel e sincero dessa cruzada; páginas — epopéias bellissimas do quanto valemos —, que nos deixam, bem claro, o valor intrínseco dos nossos irmãos, os quais, mesmo assolados pela sêde, ás voltas com as terríveis emboscadas dos inimigos, debatendo-se, ainda, de instante a instante, com o fogaréu crepitante das campinas, ataçado pelos paraguaios, tendo a dizimá-los a colera mórbus, mesmo assim, repetámos, conseguiram vencer a dolorosa marcha de umas dezenas de léguas, entre Cuiabá e Santos, de regresso da missão que lhes incumbira a pátria.

Pois bem: acreditámos que nenhum brasileiro, digno deste honroso nome, deixe de bendizer a attitude enobrecedora desses môços, esforçando-se para a efectivação da grande obra: o levantamento duma estátua aos heróis da Laguna.

E, terminando, façamos nossas as palavras, de amôr e de incentivo, escritas por Genseric Vasconcelos, talentoso jornalista, convidado, pelos estudantes militares, a prestar o seu concurso á grande causa: — «Qual será o brasileiro que se negue a concorrer com um óbolo, confiando-o á juventude da Escola Militar, para que elles erijam o altar diante do qual pretendem jurar á bandeira que tremulou altiva dentro dos nossos quadrados, virgem das mãos inimigas e que nunca foi tão fielmente servida como na retirada? Qual o filho desta terra, tão dignificada por semelhantes heróis, que não concorrerá para que se apaguem do frontispício da obra imortal de Taunay as duras e verdadeiras frases de Ernesto

Renan:—A Grécia teria erguido um monumento, para immortalizar tão brilhante feito de armas; parece que, no Brasil, julgaram bastante registá-lo».

S. Luiz, 26 — IX — 920.

J. GUILHERME DE ABREU.

FAZER BEM

.....
Caía brandamente a tarde.

Os últimos raios vespertinos, abraçando, com carinho, a Teria, doiravam, de leve, a ervaçada viçoza, que se perdia na longínqua linha do horizonte...

Aqui e ali, a abóbada celeste mostrava se salpicada de travêssas andorinhas. ziguezagueando, em rumo ás cópas frondozas das árvores próximas, abrigando-se, medrosas da frieza da noite.

A' direita, de inacabadas reticências rubras, manchava o firmamento um bando de guarás.

Ao longe, ouvia-se o sussurrar de um corregoito, que serpenteava entre despenhadeiros, formando pequenas cascatas, cujo murmúrio se cruzava com o choro saudozo dos inhambús.

Cigarras e grilos orquestreavam, calozos, a cena, entrecortada, de vês em quando, pelo mugido piedozo do gado, que demandava, paciente, os currais.

.....
Surgiu a noite.

O céu, de azulado que era, tornou-se agraúndado, crivando-se de estrélas, num piscar contínuo, deslumbrante.

As irrequietas andorinhas, já empoleiradas, aguardavam, dormitando, a passagem da noite.

Toda a aldeia caíra em sono. Somente a pequena Mari, a misérrima filhinha da cega, batia, receoza, de porta em porta, implorando um pedaço de pão, para suavizar a fome, e a da sua velha mãe.

Ninguém ouvia as suas súplicas.. O coração daquele povo era todo uma barreira impenetrável.

E a pobrezita, doentia, fraca, andrajosa, taminta, continuava, choramingando, a percorrer toda a aldeia e a bater a pequena mão de encontro ás portas.

Nada arranjava. De súbito, como que orientada por Deus, lembrou-se de que, lá, na curva estreita do caminho, se erguia o cazebre feliz da mãe Maria, a

bôa velhinha, que não podia ouvir chorar os desprotegidos da sorte.

E para lá se dirigiu, trémula de frio, fálida de fome, com os pés em sangue e o coração em sôfrego pulsar, na terrível sensação da incertêza.

Bateu.

E a porta da mãe Maria, não desmentindo a sua fama, abriu-se. Abriu-se, e a bôa velhinha, tomando Mari nas mãos, acolheu-o maternalmente, com o sorriso nos lábios e a alegria no coração...

A pobre criança gravou o seu olhar amortecido na delgada e bondosa figura da mãe Maria. Na sua retina, não se gravou o vulto de uma mulher e sim o do anjo protetôr dos desgraçados, que extingue a fome, sacia a sêde, dá pouzada aos peregrinos e adôça as magoas dos que sofrem — a Caridade.

JOSÉ FORTUNA.

DUAS ALMAS

*São duas almas: se uma, dulçorante,
Tem no olhár atractivos sedutores;
A outra é a deusa sublime dos amores,
— A princêza do riso fascinante...*

*Se a primeira alma, crente e fulgurante,
Procura dissuadir meus dissabores,
A segunda se expõe a horribeis dôres
Para me vêr feliz a todo o instante:*

*— A primeira alma é a minha mãe querida —
— Visão que, pelos cardos desta vida,
Me lança o seu olhar immaculado...*

*A segunda, eu jurarei eternamente,
Que é da minh'alma a aurora florescente,
É's tu, Maria, amor idolatrado!*

CLEMENTE GUÉDES.

O SETE DE SETEMBRO

A vida do Brasil decorria pacífica, através dos tempos, quando, acossado pelos sabres napoleônicos, que pareciam um luzeiro de vitória, o soberano português D. João VI transfere para as plagas brasileiras a sua côrte.

Deslumbra-o, por certo, a opulência fantástica da nossa terra. Aqui,

de par com as inumeraveis riquezas naturais, encontra um povo ativo e digno, que se esfôrça, com uma energia de ferro e um civismo admirável, para o progresso da pátria.

O rei começa, então, a sua obra: institue casas bancárias, de educação e outros melhoramentos remodelando também, materialmente, a velha capital. Depois de uma estada profícua no nosso meio, retirava-se de novo para Portugal, proferindo as palavras, que não chamaremos proféticas porque as cremos premeditadas: — Pedro, o Brasil, brevemente, separar-se-á de Portugal; se assim acontecer, põe a corôa sôbre a tua cabeça, antes que algum avêntureiro deite mão dela.

E assim succedeu. O patriotismo incontido de muitos brasileiros iniciava a sua campanha, hostilizada pela côrte portugueza, que pretende tornar intérmino o seu dominio.

O Brasil encontrava, na ambição ao trono de D. Pedro, um factor poderoso para a sua Independência. Já não era possível que um paiz como o nosso, talvez o mais rico do mundo, vivesse sob o dominio de outrem. D. Pedro ia de encontro ás ordens régias. E esta incertêza, esta insegurança do sistema de govêrno trazia convulso o nosso povo e em tribulações a nossa sociedade.

A independência era fatal. Exaltam-se, pouco a pouco os ânimos, e a alma nacional, unânime, pede liberdade. O Brasil era um condor prêso e queria azas, para voar.

Era o 7 de setembro de 1822 nas margens poéticas do Ipiranga. Depois de um arrebol, brilhante como um poema de luz, no laconismo das célebres palavras «Independência ou morte», D. Pedro proclamava o Brasil isento do jugo estrangeiro.

Foi esse um dos feitos mais heróicos do nosso povo, daqueles que bastam para immortalizar um nação porque concretiza, de modo ir doável, o fervor pela causa da liberdade.

A liberdade não é só a enriqueção política de um estado, é ate num bem um largo horizonte e intelètivamente todas as conquistas. Não tentamos e a tenhõnta

bôa velhinha, que não podia ouvir chorar os desprotegidos da sorte.

E para lá se dirigiu, trémula de frio, fálida de fome, com os pés em sangue e o coração em sôfrego pulsar, na terrível sensação da incertêza.

Bateu.

E a porta da mãe Maria, não desmentindo a sua fama, abriu-se. Abriu-se, e a bôa velhinha, tomando Mari nas mãos, acolheu-o maternalmente, com o sorriso nos lábios e a alegria no coração...

.....
A pobre criança gravou o seu olhar amortecido na delgada e bondosa figura da mãe Maria. Na sua retina, não se gravou o vulto de uma mulher e sim o do anjo protetôr dos desgraçados, que extingue a fome, sacia a sêde, dá pouzada aos peregrinos e adôça as magoas dos que sofrem — a Caridade.

JOSÉ FORTUNA.

DUAS ALMAS

*São duas almas: se uma, dulçorante,
Tem no olhár atractivos sedutores;
A outra é a deusa sublime dos amores,
— A princêza do riso fascinante...*

*Se a primeira alma, crente e fulgurante,
Procura dissuadir meus dissabores,
A segunda se expõe a horríveis dôres
Para me vêr feliz a todo o instante:*

*— A primeira alma é a minha mãe querida —
— Visão que, pelos cardos desta vida,
Me lança o seu olhar immaculado...*

*A segunda, eu jurarei eternamente,
Que é da minh'alma a aurora florescente,
É's tu, Maria, amor idolatrado!*

CLEMENTE GUÉDES.

O SETE DE SETEMBRO

A vida do Brasil decorria pacífica, através dos tempos, quando, acossado pelos sabres napoleônicos, que pareciam um luzeiro de vitória, o soberano português D. João VI transfere para as plagas brasileiras a sua côrte.

Deslumbra-o, por certo, a opulência fantástica da nossa terra. Aqui,

de par com as inumeráveis riquezas naturais, encontra um povo ativo e digno, que se esfôrça, com uma energia de ferro e um civismo admirável, para o progresso da pátria.

O rei começa, então, a sua obra: institue casas bancárias, de educação e outros melhoramentos remodelando também, materialmente, a velha capital. Depois de uma estada profícua no nosso meio, retirava-se de novo para Portugal, proferindo as palavras, que não chamaremos proféticas porque as cremos premeditadas: — Pedro, o Brasil, brevemente, separar-se-á de Portugal; se assim acontecer, põe a corôa sôbre a tua cabeça, antes que algum aventureiro deite mão dela.

E assim succedeu. O patriotismo incontido de muitos brasileiros iniciava a sua campanha, hostilizada pela côrte portugueza, que pretende tornar intérimo o seu dominio.

O Brasil encontrava, na ambição ao trono de D. Pedro, um factor poderoso para a sua Independência. Já não era possível que um paíz como o nosso, talvez o mais rico do mundo, vivesse sob o dominio de outrem. D. Pedro ia de encontro ás ordens régias. E esta incertêza, esta insegurança do sistema de govêrno trazia convulso o nosso povo e em tribulações a nossa sociedade.

A independência era fatal. Exaltam-se, pouco a pouco os ânimos, e a alma nacional, unânime, pede liberdade. O Brasil era um condor prêso e queria azas, para voar.

Era o 7 de setembro de 1822 nas margens poéticas do Ipiranga. Depois de um arrebol, brilhante como um poema de luz, no laconismo das célebres palavras «Independência ou morte», D. Pedro proclamava o Brasil isento do jugo estrangeiro.

Foi esse um dos feitos mais heróicos do nosso povo, daqueles que bastam para immortalizar um nação — porque concretiza, de modo ir doável, o fervor pela causa da liberdade.

A liberdade não é só a eronação política de um estado, ate num bem um largo horizonte e intelêtico todas as conquistas. Não tentamos e a tenhõnta

der que se confere a uma nação, para agir por si mesma. E' tambem a satisfação do dever cumprido. Ademais, como disse Villemain, pelo seu gráu de liberdade, mede-se a grandêza de um paíZ.

No frontispicio augusto do palatinado da Posnânia, irradiando como um só benéfico e purificante, lê-se uma inscrição salutar, que é um exemplo de altruismo e uma lição de patriotismo, beijada constantemente pelo vento que passa: — Prefiro as desórdens da liberdade ao sossêge da escravidão.

Todos os aniversários da nossa liberdade política são memoraveis, é certo Mas nenhum dêles é mais grandioso do que o dêste ano, por isso que dêmos um passo na estrada da tolerância:—Revogámos a lei do banimento da ex-familia imperial.

A transição da monarquia para a república foi proveitosa. Mas nela, como em todos os factos sociais, ha pontos vulneraveis. Neste caso, está o destêro perpétuo da familia Bragança. E agora ei-los que veem, pressurosos, ávidos, respirar o aroma das florestas pátrias, que nunca encontraram iguais na opulência européa.

Uma página de dôr, porém, se nota na epopéa dessa repatriação: é que, nessa familia, já não existe a veneranda figura do ex-imperador, brasileiro digno, entre os mais dignos

Na effigie desse velho, tem o Brasil o seu retrato do passado, porque foi êle um dos máximos factores do nosso progresso. Devemos-lhe muito do que se fez de grande e nobilitante, nos tempos de outra,—base de tudo o que é nobre e forte, no que ha de vir.

Foi uma vítima do seu próprio tração. Tinha-o vasto demais e, do r isso, a ingratidão cedo lhe bateu tremor. E êle, em quem o desindrado era o primordial caraterisnunca deixou as paragens da pátria, na retirado nesta nossa terra o seu dignificada

concorrerá pór a cena emocionante tispicio da Oseria descrever um pceduras e verda abandonando o Brazil,

abandonaria, em breve, a vida. E assim foi.

A certêza dessa injustiça teve-a êle, quando escreveu que «esperava a justiça de Deus, na voz da história».

Mas não devemos entregar sómente á história um encargo tão sublime. Devemos proclamá-lo tambem verbalmente, patenteando, assim, o nosso respeito pelo vulto singular de D. Pedro II.

WALTER SILVA.



DE RASPÃO

*Aos companheiros de ontem
e de hoje*

II

Inquestionavelmente, S Luiz, a glorioza *Atenas Brasileira*, quase nada tem feito, em letras, nestes ultimos tempos, que lhe ateste o direito a tão alevantado epíteto. A atmosfera carregada, enervante, que a asfixia e nos ameaça de absôrção, mostra a rudêza do desânimo revoltante, intolerável, provocando um movimento acérrimo de reacção.

Nós, que, despretensiozamente, reaparecemos hoje na arena jornalística, não como em 1912, com um jornaléco de feição crítica e humorística, dirigido por meia duzia de estudantes—e sim com desejos fervorosos de conquistas de mais sublimado proveito, devemos, desde já, se alguma coiza quizermos fazer, tomar a nosso cargo esse movimento de reacção.

E devemos tomá-lo com a convicção decidida dos fôrtes, dispostos a transpôr todas as barreiras, sem temer desfalecimentos e sem um gêsto sequer que denuncie incapacidade.

Devemos nós, os da Legião dos Atenienses, atentar para a importância da nossa missão, na tarefa árdua que nos propuzemos de reviver, no nosso meio, o gôsto pelos assuntos literários e fazer que ressurja, para as pugnas enobrecedoras de antanho, essa mocidade

der que se confere a uma nação, para agir por si mesma. E' tambem a satisfação do dever cumprido. Ademais, como disse Villemain, pelo seu gráu de liberdade, mede-se a grandêza de um paíZ.

No frontispicio augusto do palatinado da Posnânia, irradiando como um sól benéfico e purificante, lê-se uma inscrição salutar, que é um exemplo de altruismo e uma lição de patriotismo, beijada constantemente pelo vento que passa: — Prefiro as desórdens da liberdade ao sossêge da escravidão.

Todos os aniversários da nossa liberdade política são memoraveis, é certo Mas nenhum dêles é mais grandioso do que o dêste ano, por isso que dêmos um passo na estrada da tolerância:—Revogámos a lei do banimento da ex-familia imperial.

A transição da monarquia para a república foi proveitosa. Mas nela, como em todos os factos sociais, ha pontos vulneraveis. Neste caso, está o destêro perpétuo da familia Bragança. E agora ei-los que veem, pressurosos, ávidos, respirar o aroma das florestas pátrias, que nunca encontraram iguais na opulência européa.

Uma página de dôr, porém, se nota na epopéa dessa repatriação: é que, nessa familia, já não existe a veneranda figura do ex-imperador, brasileiro digno, entre os mais dignos

Na effigie desse velho, tem o Brasil o seu retrato do passado, porque foi êle um dos máximos factores do nosso progresso. Devemos-lhe muito do que se fez de grande e nobilitante, nos tempos de outra,—base de tudo o que é nobre e forte, no que ha de vir.

Foi uma vítima do seu próprio tração. Tinha-o vasto demais e, do r isso, a ingratidão cedo lhe bateu tremor. E êle, em quem o desindrado era o primordial caraterisnunca deixou as paragens da pátria, na retirado nesta nossa terra o seu dignificada

concorrerá pór a cena emocionante tispicio da Oseria descrever um pceduras e verda abandonando o Brazil,

abandonaria, em breve, a vida. E assim foi.

A certêza dessa injustiça teve-a êle, quando escreveu que «esperava a justiça de Deus, na voz da história».

Mas não devemos entregar sómente á história um encargo tão sublime. Devemos proclamá-lo tambem verbalmente, patenteando, assim, o nosso respeito pelo vulto singular de D. Pedro II.

WALTER SILVA.



DE RASPÃO

Aos companheiros de ontem e de hoje

II

Inquestionavelmente, S Luiz, a glorioza *Atenas Brasileira*, quase nada tem feito, em letras, nestes ultimos tempos, que lhe ateste o direito a tão alevantado epíteto. A atmosfera carregada, enervante, que a asfixia e nos ameaça de absôrção, mostra a rudêza do desânimo revoltante, intolerável, provocando um movimento acérrimo de reacção.

Nós, que, despretensozamente, reaparecemos hoje na arena jornalística, não como em 1912, com um jornaléco de feição crítica e humorística, dirigido por meia duzia de estudantes—e sim com desejos fervorosos de conquistas de mais sublimado proveito, devemos, desde já, se alguma coiza quizermos fazer, tomar a nosso cargo esse movimento de reacção.

E devemos tomá-lo com a convicção decidida dos fôrtes, dispostos a transpôr todas as barreiras, sem temer desfalecimentos e sem um gêsto sequer que denuncie incapacidade.

Devemos nós, os da Legião dos Atenienses, atentar para a importância da nossa missão, na tarefa árdua que nos propuzemos de reviver, no nosso meio, o gôsto pelos assuntos literários e fazer que ressurja, para as pugnas enobrecedoras de antanho, essa mocidade

sem energia, que, desidioza, esquece os seus deveres perante a terra dos nossos antepassados, de glórias imorredoiras

Se estéril se evidenciar o nosso propóziito, e a acção que intentámos se malograr, ficará demonstrada, indubitavelmente, não a nossa incapacidade intelectual, mas a nossa indolência criminoza, digna da proscricção das gerações futuras, verdadeiro contraste dos môços de outrora.

Urge, a todo o custo, evitar esse malôgro e, para isso, basta que nós, os legionários, observemos bem, consideremos que não somos uma sociedade nascente de crianças irresponsaveis, a qual, de um instante para o outro, se poderá dissolver, nem tampouco pertencemos a qualquer grupo esparso de rapazes, como as muitas que tem surgido com programas bombásticos embora periclitantes, desde a sua installação.

Sendo a Legião, como o é, um produto do fuzionismo das principais agremiações que aqui se mantiveram durante alguns anos, quando não com fulgôr desuzado, pelo menos com relativos proveitos para os que as constituíam, o seu fracasso importará, implicitamente, o nosso desmorôno completo, evidenciando uma verdadeira incompetência de acção do escól da juventude actual, enervada, burgueza, incapaz de outro movimento que não o de escabujar no lodaçal do obscurantismo, a que se quer entregar de bom grado, a despeito das repetidas tentativas de ressurreição.

O espêtáculo é dezoladôr; a ruina bate-nos ameaçadoramente á porta. Para confundir os otimistas, que nos possam atribuir um pessimismo excessivo, apontemos os factos incontestaveis, recentes, do domínio geral:

—Depois da Oficina dos Novos, qual o grupo de môços que trabalhou para deixar documentado, pela imprensa e em livros, um produto apreciável e útil?

A não ser a Rio Branco, que sustentou a publicação, de 1912 a 1918, do «Canhêto», depois «Ateni-

ense», e a «Revista Maranhense», que está no 5.º ano do vida, nada mais de notável registam as crónicas e guardam os arquivos. E, a bem da verdade, forçoso é dizer que, para a nossa mocidade, para o Maranhão, aquelas publicações não demonstram nenhum desenvolvimento de vulto, nem honram, lá fóra, a nossa fama coruscante, grangeada pelos nossos maiores e sustentada ainda pelos que souberam vencer pelo esforço e pelo patriotismo, porque se descobrem, num relance, os mesmos nomes de pouquíssimos dedicados, que se multiplicam, para ampará-las, intelectual e materialmente

Patenteámos, assim, que não temos, em S Luiz, desde a dispersão dos aprendizes da Oficina dos Novos, quaze todos mestres, hoje, mas infelizmente apozentados, senão um simulácro de imprensa literária, publicações efémeras, com programa traçado em termos campanudos e nunca executado por modo práctico.

Vivemos de glórias passadas.

Para um possível ressurgimento, ha ainda alguns abnegados. Mas .. falta a coezão

Compete, pois á Legião dos Atenienses reunir esses esforçados, fazendo renascer nesta Atenas uma nova pleiada, luzidíssima, de môços á altura de honrar as nossas tradições

Desejosos de contribuir da maneira mais eficaz, para que se torne rial o nosso anêlo, aqui lançamos um apêlo sincêro, o nosso brado de guerra, chamando ás armas os môços de intelligência, de ideais e de trabalho, para formarem nas fileiras da Legião, afim de que, empunhando as invenciveis armas do talento e da bôa vontade, abramos luta, em fileiras cerradas ao obscurantismo, á preguiça e a tantos outros males entibiadôres do nosso progresso mental.

Dissemos algures, quando na Rio Branco sopravam ventos bonançosos:... «a mocidade se debate num tremendo regrêssio moral e intelectual»... E ainda hoje sustentamos a nossa asserção, embora tenha Onta

sem energia, que, desidioza, esquece os seus deveres perante a terra dos nossos antepassados, de glórias imorredoiras

Se estéril se evidenciar o nosso propóziito, e a acção que intentámos se malograr, ficará demonstrada, indubitavelmente, não a nossa incapacidade intelètica, mas a nossa indolência criminoza, digna da proscricção das gerações futuras, verdadeiro contraste dos môços de outrora.

Urge, a todo o custo, evitar esse malôgro e, para isso, basta que nós, os legionários, observemos bem, consideremos que não somos uma sociedade nascente de crianças irresponsaveis, a qual, de um instante para o outro, se poderá dissolver, nem tampouco pertencemos a qualquer grupo esparso de rapazes, como as muitas que tem surgido com programas bombásticos embora periclitantes, desde a sua instalação.

Sendo a Legião, como o é, um produto do fuzionismo das principais agremiações que aqui se mantiveram durante alguns anos, quando não com fulgôr desuzado, pelo menos com relativos proveitos para os que as constituíam, o seu fracasso importará, implicitamente, o nosso desmorôno completo, evidenciando uma verdadeira incompetência de acção do escól da juventude actual, enervada, burguezia, incapaz de outro movimento que não o de escabujar no lodaçal do obscurantismo, a que se quer entregar de bom grado, a despeito das repetidas tentativas de ressurreição.

O espètáculo é dezoladôr; a ruina bate-nos ameaçadoramente á porta. Para confundir os otimistas, que nos possam atribuir um pessimismo excessivo, apontemos os factos incontestaveis, recentes, do domínio geral:

—Depois da Oficina dos Novos, qual o grupo de môços que trabalhou para deixar documentado, pela imprensa e em livros, um produto apreciável e útil ?

A não ser a Rio Branco, que sustentou a publicação, de 1912 a 1918, do «Canhêto», depois «Ateni-

ense», e a «Revista Maranhense», que está no 5.º ano do vida, nada mais de notável registam as crónicas e guardam os arquivos. E, a bem da verdade, forçoso é dizer que, para a nossa mocidade, para o Maranhão, aquelas publicações não demonstram nenhum desenvolvimento de vulto, nem honram, lá fóra, a nossa fama coruscante, grangeada pelos nossos maiores e sustentada ainda pelos que souberam vencer pelo esforço e pelo patriotismo, porque se descobrem, num relance, os mesmos nomes de pouquíssimos dedicados, que se multiplicam, para ampará-las, intelètual e materialmente

Patenteámos, assim, que não temos, em S Luiz, desde a dispersão dos aprendizes da Oficina dos Novos, quaze todos mestres, hoje, mas infelizmente apozentados, senão um simulácro de imprensa literária, publicações efémeras, com programa traçado em termos campanudos e nunca executado por modo práctico.

Vivemos de glórias passadas .

Para um possível ressurgimento, ha ainda alguns abnegados. Mas .. falta a coezão

Compete, pois á Legião dos Atenienses reunir esses esforçados, fazendo renascer nesta Atenas uma nova pleiada, luzidíssima, de môços á altura de honrar as nossas tradições

Desejosos de contribuir da maneira mais eficaz, para que se torne rial o nosso anêlo, aqui lançamos um apêlo sincêro, o nosso brado de guerra, chamando ás armas os môços de intelligência, de ideais e de trabalho, para formarem nas fileiras da Legião, afim de que, empunhando as invenciveis armas do talento e da bôa vontade, abramos luta, em fileiras cerradas ao obscurantismo, á preguiça e a tantos outros males entibiadôres do nosso progresso mental.

Dissemos algures, quando na Rio Branco sopravam ventos bonançosos:... «a mocidade se debate num tremendo regrêssio moral e intelètivo»... E ainda hoje sustentamos a nossa asserção, embora tenha Onta

contestada pelo sr. José Leopoldo, contestação aliás sem provas, por que, de verdade, ninguém as poderá apresentar, justamente quando nenhum átomo de progresso intelectual se manifesta no nosso meio, de tempos para cá *infestado* pelo pé na bola e... nos «poetótes»...

A Legião dos Atenienses, juntando os bons elementos dispersos pelas diversas sociedades e procurando incentivar os transviados, poderá, agora, com factos e não com retórica, como o fez o sr. José Leopoldo, contestar a nossa asserção, ou, melhor, laborar para que, dentro em breve, se verifique, na vetusta *Atenas Brasileira*, uma corrente brilhante de impulso literário, em vêz do *regresso moral e intelectual* de ha muito imperante, qual monstro enfiurecido.

Certos de que os môços nossos contrerrâneos, atendendo o nosso apêlo, anuirão de modo incondicional a cooperar para que alcancemos o fim colimado, resta-nos a esperança de que os mestres nos venham trazer o seu apoio moral e o seu poderôzo concurso, para fortalecer a nossa vontade e tornar inquebrantável, vitoriozo o nosso desiderato.

do *Ateniense*, entrou a colaborar no *Brasil e Portugal*, onde acaba de ser galardoado com o acêssão ao posto de secretário.

Mandâmos-lhe daqui o nosso cordial abraço

NA INSTALAÇÃO

Discurso do sr. Esron Sousa:

O único traço luminoso e contínuo da história do Maranhão, depois da independência, tem sido a sua tradição literária.

Entroncada aos nomes fulgurantes de Odorico Mendes, João Lisboa e Gonçalves Dias, essa árvore cujas raízes se vão abeberar na linfa generosa da língua de Camões, e no fecundo *humus* da naturêza americana, essa árvore floriu e frutificou, em gerações sucessivas, em sucessivas primavêras de mocidade.

A primeira geração, dominada por M. Odorico Mendes, seguem-se a de Gonçalves Dias e João Lisboa, a de Trajano Galvão e Gentil Braga, a que Celso Magalhães abriu e que se enche com a campanha jornalística da abolição, e, por fim, a geração da Oficina dos Novos.

Quando esta surgiu, para logo se arregimentar em tôrno de Fran Paxeco, houve uma espécie de despertar, de alarma geral. Uma febre de entusiasmo invadiu os môços e, concitados pelo exemplo dos «novos», acordaram os corifêus dos «novíssimos». A princípio, a *Mocidade*, sustentada pelo Clube Nina Rodrigues, *Fênix*, pelo Clube Odorico Mendes, o *Boêmio*, *Via Lúcis*, do Clube Benedito Leite, o *Astro*, do Clube Sotêro dos Reis.

Mas esse movimento passou e ficaram apenas os elementos do Congresso Maranhense de Letras. Depois disto, houve um como ensarilhar de armas. Não se ouvia mais falar em sociedades de letras no Maranhão, até que, em 1912, um grupo de jóvens estudiosos, composto por Djalma Fortuna, João Victor Ribeiro, Joaquim Luz, Hilton Fortuna, Agenor Santos, Manoel

BIBLIOTECA PÚBLICA

do

JOAQUIM LUZ.

BARÃO DO MARANHÃO

REIS PERDIGÃO

Foi com verdadeira satisfação que recebemos a notícia de ter o nosso companheiro José Maria dos Reis Perdigão assumido o lugar de secretário do *Brasil e Portugal*, importante semanário da capital do paíz.

José Perdigão foi sempre um infatigável camarada, que muito correu para o progresso da Sociedade Literária Barão do Rio Branco, ora incorporada á Legião dos Atenienses

Prezentemente, cursa a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro e, procurando desenvolver o seu pulcras secretário, ensaiado nas páginas

contestada pelo sr. José Leopoldo, contestação aliás sem provas, por que, de verdade, ninguém as poderá apresentar, justamente quando nenhum átomo de progresso intelectual se manifesta no nosso meio, de tempos para cá *infestado* pelo pé na bola e... nos «poetótes»...

A Legião dos Atenienses, juntando os bons elementos dispersos pelas diversas sociedades e procurando incentivar os transviados, poderá, agora, com factos e não com retórica, como o fez o sr. José Leopoldo, contestar a nossa asserção, ou, melhor, laborar para que, dentro em breve, se verifique, na vetusta *Atenas Brasileira*, uma corrente brilhante de impulso literário, em vêz do *regresso moral e intelectual* de ha muito imperante, qual monstro enfurecido.

Certos de que os môços nossos contrerrâneos, atendendo o nosso apêlo, anuirão de modo incondicional a cooperar para que alcancemos o fim colimado, resta-nos a esperança de que os mestres nos venham trazer o seu apoio moral e o seu poderôzo concurso, para fortalecer a nossa vontade e tornar inquebrantável, vitoriozo o nosso desiderato.

do *Ateniense*, entrou a colaborar no *Brasil e Portugal*, onde acaba de ser galardoado com o acêssão ao posto de secretário.

Mandâmos-lhe daqui o nosso cordial abraço

NA INSTALAÇÃO

Discurso do sr. Esron Sousa:

O único traço luminoso e contínuo da história do Maranhão, depois da independência, tem sido a sua tradição literária.

Entroncada aos nomes fulgurantes de Odorico Mendes, João Lisboa e Gonçalves Dias, essa árvore cujas raízes se vão abeberar na linfa generosa da língua de Camões, e no fecundo *humus* da naturêza americana, essa árvore floriu e frutificou, em gerações sucessivas, em sucessivas primavêras de mocidade.

A primeira geração, dominada por M. Odorico Mendes, seguem-se a de Gonçalves Dias e João Lisboa, a de Trajano Galvão e Gentil Braga, a que Celso Magalhães abriu e que se enche com a campanha jornalística da abolição, e, por fim, a geração da Oficina dos Novos.

Quando esta surgiu, para logo se arregimentar em tôrno de Fran Paxeco, houve uma espécie de despertar, de alarma geral. Uma febre de entusiasmo invadiu os môços e, concitados pelo exemplo dos «novos», acordaram os corifêus dos «novíssimos». A princípio, a *Mocidade*, sustentada pelo Clube Nina Rodrigues, *Fênix*, pelo Clube Odorico Mendes, o *Boêmio*, *Via Lúcis*, do Clube Benedito Leite, o *Astro*, do Clube Sotêro dos Reis.

Mas esse movimento passou e ficaram apenas os elementos do Congresso Maranhense de Letras. Depois disto, houve um como ensarilhar de armas. Não se ouvia mais falar em sociedades de letras no Maranhão, até que, em 1912, um grupo de jóvens estudiosos, composto por Djalma Fortuna, João Victor Ribeiro, Joaquim Luz, Hilton Fortuna, Agenor Santos, Manoel

LIOTHECA PÚBLICA 1920.

ão

JOAQUIM LUZ.

ADO DO MARANHÃO

REIS PERDIGÃO

Foi com verdadeira satisfação que recebemos a notícia de ter o nosso companheiro José Maria dos Reis Perdigão assumido o lugar de secretário do *Brasil e Portugal*, importante semanário da capital do paíz.

José Perdigão foi sempre um infatigável camarada, que muito correu para o progresso da Sociedade Literária Barão do Rio Branco, ora incorporada á Legião dos Atenienses

Prezentemente, cursa a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro e, procurando desenvolver o seu pulcras, ensaiado nas páginas

F Lisboa. Djalma Vasconcelos e Nestor Madureira, fundou a Sociedade Literária Barão do Rio Branco, com um órgão—o *Ateniense*.

No ano imediato, um punhado de môços, estudantes da extinta Escola Normal, entre os quais me préso de me encontrar, organizou a Sociedade Estudantal Benedito Leite, guiados e auxiliados por um rapaz de talento—Raimundo Lopes, que oferecia á crítica pouco depois, o *Torrão Maranhense*, obra que lhe valeu um belo nome.

O Clube Benedito Leite lançou á publicidade, tambem a 4 de janeiro de 1914 o seu jornalzinho «*Excelsior*», onde começámos a rabis-car as nossas fantasias, e do qual, não sei se por falta de vontade, ou carência de recursos, só se imprimiram três números. Com o jornal, foi-se igualmente o clube.

Nesse mesmo ano de 1914, em julho, quando foi da reforma que fundiu num só estabelecimento de ensino a Escola Normal e o Licêu Maranhense, nós, os alunos, na sua totalidade, e dêles apenas cito Rúben Almeida, Emiliano e Carlos Macieira, José Vinhais e Benedito Ferreira, lançámos a idéa que vingou, de criar uma agremiação, onde pudessemos, com mais liberdade, entregar-nos ás lides das letras e da sciência, cultivando o espírito.

Com efeito, em 28 de julho, realizou-se a primeira sessão da União Estudantal Silvio Roméro, assim intitulada, em homenagem a esse vulto da literatura nacional, que mergulhára, dias antes, no vórtice da morte. A inauguração, revestida de solenidade, effectuou-se a 7 de setembro.

Era então o braço forte dos estudantes, o farol que o norteava nessas cruzadas, o inesquecível mestre António Lobo, que a parca hedionda nos roubou tão cedo deixando-nos no coração um vácuo bem sensível e na alma uma lágrima de saudade, para lhe regar a mudêz do túmulo.

Depois da Silvio Roméro, numerosos grêmios literários apareceram, por quase todos os cantos da

cidade. Mas viveram a curta vida das rosas de Malherbe... Entre êles, podemos contar o Grémio Rui Barbosa e as sociedades Machado de Assis e Gonçalves Dias.

Até hoje, restavam a zelar as tradições do Maranhão intelètual somente a Academia Maranhense, a Sociedade Literária Barão do Rio Branco, a União Silvio Roméro e a *Revista Maranhense*, a segunda e a terceira das quais acabam de se fundir com o nome de Legião dos Atenienses, que ora se instala, idéa essa devida a Fran Paxeco o amigo inseparável e sincero da mocidade que estuda e a quem o Maranhão é credor de grande soma de serviços, especialmente no que diz respeito ás suas tradições literárias.

E' preciso que trabalhemos, afim de poder afirmar, no seio dos movimentos novos, a nossa ânsia de progredir, a nossa profunda convicção de que uma literatura, e o brilho da cultura de um povo consistem na aliança da verdade e da palavra, do estilo e do argumento, da literatura e da sciência.

E' isto que devemos ter em vista. Estudemos e estudemos muito. Não nos desviemos do rumo, para a tendência a fazer literatura sem base científica; façamos que cada período contenha uma idéa. Procuremos a correção do estilo, mas não nos subordinemos ás refulgências do verbo. Prefirâmos-lhe o resplendor da idéa. E' por isto que nos devemos bater; é esta a estrada que devemos seguir. E, para o conseguir, deletreemos os bons autores.

Estudemos e trabalhemos, pois, legionários atenienses. Tomemos o exemplo do nosso mestre Fran Paxeco, que teremos, assim, prestado um grande serviço á nossa terra, mostrando que o Maranhão poderá deixar de ser uma *terra de poetas*, para se tornar, no mais amplo sentido, uma terra de intelètuais.

Solidamente esteada no nosso entusiasmo e confiança, a Legião constituiu-se e aparece agora diante da sociedade maranhense, pronta

F Lisboa. Djalma Vasconcelos e Nestor Madureira, fundou a Sociedade Literária Barão do Rio Branco, com um órgão—o *Ateniense*.

No ano imediato, um punhado de môços, estudantes da extinta Escola Normal, entre os quais me préso de me encontrar, organizou a Sociedade Estudantal Benedito Leite, guiados e auxiliados por um rapaz de talento—Raimundo Lopes, que oferecia á crítica pouco depois, o *Torrão Maranhense*, obra que lhe valeu um belo nome.

O Clube Benedito Leite lançou á publicidade, tambem a 4 de janeiro de 1914 o seu jornalzinho «*Excelsior*», onde começámos a rabis-car as nossas fantasias, e do qual, não sei se por falta de vontade, ou carência de recursos, só se imprimiram três números. Com o jornal, foi se igualmente o clube.

Nesse mesmo ano de 1914, em julho, quando foi da reforma que fundiu num só estabelecimento de ensino a Escola Normal e o Licêu Maranhense, nós, os alunos, na sua totalidade, e dêles apenas cito Rúben Almeida, Emiliano e Carlos Macieira, José Vinhais e Benedito Ferreira, lançámos a idéa que vingou, de criar uma agremiação, onde pudessemos, com mais liberdade, entregar-nos ás lides das letras e da sciência, cultivando o espírito.

Com effeito, em 28 de julho, realizou-se a primeira sessão da União Estudantal Silvio Roméro, assim intitulada, em homenagem a esse vulto da literatura nacional, que mergulhára, dias antes, no vórtice da morte. A inauguração, revestida de solenidade, effectuou-se a 7 de setembro.

Era então o braço forte dos estudantes, o farol que o norteava nessas cruzadas, o inesquecível mestre António Lobo, que a parca hedionda nos roubou tão cedo deixando-nos no coração um vácuo bem sensível e na alma uma lágrima de saudade, para lhe regar a mudêz do túmulo.

Depois da Silvio Roméro, numerosos grêmios literários apareceram, por quase todos os cantos da

cidade. Mas viveram a curta vida das rosas de Malherbe... Entre êles, podemos contar o Grémio Rui Barbosa e as sociedades Machado de Assis e Gonçalves Dias.

Até hoje, restavam a zelar as tradições do Maranhão intelètual somente a Academia Maranhense, a Sociedade Literária Barão do Rio Branco, a União Silvio Roméro e a *Revista Maranhense*, a segunda e a terceira das quais acabam de se fundir com o nome de Legião dos Atenienses, que ora se instala, idéa essa devida a Fran Paxeco o amigo inseparável e sincero da mocidade que estuda e a quem o Maranhão é credor de grande soma de serviços, especialmente no que diz respeito ás suas tradições literárias.

E' preciso que trabalhemos, afim de poder afirmar, no seio dos movimentos novos, a nossa ânsia de progredir, a nossa profunda convicção de que uma literatura, e o brilho da cultura de um povo consistem na aliança da verdade e da palavra, do estilo e do argumento, da literatura e da sciência.

E' isto que devemos ter em vista. Estudemos e estudemos muito. Não nos desviemos do rumo, para a tendência a fazer literatura sem base científica; façamos que cada período contenha uma idéa. Procuremos a correção do estilo, mas não nos subordinemos ás refulgências do verbo. Prefirâmos-lhe o resplendor da idéa. E' por isto que nos devemos bater; é esta a estrada que devemos seguir. E, para o conseguir, deletreemos os bons autores.

Estudemos e trabalhemos, pois, legionários atenienses. Tomemos o exemplo do nosso mestre Fran Paxeco, que teremos, assim, prestado um grande serviço á nossa terra, mostrando que o Maranhão poderá deixar de ser uma *terra de poetas*, para se tornar, no mais amplo sentido, uma terra de intelètuais.

Solidamente esteada no nosso entusiasmo e confiança, a Legião constituiu-se e aparece agora diante da sociedade maranhense, pronta

a patentear a sua intenção de trazer ao pedestal das nossas tradições literárias o seu modesto, mas fervente preito.

A Legião, desambiciosa, abnega de atingir dum salto a plenitude da arte, a perfeição do mistér das letras. Mas, trabalhando com afiço, procurará sustentar, nítida e pura, a farta herança recebida. Para isso, contámos com o apoio do nosso meio social e com o apoio da mocidade maranhense, quer individualmente, quer em agremiação. Contámos, enfim, com o apoio dos nossos mestres. e, em regra, das gerações anteriores, que militaram nas letras maranhenses

E, pois que somos fieis ao princípio de continuidade, que é a base valiosa dos progressos mentais, concluirei por vos pedir, a vós, illustres mestres, que, sob a invocação da sagrada memória de João Lisboa e de outros antepassados. nos armem e consagrem cavaleiros desta Nova Cruzada, ora surgida, firme na conquista do que ha de mais belo e sublime--o velocino de oiro, apetecido pelos argonautas do mundo vasto das idéas !



OS ATENIADAS

CANTO PRIMEIRO

LXXVIII

Andávamos assim passando as horas
Da vida, sem pensar nas derrocadas
A que do fado as leis assustadoras
As criaturas trazem condenadas,
Quando as foices fatais, devastadoras,
Das poderosas parcas, esfaimadas,
Na grande faina em que a correr andavam,
Ceifaram um sér que as glórias aguardavam.

LXXIX

Depois de curtos dias ter sofrido
De grave enfermidade os vis tormentos,
Foi indiedozamente removido
Para o outro mundo, o Tote (71), entre os lamentos
Da sua triste familia e do crescido
Círc'lo de amigos, contra os mil inventos
Da sciência empenhados pra evitarem
Esse desastre e a vida lhe pouparem.

LXXX

Dessa não tinha bem se desfolhado
Essa triste saudade, eis que um bruxédo
Veio de francar o nosso pobre estado

Do seu modo de vida, sempre quédo;
E' que da estiva, um grupo exasperado
Pelo parco jornal do seu emprego,
Num protesto de forma arrazoada
Firmou-se, calmo, em greve declarada.

LXXXI

Não se fez esperar o grande efeito
Dêsse gesto da estivadora gente;
Outros ramos tiraram seu proveito
E, engfossando a coluna delinquente,
Deram logo um geral e grave aspecto
Ao movimento, dantes tão prudente,
E os jornalheiros todos reunidos
Declararam-se em greve enfurecidos.

LXXXII

Logo que o povo assim se revoltou,
Do governo o policial conselho
De serenar os animos cuidou;
Mas foi tamanho o impulso do ferverlo
Que a policia successo não logrou,
E ante esse aspecto lêtrico, vermelho,
Foi preciso que a tropa se abrigasse
E a força federal se convocasse.

LXXXIII

Mas do povo revolto e desumano
Por toda a parte o grito então se expande,
E tal como um discípulo de Vulcano
Dos seus raios nada ha que a fúria abrande;
E, se não fosse um gesto soberano
Da força, que na antiga rua Grande,
Dois homens despachou, esse levante
Chegaria a tornar-se triunfante.

LXXXIV

Já de novo nos eixos tudo entrava
Depois dêsse fragor se ter vencido,
Quando o nosso jornal, (72) que se atrazava,
Veio numa revista convertido,
Numa edição, que em tudo se mostrava
A homenagem que ao genio desmedido
Do notavel Coêlho, a nossa gente
Quiz publicar do modo mais patente.

LXXXV

Ausente muitos anos desta terra,
Pátria genial de um povo literário,
Foi Coêlho trazido em som de guerra,
Para evitar que o gesto partidário
Da política, que em tudo se aferra,
O alijasse do núcleo camarário (73).
Mas a estrêla fatal da profecia
Já brillava no céu com primazia.

LXXXVI

A mocidade, então, que de atalaia
Se postára na arena preparada,
Faz com que, na peleja, sobressaia
A fama já nas letras proclamada
De que gosa o Coêlho e então se espria,
Rendendo ao fim dessa feroz cruzada
Um grande culto ao filho desta raça,
Que outra nenhuma em glórias lhe trespassa.

a patentear a sua intenção de trazer ao pedestal das nossas tradições literárias o seu modesto, mas fervente preito.

A Legião, desambiciosa, abnega de atingir dum salto a plenitude da arte, a perfeição do mistér das letras. Mas, trabalhando com afiço, procurará sustentar, nítida e pura, a farta herança recebida. Para isso, contámos com o apoio do nosso meio social e com o apoio da mocidade maranhense, quer individualmente, quer em agremiação. Contámos, enfim, com o apoio dos nossos mestres, e, em regra, das gerações anteriores, que militaram nas letras maranhenses.

E, pois que somos fieis ao princípio de continuidade, que é a base valiosa dos progressos mentais, concluirei por vos pedir, a vós, illustres mestres, que, sob a invocação da sagrada memória de João Lisboa e de outros antepassados, nos armem e consagrem cavaleiros desta Nova Cruzada, ora surgida, firme na conquista do que ha de mais belo e sublime--o velocino de oiro, apetecido pelos argonautas do mundo vasto das idéas !



OS ATENIADAS

CANTO PRIMEIRO

LXXVIII

Andávamos assim passando as horas
Da vida, sem pensar nas derrocadas
A que do fado as leis assustadoras
As criaturas trazem condenadas,
Quando as foices fatais, devastadoras,
Das poderosas parcas, esfaimadas,
Na grande faina em que a correr andavam,
Ceifaram um sér que as glórias aguardavam.

LXXIX

Depois de curtos dias ter sofrido
De grave enfermidade os vis tormentos,
Foi indiedozamente removido
Para o outro mundo, o Tote (71), entre os lamentos
Da sua triste família e do crescido
Círc'lo de amigos, contra os mil inventos
Da sciência empenhados pra evitarem
Esse desastre e a vida lhe pouparem.

LXXX

Dessa não tinha bem se desfolhado
Essa triste saudade, eis que um bruxédo
Veio defrancar o nosso pobre estado

Do seu modo de vida, sempre quédo;
E' que da estiva, um grupo exasperado
Pelo parco jornal do seu emprego,
Num protesto de forma arrazoada
Firmou-se, calmo, em greve declarada.

LXXXI

Não se fez esperar o grande efeito
Dêsse gesto da estivadora gente;
Outros ramos tiraram seu proveito
E, engfossando a coluna delinquente,
Deram logo um geral e grave aspecto
Ao movimento, dantes tão prudente,
E os jornalheiros todos reunidos
Declararam-se em greve enfurecidos.

LXXXII

Logo que o povo assim se revoltou,
Do governo o policial conselho
De serenar os animos cuidou;
Mas foi tamanho o impulso do ferverlo
Que a policia successo não logrou,
E ante esse aspecto lêtrico, vermelho,
Foi preciso que a tropa se abrigasse
E a força federal se convocasse.

LXXXIII

Mas do povo revolto e desumano
Por toda a parte o grito então se expande,
E tal como um discípulo de Vulcano
Dos seus raios nada ha que a fúria abrande;
E, se não fosse um gesto soberano
Da força, que na antiga rua Grande,
Dois homens despachou, esse levante
Chegaria a tornar-se triunfante.

LXXXIV

Já de novo nos eixos tudo entrava
Depois dêsse fragor se ter vencido,
Quando o nosso jornal, (72) que se atrazava,
Veio numa revista convertido,
Numa edição, que em tudo se mostrava
A homenagem que ao génio desmedido
Do notavel Coêlho, a nossa gente
Quiz publicar do modo mais patente.

LXXXV

Ausente muitos anos desta terra,
Pátria genial de um povo literário,
Foi Coêlho trazido em som de guerra,
Para evitar que o gesto partidário
Da política, que em tudo se aferra,
O alijasse do núcleo camarário (73).
Mas a estrêla fatal da profecia
Já brillava no céu com primazia.

LXXXVI

A mocidade, então, que de atalaia
Se postára na arena preparada,
Faz com que, na peleja, sobressaia
A fama já nas letras proclamada
De que gosa o Coêlho e então se espria,
Rendendo ao fim dessa feroz cruzada
Um grande culto ao filho desta raça,
Que outra nenhuma em glórias lhe trespassa.

LXXXVII

Mal passámos a quadra procelosa,
Fomos a vida calma demandando,
Pra cuidar na tarefa frutuosa
Em prol de um nome vasto, memorando;
E nesse ponto a tenda em polvorosa
Já se movimentava, eis senão quando
Um triste factó envolve o povo inteiro
Num pesar mui profundo e verdadeiro.

LXXXVIII

E' que, da igreja, o gran representante (76),
Que conseguira ter um amigo em cada
Filho do Maranhão, então, distante
Da sede episcopal, numa jornada
De feição pastoral, mui fatigante,
A saúde perdeu e a malsadada
Morte, que contra a vida mantem guerra,
Fe-lo tombar exánime por terra.

LXXXIX

Foi tão pungente e de tristeza tanta
O povo encheu, tão rude altanaria
Com que Lachesis (65), tudo enfim suplanta,
Que logo se desfez a romaria
Com que as escolas festejando a planta
Queriam feriar aquele dia (76).
E em sentimento enorme, angustioso
Foi transformado o júbilo ditoso.

XC

Com verdadeiras mostras de tristeza,
Que no semblante em todos se retrata,
Da baixa esfera ao cume da nobreza,
Foi recebido em triste passeata
O corpo morto e enquanto o povo reza,
Numa attitude plácida e beata,
O próprio sol, que antes reluzia,
Tornou-se turvo nesse triste dia.

XCI

Foi conduzido o corpo venerando
A' velha catedral, onde encerrado
Foi para sempre, como lembrando
Um novo santo ali entronizado;
Das homenajens múltiplas constando
Ficou também um peito afeiçoado,
Da Rio Branco (77), onde um notável traço
Resta do quadro de honra, num espaço.

CAMOILLO.

OLAVO BILAC

(Discurso pronunciado, na sessão de 4 de janeiro de 1919, feita pela Sociedade Literária Barão do Rio Branco, rememorativa do sétimo dia do passamento de Olavo Bilac, socio honorário da mesma agremiação).

Senhores:

Emudeçam todas as língas! Calem-se todos os poetas, ante o túmulo que encerra, tal como um escriptorio raro, uma joia lucilante, o corpo de Olavo Bilac. Morreu o cantôr da VIA LÁTEA! Não mais pulsa o trigone sensível, em que dedilhou «Ouvir estíelas» e o «Caçador de esmeraldas», o príncipe dos poetas do Brasil. De luto, pois, toda a literatura nacional! Sucumbiu o sacerdoté magno da poezia!

Mas não só a literatura põe luto. Põe-o toda a nação, porque não morreu só um grande poeta: morreu também um patriôta! Não se pense que foi um dèsses românticos cavalheiros á Cirano, decantados autôres de façanhas de heroismo medieval, dèstros no manejo do montante, de morriões empenachadas e lança açacalada. Ele foi muito maior. Foi um apóstolo, um paladino moderno, dèsses que manejam os espadins de oiro do talento, atacam com a metralha luminosa da palavra, carregam impávidos contra o inimigo, em audazes cargas de baioneta—a pena; derruem, esmagam, pulverizam, com a aurichispante artilharia do génio.

Não vizam a ensanguentar a terra, ferir corações, matar irmãos; o escôpo que colimam é muito mais nobre e transcendente. São os regeneradôres das almas. A alma, dizem os filozofos espiritualistas, é um pedaço de Deus! Só as pôdem redimir, enternecer, melhorar, os eleitos, que trazem a centelha dos céus.

Bilac, lá nas terras do sul, nessa legendária S. Paulo, nessa vetusta Academia de Direito, que ouviu os lamentos poéticos de Alvares de Azevêdo e se estaziou ante o gongorismo arrebatado, soberbo, escandecido, do nortista de génio—Castro Alves; vêde-o, a proferir esse primeiro cántico da grande epopéa

71) Dr. Antonio Pires Ferreira Leite, filho do estadista Benedito Leite.

72) O «Ateniense», órgão da Sociedade Literária Barão do Rio Branco.

73) A representação federal do Maranhão.

74) D. Francisco de Paula e Silva, bispo do Maranhão, sócio honorário da Soc. Lit. Barão do Rio Branco.

75) Uma das parcas.

76) 1 de junho, dia consagrado á festa da árvore.

LXXXVII

Mal passámos a quadra procelosa,
Fomos a vida calma demandando,
Pra cuidar na tarefa frutuosa
Em prol de um nome vasto, memorando;
E nesse ponto a tenda em polvorosa
Já se movimentava, eis senão quando
Um triste factó envolve o povo inteiro
Num pesar mui profundo e verdadeiro.

LXXXVIII

E' que, da igreja, o gran representante (76),
Que conseguira ter um amigo em cada
Filho do Maranhão, então, distante
Da sede episcopal, numa jornada
De feição pastoral, mui fatigante,
A saúde perdeu e a malsadada
Morte, que contra a vida mantem guerra,
Fe-lo tombar exánime por terra.

LXXXIX

Foi tão pungente e de tristeza tanta
O povo encheu, tão rude altanaria
Com que Lachesis (65), tudo enfim suplanta,
Que logo se desfez a romaria
Com que as escolas festejando a planta
Queriam feriar aquele dia (76).
E em sentimento enorme, angustioso
Foi transformado o júbilo ditoso.

XC

Com verdadeiras mostras de tristeza,
Que no semblante em todos se retrata,
Da baixa esfera ao cume da nobreza,
Foi recebido em triste passeata
O corpo morto e enquanto o povo reza,
Numa attitude plácida e beata,
O próprio sol, que antes reluzia,
Tornou-se turvo nesse triste dia.

XCI

Foi conduzido o corpo venerando
A' velha catedral, onde encerrado
Foi para sempre, como lembrando
Um novo santo ali entronizado;
Das homenajens múltiplas constando
Ficou também um peito afeiçoado,
Da Rio Branco (77), onde um notável traço
Resta do quadro de honra, num espaço.

CAMOILLO.

OLAVO BILAC

(Discurso pronunciado, na sessão de 4 de janeiro de 1919, feita pela Sociedade Literária Barão do Rio Branco, rememorativa do sétimo dia do passamento de Olavo Bilac, socio honorário da mesma agremiação).

Senhores:

Emudeçam todas as língas! Calem-se todos os poetas, ante o túmulo que encerra, tal como um escriptorio raro, uma joia lucilante, o corpo de Olavo Bilac. Morreu o cantôr da VIA LÁTEA! Não mais pulsa o trigone sensível, em que dedilhou «Ouvir estíelas» e o «Caçador de esmeraldas», o príncipe dos poetas do Brasil. De luto, pois, toda a literatura nacional! Sucumbiu o sacerdoté magno da poezia!

Mas não só a literatura põe luto. Põe-o toda a nação, porque não morreu só um grande poeta: morreu também um patriôta! Não se pense que foi um dèsses românticos cavalheiros á Cirano, decantados autôres de façanhas de heroismo medieval, dèstros no manejo do montante, de morriões empenachadas e lança açacalada. Ele foi muito maior. Foi um apóstolo, um paladino moderno, dèsses que manejam os espadins de oiro do talento, atacam com a metralha luminosa da palavra, carregam impávidos contra o inimigo, em audazes cargas de baioneta—a pena; derruem, esmagam, pulverizam, com a aurichispante artilharia do génio.

Não vizam a ensanguentar a terra, ferir corações, matar irmãos; o escôpo que colimam é muito mais nobre e transcendente. São os regeneradôres das almas. A alma, dizem os filozofos espiritualistas, é um pedaço de Deus! Só as pôdem redimir, enternecer, melhorar, os eleitos, que trazem a centelha dos céus.

Bilac, lá nas terras do sul, nessa legendária S. Paulo, nessa vetusta Academia de Direito, que ouviu os lamentos poéticos de Alvares de Azevêdo e se estaziou ante o gongorismo arrebatado, soberbo, escandecido, do nortista de génio—Castro Alves; vêde-o, a proferir esse primeiro cántico da grande epopéa

71) Dr. Antonio Pires Ferreira Leite, filho do estadista Benedito Leite.

72) O «Ateniense», órgão da Sociedade Literária Barão do Rio Branco.

73) A representação federal do Maranhão.

74) D. Francisco de Paula e Silva, bispo do Maranhão, sócio honorário da Soc. Lit. Barão do Rio Branco.

75) Uma das parcas.

76) 1 de junho, dia consagrado á festa da árvore.

do renascimento do Brasil, canto vibrante como o clangor de um olifante triunfal.

Toda a terra brasileira se encheu dêsse grito incizivo de alarma. Ele varou as florestas gigantescas, transpôz os clivos azulados das grandes serras dormentes, e, do sul êle nos chegou, a nós do norte, eletrizante, entuziástico, grandioso. Foi como que uma rajada de civismo que passasse, despertando tudo, desentorpecendo tudo, vivificando tudo.

E tudo se levantou da letargia dissolvente a que se entregára, transfigurado, viril, altivo, como nos recuados tempos de antanho. A mocidade ergueu-se, galvanizada por esse apêlo formidável, que lhe falou diretamente ao coração; as cazernas apinharam-se de defensôres da pátria e a pátria sentiu-se forte. O Brasil renascia, ao som da sua palavra mágica, tal como outróra, á voz dos deuses, a terra se cobria de flôres. Eis aí a obra do patriôta!

Tratemos agora da do poéta, que nos é mais cara.

Poéta — como vivêu nesta terra, em que os poétas morrem á míngua?

Teve bem mal passados dias de amargura, e disse justamente se envidava. Formou na hoste revolucionária dos boémios de centelha, que hoje são astros. Foi dessa companhia luzida de talentos formózos, a que pertenceram: — Artur e Aluizio Azevedo, Coelho Neto, Guimarães Passos, Luiz Murat, Paula Ney e muitos mais, luminares da nossa literatura. Coelho Neto, um dos seus mais íntimos amigos, conta, com a magia da sua fraze euritmica, no livro «Conquista», deliciôzo relatório de saudade dos tempos amargos e vibranteis da mocidade, como conheceu Olavo Bilac e como uma suave simpatia mútua abrolhou logo nas suas almas, sem dúvida pela atracção irrezistível do talento.

Anselmo Ribas, que outro não é senão Coelho Neto, descia uma noite pela rua do Ouvidor, com o amigo Freitas, quando encontrou Otávio Bivar, que outro não é senão Bilac, atento, contemplando, numa vitrina, uns braçalêtes faiscentes. O Freitas, que era também amigo de Bilac, atinou-lhe uma palmada ao ombro. O poéta voltou se, espantado ..

E, aqui, cêdo a palavra ao mestre:

« — Que fazes aí ?

— Admito. E tu, como vais ?

— Bem. Conhece o Anselmo ?

— De nome.

— Este é o Bivar, o homem que ouve estrêlas. Vamos tomar alguma coiza.

— Podemos ir.

— Ao Deroche ?

— Não; aquilo é impossível; não se pôde estar á vontade. Vamos ao *Grambinus*; é uma bodéga honesta e desconhecida ainda.

— Na rua Sete ?

— Sim. Dirigiram-se, paUZadamente, para a cervejaria e, logo que se abanaram, o Freitas atirou se aos tremoços, pedindo ao poéta que recitasse alguma coiza. Bivar desculpou se; andava atropelado, não tinha tempo para escrever um verso, uma vida de cão, perseguido por um senhorio inclemente. Podia recitar qualquer coiza antiga..

— Pois sim. O *Julgamento de Frinéa*, por exemplo. Conhece, Anselmo ?

— Não.

— Uma coizinha, disse o poéta, pigarreando. Voltou a cadeira, fincou o cotovêlo na meza, lançou um olhar pela caza e, com os dedos enfeixados, disse, solenemente, num tom profundo, balançando o corpo:

— Menezarete — a divina e palida Frinéa
Comparece ante a austera e rigida assembléa
Do Areópago supremo. A Grécia inteira admira
Aquela formozura original, que inspira
E dá vida ao genial cinzel de Praxiteles,
Do Hipérides á voz e á palhêta de Apeles.

Os olhos imensos do poéta saltavam á flôr do rosto e rolavam num êstaze divino; soerguia-se; como que uma fôrça misterioza o levantava por vêzes, e a sua voz, cava e lenta, tinha alguma coiza de profética, como se viesse de um ádito oracular. O Freitas, embevecido, dava com a cabeça, cerrava os olhos e mastigava tremoços. Anselmo fitava o poéta com admiração. Ao fundo da caza, dois homens, em mangas de camiza, falavam alto. O Freitas não se conteve, voltou-se com um *psio!* e os homens começaram a sussurrar. Só a voz do poéta rolava, profunda e grave, num turbilhão de rimas sonorozas.

— Admirável! exclamou o Freitas, quando o poéta, num gesto largo, repetiu as palavras de Hipérides, arrancando dos ombros da hetaïra a túnica que encobria o seu maravillozo corpo: — Pois condenai-a agora!

do renascimento do Brasil, canto vibrante como o clangor de um olifante triunfal.

Toda a terra brasileira se encheu dêsse grito incizivo de alarma. Ele varou as florestas gigantescas, transpôz os clivos azulados das grandes serras dormentes, e, do sul êle nos chegou, a nós do norte, eletrizante, entuziástico, grandioso. Foi como que uma rajada de civismo que passasse, despertando tudo, desentorpecendo tudo, vivificando tudo.

E tudo se levantou da letargia dissolvente a que se entregára, transfigurado, viril, altivo, como nos recuados tempos de antanho. A mocidade ergueu-se, galvanizada por esse apêlo formidável, que lhe falou diretamente ao coração; as cazernas apinharam-se de defensôres da pátria e a pátria sentiu-se forte. O Brasil renascia, ao som da sua palavra mágica, tal como outróra, á voz dos deuses, a terra se cobria de flôres. Eis aí a obra do patriôta!

Tratemos agora da do poéta, que nos é mais cara.

Poéta — como vivêu nesta terra, em que os poétas morrem á míngua?

Teve bem mal passados dias de amargura, e disse justamente se envidava. Formou na hoste revolucionária dos boêmios de centelha, que hoje são astros. Foi dessa companhia luzida de talentos formózos, a que pertenceram: — Artur e Aluizio Azevedo, Coelho Neto, Guimarães Passos, Luiz Murat, Paula Ney e muitos mais, luminares da nossa literatura. Coelho Neto, um dos seus mais íntimos amigos, conta, com a magia da sua fraze euritmica, no livro «Conquista», deliciôzo relatório de saudade dos tempos amargos e vibranteis da mocidade, como conheceu Olavo Bilac e como uma suave simpatia mútua abrolhou logo nas suas almãs, sem dúvida pela atracção irrezistível do talento.

Anselmo Ribas, que outro não é senão Coelho Neto, descia uma noite pela rua do Ouvidor, com o amigo Freitas, quando encontrou Otávio Bivar, que outro não é senão Bilac, atento, contemplando, numa vitrina, uns braçalêtes faiscentes. O Freitas, que éra também amigo de Bilac, atinou-lhe uma palmada ao ombro. O poéta voltou se, espantado ..

E, aqui, cêdo a palavra ao mestre:

« — Que fazes aí ?

— Admiro. E tu, como vais ?

— Bem. Conhece o Anselmo ?

— De nome.

— Este é o Bivar, o homem que ouve estrêlas. Vamos tomar alguma coiza.

— Podemos ir.

— Ao Deroche ?

— Não; aquilo é impossível; não se pôde estar á vontade. Vamos ao *Grambinus*; é uma bodéga honesta e desconhecida ainda.

— Na rua Sete ?

— Sim. Dirigiram-se, paUZadamente, para a cervejaria e, logo que se abançaram, o Freitas atirou se aos tremoços, pedindo ao poéta que recitasse alguma coiza. Bivar desculpou se; andava atropelado, não tinha tempo para escrever um verso, uma vida de cão, perseguido por um senhorio inclemente. Podia recitar qualquer coiza antiga..

— Pois sim. O *Julgamento de Frinéa*, por exemplo. Conhece, Anselmo ?

— Não.

— Uma coizinha, disse o poéta, pigarreando. Voltou a cadeira, fincou o cotovêlo na meza, lançou um olhar pela caza e, com os dedos enfeixados, disse, solenemente, num tom profundo, balançando o corpo:

— Menezarete — a divina e palida Frinéa
Comparece ante a austera e rigida assembléa
Do Areópago supremo. A Grécia inteira admira
Aquela formozura original, que inspira
E dá vida ao genial cinzel de Praxiteles,
Do Hipérides á voz e á palhêta de Apeles.

Os olhos imensos do poéta saltavam á flôr do rosto e rolavam num êstaze divino; soerguia-se; como que uma fôrça misterioza o levantava por vêzes, e a sua voz, cava e lenta, tinha alguma coiza de profética, como se viesse de um ádito oracular. O Freitas, embevecido, dava com a cabeça, cerrava os olhos e mastigava tremoços. Anselmo fitava o poéta com admiração. Ao fundo da caza, dois homens, em mangas de camiza, falavam alto. O Freitas não se conteve, voltou-se com um *psio!* e os homens começaram a sussurrar. Só a voz do poéta rolava, profunda e grave, num turbilhão de rimas sonorozas.

— Admirável! exclamou o Freitas, quando o poéta, num gesto largo, repetiu as palavras de Hipérides, arrancando dos ombros da hetaïra a túnica que encobria o seu maravillozo corpo: — Pois condenai-a agora!

Não ficaram, por ceito, mais maravilhados que os dois rapazes os velhos austeros do areópago.

—Soberbo! exclamou o Freitas, reclamando mais cerveja. Anselmo ficou algum tempo a olhar o poeta, sem dizer palavra, arroubado».

Conheceram-se dêsse modo.

Vêde! Assim vivêu o soberano da rima, o fecundo lavorador de primores, assim, «uma vida de cão,—perseguido por um senhorio inclemente».

Como se fez grande e respeitado, então? Triunfou, como os seus companheiros de luta,—impondo o seu talento e o seu êstro, esplêndidos, á admiração dos seus patricios.

«Olavo Bilac, diz Joaquim Leitão, no livro —«Do civismo e da arte no Brasil», é um trabalhador, cuja atividade prodigiosa e metódica, dentro da sua vida mundana, assombra. Em 97, apesar do seu cotidiano trabalho para a «Gazeta de Notícias», uma crónica diária para o «Estado de S. Paulo», as *Semanais* da «Notícia», a «Bruxa» nunca esperou pela sua crónica primorosa. Podia Julião Machado atrazar um ou dois números; Bilac, no dia convencionado, sentava-se á banca e, matassem gente ali na rua, descesse o Padre Eterno a tomar um *cock-tail* no Pascoal, ele não se abalava da redacção, enquanto no seu carrilhão não tivesse soado a última hora da tarefa. São para ele sagradas as horas de trabalho e um cronómetro inglêz nunca lhe apontaria, no valor de um segundo, qualquer falta de pontualidade. Assim vive e doutra coiza não quer viver. No último ano do curso de medicina, nem sequer o martirio dessa vida *au jour le jour* de escritôr, uma vez experimentado, o fez voltar os olhos para esse Faculdade, de que saiu sem uma saudade, com um profundo desdém pela ciência e pelos seus rendimentos. Hoje, um sonêto seu, um palmo de proza, são letras á vista, que qualquer jornal paga sem desconto».

E assim se consagrou, e assim se fez grande, e assim subiu ao doirado galarim da glória. Alçou-se pelo seu estôrço, pelo seu trabalho, pela sua vontade, pelo seu talento! Parnaziano ardente, apaixonado, os seus versos são dos mais bem inspirados e plásticos que se hão escrito no Brazil. De um sensualismo adorável, porque, genuino da alma do mesti-

ço brasileiro, Bilac foi o poeta mais glorioso do seu tempo, nesta nossa grande pátria.

A sua obra poética é vasta. Compreende:—*Sagres, Panóplias, Via-Látea, Sacas de fogo, Alma inquiêta, Viajens, Caçador de esmeraldas*, e muitas outras. *Via-Látea*—preciôzo punhado de pérolas de Oñir, encerrado num arabescado cofre de baracutiára, tauxiado a sândalo, rescendendo baunilha e manacá! *Via-Látea*—saudades, beijos, dôres, doçuras, odios, misticismos, melancolias, desejos, que se resumem num só, num único sentimento—Amôr. *Via-Látea*, esse lindo conjunto de sonêtos lindos, dos mais formozos e perfeitos que se hão composto em terras brasileiras, é, sem dúvida, um padrão imarcessível de glória, que a fúria inconoclasta dos tempos jamais apagará do coração amoroso dos seus patricios. Nesse poemeto brilhante, tudo é belo, tudo esplende, tudo empolga.

Não me posso furtar ao prazer agrihoante de reproduzir um dêsses trechos magistráis:

A BOCAGE

Tu, que no pégo impuro das orgias,
mergulhavas ansiozo e descontente,
e quando á tona vinhas, de repente
cheias as mãos de pérolas trazias;

Tu, que do amor e pelo amor vivias
e que, como de limpida nascente,
dos lábios e dos olhos a torrente
de versos e de lágrimas vertias...

Mestre querido, viverás enquanto
houver quem pulse o mágico instrumento,
e préze a lingua que prezavas tanto.

E, enquanto houver, num ponto do universo,
quem ame e sofra e amor e sofrimento
saiba, chorando, traduzir no verso.

Escolhi este sonêto, entre os seus pares, dedicado ao grande poeta boémio das terras luzitanas, porque se me afigura dos mais lindos, quer na fôrma, quer na idêa; perdõem-me, se de mim discordam nesse ponto.

Bilac, porém, não toi só o lirico amoroso e suave. Teve tambem soberbos surtos épicos. Revivêu, nos seus versos lampejantes, a odissêa sublimada dos «plantadores de cidades» e deu-nos o «Caçador de esmeraldas», poemeto altiloquente, que é o mais rútilo diamante da sua aurilavrada corôa de príncipe. O *Caçador de esmeraldas*,—esse quadro

Não ficaram, por ceito, mais maravilhados que os dois rapazes os velhos austeros do areópago.

—Soberbo! exclamou o Freitas, reclamando mais cerveja. Anselmo ficou algum tempo a olhar o poeta, sem dizer palavra, arroubado».

Conheceram-se dêsse modo.

Vêde! Assim vivêu o soberano da rima, o fecundo lavorador de primores, assim, «uma vida de cão,—perseguido por um senhorio inclemente».

Como se fez grande e respeitado, então? Triunfou, como os seus companheiros de luta,—impondo o seu talento e o seu êstro, esplêndidos, á admiração dos seus patricios.

«Olavo Bilac, diz Joaquim Leitão, no livro —«Do civismo e da arte no Brasil», é um trabalhador, cuja atividade prodigiosa e metódica, dentro da sua vida mundana, assombra. Em 97, apesar do seu cotidiano trabalho para a «Gazeta de Notícias», uma crónica diária para o «Estado de S. Paulo», as *Semanais* da «Notícia», a «Bruxa» nunca esperou pela sua crónica primorosa. Podia Julião Machado atrazar um ou dois números; Bilac, no dia convencionado, sentava-se á banca e, matassem gente ali na rua, descesse o Padre Eterno a tomar um *cock-tail* no Pascoal, ele não se abalava da redacção, enquanto no seu carrilhão não tivesse soado a última hora da tarefa. São para ele sagradas as horas de trabalho e um cronómetro inglêz nunca lhe apontaria, no valor de um segundo, qualquer falta de pontualidade. Assim vive e doutra coiza não quer viver. No último ano do curso de medicina, nem sequer o martirio dessa vida *au jour le jour* de escritôr, uma vez experimentado, o fez voltar os olhos para esse Faculdade, de que saiu sem uma saudade, com um profundo desdém pela ciência e pelos seus rendimentos. Hoje, um soneto seu, um palmo de proza, são letras á vista, que qualquer jornal paga sem desconto».

E assim se consagrou, e assim se fez grande, e assim subiu ao doirado galarim da glória. Alçou-se pelo seu estôrço, pelo seu trabalho, pela sua vontade, pelo seu talento! Parnaziano ardente, apaixonado, os seus versos são dos mais bem inspirados e plásticos que se hão escrito no Brazil. De um sensualismo adorável, porque, genuino da alma do mesti-

ço brasileiro, Bilac foi o poeta mais glorioso do seu tempo, nesta nossa grande pátria.

A sua obra poética é vasta. Compreende:—*Sagres, Panóplias, Via-Látea, Sarcas de fogo, Alma inquiêta, Viajens, Caçador de esmeraldas*, e muitas outras. *Via-Látea*—precioso punhado de pérolas de Oñir, encerrado num arabescado cofre de baracutiára, tauxiado a sândalo, rescendendo baunilha e manacá! *Via-Látea*—saudades, beijos, dôres, doçuras, odios, misticismos, melancolias, desejos, que se resumem num só, num único sentimento—Amôr. *Via-Látea*, esse lindo conjunto de sonetos lindos, dos mais formozos e perfeitos que se hão composto em terras brasileiras, é, sem dúvida, um padrão imarcessível de glória, que a fúria inconoclasta dos tempos jamais apagará do coração amoroso dos seus patricios. Nesse poemeto brilhante, tudo é belo, tudo esplende, tudo empolga.

Não me posso furtar ao prazer agrihoante de reproduzir um desses trechos magistráis:

A BOCAGE

Tu, que no pégo impuro das orgias,
mergulhavas ansiozo e descontente,
e quando á tona vinhas, de repente
cheias as mãos de pérolas trazias;

Tu, que do amor e pelo amor vivias
e que, como de limpida nascente,
dos lábios e dos olhos a torrente
de versos e de lágrimas vertias...

Mestre querido, viverás enquanto
houver quem pulse o mágico instrumento,
e préze a lingua que prezavas tanto.

E, enquanto houver, num ponto do universo,
quem ame e sofra e amor e sofrimento
saiba, chorando, traduzir no verso.

Escolhi este soneto, entre os seus pares, dedicado ao grande poeta boémio das terras luzitanas, porque se me afigura dos mais lindos, quer na fôrma, quer na idêa; perdõem-me, se de mim discordam nesse ponto.

Bilac, porém, não foi só o lirico amoroso e suave. Teve tambem soberbos surtos épicos. Revivêu, nos seus versos lampejantes, a odisséa sublimada dos «plantadores de cidades» e deu-nos o «Caçador de esmeraldas», poemeto altiloquente, que é o mais rútilo diamante da sua aurilavrada corôa de príncipe. O *Caçador de esmeraldas*,—esse quadro

formidável da luta pela conquista da pedra verde, quem o traçou, revelou-nos o pulso firme de um descendente desses obscuros bandeirantes, que investiam, com a audácia no olhar e a intrepidez no coração, pelos sertões a dentro. Nele, depois de uma pujante, de uma dantesca descrição da mata virgem, coloca-se em cena o drama profundamente impressionador, que finda pela morte do heroico Fernão Dias Páis Leme.

Fernão, prêzo da febre traiçoeira e fatal, ao voltar da arriscada aventura, trazendo o prémio de tantas fadigas e perigos, num desvão da mata, solitário, prostra-se, comatoso, olhando o céu. Essa agonia é esplendidamente traçada. Sófocles não a faria melhor.

Bilac termina-o com estas estrófes grandiloquas:

Morre l germinarão as sigradas sementes
Das gôtas de suor, das lágrimas ardentes l
Hão de frutificar as fomes e as vigílias.
E um dia, povoada a terra em que te deitas,
Quando, aos beijos do sol, sobrarem as colheitas,
Quando, aos beijos do amor, crescerem as famílias,

Tu cantarás na voz dos sinos, nas charruas,
No êsto da multidão, no tumultuar das ruas,
No clamôr do trabalho e nos hinos da paz l
E, subjungindo o olvido, através das idades,
Violador dos sertões, plantador de cidades,
Dentro do coração da pátria viverás l

Temos aí o épico. Mas Bilac ainda foi mais. Ele é o autor mimozzo, delicado, sentimental, sublime de «Poezias infantis», onde ha versos como estes :

Meu filho termina o dia
A primeira estréla brilhô,
Procura a tua cartilha,
E reza a Ave Maria.

O gado volta aos currais...
O sino canta na igreja...
Pede a Deus que te proteja
E que dê vida a teus pais l

Ave Maria!... Ajoelhado
Pede a Deus que, generoso,
Te faça justo e bondozo,
Filho bom e homem honrado,

Que teus pais conserve aqui
Pra que possas um dia
Pagar-lhes com alegria
O que sofreram por ti.

Reza e procura teu leito
Para adormecer contente;
Dormirás tranquilamente
Se disseres satisfeito:

Hoje pratiquei o bem,
Não tive um dia vazio,
Trabalhei, não fui vadio
E não fiz mal a ninguém...

—Não é isto um evangelho de amor e de civismo?—Não é isto uma tormaça, uma eloquente lição para a alma humana? Fio que assim o é.

Mas, se querem saber quem foi Bilac, se querem saber quem foi esse poeta excelso, que a nossa pátria teve a irreparável, a suprema inteligência de perder, não o procurem na «Via-Látea», nem nas «Sarças de fogo», «Panóplias» ou «Caçador de esmeraldas». Busquem-o nas «Poezias infantis» e lá o encontrareis—sinjélo, maviozo, patriótico e, acima de tudo, verdadeiro. Palpita nessas páginas, com todo o seu civismo, panteísmo, parnazianismo, lirismo, integrado nesta poezia, que é um canto de triunfo:

PATRIA

Ama com fê e orgulho a terra em que nasceste l
Criança l não verás paiz nenhum como este l
Olha que céu l que mar l que rios! e que floresta l
A natureza aqui, perpetuamente em festa,
E' um seio de mãe a trasbordar cainhos.
Vê que vida ha no chão! Vê que vida ha nos ninhos
Que se balançam no ar entre os ramos inquietos,
Vê que luz, que calôr, que multidão de insetos,
Vê que grande extensão de matas, onde impêra
Fecunda e luminosa a eterna primavêra l
Bôa terra l jamais negou a quem trabalha
O pão que mata a fome e o têtô que agzalha...
Quem com o seu amor a fecunda e humedece,
Vê pago o seu esforço, é feliz e enriquece.

Criança l não verás nenhum paiz como este:
Imita na grandeza a terra em que nasceste.

Companheiros! Morreu o grande cinzelador destas tulvcentes linhas de oiro! A sua memória imaculada ficará como um símbolo branco, a relumbrar bem alto! Cultuar essa memória sagrada é o devêr, que nos cabe, a nós, môços do Brasil. E como cultuá-la? Seguindo os ensinamentos luminózos dos seus versos. Lá, na estância luminosa dos eleitos, Bilac rejubilará.

Resta-nos, pois, para o seu prazer e glória nossa—imitar, na grandêza, a terra em que nascemos!

RUBIS PERDIGÃO.

BIBLIOTECA PÚBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

formidável da luta pela conquista da pedra verde, quem o traçou, revelou-nos o pulso firme de um descendente desses obscuros bandeirantes, que investiam, com a audácia no olhar e a intrepidez no coração, pelos sertões a dentro. Nele, depois de uma pujante, de uma dantesca descrição da mata virgem, coloca-se em cena o drama profundamente impressionador, que finda pela morte do heroico Fernão Dias Páis Leme.

Fernão, prêzo da febre traiçoeira e fatal, ao voltar da arriscada aventura, trazendo o prêmio de tantas fadigas e perigos, num desvão da mata, solitário, prostra-se, comatoso, olhando o céu. Essa agonia é esplendidamente traçada. Sófocles não a faria melhor.

Bilac termina-o com estas estrófes grandiloquas:

Morre l germinarão as sigradas sementes
Das gôtas de suor, das lágrimas ardentes l
Hão de frutificar as fomes e as vigílias.
E um dia, povoada a terra em que te deitas,
Quando, aos beijos do sol, sobrarem as colheitas,
Quando, aos beijos do amor, crescerem as famílias,

Tu cantarás na voz dos sinos, nas charruas,
No êsto da multidão, no tumultuar das ruas,
No clamôr do trabalho e nos hinos da paz l
E, subjungindo o olvido, através das idades,
Violador dos sertões, plantador de cidades,
Dentro do coração da pátria viverás l

Temos aí o épico. Mas Bilac ainda foi mais. Ele é o autor mimozzo, delicado, sentimental, sublime de «Poezias infantis», onde ha versos como estes :

Meu filho termina o dia
A primeira estréla brilhã,
Procura a tua cartilha,
E reza a Ave Maria.

O gado volta aos currais...
O sino canta na igreja...
Pede a Deus que te proteja
E que dê vida a teus pais l

Ave Maria!... Ajoelhado
Pede a Deus que, generoso,
Te faça justo e bondoso,
Filho bom e homem honrado,

Que teus pais conserve aqui
Pra que possas um dia
Pagar-lhes com alegria
O que sofreram por ti.

Reza e procura teu leito
Para adormecer contente;
Dormirás tranquilamente
Se disseres satisfeito:

Hoje pratiquei o bem,
Não tive um dia vazio,
Trabalhei, não fui vadio
E não fiz mal a ninguém...

—Não é isto um evangelho de amor e de civismo?—Não é isto uma tormaça, uma eloquente lição para a alma humana? Fio que assim o é.

Mas, se querem saber quem foi Bilac, se querem saber quem foi esse poeta excelso, que a nossa pátria teve a irreparável, a suprema inteligência de perder, não o procurem na «Via-Látea», nem nas «Sarças de fogo», «Panóplias» ou «Caçador de esmeraldas». Busquem-o nas «Poezias infantis» e lá o encontrareis—sinjélo, maviozo, patriótico e, acima de tudo, verdadeiro. Palpita nessas páginas, com todo o seu civismo, panteísmo, parnazianismo, lirismo, integrado nesta poezia, que é um canto de triunfo:

PATRIA

Ama com fê e orgulho a terra em que nasceste l
Criança l não verás paiz nenhum como este l
Olha que céu l que mar l que rios! e que floresta l
A natureza aqui, perpetuamente em festa,
E' um seio de mãe a trasbordar cainhos.
Vê que vida ha no chão! Vê que vida ha nos ninhos
Que se balançam no ar entre os ramos inquietos,
Vê que luz, que calôr, que multidão de insetos,
Vê que grande extensão de matas, onde impêra
Fecunda e luminosa a eterna primavêra l
Bôa terra l jamais negou a quem trabalha
O pão que mata a fome e o têtto que agasalha...
Quem com o seu amor a fecunda e humedece,
Vê pago o seu esforço, é feliz e enriquece.

Criança l não verás nenhum paiz como este:
Imita na grandeza a terra em que nasceste.

Companheiros! Morreu o grande cinzelador destas fulvecentes linhas de oiro! A sua memória imaculada ficará como um símbolo branco, a relumbrar bem alto! Cultuar essa memória sagrada é o devêr, que nos cabe, a nós, môços do Brasil. E como cultuá-la? Seguindo os ensinamentos luminózos dos seus versos. Lá, na estância luminosa dos eleitos, Bilac rejubilará.

Resta-nos, pois, para o seu prazer e glória nossa—imitar, na grandêza, a terra em que nascemos!

REIS PERDIGÃO.

BIBLIOTECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

1\$500 RS. APENAS!...

Com o pequenino dispendio da quantia acima, podereis fazer a vossa inscrição no conceituado clube de joias «CAIXA FORTE», que distribue, por mez, dõze (12) premios, além de 10 izenções de pagamento das contribuições, durante 12 sorteios consecutivos.

A «CAIXA FORTE» é a sociedade que maiores garantias offerece, bastando, para isso, verificar o seu regulamento aprovado pelo M. D. Ministro da Fazenda

Os pagamentos dos seus premios, que já acuzam, mensalmente, um total superior a Rs. 2 600\$000, são sempre effectuados logo após a extracção dos sorteios e nas proprias residencias dos felizardos.

Não vacileis, portanto. Ide, sem perda de tempo, assegurar o vosso futuro, fazendo a vossa inscrição ali na séde, á rua Antonio Raiol, 53A (antiga de S. João). Telefõnie 372.

OS CIGARROS

“ORION”

Pela qualidade de fumo e sua confecção, são os preferidos por todos aqueles que teem bom gosto!

Fumar “ORION”, é saber apreciar tudo aquilo quanto é BOM!

Albino Campos

TELEGRAMA: ONIBLA
Maranhão - Brazil

HOTEL CENTRAL

Avenida Maranhense, 30

CANTO DA RUA 28 DE JULHO
TELEFONIO, 126

Unico estabelecimento do genero, nesta capital, que dispõe de 38 quartos, todos ventilados directamente e illuminados a electricidade

Restaurante de 1ª ordem
Elegante sala para vizitas

GASPARINHO & BRANCO
S. LUIZ

CREDITO MUTUO PREDIAL

FUNDADA EM 16 DE DEZEMBRO DE 1914

AUTORIZADA A FUNCIONAR E FISCALIZADA PELO GOVERNO FEDERAL.

CARTA PATENTE N. 4

Premios distribuidos e pagos, até 18 de outubro de 1920, Rs. 377.912\$500

CAPITAL FIXO... Rs. 55 000\$000

CAPITAL MOVEL... Rs. 2.400:000\$000

Sorteios em 4 e 18 de cada mez, na séde social, com a pequena contribuição de UM MIL RÉIS. PEÇAM O REGULAMENTO NAS AGENCIAS E NA SÉDE EM S. LUIZ - RUA DA CRUZ, N. 61; TERREO.

CAIXA N. 76

INSCREVAM-SE SEM DEMORA, SE QUIZEREM GARANTIR O VOSSO FUTURO!

NADA DEVE EM PREMIOS



Filiais em TEREZINA e na FORTALEZA

OS PROPRIETARIOS: CHAVES & C.

1\$500 RS. APENAS!...

Com o pequenino dispendio da quantia acima, podereis fazer a vossa inscrição no conceituado clube de joias «CAIXA FORTE», que distribue, por mez, dōze (12) premios, além de 10 izenções de pagamento das contribuições, durante 12 sorteios consecutivos.

A «CAIXA FORTE» é a sociedade que maiores garantias offerece, bastando, para isso, verificar o seu regulamento aprovado pelo M. D. Ministro da Fazenda

Os pagamentos dos seus premios, que já acuzam, mensalmente, um total superior a Rs. 2 600\$000, são sempre effectuados logo após a extracção dos sorteios e nas proprias residencias dos felizardos.

Não vacileis, portanto. Ide, sem perda de tempo, assegurar o vosso futuro, fazendo a vossa inscrição ali na séde, á rua Antonio Raiol, 53A (antiga de S. João). Telefōnie 372.

OS CIGARROS

“ORION”

Pela qualidade de fumo e sua confecção, são os preferidos por todos aqueles que teem bom gosto!

Fumar “ORION”, é saber apreciar tudo aquilo quanto é BOM!

Albino Campos

TELEGRAMA: ONIBLA
Maranhão - Brazil

HOTEL CENTRAL

Avenida Maranhense, 30

CANTO DA RUA 28 DE JULHO
TELEFONIO, 126

Unico estabelecimento do genero, nesta capital, que dispõe de 38 quartos, todos ventilados directamente e illuminados a electricidade

Restaurante de 1ª ordem
Elegante sala para vizitas

GASPARINHO & BRANCO
S. LUIZ

CREDITO MUTUO PREDIAL

FUNDADA EM 16 DE DEZEMBRO DE 1914

AUTORIZADA A FUNCIONAR E FISCALIZADA PELO GOVERNO FEDERAL.

CARTA PATENTE N. 4

Premios distribuidos e pagos, até 18 de outubro de 1920, Rs. 377.912\$500

CAPITAL FIXO... Rs. 55 000\$000

CAPITAL MOVEL... Rs. 2.400:000\$000

Sorteios em 4 e 18 de cada mez, na séde social, com a pequena contribuição de UM MIL RÉIS. PEÇAM O REGULAMENTO NAS AGENCIAS E NA SÉDE EM S. LUIZ - RUA DA CRUZ, N. 61; TERREO.

CAIXA N. 76

INSCREVAM-SE SEM DEMORA, SE QUIZEREM GARANTIR O VOSSO FUTURO!

NADA DEVE EM PREMIOS



Filiais em TEREZINA e na FORTALEZA

OS PROPRIETARIOS: CHAVES & C.

GRANDE MILAGRE

BIBLIOTHECA PÚBLICA

ESTADO DO MARANHÃO CURA MARAVILHOSA

Na sciencia dos grandes actuais,
Já consultei finos alopatas,
Espiritistas, adivinhadores,
Mediuns videntes, homeopatas,
E charlatães interesseiros...
O Alfredo já enguliu uma drogaia,
Já tomou injecções de toda a sorte,
E cada dia
Vejo mais fito nele o olhar da morte !
Quem sabe se o rapaz se não cura
Ao ar livre, nos campos desportivos,
Football, que fina diabrura
Dessa vida dos «boys», tortes e vivos,
Que são o orgulho e a gloria da Inglaterra
F. A. C. ou LUZO cigarros finos, nomes grandes encerra
Uma receita salvadora !
E a verdade é que o Alfredo se salvou !
Salvou-se, ganhou forças, ficou lindo,
Jogando foot-ball com prazer infinito
De quem no *sport* um novo sangue achou !
E hoje ao lado do filho idolatrado,
Fumando sempre F. A. C. e LUSO; os seus cigarros, amigo.
O dr. Saldanha anda encantado,
Vendo o rapaz fôra de perigo...
E, a quem lhe indaga a origem da mudança,
O velho pai responde: Amigos fieis !
Depois de gastar rios de dinheiro,
A consultar o mundo inteiro,
Ve-de—e ele aponta a alva e robusta criança
Curei o meu filho, só fumando F. A. C. e LUSO
Com 300 réis.

FUMO AMARELO **VEADO**—PAPEL FINO
MANIPULADO COM TODO O ASSEIO
POR OPERÁRIOS COMPETENTES

UNICO FABRICANTE — J. R. SANTOS

RUA 28 DE JULHO, 11 e 14 — MARANHÃO

* GATO PRETO *

GRANDE MILAGRE

BIBLIOTHECA PÚBLICA

ESTADO DO MARANHÃO CURA MARAVILHOSA

Na sciencia dos grandes actuais,
Já consultei finos alopatas,
Espiritistas, adivinhadores,
Mediuns videntes, homeopatas,
E charlatães interesseiros...
O Alfredo já enguliu uma drogaia,
Já tomou injecções de toda a sorte,
E cada dia
Vejo mais fito nele o olhar da morte !
Quem sabe se o rapaz se não cura
Ao ar livre, nos campos desportivos,
Football, que fina diabrura
Dessa vida dos «boys», tortes e vivos,
Que são o orgulho e a gloria da Inglaterra
F. A. C. ou LUZO cigarros finos, nomes grandes encerra
Uma receita salvadora !
E a verdade é que o Alfredo se salvou !
Salvou-se, ganhou forças, ficou lindo,
Jogando foot-ball com prazer infinito
De quem no *sport* um novo sangue achou !
E hoje ao lado do filho idolatrado,
Fumando sempre F. A. C. e LUSO; os seus cigarros, amigo.
O dr. Saldanha anda encantado,
Vendo o rapaz fôra de perigo...
E, a quem lhe indaga a origem da mudança,
O velho pai responde: Amigos fieis !
Depois de gastar rios de dinheiro,
A consultar o mundo inteiro,
Vede—e ele aponta a alva e robusta criança
Curei o meu filho, só fumando F. A. C. e LUSO
Com 300 réis.

FUMO AMARELO **VEADO**—PAPEL FINO
MANIPULADO COM TODO O ASSEIO
POR OPERÁRIOS COMPETENTES

UNICO FABRICANTE — J. R. SANTOS

RUA 28 DE JULHO, 11 e 14 — MARANHÃO

* GATO PRETO *

O ATENIENSE

NUMS. 2 e 3

S. LUIZ DO MARANHÃO

ANO 1

NOVEMBRO E DEZEMBRO 1920



GONÇALVES DIAS

O ATENIENSE

NUMS. 2 e 3

S. LUIZ DO MARANHÃO

ANO I

NOVEMBRO E DEZEMBRO 1920



GONÇALVES DIAS

Quadro social da Legião dos Atenienses

PATRONOS

Sotero dos Reis	—João Vitor Ribeiro
João Lisbôa	—Djalma Fortuna
Gonçalves Dias	—Hilton Fortuna
Artur Azevedo	—José M. Reis Perdigão
Aluizio Azevedo	—Joaquim Luz
José do Patrocínio	—Pitágoras de Morais.
Euclides da Cunha	—Edmundo Calheiros
António Lôbo	—António Viana de Souza
J. Maranhão, Sobrinho	—José de Pádua Fortuna
Vespaziano Ramos	—João Guilherme de Abreu
Alcides Freitas	—Deolindo Couto
Anizio Auto de Abreu	—Walter Spindola da Silva
José de Alencar	—José Mata de Oliveira Roma

SOCIOS HONORARIOS

José Eduardo Teixeira de Souza, Henrique Coelho Neto, José Ribeiro do Amaral, D. Helvécio Gomes de Oliveira, Domingos Afonso Machado, Júlia Lopes de Almeida, Manoel Fran Paxeco, Alberto de Oliveira, José Francisco da Rocha Pombo, Medeiros e Albuquerque, Godotrêdo Mendes Viana, Júlio Dantas, Domingos Quadros Barboza Alvares, Clóvis Beviláqua, Justo Jansen Ferreira, João Ribeiro, Atrânio Peixoto, José Luso Torres, Alfredo de Assis Castro.

SOCIOS AUXILIARES

Senhoritas Maria Carolina Botelho de Andrade, El-Zuila Souza, Noémi Souza, Marieta Fortuna, Esveraldina Fortuna, Luiza Viana, Raimunda Vasconcelos, Circe Castro, Creuza Castro, Henriette Bricotte, Francisca Domingues da Silva, Maria Celina Pessoa de Holanda, Conceição Parga Batista; sras dd. Corina Caldas Dias, Estér Fortuna Pires, Raimunda Souza Ribeiro; senhoritas Adelaide Kerte, Esmeralda Kerte, Lucrécia

Kerte, Zila País, Diná Teixeira, Amélia Macieira, Odila Berniz, Odéssa Berniz.

Além dos nomes publicados no primeiro número, foram admitidos os seguintes socios:—João Soares de Carvalho, Joaquim Moreira Alves dos Santos, Gioto Tribuzi, Telémaco de Matos Ataíde, Antonio Pereira da Trindade, Augusto Vidal Rodrigues, Selvirio Franco, João Luriné Guimarães, Claudino Neto, José Guilherme de Almeida, Lino de Castro Gandra, Antonio Rodrigues de Castro Martins, António Almeida Nunes, Justino Lopes Macieira, Manoel Lages Castélo Branco, Luiz Lages Castélo Branco, Antonio Alves Ferreira, Plácido José Camões, Leslie Nelson Tavares, Antonio Travassos, José Carneiro Soares, Hilton Sraiva de Paiva, José dos Santos Carvalho, Heráclito Câmara, Ernani Soares Nunes, Lourival Maia de Almeida, José Domingos Barboza.

REDÁTORES

Fran Paxeco, Ruben Almeida, João Victor Ribeiro, Benedito Santos, Joaquim Luz, Walter Silva, António Viana de Souza.

Quadro social da Legião dos Atenienses

PATRONOS

Sotero dos Reis	—João Vitor Ribeiro
João Lisbôa	—Djalma Fortuna
Gonçalves Dias	—Hilton Fortuna
Artur Azevedo	—José M. Reis Perdigão
Aluizio Azevedo	—Joaquim Luz
José do Patrocínio	—Pitágoras de Morais.
Euclides da Cunha	—Edmundo Calheiros
António Lôbo	—António Viana de Souza
J. Maranhão, Sobrinho	—José de Pádua Fortuna
Vespaziano Ramos	—João Guilherme de Abreu
Alcides Freitas	—Deolindo Couto
Anizio Auto de Abreu	—Walter Spindola da Silva
José de Alencar	—José Mata de Oliveira Roma

SOCIOS HONORARIOS

José Eduardo Teixeira de Souza, Henrique Coelho Neto, José Ribeiro do Amaral, D. Helvécio Gomes de Oliveira, Domingos Afonso Machado, Júlia Lopes de Almeida, Manoel Fran Paxeco, Alberto de Oliveira, José Francisco da Rocha Pombo, Medeiros e Albuquerque, Godotrêdo Mendes Viana, Júlio Dantas, Domingos Quadros Barboza Alvares, Clóvis Beviláqua, Justo Jansen Ferreira, João Ribeiro, Atrânio Peixoto, José Luso Torres, Alfredo de Assis Castro.

SOCIOS AUXILIARES

Senhoritas Maria Carolina Botelho de Andrade, El-Zuila Souza, Noémi Souza, Marieta Fortuna, Esveraldina Fortuna, Luiza Viana, Raimunda Vasconcelos, Circe Castro, Creuza Castro, Henriette Bricotte, Francisca Domingues da Silva, Maria Celina Pessoa de Holanda, Conceição Parga Batista; sras dd. Corina Caldas Dias, Estér Fortuna Pires, Raimunda Souza Ribeiro; senhoritas Adelaide Kerte, Esmeralda Kerte, Lucrécia

Kerte, Zila País, Diná Teixeira, Amélia Macieira, Odila Berniz, Odéssa Berniz.

Além dos nomes publicados no primeiro número, foram admitidos os seguintes socios:—João Soares de Carvalho, Joaquim Moreira Alves dos Santos, Gioto Tribuzi, Telémaco de Matos Ataíde, Antonio Pereira da Trindade, Augusto Vidal Rodrigues, Selvirio Franco, João Lurine Guimarães, Claudino Neto, José Guilherme de Almeida, Lino de Castro Gandra, Antonio Rodrigues de Castro Martins, António Almeida Nunes, Justino Lopes Macieira, Manoel Lages Castélo Branco, Luiz Lages Castélo Branco, Antonio Alves Ferreira, Plácido José Camões, Leslie Nelson Tavares, Antonio Travassos, José Carneiro Soares, Hilton Sraiva de Paiva, José dos Santos Carvalho, Heráclito Câmara, Ernani Soares Nunes, Lourival Maia de Almeida, José Domingos Barboza.

REDÁTORES

Fran Paxeco, Ruben Almeida, João Victor Ribeiro, Benedito Santos, Joaquim Luz, Walter Silva, António Viana de Souza.

UMA FIGURA

Na sua última conferência, em 1 d'êste mês, Fran Paxeco teve ensejo de relembrar, a propózição da restauração política de Portugal, em 1640, alguns factos da priméva história do povo maranhense ainda obscuros.

Rememora-se, por exemplo, porque no-lo repeteo sr Capistrano de Abreu, haver Daniel de la Touche, senhor de La Ravardière, seguido para o Recife, prêso pelo general Alexandre de Moura, que o forçou a capitular de vêz — aos 9 de janeiro de 1616, chegando ali em 5 ou 6 de março. (*Hist. do Brazil*, por frei Vicente do Salvador, pg 437). Moura encontrou-se lá com o governador Gaspar de Sousa. Prestou-lhe contas e partiu para a metrópole. O seu relatório traz a data de Lisboa, 24 de outubro. Saiu, depois, para Setúbal, onde fixou o domicílio. (*Ib.*, pg. 438).

Quantos anos se demorou La Ravardière em Pernambuco? Levá-lo-ia Alexandre de Moura para o Téjo? Ferdinand Denis no artigo redigido para a *Biografia geral* de Didot, certificára-nos de que, no começo de 1616, o colonizador francês acompanhou Moura até ao Recife, passando após a Lisboa — e daqui fez-se de véla para a França. Corrige o lapso, mais tarde e, no erudito prefácio á *Viajem* do padre Ivo d'Evreux, afirma que La Ravardière esteve não menos dum triénio, nos cárceres da torre de Belem como se deduz duma carta que dela dirigiu para Paris, a 25 de junho de 1619, ao conselheiro de Puysieux, primeiro secretário das finanças, invocando-lhe o patrocínio

Conhece-se apenas, do resto da sua vida, que comandava a fróta dos protestantes da Rochela, em 1621, data em que se aprestava para invadir novamente o Brazil de acôrdo com os holandêzes, os quais,

na verdade, assaltaram a Baía, em maio de 1624, e que veio a morrer depois de 1631, sexagenário. E é tudo, segundo parece, na faze posterior ao desbarato dos francêzes na velha ilha das Vacas (S Luiz).

Naquela missiva, não nos conta desde quando o recolheram ás masmôrras da famoza torre. Pede que o soltem referindo-se ás *démarches* de Puysieux, junto do embaixador espanhol, conforme lho comunicou o marquêz Senecey

A razão de o reterem por tão longo espaço virá das suas exigências? Julgámo-la improvável. O motivo residirá, por certo, na mudança do xadrêz politico. Henrique IV e Richelieu hostilizavam, ás claras, a côrte de Madrid, que dominava ao tempo, o continente português e as respectivas colónias.

Ora o jóven Luiz XIII, filho do ex-rei da Navarra e Maria de Médicis consorciára-se com Ana da Austria, filha de Filipe III, da Espanha, em 1615. Este acontecimento íntimo, que não pesava muito nas determinações diplomáticas, havia de influir nas de ordem menor — e o refém de La Ravardière comprehender-se-ia nesse número. Esplícasse, assim o inútil martírio do corajoso espedicionário.

GONÇALVES DIAS

Ao espirito culto do autor dos "Contos da minha terra"

On doit la vérité aux morts...

BOSSUET

Noite. Calma e silenciosa, a praça Gonçalves Dias dormia á luz magoada de um luar de prata.

A viração, dôce, muito branda, despertava o farfalhar das palmeiras, trazendo nas suas azas os ecos longinquos de uma cavatina, que soluçava dormente lá em baixo, na praia

Os barcos, grandes gaivotas bran-

UMA FIGURA

Na sua última conferência, em 1 d'êste mês, Fran Paxeco teve en-sejo de relembrar, a propózi-to da restauração política de Portugal, em 1640, alguns factos da priméva história do povo maranhense ain-da obscuros.

Rememora-se, por exemplo, por-que no-lo repeteo sr Capistrano de Abreu, haver Daniel de la Touche, senhor de La Ravardière, seguido para o Recife, prêso pelo general Alexandre de Moura, que o forçou a capitular de vêz — aos 9 de janei-ro de 1616, chegando ali em 5 ou 6 de março. (*Hist. do Brazil*, por frei Vicente do Salvador, pg 437). Mou-ra encontrou-se lá com o governa-dor Gaspar de Sousa. Prestou-lhe contas e partiu para a metrópole. O seu relatório traz a data de Lis-boia, 24 de outubro. Saiu, depois, para Setúbal, onde fixou o domi-cílio. (*Ib.*, pg. 438).

Quantos anos se demorou La Ra-vardière em Pernambuco? Levá-lo-ia Alexandre de Moura para o Téjo? Ferdinand Denis no arti-go redigido para a *Biografia geral* de Didot, certificára-nos de que, no co-mêço de 1616, o colonizador francêz acompanhou Moura até ao Recife, passando após a Lisboa — e daqui fez-se de véla para a França. Cor-rige o lapso, mais tarde e, no eru-dito prefácio á *Viajem* do padre Ivo d'Evreux, afirma que La Ravardière esteve não menos dum triênio, nos cárceres da torre de Belem como se deduz duma carta que dela di-rigiu para Paris, a 25 de junho de 1619, ao conselheiro de Puysieux, primeiro secretário das finanças, invocando-lhe o patrocínio

Conhece-se apenas, do resto da sua vida, que comandava a fróta dos protestantes da Rochela, em 1621, data em que se aprestava para invadir novamente o Brazil de acôrdo com os holandêzes, os quais,

na verdade, assaltaram a Baía, em maio de 1624, e que veio a morrer depois de 1631, sexagenário. E é tudo, segundo parece, na faze pos-terior ao desbarato dos francêzes na velha ilha das Vacas (S Luiz).

Naquela missiva, não nos conta desde quando o recolheram ás mas-môrras da famoza torre. Pede que o soltem referindo-se ás *démarches* de Puysieux, junto do embai-xador espanhol, conforme lho co-municou o marquêz Senecey

A razão de o reterem por tão longo espaço virá das suas exigên-cias? Julgâmo-la improvável. O motivo residirá, por certo, na mu-dança do xadrêz político. Henrique IV e Richelieu hostilizavam, ás cla-ras, a côrte de Madrid, que domi-nava ao tempo, o continente por-tuguêz e as respectivas colônias.

Ora o jóven Luiz XIII, filho do ex-rei da Navarra e Maria de Médi-cis consorciára-se com Ana da Aus-tria, filha de Filipe III, da Espanha, em 1615 Este acontecimento íntimo, que não pesava muito nas determinações diplomáticas, havia de influir nas de ordem menor — e o refém de La Ravardière compre-ender-se-ia nesse número. Espli-ca-se, assim o inútil martírio do corajoso expedicionário.

GONÇALVES DIAS

Ao espirito culto do autor dos "Contos da minha terra"

On doit la vérité aux morts...

BOSSUET

Noite. Calma e silenciosa, a pra-ça Gonçalves Dias dormia á luz ma-goada de um luar de prata.

A viração, dôce, muito branda, despertava o farfalhar das palmei-ras, trazendo nas suas azas os ecos longinquos de uma cavatina, que soluçava dormente lá em bai-xo, na praia

Os barcos, grandes gaivotas bran-

cas, efeitos do luar, balouçavam-se trementes acompanhando o ritmo das ondas, que, num sforzando divino, todo poesia e queixumes, se vinham quebrar de encontro á praia. Brancas, muito brancas, boiavam as nuvens pelos céus a fóra. Ali perto, na ermida, toda ogiva e encantos, havia uma prece muda.

E o poeta, êrmo e contemplativo, o olhar perdido na vastidão das águas, parecia recordar-se do seu supremo instante, no meio do mar, —êmulos da terra, o qual, todo egoismo e inveja, sentindo que a sua inimiga ia fruir a dita de guardarlhe o corpo, lho arrebatou então, orgulhoso e forte, encerrando-o nos seus dominios de cristal

E, olhando para o poeta, pálido, muito pálido, num silêncio religioso de estátua, olhos fixos na vastidão marinha, repetiria:

Oceano terrível, mar imenso
De vagas procelosas que se enrolam
Floridas rebentando em branca espuma
Num pólo e noutro pólo,
Em fim... em fim te vejo; em fim meus olhos
Na indômita cerviz tremulos cravo,
E esse rugido teu, sanhudo e forte,
Em fim medroso escuto!

Um longo e doloroso gemido escapava-se do seio da terra, que toda se acalma, em seguida a uma vergastada rígida do mar; um pássaro tonto, meio dormindo, caiu aos pés da estátua. E, levantando o vôo, de rumo ao mar, trinou no espaço. Era um sabiá.

Os olhos do poeta iluminaram-se e os nossos, tremulos, fecharam-se. Enquanto a nossa imaginação se alava ás regiões da fantasia, vimos o pequenino e nú, ao sol de ouro, entre os vergéis, sorrindo á nossa terra natal:

Quanto és bela, ó Caxias! —no deserto,
Entre montanhas, derramada em vale
De flôres perenais,
E's qual ténue vapôr que a brisa espalha
No frescor da manhã meiga, soprando
A' flôr de manso lago.
Tu és a flôr que despontaste livre
Por entre os troncos de robustos cédros,
Forte —em glêba inculta;
E's qual gazela, que o deserto educa,
No ardor da sêsta debruçada exangue
A' margem da corrente.

Sim, Caxias! Foi a paz confortativa dos teus campos, ás margens cantantes dos teus riachos, aos beijos virginais do teu sol noivante, que a alma do teu poeta, do teu filho da tua glória, desabrochou para a luz da vida

E se hoje não nos mostras o seu corpo, para irmos, reverentes, prestar-lhe o nosso culto de gratidão e de amor, é porque foste mãe pouco ciosa. Avido de saber, confiaste-o ás águas traidoras do mar, que o arrebatou. invejoso, ao teu coração materno

Ah! era lá no teu seio no cimo do nosso Sinai, templo sagrado, santuário divino, em cuja nave ainda rebôam os ecos da vitória, o clarim da liberdade, que supunhas erguer o seu túmulo, bem alto e nobre a indicar ás gerações que passam o caminho da honra e da cultura

Monte que—

E' do povo o Sinai, que o nobre sangue
Independente e forte, em lide acêsa,
Na arena derramou;
E o filho ainda lá vai cheio de orgulho,
Do pai beijando o sangue em largos traços
Que a pedra conservou.

Caxias, porém, não teve esta dit a. Ele dorme ali, para sempre envôlto no seio das águas de regresso da sua intêrmina viagem, já quando avistava, ao longe, as natais palmeiras—onde canta o sabiá.

Ao passo que hoje, como bem o lamentou, no seu perscrutar de vidente e iluminado chegou o dia em que te ruborizas da tua simplicidade antiga —e, enquanto te toucas, com luxo e pompa, ajoelham-se-te aos pés a corôa da poesia e o cinto da inocência.

Mas dia inda virá, em que te pejes
Dos que ora trajas, simpleses ornatos
E amavel desalinho:
Da pompa e luxo amiga, hão de cair-te
Aos pés então—da poesia a corôa
E da inocência o cinto.

Um longo e dolorido suspiro, que parecia vir da estátua, certamente efeito da maré, tirou-nos das nossas cogitações para a realidade...

A'quela hora, ante a lua pálida a

cas, efeitos do luar, balouçavam-se trementes acompanhando o ritmo das ondas, que, num sforzando divino, todo poesia e queixumes, se vinham quebrar de encontro á praia. Brancas, muito brancas, boiavam as nuvens pelos céus a fóra. Ali perto, na ermíndinha, toda ogiva e encantos, havia uma prece muda.

E o poeta, êrmo e contemplativo, o olhar perdido na vastidão das águas, parecia recordar-se do seu supremo instante, no meio do mar, —êmulos da terra, o qual, todo egoismo e inveja, sentindo que a sua inimiga ia fruir a dita de guardarlhe o corpo, lho arrebatou então, orgulhoso e forte, encerrando-o nos seus dominios de cristal

E, olhando para o poeta, pálido, muito pálido, num silêncio religioso de estátua, olhos fixos na vastidão marinha, repetiria:

Oceano terrível, mar imenso
De vagas procelosas que se enrolam
Floridas rebentando em branca espuma
Num pólo e noutra pólo,
Em fim... em fim te vejo; em fim meus olhos
Na indômita cerviz tremulos cravo,
E esse rugido teu, sanhudo e forte,
Em fim medroso escuto!

Um longo e doloroso gemido escapava-se do seio da terra, que toda se acalma, em seguida a uma vergastada rígida do mar; um pássaro tonto, meio dormindo, caiu aos pés da estátua. E, levantando o vôo, de rumo ao mar, trinou no espaço. Era um sabiá.

Os olhos do poeta iluminaram-se e os nossos, tremulos, fecharam-se. Enquanto a nossa imaginação se alava ás regiões da fantasia, vimo-lo pequenino e nú, ao sol de ouro, entre os vergéis, sorrindo á nossa terra natal:

Quanto és bela, ó Caxias! —no deserto,
Entre montanhas, derramada em vale
De flôres perenais,
E's qual ténue vapôr que a brisa espalha
No frescor da manhã meiga, soprando
A' flôr de manso lago.
Tu és a flôr que despontaste livre
Por entre os troncos de robustos cédros,
Forte —em glêba inculta;
E's qual gazela, que o deserto educa,
No ardor da sêsta debruçada exangue
A' margem da corrente.

Sim, Caxias! Foi a paz confortativa dos teus campos, ás margens cantantes dos teus riachos, aos beijos virginais do teu sol noivante, que a alma do teu poeta, do teu filho da tua glória, desabrochou para a luz da vida

E se hoje não nos mostras o seu corpo, para irmos, reverentes, prestar-lhe o nosso culto de gratidão e de âmôr, é porque foste mãe pouco ciosa. Avido de saber, confiaste-o ás aguas traidoras do mar, que o arrebatou. invejoso, ao teu coração materno

Ah! era lá no teu seio no cimo do nosso Sinai, templo sagrado, santuário divino, em cuja nave ainda rebôam os ecos da vitória, o clarim da liberdade, que supunhas erguer o seu túmulo, bem alto e nobre a indicar ás gerações que passam o caminho da honra e da cultura

Monte que—

E' do povo o Sinai, que o nobre sangue
Independente e forte, em lide acêsa,
Na arena derramou;
E o filho ainda lá vai cheio de orgulho,
Do pai beijando o sangue em largos traços
Que a pedra conservou.

Caxias, porém, não teve esta dit a. Ele dorme ali, para sempre envôlto no seio das águas de regresso da sua intêrmina viagem, já quando avistava, ao longe, as natais palmeiras—onde canta o sabiá.

Ao passo que hoje, como bem o lamentou, no seu perscrutar de vidente e iluminado chegou o dia em que te ruborizas da tua simplicidade antiga —e, enquanto te toucas, com luxo e pompa, ajoelham-se-te aos pés a corôa da poesia e o cinto da inocência.

.....
Mas dia inda virá, em que te pejes
Dos que ora trajas, simpleses ornatos
E amavel desalinho:
Da pompa e luxo amiga, hão de cair-te
Aos pés então—da poesia a corôa
E da inocência o cinto.

Um longo e dolorido suspiro, que parecia vir da estátua, certamente efeito da maré, tirou-nos das nossas cogitações para a realidade...

A'quela hora, ante a lua pálida a

a vaguear sonâmbula, a brisa em murmúrios e o oceano em soluços, como se fosse a alma do poeta, fantasma branco, espirito de afogado a errar constante á procura do corco... Impressionámo-nos.

Em Gonçalves Dias, não se podia deixar de reconhecer um espirito superior, a quem negaram por não ser branco, a mão de uma das filhas da terra, uma patriciã. Matrimonia-se com uma francêza. Antes, porém, deparando aquela que o repelira, entôa:

Enfim te vejo!—enfim posso,
Curvado a teus pés, dizer-te
Que não cessei de querer-te,
Pezar de quanto sofri.
Muito penei! Cruas ânsias,
Houveram-me acabrunhado
A não lembrar-me de ti!

Ao sair da provincia, na sua poesia—*Adeus* (aos meus amigos do Maranhão), como na sua *Canção do exilio* e outras, prevê a sua trágica morte, no meio das ondas.

Inda uma vêz, Adeus! Curtos instantes
De inefável prazer—horas bem curtas
De ventura e de paz fruí convosco:
Oasis que encontrei no meu deserto,
Tépido vale entre fragosas serras
Virente, derramado, foi a quadra
Da minha vida, que passei convosco.
Aqui de quanto amei, do que hei sofrido,
De tudo quanto almejo, espero, ou temo
Deslumbrado vivi!—Oh! quem me dera
Que entre vós outros me alvejasse a fronte,
E que eu morresse entre vós! Mas força oculta,
Irresistível, me persegue e impele.

E justamentê vai succumbir entre as águas, que tanto temia, avistando além, na fimbria do horizonte, as palmeiras do Maranhão:

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o sabiá

Fóra de qualquer dúvida,—Gonçalves Dias foi um vidente, um privilegiado, em toda a estensão da palavra.

E, ao dizer isto, compassiva e meiga, a aurora vinha abrindo as portas do oriente Despedindo-nos logo do poeta, beijámos os pés da

estátua.—primeiro preito de homenagem que na data do seu aniversário, se lhe rendia.

S. Luiz, 3—XI—920

PITÁGORAS G. DE MORAIS.

A Gonçalves Dias

*Melhor que a pedra rija e o bronze eterno,
Do que tudo melhor:
Ha de os se'los vencer grande e superno,
O teu canto de amor!*

*Não pôde o tempo a gloria aniquilar-te
Nem teu nome olvidar!
A terra em que nasceste ha de adorar-te,
Ouvindo o teu cantar!*

*Da raça de guerreiros descendente,
Tão forte e tão viril,
Tu vives, grande mestre, inteiramente,
No sangue do Brazil!*

Rio-novembro-1920.

HILTON FORTUNA.

RUI BARBOSA

Um dos maiores vultos da nossa história assistiu, neste mêz, ao transcorrer de mais um ano da vida luminosa.

Cérebro da pátria, génio da nossa raça, recebeu a glorificação do povo, por entre hossanas e cânticos frementes. O espirito popular, na sua justiça reconhece em Rui Barbosa o anjo tutelar da nação, o guia dos seus passos, a cuja voz, mais de uma vêz, tem avançado, certo da vitória ao torvelinho do combate.

Companheiro de Rio-Branco, *primus inter pares*, pela irradiação do seu génio ilumina a pátria, fazendo-a conhecida e acatada até aos confins da terra. Personificação do paiz, durante o regime republicano, é a sua vida e a sua glória.

Ai da pátria, se um dia, ante a fria foice da inexorável morte cair inanimado este sábio, fronte laureada de cabelos brancos,—embora

a vaguear sonâmbula, a brisa em murmúrios e o oceano em soluços, como se fosse a alma do poeta, fantasma branco, espirito de afogado a errar constante á procura do corco... Impressionámo-nos.

Em Gonçalves Dias, não se podia deixar de reconhecer um espirito superior, a quem negaram por não ser branco, a mão de uma das filhas da terra, uma patriciã. Matrimonia-se com uma francêza. Antes, porém, deparando aquela que o repelira, entôa:

Enfim te vejo!—enfim posso,
Curvado a teus pés, dizer-te
Que não cessei de querer-te,
Pezar de quanto sofri.
Muito penei! Cruas ânsias,
Houveram-me acabrunhado
A não lembrar-me de ti!

Ao sair da provincia, na sua poesia—*Adeus* (aos meus amigos do Maranhão), como na sua *Canção do exilio* e outras, prevê a sua trágica morte, no meio das ondas.

Inda uma vêz, Adeus! Curtos instantes
De inefável prazer—horas bem curtas
De ventura e de paz fruí convosco:
Oasis que encontrei no meu deserto,
Tépido vale entre fragosas serras
Virente, derramado, foi a quadra
Da minha vida, que passei convosco.
Aqui de quanto ameí, do que hei sofrido,
De tudo quanto almejo, espero, ou temo
Deslumbrado vivi!—Oh! quem me dera
Que entre vós outros me alvejasse a fronte,
E que eu morresse entre vós! Mas força oculta,
Irresistível, me persegue e impele.

E justamentê vai succumbir entre as águas, que tanto temia, avistando além, na fimbria do horizonte, as palmeiras do Maranhão:

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o sabiá

Fóra de qualquer dúvida,—Gonçalves Dias foi um vidente, um privilegiado, em toda a estensão da palavra.

E, ao dizer isto, compassiva e meiga, a aurora vinha abrindo as portas do oriente Despedindo-nos logo do poeta, beijámos os pés da

estátua.—primeiro preito de homenagem que na data do seu aniversário, se lhe rendia.

S. Luiz, 3—XI—920

PITÁGORAS G. DE MORAIS.

A Gonçalves Dias

*Melhor que a pedra rija e o bronze eterno,
Do que tudo melhor:
Ha de os séculos vencer grande e superno,
O teu canto de amor!*

*Não pôde o tempo a gloria aniquilar-te
Nem teu nome olvidar!
A terra em que nasceste ha de adorar-te,
Ouvindo o teu cantar!*

*Da raça de guerreiros descendente,
Tão forte e tão viril,
Tu vives, grande mestre, inteiramente,
No sangue do Brazil!*

Rio-novembro-1920.

HILTON FORTUNA.

RUI BARBOSA

Um dos maiores vultos da nossa história assistiu, neste mêz, ao transcorrer de mais um ano da vida luminosa.

Cérebro da pátria, génio da nossa raça, recebeu a glorificação do povo, por entre hossanas e cânticos frementes. O espirito popular, na sua justiça reconhece em Rui Barbosa o anjo tutelar da nação, o guia dos seus passos, a cuja voz, mais de uma vêz, tem avançado, certo da vitória ao torvelinho do combate.

Companheiro de Rio-Branco, *primus inter pares*, pela irradiação do seu génio ilumina a pátria, fazendo-a conhecida e acatada até aos confins da terra. Personificação do paiz, durante o regime republicano, é a sua vida e a sua glória.

Ai da pátria, se um dia, ante a fria foice da inexorável morte cair inanimado este sábio, fronte laureada de cabelos brancos,—embora

mudo, não continuar a orientar-nos !

Moisés do povo, encaminha-nos aos altos princípios da paz e da justiça, através do perpassar da nossa história. história. que deve ás rutilâncias do seu intellecto alguns dos mais belos padrões.

Seria necessário não ser brasileiro e sendo-o. não ser patriota. para se não estremecer a nobre figura de Rui Barbosa. a quem devemos toda a veneração.

Como legionários, pois, do Maranhão Atenas. vimos. por meio destas sumidas linhas, num ato de confraternização. trazer ao santo herói dos nossos corações, o nosso pequenino grão de incenso. humilde tributo de muita gratidão e muito amôr.



LAVINIA

Na imensa arena, de forma circular, perante um formidável número de espectadores, que iam assistir ao horrendo supplicio—grande quantidade de homens, mulheres e crianças esperavam, conformados, o momento supremo.

As mulheres, desgrenhadas, as vestes em farrapos, choravam dolorosamente pelos filhos, tão barbaramente arrancados ao seu carinho materno pelos terríveis esbirros. As virgens, nús, encobriam pudicamente os seios castos, que os terrores algôzes espuzeram, nús, aos olhares lúbricos da multidão, despojando-as dos vestidos das *pallæ*, que lhes cobriam as espáduas ebúrneas. Os homens, alguns mais rezignados, aguardavam estoicamente a morte cruel que lhes destinára Augusto, e olhavam serenamente para o alto, confiando-lhe a êle, ao deus misericordioso, a alma pura e santa.

Eram os cristãos, que os polícias acabavam de arrancar das vomitárias e contra os quais se revoltára o povo em massa,—pois eram êles os unicos culpados de todas as desgraças de Roma, ofendendo os deuses, que, por castigo, se indispunham contra a cidade, derramando sôbre ela as mais terríveis calamidades.

Um boiborinho de ansiedade percorria as galerias, onde, esperando apozento tspecial, engalanado em purpúra oriental, Nero, soberbo da sua túnica rial,

bordada a oiro, rodeado de cortezãos e cortezãs lúbricas, sorria, satisfeito, a olhar desdenhosamente a dôr humana, que palpitava ali, aos seus pés, naqueles mil cristãos, o mais cruel, o mais lancinante, o mais monstrozo de todos os fins.

Beluários, rígidos nos seus postos, suspiravam, silenciosamente, pela ordem para soltar as teras, que se moviam, impacientes, nas jáulas subalternas, zurzindo os flancos com as caudas, os olhos terríveis, acêsos numa gula de sangue...

A um dado sinal, abriram-se as jáulas e cinco formidaveis liões da Normândia, os olhos faiscantes, as grandes fauces vincadas num rictus feroz, arremassaram se furiozos ao encontro da tôrv massa de homens, mulheres e crianças, os quais, de rostos desfigurados, num pavor indizível. se prensaram uns nos outros, como procurando fugir aos olhares e aos ataques dos tremendos animais.

Nero, soberbo, indiferente, sorria...

Os liões, cada vez mais bebedos do sangue quente dos cristãos, davam maior ardor á sanha dos assaltos; com uma forte patada, abatiam a prêza, e postas sangrentas de carne viva se iam sumindo nas suas formidaveis bôcas, enquanto as unhas aguçadas iam rasgando avidamente o ventre, os braços, as pernas das vítimas.

Um cheiro acre de sangue inundava o ambiente.

Cadáveres estacelados jaziam aqui, ali, espalhados por toda a arena, uns desmembrados, outros decapitados, alguns ainda a estremecer numa nesga de vida...

Nero, sempre inditerente e frio, ante aquele repugnante espectáculo, sorria sempre...

A horrivel carnificina abrandou um momento Os liões, tartos da carne, bebedos de sangue, jaziam inertes, os olhos fixos na assistência, a lamber os focinhos ensanguentados.

—As pantéras ! Os tigres !... berrava a turba enorme, enquanto a quantidade ainda grande de cristãos esperava, com estoicismo, o reinício da carnificina, do supplicio, da morte...

Os beluários, crueis na prontidão dos seus movimentos e na execução das ordens, reabriram as jáulas—e logo meia dúzia de tigres e pantéras se arrojavam vertiginosamente sôbre a massa restante dos cristãos.

E a hedionda carnificina recomeçou,

mudo, não continuar a orientar-nos !

Moisés do povo, encaminha-nos aos altos princípios da paz e da justiça, através do perpassar da nossa história. história. que deve ás rutilâncias do seu intellecto alguns dos mais belos padrões.

Seria necessário não ser brasileiro e sendo-o, não ser patriota, para se não estremecer a nobre figura de Rui Barbosa, a quem devemos toda a veneração.

Como legionários, pois, do Maranhão Atenas, vimos, por meio destas sumidas linhas, num ato de confraternização, trazer ao santo herói dos nossos corações, o nosso pequenino grão de incenso, humilde tributo de muita gratidão e muito amôr.



LAVINIA

Na imensa arena, de fórma circular, perante um formidável número de espectadores, que iam assistir ao horrendo supplicio—grande quantidade de homens, mulheres e crianças esperavam, conformados, o momento supremo.

As mulheres, desgrenhadas, as vestes em farrapos, choravam dolorosamente pelos filhos, tão barbaramente arrancados ao seu carinho materno pelos terríveis esbirros. As virgens, nûas, encobriam pudicamente os seios castos, que os terrores algôzes espuzeram, nûs, aos olhares lúbricos da multidão, despojando-as dos vestidos das *pallæ*, que lhes cobriam as espáduas ebúrneas. Os homens, alguns mais rezignados, aguardavam estoicamente a morte cruel que lhes destinára Augusto, e olhavam serenamente para o alto, confiando-lhe a êle, ao deus misericordioso, a alma pura e santa.

Eram os cristãos, que os polícias acabavam de arrancar das vomitárias e contra os quais se revoltára o povo em massa,—pois eram êles os unicos culpados de todas as desgraças de Roma, ofendendo os deuses, que, por castigo, se indispunham contra a cidade, derramando sôbre ela as mais terríveis calamidades.

Um boiborinho de ansiedade percorria as galerias, onde, esperando apozento tspecial, engalanado em purpúra oriental, Nero, soberbo da sua túnica rial,

bordada a oiro, rodeado de cortezãos e cortezãs lúbricas, sorria, satisfeito, a olhar desdenhosamente a dôr humana, que palpitava ali, aos seus pés, naqueles mil cristãos, o mais cruel, o mais lancinante, o mais monstrozo de todos os fins.

Beluários, rígidos nos seus postos, suspiravam, silenciosamente, pela ordem para soltar as teras, que se moviam, impacientes, nas jáulas subalternas, zurzindo os flancos com as caudas, os olhos terríveis, acêsos numa gula de sangue...

A um dado sinal, abriram-se as jáulas e cinco formidaveis liões da Normândia, os olhos faiscantes, as grandes fauces vincadas num rictus feroz, arremassaram se furiozos ao encontro da tôrv massa de homens, mulheres e crianças, os quais, de rostos desfigurados, num pavor indizível, se prensaram uns nos outros, como procurando fugir aos olhares e aos ataques dos tremendos animais.

Nero, soberbo, indiferente, sorria...

Os liões, cada vez mais bebedos do sangue quente dos cristãos, davam maior ardor á sanha dos assaltos; com uma forte patada, abatiam a prêza, e postas sangrentas de carne viva se iam sumindo nas suas formidaveis bôcas, enquanto as unhas aguçadas iam rasgando avidamente o ventre, os braços, as pernas das vítimas.

Um cheiro acre de sangue inundava o ambiente.

Cadáveres estacelados jaziam aqui, ali, espalhados por toda a arena, uns desmembrados, outros decapitados, alguns ainda a estremecer numa nesga de vida...

Nero, sempre indifferente e frio, ante aquele repugnante espectáculo, sorria sempre...

A horrivel carnificina abrandou um momento. Os liões, tartos da carne, bebedos de sangue, jaziam inertes, os olhos fixos na assistência, a lamber os focinhos ensanguentados.

—As pantéras! Os tigres!... berrava a turba enorme, enquanto a quantidade ainda grande de cristãos esperava, com estoicismo, o reinício da carnificina, do supplicio, da morte...

Os beluários, crueis na prontidão dos seus movimentos e na execução das ordens, reabriram as jáulas—e logo meia dúzia de tigres e pantéras se arrojavam vertiginosamente sôbre a massa restante dos cristãos.

E a hedionda carnificina recomeçou,

renhida e sem tréguas, sob os olhares insaciáveis da multidão.

Um tigre, que conseguira apanhar, nas prêzas aguçadas, o corpo nú de uma formosa donzela, arrastou-a para o meio da arena e, depondo-o aí, uma das patas fincadas sobre o ventre ebúrneo, quedou-se imóvel, a olhar ferozmente a enorme assistência, que delirava.

A linda vítima, de uma belêza exuberante, as mãos cruzadas nos alvos seios, abriu os olhos, contemplou a turba, estática, silente, olhou para o alto, estendeu os lábios:

— Jesus!

Nero, deslumbrado ante a esplendente belêza daquela nudêz marmórea, estremeceu de súbito.

— Não, não podia ser! Aquela criatura, que jazia aos pés da téra, e que tão resignada encarava a Morte—não podia ser um ente mortal. Sim! Ele, Nero, todo poderoso, acabára de cometer um grande sacrilégio, mandando supliciar a filha de um deus!

Num supremo esforço, soltou um brado de horror:

— Salvem-a!... Em nome dos deuses imortais, salvem-a!...

O auditório inteiro tomou se de um grande movimento de estupetacção, em face daquele grito doloroso de Augusto.

A' voz de Nero, meia dúzia de beluários cairam sobre a féra. Esta, porém, cravando as unhas agudas no peito da vítima, abriu-o de lado a lado.

— Morta?... indagou Nero.

— Morta, Augusto! responderam os beluários, hirtos, perante o pasmo do imperador.

Nero, num desespero imenso, levou as mãos á cabeça, enquanto a enorme assistência, num deslúbramento mudo, contemplava o corpo escultural de Lavinia, maravilhosamente branco, divinamente artístico.

José D. BARBOSA.



SERTÃO

— DO ESPÉTRO SOLAR

I

*Lá no verde sertão minha alma agreste,
êbria de luz e aroma e liberdade,
de uma alegria triunfal se veste
lonje dos homens, lonje da cidade.*

*Pela campina verdejante investe,
cantando alegre um hino á mocidade,
entre os bois mansos, numa paz celeste,
sonha e é feliz naquela soledade ..*

*Em cada tronco vê um rosto amigo,
e no chilrio festivo das cigarras,
ouve o clarim da gloria ou do perigo.*

*Torna-se então sensível, meiga, boa,
do coração arranca as duras garras
do odio e os inimigos seus perdôa.*

II

*De madrugada, quando o sol não doira
ainda o teto de pindôba nova,
buscando o leite, corro á manjedoura
alegre a trautear travessa trova.*

*Um galo canta anunciando a loira
manhã que surge; a vida se renova
cantando pelas trilhas de lavoira
do céu risonho á mais profunda cova.*

*Bois mijem, geme a cana na moenda
por nosso bem supliciada... E' dia...
Recomeça a labuta na fazenda...*

*Passa um carro guaiando na devêza
e eu nos olhos dos bois leio a alegria
que ilumina a fecunda natureza.*

III

*Montado num cardão campeador,
invisto pelo campo em correria,
na ansia de, esquecendo a humana dôr,
saturar a minha alma de poesia...*

*Nada me prende, só, durante o dia
destemerozo, heril, dominador,
côrro, tal como corre a ventania,
veloz no meu campeiro corredor.*

*Por atavismo acorda-me na alma
o desejo de ver da imensidade
a mêta azul que para o além se espalma.*

*Loucura! .. e eu penso olhando o campo inteiro,
— Como é pequeno o môço da cidade
no imensuravel reino do vaqueiro!...*

IV

*E' bem meio dia. A luz inunda tudo
e tudo fica refulgente e loiro,
dir-se-ia que o campo amplo e versudo,
foi polvilhado fartamente de oiro ..*

*Eslático contemplo o quadro rudo
de belêza rial, como um teçoiro,
relumbrando num lago manso e mudo,
chispando na armação fina de um loiro.*

*Um gavião faz circulos no espaço,
o sol corusca, caustico, combusto,
trina vibrante um veio d'agua escasso...*

renhida e sem tréguas, sob os olhares insaciáveis da multidão.

Um tigre, que conseguira apanhar, nas prêzas aguçadas, o corpo nú de uma formosa donzela, arrastou-a para o meio da arena e, depondo-o aí, uma das patas fincadas sobre o ventre ebúrneo, quedou-se imóvel, a olhar ferozmente a enorme assistência, que delirava.

A linda vítima, de uma belêza exuberante, as mãos cruzadas nos alvos seios, abriu os olhos, contemplou a turba, estática, silente, olhou para o alto, estendeu os lábios:

— Jesus!

Nero, deslumbrado ante a esplendente belêza daquela nudêz marmórea, estremeceu de súbito.

— Não, não podia ser! Aquela criatura, que jazia aos pés da téra, e que tão resignada encarava a Morte—não podia ser um ente mortal. Sim! Ele, Nero, todo poderoso, acabára de cometer um grande sacrilégio, mandando supliciar a filha de um deus!

Num supremo esforço, soltou um brado de horror:

— Salvem-a!... Em nome dos deuses imortais, salvem-a!...

O auditório inteiro tomou se de um grande movimento de estupetacção, em face daquele grito doloroso de Augusto.

A' voz de Nero, meia dúzia de beluários cairam sobre a féra. Esta, porém, cravando as unhas agudas no peito da vítima, abriu-o de lado a lado.

— Morta?... indagou Nero.

— Morta, Augusto! responderam os beluários, hirtos, perante o pasmo do imperador.

Nero, num desespero imenso, levou as mãos á cabeça, enquanto a enorme assistência, num deslúbramento mudo, contemplava o corpo escultural de Lavinia, maravilhosamente branco, divinamente artístico.

José D. BARBOSA.



SERTÃO

— DO ESPÉTRO SOLAR

I

*Lá no verde sertão minha alma agreste,
êbria de luz e aroma e liberdade,
de uma alegria triunfal se veste
lonje dos homens, lonje da cidade.*

*Pela campina verlejante investe,
cantando alegre um hino á mocidade,
entre os bois mansos, numa paz celeste,
sonha e é feliz naquela soledade ..*

*Em cada tronco vê um rosto amigo,
e no chilrio festivo das cigarras,
ouve o clarim da gloria ou do perigo.*

*Torna-se então sensível, meiga, boa,
do coração arranca as duras garras
do odio e os inimigos seus perdôa.*

II

*De madrugada, quando o sol não doira
ainda o teto de pindôba nova,
buscando o leite, corro á manjedoura
alegre a trautear travessa trova.*

*Um galo canta anunciando a loira
manhã que surge; a vida se renova
cantando pelas trilhas de lavoira
do céu rizonho á mais profunda cova.*

*Bois mujem, geme a cana na moenda
por nosso bem supliciada... E' dia...
Recomeça a labuta na fazenda...*

*Passa um carro guaiando na devêza
e eu nos olhos dos bois leio a alegria
que ilumina a fecunda natureza.*

III

*Montado num cardão campeador,
invisto pelo campo em correria,
na ansia de, esquecendo a humana dôr,
saturar a minha alma de poesia...*

*Nada me prende, só, durante o dia
destemerozo, heril, dominador,
côrro, tal como corre a ventania,
velôz no meu campeiro corredor.*

*Por atavismo acorda-me na alma
o desejo de ver da imensidade
a mêta azul que para o além se espalma.*

*Loucura! .. e eu penso olhando o campo inteiro,
— Como é pequeno o môço da cidade
no imensuravel reino do vaqueiro!...*

IV

*E' bem meio dia. A luz inunda tudo
e tudo fica refulgente e loiro,
dir-se-ia que o campo amplo e versudo,
foi polvilhado fartamente de oiro ..*

*Eslático contemplo o quadro rudo
de belêza rial, como um teçoiro,
relumbrando num lago manso e mudo,
chispando na armação fina de um loiro.*

*Um gavião faz circulos no espaço,
o sol corusca, caustico, combusto,
trina vibrante um veio d'agua escasso...*

*E eu só, no campo, ouvindo vivas vózes,
vejo da vida nesse instante augusto,
a apoteóze das apoteózes l...*

V

*Da chapada no centro uma colina,
ergue-se tão graciosa como um seio
de virgem .. a ela córro num anseio,
de ao de cima revêr toda a campina.*

*Subo... que lindo ! .. que paizagem fina
e majestosa descortino: ao meio,
refulge ao sol imoto, calmo, cheio,
o lago d'agua verde, cristalina...*

*Perde-se o meu olhar, espaço a fóra...
tudo que vejo me deslumbra, tudo
me vivifica e anima e revigora.*

*Minhas oriens barbaras reajem...
transfigurado então, do cimo rudo,
sóto o grito de guerra do selvajem l...*

VI

*Tardinha, tudo toma tons tristonhos,
lá na curva sanguinea do poente,
causado de ferir prêlios medonhos,
o sol se deita e morre docemente...*

*Passam chilreando passaros bizonhos,
e a noite vem silenciosamente,
carregada de estrélas e de sombes,
caricioza, maternal, olente...*

*Cavalgo o meu cardão voltando a caza;
corri, campeei e canto, contemplando
o sol no ocazo arder como uma braza.*

*Um bêrro triste corta a soledade,
e eu nos olhos dos bois vejo, nadando,
uma dolorozissima saudade ..*

S. Luiz, X—IX—918.

REIS PERDIGÃO.

UM BRADO

(Ao INAUGURAR-SE O CONGRESSO ESTUDANTAL
DE SCIÊNCIAS E LETRAS)

Consócios:

A grandêza da vossa generosidade excedeu em muito a fraquêza dos meus requisitos intelêtuais. Ao deliberardes a escolha do meu nome, para presidir aos destinos desta assembléa, não reparastes na responsabilidade que me outorgaveis, nem sequer atentastes que a outro qualquer seria eficazmente confiada.

Pretendia tornar mais material do

que intelêtual a minha acção nesta casa, onde predomina, por certo, sôbre a inópia do meu saber, o brilho das vossas inteligências. Curvo-me, porém, á. vossa vontade, com o império que ela me inspira e ao vosso cavalheirismo, de que bem sei oriunda a distinção imerecida, fique aqui patenteado o mais sincero dos reconhecimentos.

Senhoras e senhores:—O nosso povo, prêso duma indizível morbidez psicológica, recebe sempre com uma indiferença apática a idéa da fundação de gremios literários. Esse descaso, tradutor fiel do seu scepticismo, contrasta vibrantemente, com a superioridade mental que o caracteriza, sazoadada pela belêza incomparável das suas riquêzas nativas

E' aqui, de feito, que a naturêza desdobra aos olhos de quem a observa a mais encantadora série de panoramas, na contemplação dos quais viceja uma coorte de espíritos grandiosos.

Numa dessas manhãs estivais, em que o azul desanuviado se ostenta na plenitude da sua sedução, á hora em que as almas juvenis sentem o desejo forte de voar e pairar bem alto, onde não alcance o eco das tribulações terrenas, numa dessas tardes melancólicas, em que tudo evoca uma saudade, ou numa dessas noites, em que o luar espalha a poesia do seu fulgor, negligenciemos um pouco esses devaneios e admiremos a sós a Naturêza: enxergaremos então, bem perto, o rial, um mundo pulcro, limitado por um horizonte sem ficções e cuja vista consola como uma religião.

O nosso céu, onde o sol deslumbra, já nas suas alvoradas de oiro, já nos seus poentes de sangue, onde as constelações scintilam de modo inegalável e onde a lua resplandece com o seu rutilar argentino, a arajem branda das florestas e o perfume que embalsama o ambiente das campinas; as laticências das açucenas em flôr e o matiz esquisito que cobre a relva dos campos; o murmúrio suave das ribeiras silvestres e as lágrimas de

*E eu só, no campo, ouvindo vivas vózes,
vejo da vida nesse instante augusto,
a apoteóze das apoteózes l...*

V

*Da chapada no centro uma colina,
ergue-se tão gracioza como um seio
de virjem .. a ela cõrro num anseio,
de ao de cima revêr toda a campina.*

*Subo... que lindo ! .. que paizajem fina
e majestozza descortino: ao meio,
refulje ao sol imoto, calmo, cheio,
o lago d'agua verde, cristalina...*

*Perde-se o meu olhar, espaço a fóra...
tudo que vejo me deslumbra, tudo
me vivifica e anima e revigora.*

*Minhas oriens barbaras reajem...
transfigurado então, do cimo rudo,
sóto o grito de guerra do selvajem l...*

VI

*Tardinha, tudo toma tons tristonhos,
lá na curva sanguinea do poente,
cansado de ferir prêlios medonhos,
o sol se deita e morre docemente...*

*Passam chilreando passaros bizonhos,
e a noite vem silenciosamente,
carregada de estrélas e de sombes,
caricioza, maternal, olente...*

*Cavalgo o meu cardão voltando a caza;
corri, campei e canto, contemplando
o sol no ocazo arder como uma brazza.*

*Um bêrro triste corta a soledade,
e eu nos olhos dos bois vejo, nadando,
uma dolorozissima saudade ..*

S. Luiz, X—IX—918.

REIS PERDIGÃO.

UM BRADO

(Ao INAUGURAR-SE O CONGRESSO ESTUDANTAL
DE SCIÊNCIAS E LETRAS)

Consócios:

A grandêza da vossa generosidade excedeu em muito a fraquêza dos meus requisitos intelêtuais. Ao deliberardes a escolha do meu nome, para presidir aos destinos desta assembléa, não reparastes na responsabilidade que me outorgaveis, nem sequer atentastes que a outro qualquer seria eficazmente confiada.

Pretendia tornar mais material do

que intelêtual a minha acção nesta casa, onde predomina, por certo, sôbre a inópia do meu saber, o brilho das vossas inteligências. Curvo-me, porém, á vossa vontade, com o império que ela me inspira e ao vosso cavalheirismo, de que bem sei oriunda a distinção imerecida, fique aqui patenteado o mais sincero dos reconhecimentos.

Senhoras e senhores:—O nosso povo, prêso duma indizível morbidez psicológica, recebe sempre com uma indiferença apática a idéa da fundação de gremios literários. Esse descaso, tradutor fiel do seu scepticismo, contrasta vibrantemente, com a superioridade mental que o caracteriza, sazoadada pela belêza incomparável das suas riquêzas nativas

E' aqui, de feito, que a naturêza desdobra aos olhos de quem a observa a mais encantadora série de panoramas, na contemplação dos quais viceja uma coorte de espíritos grandiosos.

Numa dessas manhãs estivais, em que o azul desanuviado se ostenta na plenitude da sua sedução, á hora em que as almas juvenis sentem o desejo forte de voar e pairar bem alto, onde não alcance o eco das tribulações terrenas, numa dessas tardes melancólicas, em que tudo evoca uma saudade, ou numa dessas noites, em que o luar espalha a poesia do seu fulgor, negligenciemos um pouco esses devaneios e admiremos a sós a Naturêza: enxergaremos então, bem perto, o rial, um mundo pulcro, limitado por um horizonte sem ficções e cuja vista consola como uma religião.

O nosso céu, onde o sol deslumbra, já nas suas alvoradas de oiro, já nos seus poentes de sangue, onde as constelações scintilam de modo inegalável e onde a lua resplandece com o seu rutilar argentino, a arajem branda das florestas e o perfume que embalsama o ambiente das campinas; as laticências das açucenas em flôr e o matiz esquisito que cobre a relva dos campos; o murmúrio suave das ribeiras silvestres e as lágrimas de

orvalho no cálice das plantas; a vi-
rência eterna dos pomares e a opu-
lência fantástica das matas; as seá-
ras loiras onde os arrozais ondu-
lam ao sopro da brisa e as flora-
ções de rosas, sôbre que adejam as
borbolêtas entontecidas; o chilo
gárrulo dos trovadores alados e as
canções estrídulas das cigarras; o
espelho de cristal da superficie dos
rios, onde se miram as estrêlas e
se desenham as paisajens da mon-
tanha, e a placidêz dos lagos, que
gôndolas sulcam nas noites enlua-
radas; a transparência lustral de
nossas fontes e as convulsões titâ-
nicas do mar—tudo, numa harmo-
nia edificante, num conjunto subli-
me, numa grandêza inefável, celebra
a prioridade egoistica da sua
poesia

Nesses mananciais perenes, ine-
xauríveis, beberam a linfa da ins-
piração os heróis da literatura, cu-
jos feitos nos assombram, cujas
acções nos arrebatam, cujas obras
nos elevam á culminância de um
verdadeiro êstase. No cadinho da
sua imaginação fecunda acrisola-
ram essas divicias, transformando-
as nos monumentos, que são a deli-
cia de quem os contempla e o or-
gulho de quem os traçou.

Entre nós, especialmeete, eram
incontáveis esses gênios. Dissertar
sôbre o norte de outrora seria tra-
tar do local em que se concentrava
a primazia da nossa intelêtual-
idade, seria descrever a página
mais radiante da nossa história li-
terária.

O atavismo, porém, só em parte
exercêu em nós a sua acção: con-
feriu-nos talentos privilegiados, mas
não nos legou aquele fervor que
abrazava os corações, nesse tem-
po, o qual se dissipou como uma
núvem bendita. Dir-se-ia que esta
cláusula—factor principal de tão
grande vitória—, foi arrebatada por
um cataclismo moral—e o menos-
prêzo pelas coisas do espírito por-
fia hoje com a ausência absoluta
de incentivo.

E' preciso pois, senhores, que
uma campanha sólida sacuda os gri-
lhões do marasmo que assoberba o
nosso povo. E' mistér que, ao invés

de prosseguirmos no caminho som-
brio e tétrico dêsse desânimo entor-
pecedor, trilhemos a senda oposta,
que é florida e luminosa, porque é
tambem a estrada luminosa e flo-
rida do bem e da verdade. Torna-
se necessário que não vivâmos ape-
nas das tradições de um passado
repleto de glórias, mas que marche-
mos á conquista de um futuro cheio
de bênçãos

Um povo, antes de ser glorioso,
tem que ser heroico; antes de ser
heroico, deve ser-se forte; antes de
ser forte, deve ser-se coêso. Da
união decorrerá naturalmente a for-
talêza, que o encorajará a caminhar
sem desvios. O heroismo removerá
quaisquer empecilhos e a glória
será um diadema de oiro, a coroar
tamanha obra.

Mas a maior glória de um povo
não está nas suas tradições bélicas,
porque essas as conseguiu êle á
custa do sangue de outras gentes;
o tesouro máximo das nações resi-
de nas tradições mentais, em que
se concretiza a magnitude total do
seu poderio, em que se vasa a gran-
deza inteira do seu povo. Para a
sua consecução, só se empregaram
meios benéficos e nobilitantes, só
se empenharam legiões de homens
superiores, tendo por gládio o cá-
lamo e por escudo a sciência.

Marchemos! Não nos deixemos
abater pelo suór do desalento que
procure humedecer as nossas fron-
tes; para que atinjâmos a eminência
de nossa aspiração, seja cada obs-
táculo um incentivo e cada desilusão
um ensejo para nova investida.

Necessitâmos do concurso de to-
dos—e esse nos será dado em gran-
de parte, porque uma campanha
em prol da renascença literária ha-
de ter, por fôrça, como adeptos os
espíritos seguros e os caratêres bem
constituídos.

Aqueles que, abrindo uma excê-
ção inglória, nos receberem com o
eterno sorriso da descrença, deixe-
mos que se enclausurem no próprio
ascetismo da sua inconsciência.

E amanhã, quando lá das bandas
do oriente surgir o sol, rubro e
vivificante, refratando-se na diafa-
neidade etérea, a contribuir, com o

orvalho no cálice das plantas; a vi-
rência eterna dos pomares e a opu-
lência fantástica das matas; as seá-
ras loiras onde os arrozais ondu-
lam ao sopro da brisa e as flora-
ções de rosas, sôbre que adejam as
borbolêtas entontecidas; o chilo
gárrulo dos trovadores alados e as
canções estrídulas das cigarras; o
espelho de cristal da superficie dos
rios, onde se miram as estrêlas e
se desenham as paisajens da mon-
tanha, e a placidêz dos lagos, que
gôndolas sulcam nas noites enlua-
radas; a transparência lustral de
nossas fontes e as convulsões titâ-
nicas do mar—tudo, numa harmo-
nia edificante, num conjunto subli-
me, numa grandêza inefável, celebra
a prioridade egoistica da sua
poesia

Nesses mananciais perenes, ine-
xauríveis, beberam a linfa da ins-
piração os heróis da literatura, cu-
jos feitos nos assombram, cujas
acções nos arrebatam, cujas obras
nos elevam á culminância de um
verdadeiro êstase. No cadinho da
sua imaginação fecunda acrisola-
ram essas divicias, transformando-
as nos monumentos, que são a deli-
cia de quem os contempla e o or-
gulho de quem os traçou.

Entre nós, especialmeete, eram
incontáveis esses gênios. Dissertar
sôbre o norte de outrora seria tra-
tar do local em que se concentrava
a primazia da nossa intelêtual-
idade, seria descrever a página
mais radiante da nossa história li-
terária.

O atavismo, porém, só em parte
exercêu em nós a sua acção: con-
feriu-nos talentos privilegiados, mas
não nos legou aquele fervor que
abrazava os corações, nesse tem-
po, o qual se dissipou como uma
núvem bendita. Dir-se-ia que esta
cláusula—factor principal de tão
grande vitória—, foi arrebatada por
um cataclismo moral—e o menos-
prêzo pelas coisas do espírito por-
fia hoje com a ausência absoluta
de incentivo.

E' preciso pois, senhores, que
uma campanha sólida sacuda os gri-
lhões do marasmo que assoberba o
nosso povo. E' mistér que, ao invés

de prosseguirmos no caminho som-
brio e tétrico dêsse desânimo entor-
pecedor, trilhemos a senda oposta,
que é florida e luminosa, porque é
tambem a estrada luminosa e flo-
rida do bem e da verdade. Torna-
se necessário que não vivâmos ape-
nas das tradições de um passado
repleto de glórias, mas que marche-
mos á conquista de um futuro cheio
de bênçãos

Um povo, antes de ser glorioso,
tem que ser heroico; antes de ser
heroico, deve ser-se forte; antes de
ser forte, deve ser-se coêso. Da
união decorrerá naturalmente a for-
talêza, que o encorajará a caminhar
sem desvios. O heroismo removerá
quaisquer empecilhos e a glória
será um diadema de oiro, a coroar
tamanha obra.

Mas a maior glória de um povo
não está nas suas tradições bélicas,
porque essas as conseguiu êle á
custa do sangue de outras gentes;
o tesouro máximo das nações resi-
de nas tradições mentais, em que
se concretiza a magnitude total do
seu poderio, em que se vasa a gran-
deza inteira do seu povo. Para a
sua consecução, só se empregaram
meios benéficos e nobilitantes, só
se empenharam legiões de homens
superiores, tendo por gládio o cá-
lamo e por escudo a sciência.

Marchemos! Não nos deixemos
abater pelo suór do desalento que
procure humedecer as nossas fron-
tes; para que atinjâmos a eminência
de nossa aspiração, seja cada obs-
táculo um incentivo e cada desilusão
um ensejo para nova investida.

Necessitâmos do concurso de to-
dos—e esse nos será dado em gran-
de parte, porque uma campanha
em prol da renascença literária ha-
de ter, por fôrça, como adeptos os
espíritos seguros e os caratêres bem
constituídos.

Aqueles que, abrindo uma excê-
ção inglória, nos receberem com o
eterno sorriso da descrença, deixe-
mos que se enclausurem no próprio
ascetismo da sua inconsciência.

E amanhã, quando lá das bandas
do oriente surgir o sol, rubro e
vivificante, refratando-se na diafa-
neidade etérea, a contribuir, com o

seu calor, para a vida universal—e a turba, contrária aos nossos ideais, esvair-se á na treva, e o astro-rei, legado ao olvido o desvarío iniquo, iluminará a estrada do dever, sôbre cuja areia fria palmilharão os eleitos da inteligência, cantando o hospitosa festival do seu triunfo.

DEOLINDO COUTO

DISCURSO

*pronunciado no teatro-cinema
Eden, em 28 de agosto de
1920, á noite.*

Minhas senhoras:

Meus senhores:

Era um reino antigo. Vasto e rico, de terra fecunda e muito laboriosa gente, o seu nome ecoava de boca em boca, por toda a visinhança, léguas e leguas em tórno, como o de uma pátria bendita, nova terra da Promissão, sagrada lande, abençoada pelo Senhor.

De facto, naquelas bandas, sementeira que se lançasse á vala, logo redundaria em farta seiva, capaz, por si só, de abarrotar os vastos, multiplicados celeiros da nação. E eram muitas as seáras. Da mesma tórma, guerreiro que se abalançasse a campo, para lutar, era de vêr o ardor, o denôdo que empregava durante o prélio arrojado e a serenidade, a alta confiança com que esperava a vitória, que não tardava em chegar. E fôra assim que, no largo decorrer dos anos, entre a admiração das gentes pasmadas, tantos e tantos triunfos se haviam ginho. Porque, enquanto os legionários, aguerridos, pela arena do inimigo passavam o terror e a morte, na ponta da lança e da espada, o lavrador ia-se á sega, para que não faltasse o pão, enquanto durasse o assanhado embate. E era feliz, assim, a gente loira da nação dos fortes, a que o velho rei, com seguro tino, adquirido no lento rodar do tempo, mandava do alto do seu castelo, faustoso como um canto oriental de fadas brancas.

Ora, uma vèz, forasteiros que tinham vindo á cidade por uma manhã de sol, seguidos por numerosa caravana, abastecida de riquêzas, carregada de oiro, começaram contando ás gentes a história longa de um tesoiro que lá existia, no

alto cimeiro de um monte, escabroso como nenhum, árido, pèco e deserto, onde não havia fio de água, nem florinhas respiravam aromas, batejando a sólo.

Fôra de certo aventura ousada, e muito de perigo, o subir essa montanha; mas, se alguém, um dia, o conseguisse, nem Sardanapalo o rivalizaria.

Abalaram-se, desde então, os animos do povo, e, conquanto muitas fossem as ambições, ninguém surgiu que se atirasse á emprêza heroica de sair em busca do tesoiro apregoado pelo viajor estranho e chegadoço.

Havia, porém, um grupo de homens, moços, rijos e fortes, que comungavam a mesma crença, na ánsia do mesmo Ideal.

Numa resolução repentina, tomaram a peito ir-se, á ventura, tentar a sorte, que talvez lhe não fosse esquivá e dêsse proveitos de alto valor. E assim, de uma vèz, alta noite, no ádito da capela rial, luz mortiça dos lampadários de oiro, a mão por sôbre a espada e sôbre os evangelhos, o olhar voltado para o altar, juraram não retornar á terra amada, sem de antemão haverem abastecido, com o oiro santo da montanha, os fundos altórges que levavam. E, entre o hiato da farândula, que lhe comentava o feito em segredares, a comitiva deixou a cidade pela porta do norte, rumo de além, a alma incendiada de esperanças e entebrecida de fé. Cada um levava, gravado á flôr dos lábios, á maneira de amulêto, o nome santo da sua dama esbelta e loira. E o sol, que levantava ao longe, no horizonte, a cabeça fulva, engrinaldada de luz, pareceu sorrir aos cavaleiros fortes, abençoando-lhes o temerário arranque de ousadia.

Era longa, entretanto, e dorida, a jornada. A montanha do encanto fazia lembrar as verdes mirajens do deserto, onde de quando em quando, no meio do areal adusto, cáustico de sol, surgem bosques aceitosos, de amena sombra e veios cristalinos. Vai o viajor alcançá-los e ei los que se refogem, voluveis, para logo aparecerem longe, no mesmo verde provocante e viçado; na mesma doçura, que é negaça fatal. Assim êles. Quanto mais se achegavam ás faldas do monte, mais êle fugia, deixando-lhes tão somente, na alma, o desespero da alucinação.

E foi tal a canseira dêsse prélio insano que já pelos caminhos começavam

seu calor, para a vida universal — e a turba, contrária aos nossos ideais, esvair-se á na treva, e o astro-rei, legado ao olvido o desvarío iniquo, iluminará a estrada do dever, sôbre cuja areia fria palmilharão os eleitos da inteligência, cantando o hospitosa festival do seu triunfo.

DEOLINDO COUTO

DISCURSO

*pronunciado no teatro-cinema
Eden, em 28 de agosto de
1920, á noite.*

Minhas senhoras:

Meus senhores:

Era um reino antigo. Vasto e rico, de terra fecunda e muito laboriosa gente, o seu nome ecoava de boca em boca, por toda a visinhança, léguas e leguas em tórno, como o de uma pátria bendita, nova terra da Promissão, sagrada lande, abençoada pelo Senhor.

De facto, naquelas bandas, sementeira que se lançasse á vala, logo redundaria em farta seiva, capaz, por si só, de abarrotar os vastos, multiplicados celeiros da nação. E eram muitas as seáras. Da mesma tórma, guerreiro que se abalançasse a campo, para lutar, era de vêr o ardor, o denôdo que empregava durante o prélio arrojado e a serenidade, a alta confiança com que esperava a vitória, que não tardava em chegar. E fôra assim que, no largo decorrer dos anos, entre a admiração das gentes pasmadas, tantos e tantos triunfos se haviam ginho. Porque, enquanto os legionários, aguerridos, pela arena do inimigo passavam o terror e a morte, na ponta da lança e da espada, o lavrador ia-se á sega, para que não faltasse o pão, enquanto durasse o assanhado embate. E era feliz, assim, a gente loira da nação dos fortes, a que o velho rei, com seguro tino, adquirido no lento rodar do tempo, mandava do alto do seu castelo, faustoso como um canto oriental de fadas brancas.

Ora, uma vêz, forasteiros que tinham vindo á cidade por uma manhã de sol, seguidos por numerosa caravana, abastecida de riquêzas, carregada de oiro, começaram contando ás gentes a história longa de um tesoiro que lá existia, no

alto cimeiro de um monte, escabroso como nenhum, árido, pêco e deserto, onde não havia fio de água, nem florinhas respiravam aromas, batejando a sólo.

Fôra de certo aventura ousada, e muito de perigo, o subir essa montanha; mas, se alguém, um dia, o conseguisse, nem Sardanapalo o rivalizaria.

Abalaram-se, desde então, os animos do povo, e, conquanto muitas fossem as ambições, ninguém surgiu que se atirasse á emprêza heroica de sair em busca do tesoiro apregoado pelo viajor estranho e chegadiço.

Havia, porém, um grupo de homens, moços, rijos e fortes, que comungavam a mesma crença, na ánsia do mesmo Ideal.

Numa resolução repentina, tomaram a peito ir-se, á ventura, tentar a sorte, que talvez lhe não fosse esquivada e desse proveitos de alto valor. E assim, de uma vêz, alta noite, no ádito da capela rial, luz mortiça dos lampadários de oiro, a mão por sôbre a espada e sôbre os evangelhos, o olhar voltado para o altar, juraram não retornar á terra amada, sem de antemão haverem abastecido, com o oiro santo da montanha, os fundos altôrges que levavam. E, entre o hiato da farândula, que lhe comentava o feito em segredares, a comitiva deixou a cidade pela porta do norte, rumo de além, a alma incendiada de esperanças e entebrecida de fé. Cada um levava, gravado á flôr dos lábios, á maneira de amulêto, o nome santo da sua dama esbelta e loira. E o sol, que levantava ao longe, no horizonte, a cabeça fulva, engrinaldada de luz, pareceu sorrir aos cavaleiros fortes, abençoando-lhes o temerário arranque de ousadia.

Era longa, entretanto, e dorida, a jornada. A montanha do encanto fazia lembrar as verdes mirajens do deserto, onde de quando em quando, no meio do areal adusto, cáustico de sol, surgem bosques aceitosos, de amena sombra e veios cristalinos. Vai o viajor alcançá-los e ei los que se refogem, voluveis, para logo aparecerem longe, no mesmo verde provocante e viçado; na mesma doçura, que é negaça fatal. Assim êles. Quanto mais se achegavam ás faldas do monte, mais êle fugia, deixando-lhes tão somente, na alma, o desespero da alucinação.

E foi tal a canseira desse prélio insano que já pelos caminhos começavam

caindo os mais fracos, vencidos, a arquejar, mortos de fome e sede. Dos muitos, que se tinham reunido em turba, poucos restavam. Mas, nesses, também se ia alastrando o desânimo, pouco a pouco, porque era sempre o mesmo tantálico suplicio de querer o monte, a todo o custo, e vê-lo arredic, cada vez mais.

Ora, entre os cavaleiros, um havia mais forte e déstro que, pela alta fôrça de que era senhor, resistia com facilidade aos rudes tormentos da jornada. E, enquanto os outros definhavam, era êle que os incitava, negaceando lhes o arrôjo, com a profética história do futuro triunfo, quando as turbas saíssem a recebê-los, de volta, carregados de ouro e bênçãos, a sua dama loira os esperasse, palpitante de amor, para conchegá los á mórna doçura do seio carinhoso e branco e depôr-lhe, sôbre a boca rubra, o desejado beijo nupcial

O afrouxamento de ânimos, porém, era intenso, e conquanto, a princípio, os companheiros lhe correspondessem ao apêlo, foi-se lhe depois, aos poucos, o valor das talas, que eram então recebidas com a mesma indifferença de quem leva aos lábios fartos um simples copo de água.

Mas o cavaleiro precisava de ir além, vencer os estórvos, embora á custa dos maiores sacrificios, dos mais duros holocáustos, contanto que lá chegasse um dia, tarde ou cedo, ao alto cimeiro do monte, onde os esperava, intacto, o grande e suspirado tesoiro. E assim, sciente de que os outros seriam sempre os mesmos, desalentados, medrosos da fadiga, tomou por melhor ir sózinho á méta final. Venceria! E partiu.

Longos dias e noites atravessou os areais adustos, de onde o sol, nas horas de forte canícula, inclemente como uma praga, arrancava áscuas de luz. Debalde os seus olhos buscavam, em volta, um réto em que o corpo achasse abrigo, migas de pão e goles de água fresca. As ondas de areia sucediam-se, umas ás outras, tófas, escaldantes. Mas o sofrimento não o enriquecia nunca, porque levava a alma voltada para o monte santo. E enquanto, em bagas, lhe descia o suor pelo rosto, rorejando-lhe a lustrosa barba môça, ia consigo mesmo antegossando os laureis do triunfo, confiante em que havia de vencer! E venceu. Uma

manhã, lavado pelo primeiro albor da luz, o colosso appareceu-lhe aos olhos, alto, sobranceiro, erguido a pique, como que aturoando com o cimeiro escabroso, o longinquo, setinoso azul do céu. Então, firmando-se na cela, desceu o elmo de aço, enristou a lança longa, e, esporeando o ginete, galgou pelas escarpas, direito ao cume do gigante abrupto. Ia disposto, pronto para a luta. Porque, na história do tesoiro, que os estrangeiros haviam contado, de passagem pela sua terra, havia a relação de investidas, batalhas tremendas, que teria de travar, pela encosta do monte, com perigosos adveisários, aquelle que se abalançasse ao risco de subi-la.

E vieram, de facto, as emboscadas, de mais a mais acrescidas de insultos, diatribes, assuadas renhidas, que fariam desesperado e tonto o mais santo e abnegado humano que se atrevesse por parajens tais. O cavaleiro subjugou tudo, entretanto. Em rápidos, fundos golpes de espada e lança, derrubou os inimigos, ao passo que, sempre escudado na sua vontade hercúlea, se fez surdo ao babariso da farânduba invejosa e estulta. E dois dias depois, quando o sol despertava e subia o altar do nascente, para a missa da manhã, o cavaleiro intrépido chegava ao cimo do monte, onde já o esperava, em areas de marfim, todo o prometido tesoiro, prémio a perseverança e fortalêza. E não só isso, mas ainda um séquito luzido se lhe aproximou. E dêle saiu um velho de longas barbas, alvas e crespas como a espuma. rei, por certo, daquelas terras misteriosas, que lhe entregou, por noiva, solenements, a loira, esbelta e linda dama que o seguia. Fantarras acompanhavam hinos, que o povo cantava, em unísono, espalhando-se aráutos, aos quatro ventos, para que anunciassem o grande feito do moço cavaleiro, ousado e forte.

Sr. Assis Garrido:—Entre essa lenda antiga e a vossa história de hoje, ha uma certa semelhança. O mesmo surto do moço cavaleiro anima o vosso espirito. O mesmo sonho que o levou a correr desertos, saltar escarpas e ferir batalhas, a vós vos impeliu á empreza em que, feliz, ora acabais de triunfar.

—A seguir.

caindo os mais fracos, vencidos, a arquejar, mortos de fome e sede. Dos muitos, que se tinham reunido em turba, poucos restavam. Mas, nesses, também se ia alastrando o desânimo, pouco a pouco, porque era sempre o mesmo tantálico suplicio de querer o monte, a todo o custo, e vê-lo arredic, cada vez mais.

Ora, entre os cavaleiros, um havia mais forte e déstro que, pela alta fôrça de que era senhor, resistia com facilidade aos rudes tormentos da jornada. E, enquanto os outros definhavam, era êle que os incitava, negaceando lhes o arrôjo, com a profética história do futuro triunfo, quando as turbas saíssem a recebê-los, de volta, carregados de ouro e bênçãos, a sua dama loira os esperasse, palpitante de amor, para conchegá los á mórna doçura do seio carinhoso e branco e depôr-lhe, sôbre a boca rubra, o desejado beijo nupcial

O afrouxamento de ânimos, porém, era intenso, e conquanto, a princípio, os companheiros lhe correspondessem ao apêlo, foi-se lhe depois, aos poucos, o valor das talas, que eram então recebidas com a mesma indifferença de quem leva aos lábios fartos um simples copo de água.

Mas o cavaleiro precisava de ir além, vencer os estórvos, embora á custa dos maiores sacrificios, dos mais duros holocáustos, contanto que lá chegasse um dia, tarde ou cedo, ao alto cimeiro do monte, onde os esperava, intacto, o grande e suspirado tesoiro. E assim, sciente de que os outros seriam sempre os mesmos, desalentados, medrosos da fadiga, tomou por melhor ir sózinho á méta final. Venceria! E partiu.

Longos dias e noites atravessou os areais adustos, de onde o sol, nas horas de forte canícula, inclemente como uma praga, arrancava áscuas de luz. Debalde os seus olhos buscavam, em volta, um réto em que o corpo achasse abrigo, migas de pão e goles de água fresca. As ondas de areia sucediam-se, umas ás outras, tófas, escaldantes. Mas o sofrimento não o enriquecia nunca, porque levava a alma voltada para o monte santo. E enquanto, em bagas, lhe descia o suor pelo rosto, rorejando-lhe a lustrosa barba môça, ia consigo mesmo antegossando os laureis do triunfo, confiante em que havia de vencer! E venceu. Uma

manhã, lavado pelo primeiro albor da luz, o colosso appareceu-lhe aos olhos, alto, sobranceiro, erguido a pique, como que aturoando com o cimeiro escabroso, o longinquo, setinoso azul do céu. Então, firmando-se na cela, desceu o elmo de aço, enristou a lança longa, e, esporeando o ginete, galgou pelas escarpas, direito ao cume do gigante abrupto. Ia disposto, pronto para a luta. Porque, na história do tesoiro, que os estrangeiros haviam contado, de passagem pela sua terra, havia a relação de investidas, batalhas tremendas, que teria de travar, pela encosta do monte, com perigosos adveisários, aquelle que se abalançasse ao risco de subi-la.

E vieram, de facto, as emboscadas, de mais a mais acrescidas de insultos, diatribes, assuadas renhidas, que fariam desesperado e tonto o mais santo e abnegado humano que se atrevesse por parajens tais. O cavaleiro subjugou tudo, entretanto. Em rápidos, fundos golpes de espada e lança, derrubou os inimigos, ao passo que, sempre escudado na sua vontade hercúlea, se fez surdo ao barbariso da farânduba invejosa e estulta. E dois dias depois, quando o sol despertava e subia o altar do nascente, para a missa da manhã, o cavaleiro intrépido chegava ao cimo do monte, onde já o esperava, em areas de marfim, todo o prometido tesoiro, prémio a perseverança e fortalêza. E não só isso, mas ainda um séquito luzido se lhe aproximou. E dêle saiu um velho de longas barbas, alvas e crespas como a espuma. rei, por certo, daquelas terras misteriosas, que lhe entregou, por noiva, solenements, a loira, esbelta e linda dama que o seguia. Fantarras acompanhavam hinos, que o povo cantava, em unísono, espalhando-se aráutos, aos quatro ventos, para que anunciassem o grande feito do moço cavaleiro, ousado e forte.

Sr. Assis Garrido:—Entre essa lenda antiga e a vossa história de hoje, ha uma certa semelhança. O mesmo surto do moço cavaleiro anima o vosso espirito. O mesmo sonho que o levou a correr desertos, saltar escarpas e ferir batalhas, a vós vos impeliu á empreza em que, feliz, ora acabais de triunfar.

—*A seguir.*

O NOSSO "PATRONO"

"As homenagens prestadas á memoria de Aluizio Azevedo, pelo Maranhão culto, ao receber os seus despójos, assumiram as proporções de verdadeira consagração".

(Do *Jornal*, —28—X—1919)

Foi em 1919.

Ainda se não completou bem um ano que foram trasladados para Atenas os despójos de Aluizio Azevedo e já se não fala mais em completar o resgate da dívida em aberto para com o intrépido revolucionador de 1881, o qual, revelando-se, precocemente, um grande artista, ateou um pavoroso incêndio na pacata, clerical e esericheana S. Luiz daqueles tempos, com a lava flamejante dêsse vulcão formidável—o *Mulato*...

As verdadeiras homenagens, as eloquentes e duradoiras homenagens que o Maranhão tem prestado aos seus inúmeros filhos ilustres, que tanta glória nos legaram, a nós, maranhenses e a nós, brasileiros, teem sido, infelizmente, quaze nenhuma. Não temos feito quaze nada; resta-nos fazer quaze tudo!...

Dos génios, verdadeiros glorificados da nossa história literária, só perpetuámos em mármore e bronze Gonçalves Dias, Odorico Mendes e João Lisbôa — unicamente tres, quando Henriques Lial no *Panteon Maranhense*, nos aponta uma luzida pleiada, isto sem nos referirmos aos bravos das últimas campanhas, brilhantes e vitoriosas

O bom gôsto de Henriques Lial, incansável nos seus empreendimentos dignificantes, documentando em livros e em monumentos o valor dos nossos antepassados, pela impossibilidade de erguer estátuas e bustos a todos os nossos grandes homens, fez que, no pedestal da palmeira em que se apoia o poeta do «Gigante de pedra», figurassem, em béllos medalhões, quatro figuras preeminentes, contemporâneas do

cantôr dos *Timbiras*—Odorico Mendes, Sotéro dos Reis, João Lisbôa, Gomes de Souza.

O primeiro passo dado para encher de estátuas o Maranhão a *Atenas Brasileira*, pelo menos as praças, da sua capital, aos pés das quais viessem curvar-se, reverentes as sucessivas gerações, ante as figuras másculas da nossa história, pareceu devêras promissôr. A primeira estátua foi talhada por mão de artista e erigida, com um acêrto incomparável, na praça das palmeiras, de onde o poeta sempre estático, fita o seu túmulo imenso, coberto pela azulina loiza do firmamento, embalado pela arajem que balançá as palmas vírides, de envolta com o gorgeio do sabiá seu amigo.

Infelizmente, porém, ao contrário do que se esperava, não apareceram novos plantaôres de monumentos béllos e eloquentes, como o a Gonçalves Dias.

Sem falarmos na herma de Odorico Mendes,—o intrépido tradutor de Virgilio e na estátua de Benedito Leite —o propugnadôr do ensino primário no estado—detenhâmos ligeiramente as vistas sôbre a de João Lisbôa, a última erigida, e comparemo-la com a primeira.

Que tremendo conflito de contrastes! Não taxâmos a obra brônzea de Magrou inferior á marmórea do escultôr da de Gonçalves Dias. Aludimos apenas aos pedestais: o desta, rodeado por medalhões expressivos, autêntico monumento, que homenageia cinco grandes vultos atenienses, enquanto que o daquêla, feito á pressa, operários a lavar mármore, dia e noite, defronte do antigo terraço do teatro S. Luiz, aí está, lamentavelmente, a gotejar lágrimas escuras de rôxo-terra das letras que foram doiradas, inseritas na véspera da inauguração, nas quatro faces daqueles três caixões, amontoados defronte do Carmo. Somentes o valôr assombrôzo do fulgurante publicista do *Jornal do Timon*, e o pêzo da cadeira em que o sentaram, lhes sustentam o equilibrio...

A estátua de João Lisbôa, que

O NOSSO "PATRONO"

"As homenagens prestadas á memoria de Aluizio Azevedo, pelo Maranhão culto, ao receber os seus despójos, assumiram as proporções de verdadeira consagração".

(Do *Jornal*, —28—X—1919)

Foi em 1919.

Ainda se não completou bem um ano que foram trasladados para Atenas os despójos de Aluizio Azevedo e já se não fala mais em completar o resgate da dívida em aberto para com o intrépido revolucionador de 1881, o qual, revelando-se, precocemente, um grande artista, ateou um pavoroso incêndio na pacata, clerical e esericheana S. Luiz daqueles tempos, com a lava flamejante dêsse vulcão formidável—o *Mulato*...

As verdadeiras homenagens, as eloquentes e duradoiras homenagens que o Maranhão tem prestado aos seus inúmeros filhos ilustres, que tanta glória nos legaram, a nós, maranhenses e a nós, brasileiros, tem sido, infelizmente, quase nenhuma. Não temos feito quase nada; resta-nos fazer quase tudo!...

Dos génios, verdadeiros glorificados da nossa história literária, só perpetuámos em mármore e bronze Gonçalves Dias, Odorico Mendes e João Lisboa — unicamente tres, quando Henriques Lial no *Panteon Maranhense*, nos aponta uma luzida pleiada, isto sem nos referirmos aos bravos das últimas campanhas, brilhantes e vitoriosas

O bom gôsto de Henriques Lial, incansável nos seus empreendimentos dignificantes, documentando em livros e em monumentos o valor dos nossos antepassados, pela impossibilidade de erguer estátuas e bustos a todos os nossos grandes homens, fez que, no pedestal da palmeira em que se apoia o poeta do «Gigante de pedra», figurassem, em béllos medalhões, quatro figuras preeminentes, contemporâneas do

cantôr dos *Timbiras*—Odorico Mendes, Sotéro dos Reis, João Lisboa, Gomes de Souza.

O primeiro passo dado para encher de estátuas o Maranhão a *Atenas Brasileira*, pelo menos as praças, da sua capital, aos pés das quais viessem curvar-se, reverentes as sucessivas gerações, ante as figuras másculas da nossa história, pareceu devêras promissôr. A primeira estátua foi talhada por mão de artista e erigida, com um acêrto incomparável, na praça das palmeiras, de onde o poeta sempre estático, fita o seu túmulo imenso, coberto pela azulina loiza do firmamento, embalado pela arajem que balançã as palmas vírides, de envolta com o gorgeio do sabiã seu amigo.

Infelizmente, porém, ao contrário do que se esperava, não apareceram novos plantaôres de monumentos béllos e eloquentes, como o a Gonçalves Dias.

Sem falarmos na herma de Odorico Mendes,—o intrépido tradutor de Virgilio e na estátua de Benedito Leite —o propugnadôr do ensino primário no estado—detenhâmos ligeiramente as vistas sôbre a de João Lisboa, a última erigida, e comparemo-la com a primeira.

Que tremendo conflito de contrastes! Não taxâmos a obra brônzea de Magrou inferior á marmórea do escultôr da de Gonçalves Dias. Aludimos apenas aos pedestais: o desta, rodeado por medalhões expressivos, autêntico monumento, que homenageia cinco grandes vultos atenienses, enquanto que o daquêla, feito á pressa, operários a lavar mármore, dia e noite, defronte do antigo terraço do teatro S. Luiz, aí está, lamentavelmente, a gotejar lágrimas escuras de rôxo-terra das letras que foram doiradas, inseritas na véspera da inauguração, nas quatro faces daqueles três caixões, amontoados defronte do Carmo. Somentes o valôr assombrôzo do fulgurante publicista do *Jornal do Timon*, e o pêzo da cadeira em que o sentaram, lhes sustentam o equilibrio...

A estátua de João Lisboa, que

podia alcançar ainda outro Henriques Lial, que lhe arranjassem um poizo onde o amparassem companheiros. como a Gonçalves Dias, para apreciarem os acontecimentos da sua terra, comparando-os aos do seu tempo teve a desilusão da quele abandono a que o atiraram ali, entre os frades carmelitas, a farmácia e a Predial do Paraizo, isto depois de se livrar de ser vendida em leilão na alfândega

Juntando a essas recordações a da vergonhoza permanência da estátua na entrada do palácio do governo, depozitário de pontas de charuto e restos de almôço da guarda, teremos feito uma narrativa sucinta do martirio a que o Maranhão destes ultimos tempos atirou a estátua da figura mais representativa dos tempos de antanho. Colige-se disto que, em Atenas, já se não liga quaze importância ás coisas que dizem respeito ás artes e ás letras

Será pois, uma estulticia nossa, uma esperança vã, aspirarmos a uma estátua ou um simples busto para Aluizio Azevedo, quer por iniciativa dos poderes publicos, quer dos particulares, ou ainda ambos em comum, não obstante haverem assumido proporções de verdadeira consagração as homenajens prestadas á sua memória, pelo Maranhão culto, ao receber os seus despojos!..

A consagração não passou das cerimónias obrigatórias: missa de ossos prezentes, sessão na Academia, uma edição da *Pacotilha* um segundo entêrro--e o pezado silêncio, o olvido ..

A prova do quanto se não importam com assuntos relevantes como o de homenajear condignamente os privilegiados do espírito vimo-la á chegada dos restos do autor do *Cortiço*, negando-se o comércio a cerrar as suas portas, como tambem no dia do funeral, enquanto que, á chegada ou passagem de delegações *footballers*, tudo acontece, como acorrem ao campo, onde são carregados em triunfo o *keeper* e os *backs* que bem *shotaram* e defenderam o seu *goal*... Quanto ao fêretro de Aluizio, no caminho da rampa á Sé,

ninguem appareceu disposto a carregar o precioso fardo. Apenas quatro *gatos pintados*, previamente pagos!

—Onde, pois, a alma do povo do Maranhão culto, da mocidade que devia fremir nesse dia, mais do que nos dias de vitória do seu clube de *football* ?!

Temos recebido e temos espedido delegações desportivas aos estados vizinhos. Do intercâmbio intelétual, entretanto, nunca se cogitou, ao menos com factos positivos.

Está na obrigação dos legionários depozitários do nosso futuro, guardas das nossas tradições, propugnar pelo ressurgimento da actual geração, depurando a de vicios para que, impelidos por uma forte dóze de energia, possâmos legar aos nossos porvindouros documentação em bronze e em mármore em escolas e em livros, em jornais e em revistas, nas nossas bibliotecas e muzeus que deveremos criar, de que tínhamos a nitida compreensão dos nossos deveres cívicos.

—Legionários, a postos!

* * *

Terminando esta revista ás nossas condições de verdadeira inércia e criminozo indiferentismo, apellamos para o nosso consócio senhor capitão prefeito do município afim de que se digne de mandar substituir as placas destinadas ás ruas Aluizio e Artur Azevedo (1) nomes que se deram, ha anos, por solicitação da Sociedade Literária Barão do Rio Branco aos ainda hoje bêcos ou ruas das Flôres e Mangueira, já que se negaram artérias mais importantes aos dois illustres e gloriozos filhos do Maranhão, a despeito de figurarem, em ruas principais, nomes de vultos de menor valia e noutras ainda nomes esdruxulos!

S. Luiz, XII-X-920.

JOAQUIM LUZ.

(1) — Já estavam escritas as palavras acima, quando verificámos terem sido colocadas as placas das ruas Aluizio e Artur Azevedo.

podia alcançar ainda outro Henriques Lial, que lhe arranjassem um poizo onde o amparassem companheiros. como a Gonçalves Dias, para apreciarem os acontecimentos da sua terra, comparando-os aos do seu tempo teve a desilusão da-quele abandono a que o atiraram ali, entre os frades carmelitas, a farmácia e a Predial do Paraizo, isto depois de se livrar de ser vendida em leilão na alfândega

Juntando a essas recordações a da vergonhoza permanência da estátua na entrada do palácio do govêrno, depozitário de pontas de charuto e restos de almôço da guarda, teremos feito uma narrativa sucinta do martirio a que o Maranhão destes ultimos tempos atirou a estátua da figura mais representativa dos tempos de antanho. Colige-se disto que, em Atenas, já se não liga quaze importância ás coisas que dizem respeito ás artes e ás letras

Será pois, uma estulticia nossa, uma esperança vã, aspirarmos a uma estátua ou um simples busto para Aluizio Azevedo, quer por iniciativa dos poderes publicos, quer dos particulares, ou ainda ambos em comum, não obstante haverem assumido proporções de verdadeira consagração as homenajens prestadas á sua memória, pelo Maranhão culto, ao receber os seus despojos!..

A consagração não passou das cerimónias obrigatórias: missa de ossos prezentes, sessão na Academia, uma edição da *Pacotilha* um segundo entêrro--e o pezado silêncio, o olvido ..

A prova do quanto se não importam com assuntos relevantes como o de homenajear condignamente os privilegiados do espírito vimo-la á chegada dos restos do autor do *Cortiço*, negando-se o comércio a cerrar as suas portas, como tambem no dia do funeral, enquanto que, á chegada ou passagem de delegações *footballers*, tudo acorre, como acorrem ao campo, onde são carregados em triunfo o *keeper* e os *backs* que bem *shotaram* e defenderam o seu *goal*... Quanto ao fêretro de Aluizio, no caminho da rampa á Sé,

ninguem appareceu disposto a carregar o preciozo fardo. Apenas quatro *gatos pintados*, previamente pagos!

—Onde, pois, a alma do povo do Maranhão culto, da mocidade que devia fremir nesse dia, mais do que nos dias de vitória do seu clube de *football* ?!

Temos recebido e temos espedido delegações desportivas aos estados vizinhos. Do intercâmbio intelétual, entretanto, nunca se cogitou, ao menos com factos positivos.

Está na obrigação dos legionários depozitários do nosso futuro, guardas das nossas tradições, propugnar pelo ressurgimento da actual geração, depurando a de vicios para que, impelidos por uma forte dóze de energia, possâmos legar aos nossos porvindoiros documentação em bronze e em mármore em escolas e em livros, em jornais e em revistas, nas nossas bibliotecas e muzeus que deveremos criar, de que tínhamos a nitida compreensão dos nossos deveres cívicos.

—Legionários, a postos!

* * *

Terminando esta revista ás nossas condições de verdadeira inércia e criminozo indiferentismo, apellamos para o nosso consócio senhor capitão prefeito do município afim de que se digne de mandar substituir as placas destinadas ás ruas Aluizio e Artur Azevedo (1) nomes que se deram, ha anos, por solicitação da Sociedade Literária Barão do Rio Branco aos ainda hoje bêcos ou ruas das Flôres e Mangueira, já que se negaram artérias mais importantes aos dois illustres e gloriozos filhos do Maranhão, a despeito de figurarem, em ruas principais, nomes de vultos de menor valia e noutras ainda nomes esdruxulos!

S. Luiz, XII-X-920.

JOAQUIM LUZ.

(1) — Já estavam escritas as palavras acima, quando verificámos terem sido colocadas as placas das ruas Aluizio e Artur Azevedo.

COLOMBO

Méa exigência protocolar, e nunca desejo de exibição, fez que também viesse abusar da vossa complacência alguns instantes, juntando os meus aos hossanas que entoais, glorificando a data de hoje.

Perfuntória tão somente é, pois, a minha acção nesta hora, em que se congraçam, numa verdadeira apoteóse, o esplendor do encanto feminino, espargindo uma luz estonteante, e o conjunto grandioso de tão escolhido auditório

Cristóvão Colombo é um dos mais edificantes exemplos de tática naval, de hombridade e sobretudo, de firmêza no querer que nos aponta a história. Foi naquele cérebro privilegiado que tomou vulto a idéa assombrosa da existência de um mundo novo, cheio de feéricas maravilhas e pompas inacabáveis. E foi aquele cérebro também que, com uma perseverança inigualável, soube sustentar até ao fim, uma campanha benéfica e gloriosa, para a conquista do seu ideal.

Lei incontestável, e que vemos ratificada a cada passo, é a da evolução, á qual se subordinam todos os factos da nossa vida. A Europa, no século XV, era o palco de um espectáculo extraordinário. Debatiam-se lá numa luta infrene, num prélio titânico todas as classes cujos horizontes se achavam vendados pela mesquinhêz do seu território. Desenhava-se ali, na sua plenitude mais uma prova exuberante de que a guerra é apanágio do progresso.

Os povos, consideravelmente aumentados com o decorrer irrefreável dos tempos procuravam, pelo auxílio das armas, a dilatação das suas fronteiras, onde se amontoavam em número incontável.

Começa então, a epopéa das navegações, que teve o seu centro na península Ibérica. Portugal conquista a supremacia marítima.— consequência lógica da grande obra do infante D. Henrique, dos seus astrónomos da sua marinhagem. Reuniam-se no promontório de Sa-

gres. Desmente-se a lenda absurda arcaica, da inacessibilidade do oceano ás averiguações humanas e, triunfalmente, a bandeira portugueza singra mares novos, ataviando as náus que partiam ao léo do altíssimo, rumo a terras ignotas

Acende-se o lumaréu fantástico de uma verdadeira odisséa de vitórias marítimas, e a inveja campeia sem jugo quando qualquer paiz realiza uma conquista.

Foi nessa época excéccional que surgiu a figura paraclética de Cristóvão Colombo, o genovêz intemerato, que restringiu ao mar a esfera dos seus sonhos. A longa prática das viagens, escreve o sr. Cândido Costa, a áctividade do seu génio aventureiro, os seus conhecimentos náuticos, encorajavam o para grandes empreendimentos marítimos. Mas a sua penúria opunha-se ao arrôjo da emprêza, que lhe não saía da imaginação

Sem esmorecer, contudo, e depois de várias tentativas, em que a miséria daqueles a quem recorria se mostrou inexcedível, conseguiu, afinal um ajuste com os soberanos espanhóis que lhe concederam uma frota para a sua grande emprêza. E foi com esse pequeno auxilio, e vencendo os maiores obstáculos, que sob ameaças, até de morte, chegou a pizar o novo mundo

E hoje, aí vemos o sonho de Colombo, metamorfoseado na mais palpável, tangível realidade

—
Senhoras minhas: —Permití que, terminando, vos saúde, a vós que emprestastes todo o fulgor da vossa sedução—á singelêza da nossa assembléa.

A mulher foi e será sempre o tema inspirador de todas as grandêzas, porque concretiza, na rutilância do olhar, na noite dos cabelos e no róseo das faces, tudo que a naturêza ostenta de mais sublime: pedaços de luar e de sol, sinfonias alacres de passarinhos, nostalgias infinitas de poentes.

E' justo, pois que, em cada um de nós ela tenha um advogado da causa que pretende equipará-la ao

COLOMBO

Méa exigência protocolar, e nunca desejo de exibição, fez que também viesse abusar da vossa complacência alguns instantes, juntando os meus aos hossanas que entoais, glorificando a data de hoje.

Perfuntória tão somente é, pois, a minha acção nesta hora, em que se congraçam, numa verdadeira apoteóse, o esplendor do encanto feminino, espargindo uma luz estonteante, e o conjunto grandioso de tão escolhido auditório

Cristóvão Colombo é um dos mais edificantes exemplos de tática naval, de hombridade e sobretudo, de firmêza no querer que nos aponta a história. Foi naquele cérebro privilegiado que tomou vulto a idéa assombrosa da existência de um mundo novo, cheio de feéricas maravilhas e pompas inacabáveis. E foi aquele cérebro também que, com uma perseverança inigualável, soube sustentar até ao fim, uma campanha benéfica e gloriosa, para a conquista do seu ideal.

Lei incontestável, e que vemos ratificada a cada passo, é a da evolução, á qual se subordinam todos os factos da nossa vida. A Europa, no século XV, era o palco de um espectáculo extraordinário. Debatiam-se lá numa luta infrene, num prélio titânico todas as classes cujos horizontes se achavam vendados pela mesquinhêz do seu território. Desenhava-se ali, na sua plenitude mais uma prova exuberante de que a guerra é apanágio do progresso.

Os povos, consideravelmente aumentados com o decorrer irrefreável dos tempos procuravam, pelo auxílio das armas, a dilatação das suas fronteiras, onde se amontoavam em número incontável.

Começa então, a epopéa das navegações, que teve o seu centro na península Ibérica. Portugal conquista a supremacia marítima.— consequência lógica da grande obra do infante D. Henrique, dos seus astrónomos da sua marinhagem. Reuniam-se no promontório de Sa-

gres. Desmente-se a lenda absurda arcaica, da inacessibilidade do oceano ás averiguações humanas e, triunfalmente, a bandeira portugueza singra mares novos, ataviando as náus que partiam ao léo do altíssimo, rumo a terras ignotas

Acende-se o lumaréu fantástico de uma verdadeira odisséa de vitórias marítimas, e a inveja campeia sem jugo quando qualquer paiz realiza uma conquista.

Foi nessa época excéccional que surgiu a figura paraclética de Cristóvão Colombo, o genovêz intemerrato, que restringiu ao mar a esfera dos seus sonhos. A longa prática das viagens, escreve o sr. Cândido Costa, a áctividade do seu génio aventureiro, os seus conhecimentos náuticos, encorajavam o para grandes empreendimentos marítimos. Mas a sua penúria opunha-se ao arrôjo da emprêza, que lhe não saía da imaginação

Sem esmorecer, contudo, e depois de várias tentativas, em que a mizéria daqueles a quem recorria se mostrou inexcedível, conseguiu, afinal um ajuste com os soberanos espanhóis que lhe concederam uma frota para a sua grande emprêza. E foi com esse pequeno auxilio, e vencendo os maiores obstáculos, que sob ameaças, até de morte, chegou a pizar o novo mundo

E hoje, aí vemos o sonho de Colombo, metamorfoseado na mais palpável, tangível realidade

—
Senhoras minhas:—Permití que terminando, vos saúde, a vós que emprestastes todo o fulgor da vossa sedução—á singelêza da nossa assembléa.

A mulher foi e será sempre o tema inspirador de todas as grandêzas, porque concretiza, na rutilância do olhar, na noite dos cabelos e no róseo das faces, tudo que a naturêza ostenta de mais sublime: pedaços de luar e de sol, sinfonias alacres de passarinhos, nostalgias infinitas de poentes.

E' justo, pois que, em cada um de nós ela tenha um advogado da causa que pretende equipará-la ao

sexo forte, tornando conhecidas, assim, as suas iniludíveis aptidões.

E' á luz irradiante dos seus olhos que se compõem esses assombrosos poemas de amor, como ao som da lira de Orfêu se amaciava a humanidade de outrora.

Recebei pois minhas patrícias, a expressão sincera do nosso reconhecimento, que bem sabemos nada valer, mas que partindo da juventude, não deve escutar-se com os ouvidos, mas ser ouvido com o coração.

WALTER SILVA.

O 12 DE OUTUBRO

Quando a generosidade de alguns consócios me distinguiu, para falar neste recinto vacilei, cheio de dúvida, sem saber se deveria fazê-lo.

E, dos obstáculos que me entibiavam, o maior era justamente a minha posição diante de vós, minhas senhoras e meus senhores, posição do sertanejo ignoto, surtido, há pouco, de um dos mais longínquos recantos do estado onde embóra a naturêza conceba os mais admiráveis talentos e inspire os mais belos poemas, faltam, e completamente, as fagulhas benéficas da instrução e as centelhas vivificantes do progresso.

O meu embaraço, entretanto desfez-se logo: reacendeu-se na minha alma a lembrança de que um coração mção nunca deve fugir a estas demonstrações de patriotismo, ainda mais hoje, depois que esse grande sonhador—Olavo Bilac, pelas cintilações da sua pena majestosa, tecêu o elogio mais perfeito do verdadeiro amôr da pátria.

Pátria! palavra que exprime tudo o que ha de mais belo, sublime e grandioso! Quantos não teem sido os atos heroicos, realizados pela inteligência humana, tão somente para a glorificação da terra berço!

Folheai o livro da História, e vereis, em cada uma das suas páginas, um glorioso rasgo de patriotismo, feito com sacrificio de bens,

de sangue, de vida, em suma Pela pátria, destemidos conquistadores sulcam as ondas enfurecidas dos mares, escalam os píncaros escabrosos das montanhas, embrenham-se no seio virgem das florestas levando sempre no coração a esperança da vitória, a ambição de vencer.

E que exemplo mais edificante do que esse que se nos depara no triunfo magnifico do intrépido navegador genovêz, cuja memória se celebrará, hoje, em todos os recantos do mundo civilizado!

Sedento de glória, arrostando as maiores dificuldades, pretendia conquistar terras. Sem elementos, implorou auxilio. Mas ninguem, dos que o poderiam favorecer, deu crédito aos seus intentos. Firme na sua convicção, não se deixou esmorecer. Desiludido dos poderes de Portugal, onde se aparelhára, corre ao seu paiz e á Inglaterra, os quais tambem repelem os seus projetos. E, assim oito anos de inuteis solicitações se passaram...

Mas Colombo era de uma tenacidade extraordinária. Essas repulsa longe de o desvanecer, mais o reanimavam. Persistindo sempre, obteve, enfim, três pequenos navios—e, com esta diminuta fróta, ei-lo que parte, sem mais delongas, á busca do desconhecido.

Descrever-vos o que se deu nessa arrojada viagem, não o póde uma inteligência pobre. Só um talento privilegiado saberia delinear, com perfeição, o horrivel quadro do cataclismo da tempestade, quando a náu se precipita das alturas e vem tombar, submissa, no seio das vagas procelosas, ao sabor do vento que sibila forte, castigando o cóncavo das vélas que se despedaçam, gemendo, no ranger das enxárcias pendentes dos mastros. Colombo no entanto, segue esperançoso. E, no meio do terrivel precipício considera-se feliz.

Mais tarde, aterrorizada e descrente, a marinhagem subleva-se, quer forçá-lo a retroceder. Verdadeiro apóstolo da sua ambição, o grande navegador desdobra se em promessas de oiro aos incrédulos,

sexo forte, tornando conhecidas, assim, as suas iniludíveis aptidões.

E' á luz irradiante dos seus olhos que se compõem esses assombrosos poemas de amor, como ao som da lira de Orfêu se amaciava a humanidade de outrora.

Recebei pois minhas patrícias, a expressão sincera do nosso reconhecimento, que bem sabemos nada valer, mas que partindo da juventude, não deve escutar-se com os ouvidos, mas ser ouvido com o coração.

WALTER SILVA.

O 12 DE OUTUBRO

Quando a generosidade de alguns consócios me distinguiu, para falar neste recinto vacilei, cheio de dúvida, sem saber se deveria fazê-lo.

E, dos obstáculos que me entibiavam, o maior era justamente a minha posição diante de vós, minhas senhoras e meus senhores, posição do sertanejo ignoto, surtido, há pouco, de um dos mais longínquos recantos do estado onde embóra a naturêza conceba os mais admiráveis talentos e inspire os mais belos poemas, faltam, e completamente, as fagulhas benéficas da instrução e as centelhas vivificantes do progresso.

O meu embaraço, entretanto desfez-se logo: reacendeu-se na minha alma a lembrança de que um coração mção nunca deve fugir a estas demonstrações de patriotismo, ainda mais hoje, depois que esse grande sonhador—Olavo Bilac, pelas cintilações da sua pena majestosa, tecêu o elogio mais perfeito do verdadeiro amôr da pátria.

Pátria! palavra que exprime tudo o que ha de mais belo, sublime e grandioso! Quantos não teem sido os atos heroicos, realizados pela inteligência humana, tão somente para a glorificação da terra berço!

Folheai o livro da História, e vereis, em cada uma das suas páginas, um glorioso rasgo de patriotismo, feito com sacrificio de bens,

de sangue, de vida, em suma Pela pátria, destemidos conquistadores sulcam as ondas enfurecidas dos mares, escalam os píncaros escabrosos das montanhas, embrenham-se no seio virgem das florestas levando sempre no coração a esperança da vitória, a ambição de vencer.

E que exemplo mais edificante do que esse que se nos depara no triunfo magnifico do intrépido navegador genovêz, cuja memória se celebrará, hoje, em todos os recantos do mundo civilizado!

Sedento de glória, arrostando as maiores dificuldades, pretendia conquistar terras. Sem elementos, implorou auxilio. Mas ninguem, dos que o poderiam favorecer, deu crédito aos seus intentos. Firme na sua convicção, não se deixou esmorecer. Desiludido dos poderes de Portugal, onde se aparelhára, corre ao seu paiz e á Inglaterra, os quais também repelem os seus projetos. E, assim oito anos de inúteis solicitações se passaram...

Mas Colombo era de uma tenacidade extraordinária. Essas repulsa longe de o desvanecer, mais o reanimavam. Persistindo sempre, obteve, enfim, três pequenos navios—e, com esta diminuta fróta, ei-lo que parte, sem mais delongas, á busca do desconhecido.

Descrever-vos o que se deu nessa arrojada viagem, não o póde uma inteligência pobre. Só um talento privilegiado saberia delinear, com perfeição, o horrivel quadro do cataclismo da tempestade, quando a náu se precipita das alturas e vem tombar, submissa, no seio das vagas procelosas, ao sabor do vento que sibila forte castigando o cóncavo das vélas que se despedaçam, gemendo, no ranger das enxárcias pendentes dos mastros. Colombo no entanto, segue esperançoso. E, no meio do terrivel precipício considera-se feliz.

Mais tarde, aterrorizada e descrente, a marinhagem subleva-se, quer forçá-lo a retroceder. Verdadeiro apóstolo da sua ambição, o grande navegador desdobra se em promessas de oiro aos incrédulos,

e pinta-lhes o deslumbramento da conquista. Seduzidos pela riqueza prometida, tranquilizam-se. E a 12 de outubro de 1492 após uma longa e perigosa travessia de mais de dois mezes, desembarcavam, triunfantes numa das pequenas Lucáias.

Foi assim que do desconhecido, surgiu o Novó Mundo, óntem um território bruto, qual diamante estraido do seio das minas,—hoje, pedra lapidada refulgente espargindo por todo o universo as irradiações da sua luz intensa

Que grande exemplo de corajem e perseverança, o de Colombo! Imitemo-lo, e o Brazil deixará cair por terra toda e qualquer abstração a que ainda se ache prêso, e felizes e gloriosos, marcharemos, a cantar hinos de vitória, para um porvir delicioso.

MATA ROMA

A romajem goncalvina

No paganismo romano, como no grego, na idolatria cega quão grosseira dos povos antigos da Europa iluminada, os génios humanos subiam á categoria de deuses. Nós, que já estamos inteirados nos assuntos teológicos, poderíamos criticar o modo de proceder dos filhos da arte e dos filhos da guerra, dos predilectos de Palas como dos escolhidos de Aris.

Mas a palavra embarga se-nos, e não ousa investir, quando vemos que, por sob esse fanatismo rude, se achava, antes de tudo, um primordial factor,—a gratidão!

Era a gratidão dêsse povo, pelos cidadãos illustres, que os levava a adorá-los, como semi-deuses! E nada de mais belo houvera nos seus costumes! Ser-se grato é um dever que nos impõe o tribunal do nosso amor proprio—a consciência! Ser-se grato é mostrar, num gesto, numa palavra, o coração, reverente, ante o benfeitor! Ser-se grato é saber cobrir o afêto com a púrpura sublime do reconhecimento, que brota, na sensibilidade da lma ahumana! Ser-se grato não é um dever social: é um dever todo espiritual!...

E eis porque esses povos da idade antiga, não encontrando alguma coisa, no orbe inteiro, com cujo valor pagassem os

feitos benemêritos dos seus irmãos illustres, eis porque buscavam tronos idealizados, e lhos davam, como assento de glória, a êles, aos seus maiores!

Pois bem: desta altura, que se apresenta, como altar augusto, ousou interromper, por um pouco, a vossa marcha alegre e interrogar-vos: —*Quo vadis?*..

Ah! *Quo vadis!*.. Nós vamos á immortalidade do Olimpo juvenil, a depositar beijos de irmãos queridos aos pés do Poeta! Nós vamos envolvê-lo na voz dulcissima, que irrompe, em meigos sons, do nosso peito de filhas da adolescência! Vamos contemplar, com os lábios trémulos, a sua imajem tristonha, que se eleva, entre as palmeiras verdejantes, o seu grande atrativo de cantor!

Ah! *Quo vadis?*.. Vamos render homenagem ao filho das musas, que Fébo depositou no torrão maranhense! Vamos fazer que a luz das nossas retinas dardeje, em auréola resplandescente, sôbre a sua divina cabeça!

Sim, é isso o que ides fazer, e o que os vossos olhos me inspiram. E' a gratidão que vos arrasta para junto de Gonçalves Dias, o poeta doloroso, a oferecer-lhe, num visionário enlêvo de amor, enternecido, corôis que se formulam com os hinos que sobem de vós, a bafejar a sua imajem!...

O vosso cortejo, senhores, assemelha-se, aos meus olhos, com os que, religiosamente, se dirigiam ao lugar mais sacrossanto de toda a Grécia antiga. Era em Delfos: o templo surtuoso de Apolo erguia-se, admirável, edificado de mármore fulvo, como alabastro. Com o seu frontispicio talhado pelas mãos mais habeis dos artistas de Péricles, sereño e impávido, desvendava-se altaneiro! O povo, trajado de branco, elevando os sons das suas harpas á moradia sagrada, cheia de rosas, as mais formosas da Beócia, buscava ouvir do oráculo divino as profecias. Aqueles cortejos eram, espiritualmente, sublimes! Fazia-se mistér adorar um deus—Apolo, a sabedoria olimpica!

Vós quereis, na vossa formatura, imitá-los. Não ides idolatrar um Alá da mitologia. Ides, porém, homenagear o grande cantor das *Americanas* e dos *Timbiras*!...

A voz serenissima dessas musas da terra, musas cujas retinas brilham, de luz inapagável, e cujos lábios humidos e vermelhos, como a flôr da romanzeiro, trê-

e pinta-lhes o deslumbramento da conquista. Seduzidos pela riqueza prometida, tranquilizam-se. E a 12 de outubro de 1492 após uma longa e perigosa travessia de mais de dois mezes, desembarcavam, triunfantes numa das pequenas Lucáias.

Foi assim que do desconhecido, surgiu o Novó Mundo, óntem um território bruto, qual diamante estraido do seio das minas,—hoje, pedra lapidada refulgente espargindo por todo o universo as irradiações da sua luz intensa

Que grande exemplo de corajem e perseverança, o de Colombo! Imitemo-lo, e o Brazil deixará cair por terra toda e qualquer abstração a que ainda se ache prêso, e felizes e gloriosos, marcharemos, a cantar hinos de vitória, para um porvir delicioso.

MATA ROMA

A romajem goncalvina

No paganismo romano, como no grego, na idolatria cega quão grosseira dos povos antigos da Europa iluminada, os génios humanos subiam á categoria de deuses. Nós, que já estamos inteirados nos assuntos teológicos, poderíamos criticar o modo de proceder dos filhos da arte e dos filhos da guerra, dos predilectos de Palas como dos escolhidos de Aris.

Mas a palavra embarga se-nos, e não ousa investir, quando vemos que, por sob esse fanatismo rude, se achava, antes de tudo, um primordial factor,—a gratidão!

Era a gratidão dêsse povo, pelos cidadãos illustres, que os levava a adorá-los, como semi-deuses! E nada de mais belo houvera nos seus costumes! Ser-se grato é um dever que nos impõe o tribunal do nosso amor proprio—a consciéncia! Ser-se grato é mostrar, num gesto, numa palavra, o coração, reverente, ante o benefeitor! Ser-se grato é saber cobrir o afêto com a púrpura sublime do reconhecimento, que brota, na sensibilidade da lma ahumana! Ser-se grato não é um dever social: é um dever todo espiritual!...

E eis porque esses povos da idade antiga, não encontrando alguma coisa, no orbe inteiro, com cujo valor pagassem os

feitos benemêritos dos seus irmãos illustres, eis porque buscavam tronos idealizados, e lhos davam, como assento de glória, a êles, aos seus maiores!

Pois bem: desta altura, que se apresenta, como altar augusto, ousou interromper, por um pouco, a vossa marcha alegre e interrogar-vos: —*Quo vadis?*..

Ah! *Quo vadis!*.. Nós vamos á immortalidade do Olimpo juvenil, a depositar beijos de irmãos queridos aos pés do Poeta! Nós vamos envolvê-lo na voz dulcissima, que irrompe, em meigos sons, do nosso peito de filhas da adolescência! Vamos contemplar, com os lábios trémulos, a sua imajem tristonha, que se eleva, entre as palmeiras verdejantes, o seu grande atrativo de cantor!

Ah! *Quo vadis?*.. Vamos render homenagem ao filho das musas, que Fébo depositou no torrão maranhense! Vamos fazer que a luz das nossas retinas dardeje, em auréola resplandescente, sôbre a sua divina cabeça!

Sim, é isso o que ides fazer, e o que os vossos olhos me inspiram. E' a gratidão que vos arrasta para junto de Goncalves Dias, o poeta doloroso, a oferecer-lhe, num visionário enlêvo de amor, enternecido, corôis que se formulam com os hinos que sobem de vós, a bafejar a sua imajem!...

O vosso cortejo, senhores, assemelha-se, aos meus olhos, com os que, religiosamente, se dirigiam ao lugar mais sacrossanto de toda a Grécia antiga. Era em Delfos: o templo surtuoso de Apolo erguia-se, admirável, edificado de mármore fulvo, como alabastro. Com o seu frontispicio talhado pelas mãos mais habeis dos artistas de Péricles, sereno e impávido, desvendava-se altaneiro! O povo, trajado de branco, elevando os sons das suas harpas á moradia sagrada, cheia de rosas, as mais formosas da Beócia, buscava ouvir do oráculo divino as profecias. Aqueles cortejos eram, espiritualmente, sublimes! Fazia-se mistér adorar um deus—Apolo, a sabedoria olimpica!

Vós quereis, na vossa formatura, imitá-los. Não ides idolatrar um Alá da mitologia. Ides, porém, homenagear o grande cantor das *Americanas* e dos *Timbiras*!...

A voz serenissima dessas musas da terra, musas cujas retinas brilham, de luz inapagável, e cujos lábios humidos e vermelhos, como a flôr da romanzeiro, trê-

mem e vibram no coração palpitante, substituem daqueles os sons do gemer melodioso das harpas gregas!

Os helenos curvaram-se, ante os «eternos moradores do Olimpo», entre os rígidos muros do mármore. Vós ides render preito a Gonçalves Dias, a um dos seus eleitos, num templo ornamentado, tão só, pela naturêza!

Ide! levando na alma um só ideal,—o dizer, ao mestre bem amado, que ainda não vo-lo esqueceste. Ide! e dizei, altamente, ao poeta divino, representado, naquela estátua de amargura, a gratidão, sempre viva, dos corações maranhenses! Ide! alegres, cantando hossanas, por toda a parte! E deslizem, placidamente, levados pelas mansas brisas, por toda a cidade, ajudando-nos a despertar este povo do indiferentismo que nos envergonha; deslizem, até ao tundo do nosso espirito, e faça-se de novo ecoar!

E, por fim, ao poeta supremo, ao Fêbo Jesta Brasileira Atenas, ao espôso da divina Erato, mostrai-vos enternecidos, e, nos vossos lábios nacarados, desabrochem, sucessivamente, ante o seu vulto, as flôres gentis com que se orna a mais meiga das filhas do sentimento humano — a gratidão!...

ANTÔNIO VIANA DE SOUZA.

IDIlios

Para o Walker Silva

Ia já pelo meado o mês de abril, com as suas múltiplas belêzas de uma naturêza exuberante e seductôra.

E, numa dessas manhãs de sol rubro, quando a passarada alegre e irrequieta, trêfega e palradora, aos bandos, num constante e suave bater de azas, num esvoaçar sorridente, bailava, de arvoredos em arvoredos; quando o vento, sussurrante, fazia tremular os pequeninos arbustos, farfalhando, suavemente, os leques das esguias palmeiras, notava-se na Casa Grande da Boa Esperança — a calma fazenda — uma azáfama, um vaivem fóra do comum. Via-se que alguma coisa de extraordinário se passava ali, alterando-lhe os costumes.

O pátio, se bem que de sempre cuidadosamente tratado, com o al-

vorecer dêsse dia, tomára outro aspecto, mostrando-se melhor zelado, apresentando, ainda, aqui e acolá, de quando em quando, lindos arcos de folhas verdes, que lhe emprestavam um suntuoso tom de avenida. Toda a fazenda se movia, desde as estradas, que estavam sendo batidas a capricho, até á Casa Grande, que se ostentava soberba, com um todo festivo, prenúncio de acontecimento feliz.

E' que estava noiva Leonôr, — a linda Leonôr, a filha mais nova e mais estimada do proprietário da situação, — o major Bernardo, homem dos seus cincoenta anos, ainda forte, duma constituição rija, invejável, e que, á primeira vista, parecia ter, quando muito, uns quarenta.

Distante da Boa Esperança, a terra natal de Leonôr, umas duas léguas, apenas, havia outra herdade — Humaitá, residência da familia Oliveira, gente pacifica e bôa, cujo chefe, o esteio da casa, no dizer pitoresco e verdadeiro do cabôclo, morrêra havia anos deixando para os seus, além de alguns imóveis, o necessário para uma modesta e sossegada vida no campo —, um nome respeitável, herança preciosa, que conseguira obter na sua vida, toda cheia de atos benfazejos, onde cada passagem recorda um exemplo de honestidade, de perseverança, de bondade.

Alvaro, um dos filhos dos situários da Humaitá, e que substituíra o velho chefe, nessa casa, onde a felicidade como que pairava e sorria a cada canto, era o venturoso noivo de Leonôr, a joia de mais preço e de maior brilho de toda aquela redondêza; a graça, o encanto de tudo e de todos; Leonôr, a meiga sertaneja de olhos pretos e brilhantes, vivazes e tentadores, lânguidos e tão cheios dessa dolência que nos faz sonhar, idiliar umas tantas fantasias; de faces dum moreno róseo, assetinado; de lábios purpúreos, rosas entreabertas, mansamente, pela manhã, antes de receberem o beijo quente e casto do sol, rescendendo perfumes.

.....

mem e vibram no coração palpitante, substituem daqueles os sons do gemer melodioso das harpas gregas!

Os helenos curvaram-se, ante os «eternos moradores do Olimpo», entre os rígidos muros do mármore. Vós ides render preito a Gonçalves Dias, a um dos seus eleitos, num templo ornamentado, tão só, pela naturêza!

Ide! levando na alma um só ideal,—o dizer, ao mestre bem amado, que ainda não vo-lo esqueceste. Ide! e dizei, altamente, ao poeta divino, representado, naquela estátua de amargura, a gratidão, sempre viva, dos corações maranhenses! Ide! alegres, cantando hossanas, por toda a parte! E deslizem, placidamente, levados pelas mansas brisas, por toda a cidade, ajudando-nos a despertar este povo do indiferentismo que nos envergonha; deslizem, até ao tundo do nosso espirito, e faça-se de novo ecoar!

E, por fim, ao poeta supremo, ao Fêbo Jesta Brasileira Atenas, ao espôso da divina Erato, mostrai-vos enternecidos, e, nos vossos lábios nacarados, desabrochem, sucessivamente, ante o seu vulto, as flôres gentis com que se orna a mais meiga das filhas do sentimento humano — a gratidão!...

ANTÔNIO VIANA DE SOUZA.

IDIlios

Para o Walker Silva

Ia já pelo meado o mês de abril, com as suas múltiplas belêzas de uma naturêza exuberante e seductôra.

E, numa dessas manhãs de sol rubro, quando a passarada alegre e irrequieta, trêfega e palradora, aos bandos, num constante e suave bater de azas, num esvoaçar sorridente, bailava, de arvoredos em arvoredos; quando o vento, sussurrante, fazia tremular os pequeninos arbustos, farfalhando, suavemente, os leques das esguias palmeiras, notava-se na Casa Grande da Boa Esperança — a calma fazenda — uma azáfama, um vaivem fóra do comum. Via-se que alguma coisa de extraordinário se passava ali, alterando-lhe os costumes.

O pátio, se bem que de sempre cuidadosamente tratado, com o al-

vorecer dêsse dia, tomára outro aspecto, mostrando-se melhor zelado, apresentando, ainda, aqui e acolá, de quando em quando, lindos arcos de folhas verdes, que lhe emprestavam um suntuoso tom de avenida. Toda a fazenda se movia, desde as estradas, que estavam sendo batidas a capricho, até á Casa Grande, que se ostentava soberba, com um todo festivo, prenúncio de acontecimento feliz.

E' que estava noiva Leonôr, — a linda Leonôr, a filha mais nova e mais estimada do proprietário da situação, — o major Bernardo, homem dos seus cincoenta anos, ainda forte, duma constituição rija, invejável, e que, á primeira vista, parecia ter, quando muito, uns quarenta.

Distante da Boa Esperança, a terra natal de Leonôr, umas duas léguas, apenas, havia outra herdade — Humaitá, residência da familia Oliveira, gente pacifica e bôa, cujo chefe, o esteio da casa, no dizer pitoresco e verdadeiro do cabôclo, morrêra havia anos deixando para os seus, além de alguns imóveis, o necessário para uma modesta e sossegada vida no campo —, um nome respeitável, herança preciosa, que conseguira obter na sua vida, toda cheia de atos benfazejos, onde cada passagem recorda um exemplo de honestidade, de perseverança, de bondade.

Alvaro, um dos filhos dos situários da Humaitá, e que substituíra o velho chefe, nessa casa, onde a felicidade como que pairava e sorria a cada canto, era o venturoso noivo de Leonôr, a joia de mais preço e de maior brilho de toda aquela redondêza; a graça, o encanto de tudo e de todos; Leonôr, a meiga sertaneja de olhos pretos e brilhantes, vivazes e tentadores, lânguidos e tão cheios dessa dolência que nos faz sonhar, idiliar umas tantas fantasias; de faces dum moreno róseo, assetinado; de lábios purpúreos, rosas entreabertas, mansamente, pela manhã, antes de receberem o beijo quente e casto do sol, rescendendo perfumes.

.

Como lá, na fazenda vizinha, aqui também, nesta outra, ainda que mais pobre, de aparência mais humilde, havia um movimento desusado existia algo de extraordinário: chegára o desejado dia de ilusões, — as mais sublimes — de esperanças, as mais sorridentes e promissoras, — a primeira visita de noivado, ambicionado instante, áureo, ideal, quimérico, em que dois corações juvenis, querendo se, amando-se muito, como que se entrelaçam num sem-fim de venturas: instante divinal, que é o rutilante amanhecer das almas enamoradas.

Eram felizes e viviam, assim, arquitétando um futuro sorrisonho, afagando as mais acalentadoras esperanças. Alvaro era, para Leonôr, o homem que idealizára, o tipo máximo, em que se concentravam as mais belas virtudes.

Fôram-se os dias uns após outros, e cada vez mais o amor dessas duas almas crescia, florescendo.

Mas nesse período, surgiu, inesperadamente, a seca, com o seu cortejo lugubre e tétrico de misérrias, de surpresas — as mais terríveis as mais avassaladoras. A Humaitá apesar de resistir, um tanto, aos tremendos efeitos de tal cataclismo, vira-se a braços com a mais aflitiva situação: sem trabalhadores, pois que os colonos, logo aos primeiros arranques do flagello, arribaram, aos grupos, em procura de outras terras, onde a ausência das chuvas não produzisse tamanhas amarguras. Os abundantes e ligeiros córregos, de águas cristalinas, de margens verdejantes, e que tanta vida davam á fazenda, estancaram, e os seus leitões de areia densa alva e brilhante, eram varridos pela viração, de instante e instante. A verde e frondosa mata, tão robusta, até ali, empaldecia agora, estando já a descoberto magníficas árvores, com o dorso nú, pois as suas folhas leváram-as todas o vento. A vaqueirama, trotando cavalos esguios, trôpegos de vês em vês vinha comunicar a mortandade através do gado, que se atirava, faminto, ávi-

do de água, aterradoramente, de encontro aos inúmeros escavados, feitos no sólo, pelos poucos cabôclos que se deixaram ficar, num ápêgo á terra natal, e que, á semelhança do mineiro audaz, se metiam, de chão a dentro em procura de um veio do liquido precioso, que lhes mitigasse a sede.

E num dia dêsses, em que as desilusões se repetiam, alguém, de passagem pela Boa Esperança, falou a Leonôr sobre a capital do seu estado. «a sede do govêrno». Patenteou-lhe fotografias de praças zelozamente arborizadas e ajardinadas

Contou-lhe os succêssos dos teatros. Disse-lhe o alto progresso do cinema. Reconstituiu os mais emocionantes aspêtos da cidade. Segredou-lhe a perspectiva de vantajosos casamentos. Mimizeou-a com lindas revistas de modas onde as mulheres apareciam decotadas, tendo a cobrir-lhes as tranças, empanando-lhes a belêza, tão natural, lindos e estonteantes chapêus, com plumajens de todas as côres, as mais berrantes. E, á proporção que esse alguém, um *elegante*, por certo, lhe descortinava, assim, a vida sedutôra do luxo e do gôso, do fiticio e dos eternamente iludidos ela como que ia acordando. De olhos desmesuradamente abertos, fremia de prazer, em desejos. O seu espirito até então alheio ás coisas de mudanismo, ignorante, até ali, do artificialismo da gente da cidade, voltava-se, todo, na avidêz exuberante de querer gosar o chiquismo dum bonito chapêu, de irizadas plumas, ou o provocador decôte dum vestido á ultima moda, que lhe puzesse á mostra um pouco do ebúrneo colo, virgem dos olhares indiscretos

De noite, á hora da visita habitual, ele, acabrunhado, exausto, pelos estragos da seca terrível, que tudo lhe consumira, procurava, junto á noiva, viver alguns minutos de alegria, sem pensar na miséria que ia lá fóra. Mas desta vês encontrou o mal estar, o amúo, em Leonôr, que sempre o recebia com tanta candura.

Como lá, na fazenda vizinha, aqui também, nesta outra, ainda que mais pobre, de aparência mais humilde, havia um movimento desusado existia algo de extraordinário: chegára o desejado dia de ilusões, — as mais sublimes — de esperanças, as mais sorridentes e promissoras, — a primeira visita de noivado, ambicionado instante, áureo, ideal, quimérico, em que dois corações juvenis, querendo se, amando-se muito, como que se entrelaçam num sem-fim de venturas: instante divinal, que é o rutilante amanhecer das almas enamoradas.

Eram felizes e viviam, assim, arquitétando um futuro sorrisonho, afagando as mais acalentadoras esperanças. Alvaro era, para Leonôr, o homem que idealizára, o tipo máximo, em que se concentravam as mais belas virtudes.

Fôram-se os dias uns após outros, e cada vez mais o amor dessas duas almas crescia, florescendo.

Mas nesse período, surgiu, inesperadamente, a seca, com o seu cortejo lugubre e tétrico de misérrimas, de surpresas — as mais terríveis as mais avassaladoras. A Humaitá, apesar de resistir, um tanto, aos tremendos efeitos de tal cataclismo, vira-se a braços com a mais aflitiva situação: sem trabalhadores, pois que os colonos, logo aos primeiros arranques do flagello, arribaram, aos grupos, em procura de outras terras, onde a ausência das chuvas não produzisse tamanhas amarguras. Os abundantes e ligeiros córregos, de águas cristalinas, de margens verdejantes, e que tanta vida davam á fazenda, estancaram, e os seus leitões de areia densa alva e brilhante, eram varridos pela viração, de instante e instante. A verde e frondosa mata, tão robusta, até ali, empaldecia agora, estando já a descoberto magníficas árvores, com o dorso nú, pois as suas folhas leváram-as todas o vento. A vaqueirama, trotando cavalos esguios, trôpegos de vês em vês, vinha comunicar a mortandade através do gado, que se atirava, faminto, ávi-

do de água, aterradoramente, de encontro aos inúmeros escavados, feitos no sólo, pelos poucos cabôclos que se deixaram ficar, num ápêgo á terra natal, e que, á semelhança do mineiro audaz, se metiam, de chão a dentro em procura de um veio do liquido precioso, que lhes mitigasse a sede.

E num dia dêsses, em que as desilusões se repetiam, alguém, de passagem pela Boa Esperança, falou a Leonôr sobre a capital do seu estado. «a sede do govêrno». Patenteou-lhe fotografias de praças zelozamente arborizadas e ajardinadas.

Contou-lhe os succêssos dos teatros. Disse-lhe o alto progresso do cinema. Reconstituiu os mais emocionantes aspêtos da cidade. Segredou-lhe a perspectiva de vantajosos casamentos. Mimizeou-a com lindas revistas de modas onde as mulheres apareciam decotadas, tendo a cobrir-lhes as tranças, empanando-lhes a belêza, tão natural, lindos e estonteantes chapêus, com plumajens de todas as côres, as mais berrantes. E, á proporção que esse alguém, um *elegante*, por certo, lhe descortinava, assim, a vida sedutôra do luxo e do gôso, do fiticio e dos eternamente iludidos ela como que ia acordando. De olhos desmesuradamente abertos, fremia de prazer, em desejos. O seu espirito até então alheio ás coisas de mudanismo, ignorante, até ali, do artificialismo da gente da cidade, voltava-se, todo, na avidêz exuberante de querer gosar o chiquismo dum bonito chapêu, de irizadas plumas, ou o provocador decôte dum vestido á ultima moda, que lhe puzesse á mostra um pouco do ebúrneo colo, virgem dos olhares indiscretos.

De noite, á hora da visita habitual, ele, acabrunhado, exausto, pelos estragos da seca terrível, que tudo lhe consumira, procurava, junto á noiva, viver alguns minutos de alegria, sem pensar na miséria que ia lá fóra. Mas desta vês encontrou o mal estar, o amúo, em Leonôr, que sempre o recebia com tanta candura.

E, dessa hora em diante á medida que os seus negócios minguavam, os gestos amorosos de Leonôr diminuíam, vacilavam, até que afinal deixou as terras da Boa Esperança, a caminho da cidade.

E Alvaro, que a amava de verdade, dizia aos seus amigos:—A ambição traiu-a, fascinou-a. Há, meus amigos, acrescentava, rábido, mullheres boas, divinais, que são uns anjos, aqui, na terra, que valem uma epopéa esplendorosa e sublime consagrada nos corações de todos nós—os homens. Outras, porém, são o seu reverso—«almas de lêsmas, almas de lêsmas». Leonôr é bem um desses espécimes!

S. Luiz. 12-XII-20.

JOÃO GUILHERME DE ABBEU.

Recordando

Já seis anos são decorridos e a mim ainda me parece que foi ontem!

Tenho nos ouvidos o ruído entusiástico daquela festa apoteótica, que os mões da minha terra, entre os quais eu éra o de menos relêvo, promoveram ao mestre imortal Gonçalves Dias, o representante máximo da alma poética do Brazil.

Ouçõ, através da minha saudade, o ruflar daquêlas palmas verdes, batidas pelo vento vespéral, como que desejando aliar-se á expansão da vibratibilidade jóven que, ao cantor dos timbiras vinha prestar mais um tributo da sua admiração, sempre grande e imorredoirá.

Impressões gratíssimas, que já mais posso esquecer!

Lá, no mais formozo recanto da cidade, na praça das palmeiras, a multidão premia-se. Cada qual queria ficar mais justo do pedestal alto e solene, sôbre o qual resplende, lira em punho firme na sua rijidez marmórea, brilhante ao sol morrente, o grande cantor da raça americana. E, não sei porquê, pareceu-me que êle sorria.. Era um sorriso igual ao de que nos fala Aluizio Azevedo, atribuído aos *efeitos do luar*, quando uma jóven, des-

preocupada, cantando os seus versos desagravava o seu nome das injúrias que o pai burguêz estúpido, lhe assacava. Este foi um sorriso de agradecimento; aquêle que se me afigurou naquela tarde de entusiasmo, era um sorriso de satisfação..

Um grupo de indígenas dançava em círculo, tanjendo maracás sacudindo arcos e plumas, saltando, desenfreados, ao som de múzicas características da sua tribu.

Para honrar uma tal festividade, nenhum número poderia ser mais acertado. Gonçalves Dias revia toda a tradição glorioza de uma raça forte, que, em versos soberbos, cantou e celebrizou. Talvez por isso parecia sorrir a sua estátua...

A banda militar enceta o *Guarani* e as notas sonóras da bela partitura, tão ligada á lembrança de Gonçalves Dias, espalham, por todos os cantos da praça, um grito de alegria.

A meninada das escolas começa a entoar aquêle mimo de belêza e meiguice que é, a um tempo, um pedaço do céu e uma porção deste lindo Brazil:

Minha terra tem palmeiras,
onde cânta o sabiá;
as aves que aqui gorjeiam
não gorjeiam como lá!

As últimas centelhas de oiro, que encerram este canto de carinho e saudade, perdiam-se, repercutindo pelos lonjes do infinito, e nós como que sentiamos ainda os acordes vibrando no coração...

Já descia no horizonte o velário escuro da noite, encobertando o sol vermelho, cujas derradeiras chispas de moribundo glorioze vinham emprestar á tarde aquêle aspéto de maravilha, que nos arrebatá.

Seguiram-se os discursos. Os oradores, quaze todos estudantes, esparjiam palavras cheias de um fervor sublime, traçando a vida do grande vate, tragado pelo mar, quando retornava á terra em que nasceu, e que tanto e tanto o inspirou. Era o Brazil contemporâneo

E, dessa hora em diante á medida que os seus negócios mingavam, os gestos amorosos de Leonôr diminuíam, vacilavam, até que afinal deixou as terras da Boa Esperança, a caminho da cidade.

E Alvaro, que a amava de verdade, dizia aos seus amigos:—A ambição traiu-a, fascinou-a. Há, meus amigos, acrescentava, rábido, mulheres boas, divinais, que são uns anjos, aqui, na terra, que valem uma epopéa esplendorosa e sublime consagrada nos corações de todos nós—os homens. Outras, porém, são o seu reverso—«almas de lêsmas, almas de lêsmas». Leonôr é bem um desses espécimes!

S. Luiz. 12-XII-20.

JOÃO GUILHERME DE ABBEU.

Recordando

Já seis anos são decorridos e a mim ainda me parece que foi ontem!

Tenho nos ouvidos o ruído entusiástico daquela festa apoteótica, que os mōços da minha terra, entre os quais eu éra o de menos relevo, promoveram ao mestre imortal Gonçalves Dias, o representante máximo da alma poética do Brazil.

Ouçõ, através da minha saudade, o ruflar daquêlas palmas verdes, batidas pelo vento vespéral, como que desejando aliar-se á expansão da vibratibilidade jóven que, ao cantor dos timbiras vinha prestar mais um tributo da sua admiração, sempre grande e imorredoirá.

Impressões gratíssimas, que já mais posso esquecer!

Lá, no mais formozo recanto da cidade, na praça das palmeiras, a multidão premia-se. Cada qual queria ficar mais justo do pedestal alto e solene, sôbre o qual resplende, lira em punho firme na sua rijidez marmórea, brilhante ao sol morrente, o grande cantor da raça americana. E, não sei porquê, pareceu-me que êle sorria.. Era um sorriso igual ao de que nos fala Aluizio Azevedo, atribuído aos *efeitos do luar*, quando uma jóven, des-

preocupada, cantando os seus versos desagravava o seu nome das injúrias que o pai burguêz estúpido, lhe assacava. Este foi um sorriso de agradecimento; aquêle que se me afigurou naquela tarde de entusiasmo, era um sorriso de satisfação..

Um grupo de indígenas dançava em círculo, tanjendo maracás sacudindo arcos e plumas, saltando, desenfreados, ao som de múzicas características da sua tribu.

Para honrar uma tal festividade, nenhum número poderia ser mais acertado. Gonçalves Dias revia toda a tradição glorioza de uma raça forte, que, em versos soberbos, cantou e celebrizou. Talvez por isso parecia sorrir a sua estátua...

A banda militar enceta o *Guarani* e as notas sonóras da bela partitura, tão ligada á lembrança de Gonçalves Dias, espalham, por todos os cantos da praça, um grito de alegria.

A meninada das escolas começa a entoar aquêle mimo de belêza e meiguice que é, a um tempo, um pedaço do céu e uma porção deste lindo Brazil:

Minha terra tem palmeiras,
onde canta o sabiá;
as aves que aqui gorjeiam
não gorjeiam como lá!

As últimas centelhas de oiro, que encerram este canto de carinho e saudade, perdiam-se, repercutindo pelos lonjes do infinito, e nós como que sentiamos ainda os acordes vibrando no coração...

Já descia no horizonte o velário escuro da noite, encoberto o sol vermelho, cujas derradeiras chispas de moribundo glorioze vinham emprestar á tarde aquêle aspéto de maravilha, que nos arrebatá.

Seguiram-se os discursos. Os oradores, quaze todos estudantes, esparjiam palavras cheias de um fervor sublime, traçando a vida do grande vate, tragado pelo mar, quando retornava á terra em que nasceu, e que tanto e tanto o inspirou. Era o Brazil contemporâneo

saudando o Brazil de óntem e de sempre, simbolizado em Gonçalves Dias !

Findára a romaria com aquele pôr de sol espressivo e no céu azulado tremeluziam as faiscas pequeninas das estrêlas inquietas. A noite vinha, com o seu manto marchetado de brilhantes, completar a eloquência afêtiva das homenajens da juventude rezoluta, e pelo sol, ha pouco fujidio e imponente. As palmeiras aquietaram-se, fecharam o leque das folhas e, pouco a pouco, a multidão se foi reduzindo, levando, como eu, bem gravada a recordação daquela festa magnífica.

Na praça, ficára só, entre as gigantescas palmeiras, a estátua branca e altaneira do querido Gonçalves Dias, afrontando o tempo, que não conseguiu fazê-lo esquecido dos seus patricios.

Recordando hoje, tão grande data, daqui, do meu retiro, segue a minha alma saudoza, transpondo impávida as lonjitudes que me separam da terra gonçalvina, e, com os meus companheiros dilêtos, ela, a minha alma, vai depozitar aos pés do gloriozo artista o preito humilde, mas sincero, da minha homenagem.

Que nunca se esqueça a mocidade da minha terra dêsse 3 de novembro. Façamos dêle o nosso dia de festa—o dia de Gonçalves Dias.

E como nos olhará o mestre, da sua immortalidade, com os olhos do seu coração !...

HILTON FORTUNA.

O SONHO

III

(TRECHO DA NOVELA IBELEBA)

Era a hora do café, e todos, numa algazarra matutina, se sentaram á mēza, cheios de appetite.

—Falta nos aqui o Zanânio, gritavam as môças, fazendo travessuras Mandem chamá-lo.

—Naturalmente, observa o coronel, montou cedo, e foi passear.

—Não. Ontem, quando êle me deu bôa-noite, disse-me que não passaria hoje, e por isso não queria a refeição muito cedo informou D. Venância

—Então, está a dormir, lembrou o dr. Eustáquio; manda-o chamar, Maria.

—Deixa-o em paz, contrariou a bôa senhora.

—Afiml, não sabemos se êle está realmente no quarto E' bom ver. Vai, Joanita, tornou o coronel, com ar zombeteiro. Joanita córou: a menina começou a ir, e ela sumiu-se, apressada, na varanda.

Joanita chegou-se ao quarto de Zanânio, e, tímida, bradou o nome, várias vêzes. Já se dispunha a voltar, quando o deparou, triste, no gradil da varanda.

—Que me queres? perguntou Zanânio.

—Oh! não estavas no quarto?

—Saí, ha pouco.

—Aonde foste?

—Quando te avizinhas, escondi-me, para te fazer esta surprêza. Mas a que vinhas?

—Chamar-te para a mēza

—Não quero; não tenho appetite.

—Estranho-te, avançou Joanita, compreendendo a preocupação de Zanânio.

—Que tens? Não dormiste?

—E' verdade...

—Passaste a noite por certo, nesses bailes do rancho. Confessa!...

—E' exato que te esqueci, involuntariamente, balbuciou êle.

—Tú?... exclamou Joanita, a qual, empalidecida, desce as escadas do jardim, com o coração triturado.

E Zanânio fala, sem refletir no que diz. Só algum tempo depois, vendo Joanita, lá em baixo, a chorar, ocultando o rosto no crespado dos seus cabelos negros, mediu a fraze magoante com que lhe respondeu. E, então, corre a juntar-se-lhe.

—Perdoa-me Joanita; não acredites no que te disse.

A pobre menina não lhe deu ouvidos. Continuava meditativa, como quem procura saber algum segrêdo.

—Perdoa-me querida, repetiu Zanânio, tomando-lhe as mãos.

saudando o Brazil de óntem e de sempre, simbolizado em Gonçalves Dias !

Findára a romaria com aquele pôr de sol espressivo e no céu azulado tremeluziam as faiscas pequeninas das estrêlas inquietas. A noite vinha, com o seu manto marchetado de brilhantes, completar a eloquência afêtiva das homenajens da juventude rezoluta, e pelo sol, ha pouco fujidio e imponente. As palmeiras aquietaram-se, fecharam o leque das folhas e, pouco a pouco, a multidão se foi reduzindo, levando, como eu, bem gravada a recordação daquela festa magnífica.

Na praça, ficára só, entre as gigantescas palmeiras, a estátua branca e altaneira do querido Gonçalves Dias, afrontando o tempo, que não conseguiu fazê-lo esquecido dos seus patricios.

Recordando hoje, tão grande data, daqui, do meu retiro, segue a minha alma saudoza, transpondo impávida as lonjitudes que me separam da terra gonçalvina, e, com os meus companheiros dilêtos, ela, a minha alma, vai depozitar aos pés do gloriozo artista o preito humilde, mas sincero, da minha homenagem.

Que nunca se esqueça a mocidade da minha terra dêsse 3 de novembro. Façamos dêle o nosso dia de festa—o dia de Gonçalves Dias.

E como nos olhará o mestre, da sua immortalidade, com os olhos do seu coração !...

HILTON FORTUNA.

O SONHO

III

(TRECHO DA NOVELA IBELEBA)

Era a hora do café, e todos, numa algazarra matutina, se sentaram á mēza, cheios de appetite.

—Falta nos aqui o Zanânio, gritavam as môças, fazendo travessuras Mandem chamá-lo.

—Naturalmente, observa o coronel, montou cedo, e foi passear.

—Não. Ontem, quando êle me deu bôa-noite, disse-me que não passaria hoje, e por isso não queria a refeição muito cedo informou D. Venância

—Então, está a dormir, lembrou o dr. Eustáquio; manda-o chamar, Maria.

—Deixa-o em paz, contrariou a bôa senhora.

—Afiml, não sabemos se êle está realmente no quarto E' bom ver. Vai, Joanita, tornou o coronel, com ar zombeteiro. Joanita córou: a menina começou a ir, e ela sumiu-se, apressada, na varanda.

Joanita chegou-se ao quarto de Zanânio, e, tímida, bradou o nome, várias vêzes. Já se dispunha a voltar, quando o deparou, triste, no gradil da varanda.

—Que me queres? perguntou Zanânio.

—Oh! não estavas no quarto?

—Saí, ha pouco.

—Aonde foste?

—Quando te avizinhas, escondi-me, para te fazer esta surprêza. Mas a que vinhas?

—Chamar-te para a mēza

—Não quero; não tenho appetite.

—Estranho-te, avançou Joanita, compreendendo a preocupação de Zanânio.

—Que tens? Não dormiste?

—E' verdade...

—Passaste a noite por certo, nesses bailes do rancho. Confessa!...

—E' exato que te esqueci, involuntariamente, balbuciou êle.

—Tú?... exclamou Joanita, a qual, empalidecida, desce as escadas do jardim, com o coração triturado.

E Zanânio fala, sem refletir no que diz. Só algum tempo depois, vendo Joanita, lá em baixo, a chorar, ocultando o rosto no crespado dos seus cabelos negros, mediu a fraze magoante com que lhe respondeu. E, então, corre a juntar-se-lhe.

—Perdoa-me Joanita; não acredites no que te disse.

A pobre menina não lhe deu ouvidos. Continuava meditativa, como quem procura saber algum segrêdo.

—Perdoa-me querida, repetiu Zanânio, tomando-lhe as mãos.

—Perdoar-te?... replicou, docemente, a linda sertaneja.

—Sim!...

—Por quê?

—Não te fiz chorar?

—Fizeste. Mas é verdade que me não amas?!...

—Não, meu amôr. nem sei mesmo o que te disse. Tenho o cérebro perturbado

—Porque me és indiferente...

—Não, é porque estou perturbado. Amo-te muito, Joanita. crê!

—Mas... disseste-me o contrário.

—Ora... foi sem querer...

—Sim, estavas alheio, e o teu coração aproveitou-se do ensejo para me fazer sentir a verdade...

—Julgas-me hipócrita?

—Um pouquinho, murmurou Joanita com um leve sorriso nos lábios.

Zanânio calára-se. —Oh! como sou hipócrita, mais que hipócrita! Deixava-se cair de novo, no abatimento, quando Joanita, chegando-se-lhe, o intíma:

—Acabemos com essas zangas, anda, diz-me: que te aconteceu no baile?

—Eu não fui a baile nenhum.

—Não foste?

—Não fui.

—E onde estiveste?

—No quarto.

—E não dormiste?

—Pensando em ti.

—Pensando em mim? Não acredito!

—Em ti, e num sonho.

—Ah! já sei: sonhaste com Ibelba.

—Ibelba?! Zanânio descórou, admirando-se de Joanita pronunciar tal nome.

—Sim, Ibelba! E tanto é verdade que mudaste de côr.

—Mas Ibelba...

—E' a tua eleita, não negues.

—Quem te contou?

—O meu coração...

Joanita sorriu, irônica, forçadamente.

—Sim, continuou Joanita. é uma menina loira, lá da capital, a quem amas muito, e ha muito. Sei mais: foste tu que fizeste desabrochar,

no seu coração infantil, o germe do amor.

Zanânio tremia a cada palavra de Joanita. Era verdade!. Mas quem lho revelára? O sonho poderia tê-lo adivinhado.. E o resto? Não, não era possível! Alguem lhe fôra intérprete dos seus segredos. Era preciso sabê-lo.

—Diz, Joanita, quem te confiou tanta mentira?

—Não é mentira: o meu coração não mente!

—Mas como te fala êle?

—Queres? Eu tambem sonhei.

—?..

—Vi Ibelba. Aproximei-me. Ela estava pensativa, contemplando o oceano. Dirigi-me para ela, e confessou me tudo, chorando...

—E' mentira, Joanita!..

—Os sonhos de quem ama não mentem! E' verdade!...

—Não sejas tola: os sonhos nunca são verdadeiros. Tudo, neles, é falso.

—Falso és tu, Zanânio! protestou, indignada, a formosa mõeça, com os olhos marejados.

—Por que choras? Por que choras? insistiu, quando me tens junto a ti?

—Juras-me que esquecerás Ibelba?

—Ibelba? Jurar-te?...

Oh! momento aflitivo e doloroso! Como Zanânio sofria, ao proferir esse nome!... Ele jurar esquecê-la, aquela criaturazita, que despertava, sob os seus olhos, enleada num amor puro, num amôr único! Esquecer a sua querida Ibelba! Não, nunca! Zanânio estava gélido. O coração comprimia-se-lhe ás pulsações... De súbito:

—Juro que te amo! Esquêçamos o sonho!

Nesse instante, ouviram o criado, que os procurava. Zanânio tomou um certo ânimo: ia pôr um ponto final naquela conversa. Pegou as mãos de Joanita, e, bafejando-a com frases de amor, subiu calmamente os degráus da escada.

Lá dentro, ansiosos, todos os esperavam.

A. VIANA DE SOUZA

—Perdoar-te?... replicou, docemente, a linda sertaneja.

—Sim!...

—Por quê?

—Não te fiz chorar?

—Fizeste. Mas é verdade que me não amas?!...

—Não, meu amôr. nem sei mesmo o que te disse. Tenho o cérebro perturbado

—Porque me és indiferente...

—Não, é porque estou perturbado. Amo-te muito, Joanita. crê!

—Mas... disseste-me o contrário.

—Ora... foi sem querer...

—Sim, estavas alheio, e o teu coração aproveitou-se do ensejo para me fazer sentir a verdade...

—Julgas-me hipócrita?

—Um pouquinho, murmurou Joanita com um leve sorriso nos lábios.

Zanânio calára-se. —Oh! como sou hipócrita, mais que hipócrita! Deixava-se cair de novo, no abatimento, quando Joanita, chegando-se-lhe, o intíma:

—Acabemos com essas zangas, anda, diz-me: que te aconteceu no baile?

—Eu não fui a baile nenhum.

—Não foste?

—Não fui.

—E onde estiveste?

—No quarto.

—E não dormiste?

—Pensando em ti.

—Pensando em mim? Não acredito!

—Em ti, e num sonho.

—Ah! já sei: sonhaste com Ibelba.

—Ibelba?! Zanânio descórrou, admirando-se de Joanita pronunciar tal nome.

—Sim, Ibelba! E tanto é verdade que mudaste de côr.

—Mas Ibelba...

—E' a tua eleita, não negues.

—Quem te contou?

—O meu coração...

Joanita sorriu, irônica, forçadamente.

—Sim, continuou Joanita. é uma menina loira, lá da capital, a quem amas muito, e ha muito. Sei mais: foste tu que fizeste desabrochar,

no seu coração infantil, o germe do amor.

Zanânio tremia a cada palavra de Joanita. Era verdade!. Mas quem lho revelára? O sonho poderia tê-lo adivinhado.. E o resto? Não, não era possível! Alguem lhe fôra intérprete dos seus segredos. Era preciso sabê-lo.

—Diz, Joanita, quem te confiou tanta mentira?

—Não é mentira: o meu coração não mente!

—Mas como te fala êle?

—Queres? Eu tambem sonhei.

—?..

—Vi Ibelba. Aproximei-me. Ela estava pensativa, contemplando o oceano. Dirigi-me para ela, e confessou me tudo, chorando...

—E' mentira, Joanita!..

—Os sonhos de quem ama não mentem! E' verdade!...

—Não sejas tola: os sonhos nunca são verdadeiros. Tudo, neles, é falso.

—Falso és tu, Zanânio! protestou, indignada, a formosa mãe, com os olhos marejados.

—Por que choras? Por que choras? insistiu, quando me tens junto a ti?

—Juras-me que esquecerás Ibelba?

—Ibelba? Jurar-te?...

Oh! momento aflitivo e doloroso! Como Zanânio sofria, ao proferir esse nome!... Ele jurar esquecê-la, aquela criaturazita, que despertava, sob os seus olhos, enleada num amor puro, num amôr único! Esquecer a sua querida Ibelba! Não, nunca! Zanânio estava gélido. O coração comprimia-se-lhe ás pulsações... De súbito:

—Juro que te amo! Esquêçamos o sonho!

Nesse instante, ouviram o criado, que os procurava. Zanânio tomou um certo ânimo: ia pôr um ponto final naquela conversa. Pegou as mãos de Joanita, e, bafejando-a com frases de amor, subiu calmamente os degráus da escada.

Lá dentro, ansiosos, todos os esperavam.

A. VIANA DE SOUZA

NATAL

Em Belém. Pontilha o céu profundo e brilho remoto das estrêlas. A primeira aura do Mediterrâneo passa e arrepia a alma do mundo antigo.

Nascêu Jesus, a sublime encarnação d'essa bondade ingênua, que préga a humildade e a clemência, sufocando a natureza no âmbito ardente de uma té estrema,—Jesus, o símbolo impassível, o ideal sem barreiras.

Ele, o apóstolo do amor e da candura, de coração aberto ao sacrificio em prol da causa alheia, depois do seu calvário, ainda hoje aí se vem dissipando a revelação dos seus prodígios, trazendo o conforto espiritual de uma esperança bendita, a nós, que, nas lâminas das urzes da jornada, assinalâmos, com o trituração das nossas ilusões, que se esborrôam, os dias duma vida que se simula...

O homem, tarado pelos estos arrogantes da sciência, pretendeu varrer dos horizontes a imagem dos seus deuses. Mas, de vês em quando, na Babel escura dos himalaías da sabedoria, insatisfeita, um corisco de desânimo risca a superfície da esfera que o fecha, e o seu gênio perscrutador esbarra sempre nas paredes impermeáveis do mistério eterno!

Como transpô-las? Ah! só com a previsão de outros destinos...

A luta, o pão cotidiano, estrangula em nós mesmos os surtos d'ôces da piedade. E os homens, á mercê dos seus instintos, acotovelam-se, entrechocam-se, atropelam-se, para que o caminho, vitorioso de côres, se abra sôbre os cadáveres das pretensões mais justas, tanta vês, de tantos outros.

Bem haja, pois, no rosário de lágrimas dos anos, esse dia, o suave dia, que ressuscita, no coração das benaventurados, um lampejo de simpatia pelos que sofrem, no engano de serem, um dia, mais felizes.

24—12—920.

WALTER SILVA.

Lingua portugûeza

Não consentiu a morte tantos anos,
Que de herói tão ditoso se lograsse.
Portugal, mas os côros soberanos
Do céu supremo quiz que povoasse.

Mas, para defensão dos luzitanos,
Deixou, quem o levou, quem governasse,
E aumentasse a terra mais que dantes,
Inclita geração, altos infantes.

Agora julga, ó rei, se houve no mundo
Gentes, que tais caminhos cometessem,
Crês tu que tanto Enéas, e o facundo
Ulisses, pelo mundo se estendessem?
Ousou algum vêr do mar profundo,
Por mais versos que dêle se escrevessem
Do que eu vi, a poder de esforço e de arte,
E do que inda hei de ver, a oitava parte?

Proponho-me a dividir estes dois pontos afim de vêr se os interpretei devidamente.

Primeira estância:—*A morte não consentiu por tantos anos, — oração principal;*

Que Portugal de herói tão ditoso se lograsse, cláusula substantiva, objéto diréto de consentiu; mas ela quiz — coordenada sindética;

Que êle povoasse os côros soberanos do céu. — cláusula substantiva, objéto diréto de quiz.

Mas aquêle deixou inclita geração, altos infantes, pessoa para defensão dos luzitanos. — principal do segundo ponto.

Que o levou. — cláusula adjétiva, refere-se áquêle (1).

Que governasse, — cláusula adjétiva, refere-se á pessoa (2)

E que aumentasse mais a terra, — cláusula adjétiva, coordenada á anterior.

Que dantes, — oração comparativa de mais.

Segunda estância:— *Agora julga, ó rei, oração principal; se houve no mundo gentes, substantivo, objéto de julga; que tais caminhos cometessem, — cláusula adjétiva, referindo-se a gentes; crês tu — principal do segundo ponto (3).*

Que tanto Enéas e o facundo Ulisses pelo mundo se estendessem. — objéto de crês; ousou algum vêr do mar profundo a oitava parte, do e do, principal do segundo ponto.

Por mais versos que dêles se escrevessem ou, melhor, desfazendo o hipérbato — por mais que dêles se escrevessem versos, — cláusula adverbial, concessiva (5).

Que eu vi, — cláusula adjétiva; refere-se ao pronome o; que inda hei de vêr. — cláusula adjétiva; refere-se ao pronome o.

NATAL

Em Belém. Pontilha o céu profundo e brilho remoto das estrêlas. A primeira aura do Mediterrâneo passa e arrepia a alma do mundo antigo.

Nascêu Jesus, a sublime encarnação d'essa bondade ingénua, que préga a humildade e a clemência, sufocando a natureza no âmbito ardente de uma té estrema,—Jesus, o símbolo impassível, o ideal sem barreiras.

Ele, o apóstolo do amor e da candura, de coração aberto ao sacrificio em prol da causa alheia, depois do seu calvário, ainda hoje aí se vem dissipando a revelação dos seus prodígios, trazendo o conforto espiritual de uma esperança bendita, a nós, que, nas lâminas das urzes da jornada, assinalâmos, com o trituração das nossas ilusões, que se esborrão, os dias duma vida que se simula...

O homem, tarado pelos estos arrogantes da sciência, pretendeu varrer dos horizontes a imagem dos seus deuses. Mas, de vês em quando, na Babel escura dos himalaías da sabedoria, insatisfeita, um corisco de desânimo risca a superfície da esfera que o fecha, e o seu génio perscrutador esbarra sempre nas paredes impermeáveis do mistério eterno!

Como transpô-las? Ah! só com a previsão de outros destinos...

A luta, o pão cotidiano, estrangula em nós mesmos os surtos d'ôces da piedade. E os homens, á mercê dos seus instintos, acotovelam-se, entrechocam-se, atropelam-se, para que o caminho, vitorioso de côres, se abra sôbre os cadáveres das pretensões mais justas, tanta vês, de tantos outros.

Bem haja, pois, no rosário de lágrimas dos anos, esse dia, o suave dia, que ressuscita, no coração das benaventurados, um lampejo de simpatia pelos que sofrem, no engano de serem, um dia, mais felizes.

24—12—920.

WALTER SILVA.

Lingua portugûeza

Não consentiu a morte tantos anos,
Que de herói tão ditoso se lograsse.
Portugal, mas os côros soberanos
Do céu supremo quiz que povoasse.

Mas, para defensão dos luzitanos,
Deixou, quem o levou, quem governasse,
E aumentasse a terra mais que dantes,
Inclita geração, altos infantes.

Agora julga, ó rei, se houve no mundo
Gentes, que tais caminhos cometessem,
Crês tu que tanto Enéas, e o facundo
Ulisses, pelo mundo se estendessem?
Ousou algum vêr do mar profundo,
Por mais versos que dêle se escrevessem
Do que eu vi, a poder de esforço e de arte,
E do que inda hei de ver, a oitava parte?

Proponho-me a dividir estes dois pontos afim de vêr se os interpretei devidamente.

Primeira estância:—*A morte não consentiu por tantos anos*, —oração principal;

Que Portugal de herói tão ditoso se lograsse, cláusula substantiva, objéto diréto de *consentiu*; *mas ela quiz* —coordenada sindética;

Que êle povoasse os côros soberanos do céu. —cláusula substantiva, objéto diréto de *quiz*.

Mas aquêle deixou inclita geração, altos infantes, pessoa para defensão dos luzitanos. —principal do segundo ponto.

Que o levou. —cláusula adjétiva, refere-se áquêle (1).

Que governasse. —cláusula adjétiva, refere-se á pessoa (2)

E que aumentasse mais a terra, —cláusula adjétiva, coordenada á anterior.

Que dantes, —oração comparativa de mais.

Segunda estância:—*Agora julga, ó rei*, oração principal; *se houve no mundo gentes*, substantivo, objéto de *julga*; *que tais caminhos cometessem*, —cláusula adjétiva, referindo-se a *gentes*; *crês tu* —principal do segundo ponto (3).

Que tanto Enéas e o facundo Ulisses pelo mundo se estendessem. —objétivo de *crês*; *ousou algum vêr do mar profundo a oitava parte*, do e do, principal do segundo ponto.

Por mais versos que dêles se escrevessem ou, melhor, desfazendo o hipérbato —*por mais que dêles se escrevessem versos*, —cláusula adverbial, concessiva (5).

Que eu vi, —cláusula adjétiva; *refere-se ao pronome o*; *que inda hei de vêr*. —cláusula adjétiva; *refere-se ao pronome o*.

E' possível que haja êrro na minha interpretação. Outros, mais competentes, dirão melhor do que eu.

JOSÉ AUGUSTO CORRÊA.

(1) Resolvi quem o levou em aquele que o levou, analíze que prefiro.

(2) Resolvi quem governasse em pessoa que governasse, analíze que ju'g'o preferível.

(3) Outros entendem eu pergunto e fazem desta uma oração substantiva. Mas julgo-a uma analíze prolixa.

(4) Aqui, ocorre a mesma nota anterior.

(5) Por mais que,—é um locução conjuntiva, concessiva.

DISCURSO

pronunciado no teatro cinema Eden, em 28 de agosto de 1920, á noite.

(CONCLUZÃO)

Recapitulemos, ligeiramente, os vossos feitos, e acharemos, sem custo, a semelhança de que falo E senão, vejâmos.

Eramos um punhado de rapazes, que se atiraram, influmados pelo mesmo ideal a alma na febre do mesmo sonho, atraz dessa estrêla fulgurante e esguia, bem longínqua —a glória Iamos como os cruzados aguerridos, outrora, se iam á conquista de Jerusalém. Um só era o hino que saía das nossas bocas, difundido aos quatro ventos, como um antecipado grito de vitória.

Não tardou muito, entretanto, que se nos antolhasse a indiferença e mesmo a ironia pública. Já não era difficil perceber, entre os que assistiam ao nosso desfilar, um sorriso ambíguo um olhar sarcástico uma rude palavra de desdem. «São loucos» —diziam, muitas vêzes. E nós, num rasgo de esforço, faziamos um ar superior, simulando que não ouviamos o ditério da farândula, embora, no fundo, a alma se nos atassalhasse de mágoas E assim andâmos por muito tempo, pobres incompreendidos, que devendo arrancar aplauzos só conseguimos arrancar apupos.

Um dia, porém, foi mais forte o sofrimento que a obsessão do ideal.

A jornada, longa e fatigante, alcançára-nos por demais E já sem fôrças, desanimados, desiludidos de realizar o sonho magno da glória, fomo-nos deixando ficar para traz, no abandôno da nossa tibiêza de alma Era em vão que nos chamavam os mais fortes, em vão que nos acenavam com a mirajem distante e tentadora da sagrada Terra da Promissão Os nossos olhos fechavam-se de cansaço, o nosso corpo abatia-se, o nosso espirito conturbava se, e de cada vêz que o sol de novo aparecia, emergindo no horizonte, verificava-se mais um vencido quando se não verificava um morto.

E foi então que vós de espírito arroubado, com os olhos fulgurantes, fixos numa visão intensa, vos abalançastes á arriscada emprêza de chegar, sózinho, malgrado todos os estorvos, á desejada méta. Não vos parecia de homem o fraquejar na estrada Era preciso ir mais além, vencer! E assim nesse eloquente surto de alma, cerrando ouvidos a tudo que vos não falasse do ideal de artista saistes ao caminho não medindo estensões, nem altitudes de escarpas ou profundêzas de pêgos

Era necessário plantar o primeiro marco, a meio do roteiro, para que assim ficasse assinalado o vosso primeiro triunfo: e plantaste-o. Foi a *Oração materna*, livro íntimo, oferta que fazieis, da vossa alma de môço sonhadora e indômita, ao carinho á ternura, da vossa mãe querida Era monos um canto que uma prece. E, de facto, se vos não valeu por triunfo que muito alevantasse o vosso nome valeu-vos por um farto, cristalino manancial de bênçãos, onde vos fostes reconfortar para a nova, mais rigida investida que pensaveis fazer. Foi a fecunda promessa de que não vos tardaria muito a chegar a suspirada conquista do Ideal. Foi mesmo a oração que veio santificar a vossa jornada de então fazendo maior a vossa fé e ainda maior a vossa coragem. E foi ao abrigo dessa tão estimuladora panóplia que outra vêz tornastes a

E' possível que haja êrro na minha interpretação. Outros, mais competentes, dirão melhor do que eu.

JOSÉ AUGUSTO CORRÊA.

(1) Resolvi quem o levou em aquele que o levou, analize que prefiro.

(2) Resolvi quem governasse em pessoa que governasse, analize que ju'g'o preferível.

(3) Outros entendem eu pergunto e fazem desta uma oração substantiva. Mas julgo-a uma análise prolixa.

(4) Aqui, ocorre a mesma nota anterior.

(5) Por mais que,—é um locução conjuntiva, concessiva.

DISCURSO

pronunciado no teatro cinema Eden, em 28 de agosto de 1920, á noite.

(CONCLUZÃO)

Recapitulemos, ligeiramente, os vossos feitos, e acharemos, sem custo, a semelhança de que falo. E senão, vejâmos.

Eramos um punhado de rapazes, que se atiraram, influmados pelo mesmo ideal a alma na febre do mesmo sonho, atraz dessa estrêla fulgurante e esguia, bem longínqua — a glória. Iamos como os cruzados aguerridos, outrora, se iam á conquista de Jerusalém. Um só era o hino que saía das nossas bocas, difundido aos quatro ventos, como um antecipado grito de vitória.

Não tardou muito, entretanto, que se nos antolhasse a indiferença e mesmo a ironia pública. Já não era difficil perceber, entre os que assistiam ao nosso desfilar, um sorriso ambíguo um olhar sarcástico uma rude palavra de desdem. «São loucos» — diziam, muitas vêzes. E nós, num rasgo de esforço, faziamos um ar superior, simulando que não ouviamos o ditério da farândula, embora, no fundo, a alma se nos atassalhasse de mágoas. E assim andâmos por muito tempo, pobres incompreendidos, que devendo arrancar aplauzos só conseguimos arrancar apupos.

Um dia, porém, foi mais forte o sofrimento que a obsessão do ideal.

A jornada, longa e fatigante, alcançára-nos por demais. E já sem fôrças, desanimados, desiludidos de realizar o sonho magno da glória, fomo-nos deixando ficar para traz, no abandôno da nossa tibiêza de alma. Era em vão que nos chamavam os mais fortes, em vão que nos acenavam com a mirajem distante e tentadora da sagrada Terra da Promissão. Os nossos olhos fechavam-se de cansaço, o nosso corpo abatia-se, o nosso espirito conturbava-se, e de cada vêz que o sol de novo aparecia, emergindo no horizonte, verificava-se mais um vencido quando se não verificava um morto.

E foi então que vós de espirito arroubado, com os olhos fulgurantes, fixos numa visão intensa, vos abalançastes á arriscada emprêza de chegar, sózinho, malgrado todos os estorvos, á desejada méta. Não vos parecia de homem o fraquejar na estrada. Era preciso ir mais além, vencer! E assim nesse eloquente surto de alma, cerrando ouvidos a tudo que vos não falasse do ideal de artista saistes ao caminho não medindo estensões, nem altitudes de escarpas ou profundêzas de pêgos.

Era necessário plantar o primeiro marco, a meio do roteiro, para que assim ficasse assinalado o vosso primeiro triunfo: e plantaste-o. Foi a *Oração materna*, livro íntimo, oferta que fazieis, da vossa alma de môço sonhadora e indômita, ao carinho á ternura, da vossa mãe querida. Era menos um canto que uma prece. E, de facto, se vos não valeu por triunfo que muito alevantasse o vosso nome valeu-vos por um farto, cristalino manancial de bênçãos, onde vos fostes reconfortar para a nova, mais rigida investida que pensaveis fazer. Foi a fecunda promessa de que não vos tardaria muito a chegar a suspirada conquista do Ideal. Foi mesmo a oração que veio santificar a vossa jornada de então fazendo maior a vossa fé e ainda maior a vossa coragem. E foi ao abrigo dessa tão estimuladora panóplia que outra vêz tornastes a

campo e, também tocado pelo desânimo como os outros. aprendestes a fugir de ficar abatido á beira solitária das sendas longas.

Aqui—difere, um pouco, a vossa história da antiga lenda do cavaleiro: porque não consta que outro lhe viesse dar a mão, para que fácil lhe fosse a derradeira escalada ao monte santo. Mas é que a multidão de inimigos, que lhe tolhia a róta, era mais de se vencer que essa outra força, posta de entrave aos vossos passos: a indiferença. E, de feito, é bem mais fácil dominar aqueles, porque se lhes póde oferecer combate lial, de lança ou espada, que essa outra, silenciosa, risonha, mas sarcástica, mais forte que as rijas e pesadas armaduras de aço dos senhores medievais. E, por isso, não admira que alguém vos dêsse apoio, demais que esse alguém não o fez por méro espirito de protêção, e sim por vos conhecer um irmão de ideais e crenças. E em verdade, quando Vêrdi de Carvalho saiu a amparar-vos tudo fazendo, no que estava ao seu alcance, para garantir-vos a vitória, não teve intentos egoísticos. Alegrou-se, porque em vós acabava de achar o que buscava: um companheiro de viagem. Ele também sabia compreender o vosso anseio, também êle trazia, como vós, no peito, o mesmo fogo santo da inspiração, e porque, como vós, também êle andava errante, no doido tentame de subir á montanha do tesouro santo, achou que seria acertado dar-vos a mão, porque fosseis juntos ao vosso comum destino:—vós, um artista da palavra, êle, um artista do som.

E o facto é que chegastes. Se é maior o vosso triunfo, o de Carvalho não é menor, nem mais humilde. Galgastes mais um degráu. *Regina* é um novo marco da vossa jornada. Conquanto singelo, simples pedaço de uma alma ardente de môço, dêle é que promanará, cremo-lo o vosso renome de amanhã. Outras virão, obras de mais fundo, produções de melhor tèmpera. Essa, porém, não passará, porque entremostra um triunfo. E são os môços, agora, os vossos antigos com-

panheiros de caminhada, que, vencidos de fadiga e fraquêza, se foram deixando ficar para traz, num amodorramento indesculpável, que se vos achegam, unidos, afim de vos render o seu preito.

E muito embora não saiba por quê escolheram me a mim, talvez o mais obscuro da turba para dizer-vos o que êles vos não diriam nunca pois se sentem prezos da mais funda, da mais ardente emoção. E, assim as minhas palavras não são minhas: são da mocidade. A homenagem que vos testemuinho, nestas láudas é apenas o eco do que vai em todos os nossos corações

E agora, senhoras e senhores, juntai-vos á nossa justa alegria, e que as nossas palavras num só aplauso vão coroar a fronte dêsse môço de talento, que se não venceu batalhas alteando-se a tronos, pela sangueira que derramou, nem por isso fez menos e talvez fosse acertado dizer que fez mais, prolongando, como prolongou, e ha-de por certo continuar fazendo, o nome glorioso admirado e respeitado dos nossos ancestrais e ainda mais alto levando o valor da nossa terra da nossa Atenas prediléta dos grandes deuses imortais.

S. Luiz, 1—IX—920.

ANTONIO DE VASCONCELOS

Esclarecendo

Nas páginas 10 e 11, do 1.º número, onde vem o discurso do sr. Esron Souza rêtifique-se para o seguinte:—“...até que, em 1912, um grupo de jóvens estudiosos composto de Hilton e Djalma Fortuna, Manoel Fernandes Lisbôa e Agenôr Santos, fundou a sociedade jornalística ‘O Canhôto’ e, em 1913, os mesmos rapazes e mais José Vinhais, Valdemiro Viana, Djalma de Vasconcelos João Vítor Ribeiro, Alcide Costa, Nestôr Madureira, Joaquim Luz e Clóvis Castro, fundaram, em sucessão á daquêle nome inexpressivo, a Sociedade Literária Barão do Rio Branco, que

campo e, também tocado pelo desânimo como os outros. aprendestes a fugir de ficar abatido á beira solitária das sendas longas.

Aqui—difere, um pouco, a vossa história da antiga lenda do cavaleiro: porque não consta que outro lhe viesse dar a mão, para que fácil lhe fosse a derradeira escalada ao monte santo. Mas é que a multidão de inimigos, que lhe tolhia a róta, era mais de se vencer que essa outra força, posta de entrave aos vossos passos: a indiferença. E, de feito, é bem mais fácil dominar aqueles, porque se lhes póde oferecer combate lial, de lança ou espada, que essa outra, silenciosa, risonha, mas sarcástica, mais forte que as rijas e pesadas armaduras de aço dos senhores medievais. E, por isso, não admira que alguém vos dêsse apoio, demais que esse alguém não o fez por méro espirito de protêção, e sim por vos conhecer um irmão de ideais e crenças. E em verdade, quando Vêrdi de Carvalho saiu a amparar-vos tudo fazendo, no que estava ao seu alcance, para garantir-vos a vitória, não teve intentos egoísticos. Alegrou-se, porque em vós acabava de achar o que buscava: um companheiro de viagem. Ele também sabia compreender o vosso anseio, também êle trazia, como vós, no peito, o mesmo fogo santo da inspiração, e porque, como vós, também êle andava errante, no doido tentame de subir á montanha do tesouro santo, achou que seria acertado dar-vos a mão, porque fosseis juntos ao vosso comum destino:—vós, um artista da palavra, êle, um artista do som.

E o facto é que chegastes. Se é maior o vosso triunfo, o de Carvalho não é menor, nem mais humilde. Galgastes mais um degráu. *Regina* é um novo marco da vossa jornada. Conquanto singelo, simples pedaço de uma alma ardente de môço, dêle é que promanará, cremo-lo o vosso renome de amanhã. Outras virão, obras de mais fundo, produções de melhor tèmpera. Essa, porém, não passará, porque entremostra um triunfo. E são os môços, agora, os vossos antigos com-

panheiros de caminhada, que, vencidos de fadiga e fraquêza, se foram deixando ficar para traz, num amodorramento indesculpável, que se vos achegam, unidos, afim de vos render o seu preito.

E muito embora não saiba porquê escolheram me a mim, talvez o mais obscuro da turba para dizer-vos o que êles vos não diriam nunca pois se sentem prezos da mais funda, da mais ardente emoção. E, assim as minhas palavras não são minhas: são da mocidade. A homenagem que vos testemunho, nestas láudas é apenas o eco do que vai em todos os nossos corações

E agora, senhoras e senhores, juntai-vos á nossa justa alegria, e que as nossas palavras num só aplauso vão coroar a fronte dêsse môço de talento, que se não venceu batalhas alteando-se a tronos, pela sangueira que derramou, nem por isso fez menos e talvez fosse acertado dizer que fez mais, prolongando, como prolongou, e ha-de por certo continuar fazendo, o nome glorioso admirado e respeitado dos nossos ancestrais e ainda mais alto levando o valor da nossa terra da nossa Atenas prediléta dos grandes deuses imortais.

S. Luiz, 1—IX—920.

ANTONIO DE VASCONCELOS

Esclarecendo

Nas páginas 10 e 11, do 1.º número, onde vem o discurso do sr. Esron Souza rêtifique-se para o seguinte:—“...até que, em 1912, um grupo de jóvens estudiosos composto de Hilton e Djalma Fortuna, Manoel Fernandes Lisbôa e Agenôr Santos, fundou a sociedade jornalística ‘O Canhôto’ e, em 1913, os mesmos rapazes e mais José Vinhais, Valdemiro Viana, Djalma de Vasconcelos João Vítor Ribeiro, Alcide Costa, Nestôr Madureira, Joaquim Luz e Clóvis Castro, fundaram, em sucessão á daquêle nome inexpressivo, a Sociedade Literária Barão do Rio Branco, que

continuou com o «Canhôto», como órgão oficial até dezembro de 1914 e que passou em janeiro de 1915, a denominar-se «O ATENIENSE».

O ESTATUTO

Art. 1.º—Fica estabelecida nesta capital, desde o dia 12 de setembro de 1920, a Legião dos Atenienses, em consequência do fusionismo da Sociedade Literária Barão do Rio Branco, União Estudantal Silvio Roméro, Legião dos Novos e Congresso Estudantal de Ciências e Letras.

Art. 2.º—A Legião dos Atenienses terá quarenta membros efetivos, vinte honorários, vinte representantes e um número irrestrito de auxiliares.

§ único.—Os sócios e sócias das agremiações que entraram para a Legião dos Atenienses ficam pertencendo á classe dos auxiliares, exclusivè os honorários.

Art. 3.º—O seu programa consiste em desenvolver o gôsto pelos assuntos belletristicos, abrangendo os de arte pura, sem se desinteressar das pesquisas de caráter scientifico ou filosófico.

Art. 4.º—Quando ocorrer qualquer vaga no quadro dos membros efetivos, a eleição realizar-se-á por meio de escrutinio secreto, convindo optar-se pelos sócios auxiliares.

Art. 5.º—Dando-se a mudança de residência, os sócios efetivos não perdem a sua categoria, uma vèz que continuem prestando o seu concurso.

Art. 6.º—Os sócios efetivos e auxiliares, excèto as sócias, contribuirão para as despèzas com a joia de \$5000 e a còta de 2\$000, mensais.

Art. 7.º—A orientação compete a um presidente, um vice-presidente, dois secretários, um tesoireiro, um bibliotecário e um orador.

§ único.—Haverá igual número de suplentes.

Art. 8.º—Só poderão ser diretores os membros efetivos e honorários, rezervando-se aos demais sócios o direito de votar.

§ único—A eleição da diretoria etètuar-se-á no primeiro domingo de dezembro e a posse no primeiro domingo de janeiro.

Art. 9.º—A Legião dos Atenienses fun-

cionará com um tètço; mas só a maioria dos sócios quites poderá tomar deliberações.

Art. 10.—As reuniões ordinárias serão mensais.

Art. 11.—Os membros da Legião dos Atenienses obrigam-se a escolher um patrono, entre os escritores brasileiros, cumprindo-lhes preferir os do norte e sobretudo os maranhenses.

Art. 12.—Não se considerará proprietário do título de membro etètivo quem deixar de fazer o elogio do seu patrono.

§ único.—Passarão da classe de auxiliares á dos efetivos os que satisfizerem a disposição acima prescrita.

Art. 13.—A Legião dos Atenienses procurará organizar um núcleo de obras selètas, reunindo tanto quanto possivel as dos escritores maranhenses.

Art. 14.—A Legião dos Atenienses publicará uma revista, na qual escreverão os seus associados, e que se intitulará «O Ateniense», antigo órgão da Sociedade Literária Barão do Rio Branco.

Art. 15.—O regimento interno especificará as atribuições da diretoria.

REGIMENTO INTERNO

CAPITULO I

Das admissões e direitos

Art. 1.º. O pagamento de joia e das mensalidades realizar-se-á logo após a entrada para o quadro social.

Art. 2.º. As propostas de sócios serão subscritas por tres legionários, no pleno gôzo dos seus direitos.

Art. 3.º. O sócio que se atrazar num trimestre de còtas, e que não tenha pago a joia, será eliminado.

Art. 4.º. O sócio que tiver mais de seis mezes quites, e que por motivo superior, desde que o justifique, se atrazar nos pagamentos, apenas incorrerá na escluzão, quando o atrazo atingir seis còtas.

Art. 5.º. Os atos eliminatórios barsear-se-ão em aviso do tesoireiro, sempre que se trate dos débitos; nos casos restantes, a diretoria procederá por si própria.

continuou com o «Canhôto», como órgão oficial até dezembro de 1914 e que passou em janeiro de 1915, a denominar-se «O ATENIENSE».

O ESTATUTO

Art. 1.º—Fica estabelecida nesta capital, desde o dia 12 de setembro de 1920, a Legião dos Atenienses, em consequência do fusionismo da Sociedade Literária Barão do Rio Branco, União Estudantal Silvio Roméro, Legião dos Novos e Congresso Estudantal de Ciências e Letras.

Art. 2.º—A Legião dos Atenienses terá quarenta membros efetivos, vinte honorários, vinte representantes e um número irrestrito de auxiliares.

§ único.—Os sócios e sócias das aggregações que entraram para a Legião dos Atenienses ficam pertencendo á classe dos auxiliares, exclusivé os honorários.

Art. 3.º—O seu programa consiste em desenvolver o gosto pelos assuntos belletristicos, abrangendo os de arte pura, sem se desinteressar das pesquisas de caráter scientifico ou filosófico.

Art. 4.º—Quando ocorrer qualquer vaga no quadro dos membros efetivos, a eleição realizar-se-á por meio de escrutinio secreto, convindo optar-se pelos sócios auxiliares.

Art. 5.º—Dando-se a mudança de residência, os sócios efetivos não perdem a sua categoria, uma vez que continuem prestando o seu concurso.

Art. 6.º—Os sócios efetivos e auxiliares, exceto as sócias, contribuirão para as despêzas com a joia de \$5000 e a cota de 2\$000, mensais.

Art. 7.º—A orientação compete a um presidente, um vice-presidente, dois secretários, um tesoireiro, um bibliotecário e um orador.

§ único.—Haverá igual número de suplentes.

Art. 8.º—Só poderão ser diretores os membros efetivos e honorários, rezervando-se aos demais sócios o direito de votar.

§ único—A eleição da diretoria eteturar-se-á no primeiro domingo de dezembro e a posse no primeiro domingo de janeiro.

Art. 9.º—A Legião dos Atenienses fun-

cionará com um terço; mas só a maioria dos sócios quites poderá tomar deliberações.

Art. 10.—As reuniões ordinárias serão mensais.

Art. 11.—Os membros da Legião dos Atenienses obrigam-se a escolher um patrono, entre os escritores brasileiros, cumprindo-lhes preferir os do norte e sobretudo os maranhenses.

Art. 12.—Não se considerará proprietário do título de membro efetivo quem deixar de fazer o elogio do seu patrono.

§ único.—Passarão da classe de auxiliares á dos efetivos os que satisfizerem a disposição acima prescrita.

Art. 13.—A Legião dos Atenienses procurará organizar um núcleo de obras seléatas, reunindo tanto quanto possível as dos escritores maranhenses.

Art. 14.—A Legião dos Atenienses publicará uma revista, na qual escreverão os seus associados, e que se intitulará «O Ateniense», antigo órgão da Sociedade Literária Barão do Rio Branco.

Art. 15.—O regimento interno especificará as atribuições da diretoria.

REGIMENTO INTERNO

CAPITULO I

Das admissões e direitos

Art. 1.º. O pagamento de joia e das mensalidades realizar-se-á logo após a entrada para o quadro social.

Art. 2.º. As propostas de sócios serão subscritas por tres legionários, no pleno gozo dos seus direitos.

Art. 3.º. O sócio que se atrazar num trimestre de cotas, e que não tenha pago a joia, será eliminado.

Art. 4.º. O sócio que tiver mais de seis mezes quites, e que por motivo superior, desde que o justifique, se atrazar nos pagamentos, apenas incorrerá na escluzão, quando o atrazo atingir seis cotas.

Art. 5.º. Os atos eliminatórios barsear-se-ão em aviso do tesoireiro, sempre que se trate dos débitos; nos casos restantes, a diretoria procederá por si própria.

Art. 6. O sócio que dever mais de uma cota não poderá votar, nem ser votado

Art. 7. Aos sócios fundadores, que saírem desta capital, póde facultar-se a dispensa das contribuições mensais, enquanto durar a ausência.

CAPITULO II

Dos deveres

Art 8. Compete aos sócios em geral:

1. Comparecer a todas as sessões;

2. Frequentar a sociedade e promover o seu desenvolvimento;

3. Participar a mudança de moradia.

Art 9. Incumbe ao presidente:

1. Presidir ás sessões;

2. Proclamar e fazer chegar ao conhecimento dos sócios os seus atos;

3. Epedir instruções para a bõa administração da sociedade;

4. Convocar sessões extraordinárias;

5. Promover e manter correspondência com outras corporações e jornais do Brazil e do estrangeiro;

6. Dar contas mensais aos sócios, indicando-lhes as medidas necessárias, na primeira sessão de cada mês.

Art. 10. O vice-presidente substituirá o presidente quando este estiver impedido.

Art. 11. Cabe ao 1.º secretário:

1. Lavrar e ler as atas das sessões;

2. Receber officios, petições, representações e todos os demais papéis dirigidos á sociedade, fazendo-os constar nos protocolos especiais, que se criem para tal fim;

3. Empregar todo o zêlo e pontualidade, para a bõa marcha dos serviços da secretaría;

4. Fornecer ao presidente, cada

mês, o relatório do que se dêr na secretaría;

Art 12 Pertence ao 2.º secretário:

1. Substituir o 1.º, nos seus impedimentos;

2. Encarregar-se de espedir o órgão da sociedade

Art 13. Cabe ao bibliotecário:

Catalogar e trazer em ordem os livros jornais e revistas, zelando pela sua conservação.

Art. 14. Cumpre ao tezoireiro:

1. Envidar todos os esforços para o bom equilibrio das finanças sociais;

2. Trazer na devida ordem e asseio a respètiva escrituração;

3. Fornecer ao presidente, cada mês, um balancete da tezoiraria.

Art. 15 Fica proibido o acúmulo de cargos.

CAPITULO III

Disposições gerais

Art. 16. O sócio que se retirar da Legião, sem motivo plauzível, o que se verificará pela falta de comparencia ás sessões, infringir o artigo 3.º ou abandonar o cargo, não se readmitirá.

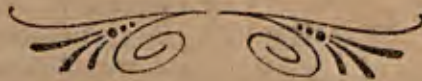
Art. 17 O órgão social terá como corpo de redatõres a diretoria. A colaboração do sócio, no gõzo dos seus direitos, preterirá outra qualquer matéria, esceto o que se referir ao movimento social.

Art. 18 Permitir-se-á ao sócio retirar livros da biblioteca, mediante um documento escrito, em que se responsabilize pela reentrega.

Art 19 As atas das sessões serão assinadas pelo presidente, vice-presidente, 1.º secretário e o tezoireiro, quando assistirem ás mesmas.

Art 20. As providências não previstas nos estatutos serão determinadas pelo presidente com aprovação da sociedade.

S. Luiz, 2 de dezembro de 1920.



GANDE MILAGRE !

CURA MARAVILHOSA

Na sciencia dos grandes actuais,
Já consultei finos alopatas,
Espiritistas, adivinhadores,
Mediuns videntes, homœpatas,
E charlatães interesseiros...
O Alfredo já enguliu uma drogaria,
Já tomou injecções de toda a sorte,
E cada dia
Vejo mais fito nele o olhar da morte !
Quem sabe se o rapaz se não cura
Ao ar livre, nos campos desportivos,
Football, que fina diabrura
Dessa vida dos «boys», fortes e vivos,
Que são o orgulho e a glória da Inglaterra
F. A. C. ou LUSO cigarros finos, nomes grandes encerra
Uma receita salvadora !
E a verdade é que o Alfredo se salvou !
Salvou-se, ganhou forças, ficou lindo,
Jogando foot-ball com prazer infindo
De quem no *sport* u.n novo sangue achou !
E hoje ao lado do filho idolatrado,
Fumando sempre F. A. C e LUSO, os seus cigarros, amigo.
O dr. Saldanha anda encantado,
Vendo o rapaz fóra de perigo...
E, a quem lhe indaga a origem da mudança,
O velho pai responde: Amigos fieis !
Depois de gastar rios de dinheiro,
A consultar o mundo inteiro,
Vê-le—e ele aponta a alva e robusta criança
Curei o meu filho, só fumando F. A. C e LUSO
Com 500 réis.

FUMO AMAELO VEADO—PAPEL FINO

MANIPULADO COM TODO O ASSEIO
POR OPERARIOS COMPETENTES

UNICO FABRICANTE — J. R. SANTOS

RUA 28 DE JULHO, 11 e 14 — MARANHÃO

—* GATO PRETO *—

O ATENIENSE

NUMS. 4 e 5

S. LUIZ DO MARANHÃO

ANO 1

JANEIRO E FEVEREIRO 1921



SOTÉRO DOS REIS

Quadro social da Legião dos Atenienses

PATRONOS

SOTERO DOS REIS	—João Vitor Ribeiro
ANTÓNIO LOBO	—António Viana de Souza
JOÃO LISBOA	—Djalma Fortuna
GONÇALVES DIAS	—Hilton Fortuna
ARTUR AZEVEDO	—José N. Reis Perdigão
ALUIZIO AZEVEDO	—Joaquim Luz
JOSE DO PATROCINIO	—Pitágoras de Moraes
EUCLIDES DA CUNHA	—Edmundo Calheiros
J. MARANHÃO, SOBRINHO	—José de Pádua Fortuna
VESPAZIANO RAMOS	—João Guilherme de Abreu
ALCIDES FREITAS	—Deolindo Couto
ANIZIO AUTO DE ABREU	—Walter Spíndola da Silva
JOSÉ DE ALENCAR	—José Mata de Oliveira Roma
RAIMUNDO CORRÊA	—José dos Santos Carvalho

SOCIOS HONORARIOS

José Eduardo Teixeira de Souza, Henrique Coelho Neto, José Ribeiro do Amaral, D. Helvécio Gomes de Oliveira, Domingos Afonso Machado, Aquiles de Faria Lisbôa, Júlia Lopes de Almeida, Manoel Fran Paxeco, Alberto de Oliveira, José Francisco da Rocha Pombo, Medeiros e Albuquerque, Godofrêdo Mendes Viana, Júlio Dantas, Domingos Quadros Barboza Alvares, Clóvis Beviláqua, Justo Jansen Ferreira, João Ribeiro, Afrânio Peixoto, José Luso Torres, Alfredo de Assis Castro.

SOCIOS AUXILIARES

Senhoritas Maria Carolina Botelho de Andrade, El-Zuila Souza, Noémi Souza, Marieta Fortuna, Esveraldina Fortuna, Luiza Viana, Raimunda Azevedo, Raimunda Vasconcelos, Circe

Castro, Creuza Castro, Henriette Bricotte, Francisca Domingues da Silva, Maria Celina Pessôa de Holanda, Conceição Parga Bâtista; sras. d. d. Corínia Caldas Dias, Estér Fortuna Pires, Raimunda Souza Ribeiro; senhoritas Adelaide Kerte, Esmeralda Kerte, Lucrecia Kerte, Zila Páís, Diná Teixeira, Amélia Macieira, Odila Berniz, Odéssa Berniz.

DIRECTORIA

Fran Paxeco, *presidente*; João Vitor Ribeiro, *vice-presidente*; Pitágoras de Moraes, *1.º secretário*; João Guilherme de Abreu, *2.º secretário*; Joaquim Luz, *tezoireiro*; Walter Silva, *bibliotecário*; Mata Roma, *orador*.

Suplentes: Rúben Almeida, Ebron Souza, José dos Santos Carvalho, Nestôr Madureira, José Zoroastro da Silva Vieira, Clemente Guedes.

SUMARIO

A linguagem.....	1	Passionais.....	15
O juizo humano.....	1	O Zumbi.....	15
Velha história.....	2	Carnaval.....	17
Sotéro dos Reis.....	3	Dois poetas.....	17
Regrêso.....	8	D. Pedro II.....	18
Ave-Maria.....	9	Rio Branco.....	20
Cabra.....	10	L.....	20
Os Ateniadas.....	12	Traços criticos.....	20
Reminiscences.....	14	Memorial histórico.....	25

JANEIRO E FEVEREIRO DE 1921

A LINGUAGEM

Sempre se cultivou aqui, a pureza da fala e da escrita. Entenda-se que pureza não é purismo, afetação, mas sim o emprêgo das formas corrêtas. Deixe-se de banda a prosódia, que diverge muito, dentro dos paizes, sejam quais fôrem. A parte sólida ou estática dos idiomas está na estrutura sintática. A flexível ou dinâmica deriva das modulações de pronúncia, que em nada prejudicam a substância orgânica, dos neologismos, dos termos regionais, dos técnicos, etc. Sotêro dos Reis, ao elaborar, em 1862, as suas *Postilas de gramática geral*, deu-lhes por subtítulo — *guia para a construção portugueza*. Isto demonstra que penetrará na essência do problema, separando o intrínseco do estrínseco, o quase imutável do bastante mutável. Acertou.

A própria grafia superior ao marulho prosódico, possui leis infrangíveis. Chamem-lhe místa, usual, fonética, etimológica, simplificada, etc., estes sinais nunca representaram o arbítrio de ninguém. Citemos ainda Sotêro: — «Se observarmos o que vai pelas outras línguas, em que as palavras se escrevem de um modo, e pronunciam de outro, como na francêza e na inglêza, cuja ortografia merece o nome de verdadeiro capricho, veremos que a portugueza é uma daquelas em que a escritura varia menos da pronúncia, se bem mais que na italiana» (*Gramática portugueza*, pg. 276 da 2.^a ed., 1871).

Ha erros ortográficos, no entanto, que induzem a inconcebíveis disparates. Condensem-os num — o *criar* das leis e dos decretos. Esta palavra grafa-se por duas maneiras — *crear* e *criar*. Mas, conjugando se o verbo, em hipótese nenhuma aparece o extravagante — *crea* ou *créa*,

que nunca existiu e provém, talvez, da homofonia com *crer*, no indicativo e subjuntivo. Só um gramático, ao que nos consta, estabeleceu distinções entre *criar* e *crear*, invocando o passivo latim. Julgando-os «muito diferentes» de significado, termina pelo argumento — *que êsse é o uso*. (*Ortografia* de Madureira Feijó, pgs. 240-41, 1739) Se se vale disso, a que vem a etimologia?!.. Sotêro, no segundo livro dos mencionados, repete que se ignora qual fôsse a ortoépia do grego e do latim

Repudiemos, portanto, caturrices importunas, e firmemo-nos, ao virem dúvidas, nos autores de fama incontestada, sejam filólogos, sejam beletristas. Uns e outros, na terra onde se gerou a nossa linguagem, jamais se utilizaram do inesplícável *crea* ou *créa*. E, se qualquer adôta, cá ou lá, esta grafia errônea, no último dos vocábulos referidos, claro que se reporta ao verbo *crer*, conjuntivo presente e não ao *criar*, (*crie* no mesmo tempo).

Coisas elementaríssimas, que o mais moroso dos meninos das escolas primárias sabe, mas que muitos, apesar de idosos, desconhecem.

O JUÍZO HUMANO

Nada mais horrível, nada mais incerto, nada menos seguro do que o juízo humano. Frágil, como as coisas mais frageis, cede terreno á maneira dos ventos, que se movem e deslocam sem nenhum esforço, e das ondas, recuando ou avançando no leito do mar.

Temo o juízo humano, como temo os furacões como temo as guerras, como temo tudo quanto é incerto e doloroso.

O homem vê tudo segundo um prisma, que se cria. A mesma lei, explicada por doutos juriconsultos, sofre violências atrozes sofre

interpretações contraditórias, e a esta dobrêz do juizo humano ficam sujeitos aqueles que pedem justiça. Nunca me esquecerei de um facto, occorrido no Supremo Tribunal, a propósito da célebre questão das pedras, de que tratou, veementemente. Fausto Cardoso. Um juiz, quero dizer um ministro do Supremo Tribunal, pronunciou, com o seu voto, o director de contabilidade do tesouro federal. Havendo agravo, ou coisa que o valha, esse mesmo ministro, ainda com o seu voto, concorreu para libertar o mesmo director, dizendo que tinha estudado mal os autos, ou que tinha feito uma leitura pouco atenta. Eis como se condena, ou se absolve um cidadão.

Como jurado, vi um juiz de facto, antes um louco, fechar na mão direita uma bola branca e uma preta, e dizer, aproximando-se da urna:—E' o que a sorte der. Outra vêz, vi um pobre diabo delegar aos outros a sua faculdade de julgar:—Façam vocês o que fôr melhor.

Tenho visto, durante a sessão, jurados que dormitam, outros que pintam macacos, sem acompanhar o processo. Tenho visto a cabala, o empenho desenfreado, imposições de toda a espécie, e conclue-se disto que se reúne um tribunal para fazer justiça.

Secundando as sublimes palavras de Vieira, nos seus imortais sermões, tambem digo que tenho horror á justiça humana, essa justiça cega, apaixonada, ignorante, com todos os atavios da sua sciência jurídica, com todas as pompas da democracia.

Receio muito os julgamentos das *coteries*, essas confrariás de elogio recíproco, essas rodinhas de aldeia, esses pequenos nadas que fazem soar a trombêta da sua fama e glória.

Lastímo a mocidade entregue ao acaso dêsses exames pedagógicos ou scientificos, onde tanto imperam o amor, o ódio, o interesse.

Embora haja excêções em todos os tribunais, onde a justiça, muitas vêzes, é a verdade, é isso tão efé-

mero, tão casual, que nada mais me apavora, nada mais me atemoriza do que um julgamento, tão favelável é o homem, apezar do seu cortejo de sapiência!

S. Luiz,—915.

JOSÉ AUGUSTO CORRÊA.

VELHA HISTÓRIA

(PARA ALZIRINHA)

MONÓLOGO INFANTIL

*Era um botão de roza muito lindo,
Quaze a desabrochar
Quando as auras passavam com doçura,
Não podiam deixar
De néle um beijo longo, quaze infindo,
De amor depoziatar.*

*Entanto, essa afeição era amargura
Na irmandade das flôres...
—“ Ora, um simples botão !... ”—diziam elas,
Com maldade e rancôres...
—Mas as brizas não ovvem. Com ternura,
Aumentavam os amôres !*

*E crescia o botão. Quem visse aquelas
Florinhas invejzas
Resmungando o despeito, pensaria,
De coizas espantozas !...
—Tudo porque o botão já prometia
Princêza ser das rozas !*

* * *

*Ao lado, num canteiro tumultuozo
De begónias, de lírios, de camélias,
Recalcando um tapete de bromélias,
Destacava-se um cravo perfumozo.*

*Este cravo, tão belo, era um temível,
Invejozo e ciumento companheiro ;
Era quem fomentava no canteiro
A discórdia maldita, tão terrível.*

*E dizia :—“ Não ha tão prezumido
Botão como tu és, neste jardim...
Contempla-me, tartufo,—olha-me assim,
Qual de nós dois parece-te o vencido ?... ”*

*—Não ligava importância á malquerença
Das despeitadas flôres o botão ;
Lindo cada vêz mais, tinha o condão
De apenas dar perfumes como ofensa.*

.....

*—Não sabia Luizinha
Da politica atroz,
Que no jardim pairava,
Acirrada e feróz*

*Tinha o antigo costume
De vir, pelas manhãs,
Regar, sem privilégios,
As florinhas loiçãs...*

—Porém, naquele dia, descuidada,
Ao passar no canteiro da rozeira,
Pelo botão tornou-se enamorada,
E quedou-se a fitá-lo uma hora inteira.

A flôr, assim, tão sozinha,
Entre as ruínas das mais,
O pórtico solene tinha
Dê deusa dos vejetais!

Afrontando o perigo dos espinhos,
Aqueles mãos tão finas, tão gentis,
Não lhes negaram festas e carinhos,
Provocando o rancôr das flôres vis.

E perpassou por todas, de repente,
Um sópro de discórdia, num lampejo,
Quando a linda Luizinha, de contente,
Imprimiu no botão um terno beijo...

—Vencêra o belo o orgulho desmedido
Que a todo o tempo e em tudo é maldição;
Deus, neste gesto justo e tão subido,
De amor, de bem, prégára uma lição!...

Rio—1920.

HILTON FORTUNA.

—A inveja mata
Mesmo a sorrir;
Tudo arrebatada,
Faz demolir.
Nada reziste
Ao seu furor;
Só o mal persiste
Aterrador!

—Se passasse um ciclone enfurecido,
Ou se baixasse o sol encandecido,
Tanto mal não faria!
Aquele beijo só, era uma afronta
Aos brios do jardim!... De ponta a ponta
A cólera fervia!

—Enquanto as invejozas sucumbiram,
Vítimas da raiva que sentiram
Nesse dia fatal,
A naturêza, a mãe sempre bondosa,
Fez surgir do botão soberba roza
Perfeita e sem rival.

O beijo de Luizinha fecundára
Dando vida e belêza á roza avára
Do bem que recebeu!
E baloiçante á briza que soprava,
Então, toda meiguice se mostrava,
Puira como nascêu!

O cravo, o belo cravo,
O mais tocado pelo despeito;
Do rancôr tinha o travo,
Amargo, aniquilante, bem no peito.

E deixou-se abater
No rodopio louco da rajada,
Só para não viver
Humilhado, ante a roza perfumada...

Dêle ficára o talo,
Como um cipreste fúnebre, tristonho;
Imenso fóra o abalo
Que lhe viêra tirar do orgulho o sonho...

—E a linda roza gracil,
Cheia de aroma e frescor,
Gozava no tenro hastil,
Da briza o beijo de amor...

—Luizinha, quando passava,
Tinha caricias de amante;
A fresca roza beijava
Numa efusão trasbordante.

Sotéro dos Reis

Discurso proferido, a 16
de janeiro dêste ano, pelo
sr. João Vitor Ribeiro

E' por demais honroso o desempenho do encargo que aqui me traz, primeiro, porque venho occupar-me de uma grande personalidade, um dos precursores da geração literária do Maranhão, que florescêu no século XIX—o eminente filólogo Francisco Sotéro dos Reis; segundo, porque venho iniciar a grande carreira que ha de seguir a Legião dos Atenienses, no cumprimento fiel do seu estatuto.

Com o trabalho de hoje, venho inaugurar, oficialmente, o quadro efectivo da Legião, e oxalá possa em breve contar com todos os meus companheiros, para firmarmos, assim, uma nova fase na historia das letras maranhenses.

Não poderia escolher data mais propícia do que a de hoje, em que a posteridade celebra o cincoentenario do falecimento do abalizado mestre que escolhi para patrono. Pena é que toda a nossa familia literária não tenha cooperado de modo a comemorar-se condignamente essa importante data da historia local.

O Maranhão, que conquistou o título de Atenas Brasileira, pelo efeito radiante do esplendor com que se houveram nas letras tantos filhos seus, não deveria deixar imergir-se no olvido essas datas preciosas; devia trazê-las sempre

na retina; rememorá-las nas escolas. repetir, incessantemente a essas legiões de escolares os nomes dos seus grandes homens, ministrar-lhes lições da sua história mental de maneira que as crianças se habituassem a cultuar e admirar os seus antepassados

A não ser Gonçalves Dias, o príncipe dos nossos poetas, cuja memória recebe, periodicamente, pequenas homenagens da mocidade estudiosa, homenagens que, na maioria, tomam vulto pelo concurso da criança que a elas comparece, tangida por determinações superiores nenhum outro nome se ouve, nenhum outro nome desperta entusiasmo nas rodas literárias.

A nossa história está, entretanto, repleta de figuras que se notabilizaram, e as homenagens que teem recebido tendem a reduzir-se á colocação dos seus nomes nas escolas públicas e á gravação nas placas das nossas ruas.

Cabe agora á Legião dos Atenienses preencher essa lacuna, exercendo na medida dos seus recursos, esse mistér o que de alguma fórma ha de ser útil á nossa terra.

Para iniciar essa grandiosa tarefa, compete-me a mim o dever de elogiar o meu patrono, precisamente no dia em que transcorre o quinquagésimo aniversário da sua morte, o que equivale a dizer que, depois de meio século de immortalidade, o seu nome, empoeirado pelo esquecimento, volta a lembrá-lo a mocidade, que se ergue, em busca de um novo padrão de glórias

Afóra as homenagens prestadas pela imprensa estadual, esternadas em diversos artigos, insertos nas colunas editoriais do *Publicador Maranhense*, do *Paiz*, do *Liberal* e outras folhas que circulavam em 1871. entre elas o *Jornal do Comércio*, de Lisboa, as quais lamentaram consternadas a perda de tão elevada sumidade intelétual,—que mais se fez á memória de Sotéro dos Reis?

Em 1873, o dr. A. Henriques Leal, nosso illustre conterrâneo, enfeixando em quatro volumes do *Panteon Maranhense*, os ensaios biográficos de

alguns maranhenses notaveis, incluiu o nome de Sotéro, ao lado de Odorico Mendes, João Lisboa, Gonçalves Dias, etc. Sómente nessa obra, muito rara, se encontra que lêr a respeito dos nossos maiores. Abordando-me ao *Panteon*, procurei organizar esta humilde rezenha.

Nesse mesmo ano, o povo maranhense, querendo perpetuar Gonçalves Dias, erigiu-lhe uma estátua, justapondo aos flancos da peanha as effigies de quatro paladinos do saber, uma das quais foi a de Sotéro. Em 1918, o professor José Augusto Corrêa, ao ser admitido na Academia Maranhense, ocupou-se ligeiramente dêle, como seu patrono.

Apenas tenho noticia desses preitos. Sotéro dos Reis, entretanto, de 1818 a 1871, isto é, por mais de cincoenta anos, nada mais fez do que empregar todo o seu esforço, empenhar todas as pérolas do seu talento em beneficio do seu querido Maranhão, instruindo, com os seus ensinamentos inúmeras legiões de sêres.

Houve, creio, certa lembrança, cuja origem não me é dado precisar de se conferir o seu nome á praça hoje da Alegria, por se ter verificado o óbito do grande maranhense numa das casas que formam angulo à referida praça. Ainda tive occasião de lêr algures o anúncio de uma casa comercial, alí localizada, cujo enderêço era a — praça Sotéro dos Reis. Foi uma idéa que não vingou e o nome dêsse eminente filólogo permaneceria no limbo, se o govêrno do estado, com o intuito de homenagear os filhos illustres da nossa terra, não o dêsse a uma das escolas públicas, que, digâmos de passagem, é uma das mais prósperas da nossa capital

Deixemos, porém, as divagações. Francisco Sotéro dos Reis, meus illustres senhores, efêtuou a sua entrada no escabroso círculo da vida, quando o século XIX, ainda tenro, se não havia equilibrado no ciclo da eternidade.

A 22 de abril de 1800, o anjo tutelar das letras pátrias saudou,

no horizonte, um novo astro. Assim começa o muito ilustre padre Fonseca os traços biográficos de Sotéro. Foram seus pais Baltazar José dos Reis e D Maria Terêza Cordeiro, a quem os rigores do destino não permitiram admirar o subido valor e admirável talento do seu estremeado filho.

A precocidade da inteligência conduziu-o, cedo, para a escola primária, onde, pela pronta compreensão, se tornou em breve um ídolo dos condiscípulos. O mestre-escola não lhe era superior e assim, aos dōze anos, Sotéro conseguiu destacar-se. Ainda perduram as velhas salas do convento do Carmo, em que brotaram as espigas de ouro do seu espírito, impondo-se ao aprêço e confiança dos professores e exercendo até as funções de mestre.

Aos dezoito anos, prestes a partir para a França, em cujas aulas ia encetar os estudos médicos teve a interceptar-lhe o intento um profundo desgosto, de que resultou o assumir a cheffia da sua família. Morrêra-lhe o pai e, com este, desapareceram os meios de que dispunha.

Constituiu-se, então, em amparo da sua genitora — e, para se manter, houve de recorrer ao seu teoziro intelètual, consagrando se ao magistério particular. Conhecidas so-bejamente as suas habilitações o governador Bernardo da Silveira Pinto da Fonseca nomeou-o em 1821, para a cadeira de latim, no colégio de La Rocca, que aquela autoridade subvencionava generosamente.

Mais tarde, aos 23 anos, era Sotéro provído na cadeira pública daquela mesma disciplina, grangeada em concurso, o que lhe deu ensejo de tornar bem patente o seu elevado mérito. Passou, depois para o Liceu, onde se assinalou por um luminoso rasto.

Dessa ampla estrada, em que se desenvolveu com segurança e firmeza, só se desviaria, ao partir para o mundo insondável do infinito.

Ao mesmo tempo, porém, que

distribuia paternalmente as suas lições á juventude, acompanhava o movimento político, distinguindo-se também nesse campo. Foi conselheiro geral da província e, ao fundar-se a assembléa legislativa, elegeram-o deputado, reelegendo-o em várias legislaturas

Como jornalista, teve o seu lugar de relêvo, na imprensa local, em que se estreou quase ao mesmo tempo que no professorado. Redigiu e colaborou em diversos jornais, de que citaremos — *O Maranhense*, em 1825, o *Constitucional*, em 1831, o *Investigador Maranhense*, em 1836, a *Revista*, de 1840 a 1850, o *Correio dos Anúncios*, em 1851, o *Observador*, em 1854, e, por último, o *Publicador Maranhense*, de 1856 a 1861.

Abandonando o mistér de jornalista, dedicou-se á literatura e á filologia. Nesse terreno, confirmou a superioridade dos seus conhecimentos. Assim, em 1862, publicou as *Postilas de gramática geral, aplicada á lingua portugúeza, pela análise dos clássicos*; em 1866, a *Gramática Portugúeza, acomodada aos principios gerais da palavra, seguidos da immediata applicação prática*; de 1863 a 1869, divulgou, em cadernêtas, a tradução dos *Comentários de Cáo Julio César* e, por fim o *Curso de literatura portugúeza e brazileira*, em 4 volumes, impressos de 1866 a 1868.

Em 1866, quando se occupava do preparo da sua derradeira obra, um áto de justiça, do dr. Lafaiete Rodrigues Pereira, presidente da província, jubilou-o. Mas não des-cansou. Apesar de se recolher á vida íntima, o venerando mestre levou ainda o seu concurso ao Instituto de Humanidades, para o qual redigiu os seus melhores livros.

Entre os manuscritos que deixou, encontrou-se pronto para o prélo, o quinto volume do *Curso de literatura*, composto de 18 preleções, assim distribuidas: — Duas sôbre as obras póstumas de Gonçalves Dias, duas sôbre as *Máximas* do marquêz de Maricá, duas sôbre as *obras oratórias* de Mont'Alverne, cinco sôbre as *Obras* de João Francisco Lisboa, seis sôbre as de Almeida Garrett

e uma sôbre o *Eurico*, de Alexandre Herculano.

Eis aí, senhores, um rápido bosquejo do que foi a vida de Sotéro dos Reis. Vimos quão grandioso se revelou o seu trabalho e de quanto acatamento se tornou digno. Elaborou obras de vulto que moveram a crítica de homens de reconhecida valia, tais como o dr. Trajano Galvão de Carvalho, que, a respeito das *Postilas*, adôttadas nos estabelecimentos secundários, assim se esternou: — « Quando passâmos daquele estilo pesado, confuso e embrionário do professor de Coimbra, para a leitura das amenas páginas, animadas pelos toques magistrais do estilo cheio, firme e igual do exímio escritor maranhense, quando passâmos, daquele câos gramatical para este primôr de ordem, método e perspicuidade, parece-nos que subimos de um labirinto subterrâneo e tenebroso para a orvalhada frescura de uma manhã, rica de fragância e esplendores ».

« Não concorre pouco para tornar amenas e perspícuas as questões gramaticais — de si tão áridas e rebarbativas — a esplêndida exemplificação, constante dos melhores trechos ou lances dos mais eminentes dentre os escriptores mais puritanos, com que o sr. Sotéro tanto enriqueceu e autorizou o seu trabalho Assim, no meio daquele concôrto olímpico e divinal, em que os sons guerreiros da tuba épica de Camões se confundem com as arrojadas harmonias da lira sonora de Filinto, e com as graves e religiosas notas do saltério biblico de Souza Caldas os preceitos e regras gramaticais vão-se incutindo e incarnando suavemente no ânimo e bracejam, sem custo, nem demora fundas raizes na memória dos que aprendem. O valor do serviço prestado pelo sr. Sotéro á lingua portugueza sôbe de ponto, as suas modestas *Postilas* tomam as proporções de um livro verdadeiramente novo, precioso e de incalculável alcance prático, pois parecem destinadas a operar a regeneração dela ».

A *Gramática Portugueza*, de Sotéro,

atraiu as mais honrozias referências de António Feliciano de Castilho, que não regateou encômios ao belo relicário de doutrinas sãs, fartamente difundidas pelas escolas, e ainda hoje repetidas pelos que nelas se abeberaram.

Na versão das *Comentários*, diz o dr. Henriques Leal, sem se apartar da fidelidade, reproduzindo as imagens e valentia do estilo do grande escriptor latino, acha-se o portuguez oiro de lei, no mais elevado quilate O *Curso de literatura*, enfim, é um perdurável monumento de erudição.

Não obstante serem hoje raras as suas obras, fôram suficientemente apreciadas e comentadas, para que não ficassem esquecidas pelos homens de letras do paiz, que re-conheciam no Maranhão o manancial mais farto de intelêtuais brasileiros Observâmos, porém, que bem depressa o baniram da memória os autores que lhe sucederam.

João Ribeiro e Silvio Roméro, dois astros rutilantes para a geração nova, publicaram um compêndio de história da literatura brasileira onde se occupam de muitos homens ilustres. Nos tempos que correm, segundo alguns, não ha trabalho mais completo. Não figura lá todavia, o nome de Sotéro dos Reis. E' penozo que, por um lamentável descuido, ou mesmo de propósito, não tivesse ali o grande mestre um posto representativo, junto dos seus contemporâneos Gonçalves Dias João Lisboa e outros de inestimável valor. Devemos, contudo, ao eminente escriptor paraense José Verissimo uma página da sua *História da literatura brasileira*, relativa a Sotéro, como parte integrante do capítulo *Gonçalves Dias e o grupo maranhense*.

Coelho Neto, o vibrante talento, que todos nós admirâmos, num ligeiro compêndio de literatura, não esqueceu tambem esse nome respeitável e num pequeno canto do seu rezumido livro, lançou, de passagem, algumas linhas rememorativas

Sotéro tambem teve a sua veia poética. Compôz algumas odes e sonetos, um dos quais — sublime in-

blime invocação á alma da sua querida espôza. se depára na "Colêtânea" de Laudelino Freire. Transcrevemo-lo aqui:

Se lá na eterna glória a que voaste,
A lembrança do mundo se consente,
Aceita, alma piedosa, a dôr pungente
De tudo quanto aqui idolatraste:

O espôzo, a filha, os filhos que deixaste,
Em magoa e saudade permanente,
Vivem na terra vida descontente
Dês que as corpóreas vestes tu largaste.

Ao seio de Deus tornas radiante
De virtude e bondade, qual saiste
Imaculada de nascer no instante:

A nós queixosos neste vale triste
Volve-te como foste sempre amante,
Porque entre nós só amargura existe.

Por uma destas simpatías, que nos empolgam, espontâneas, sem se saber como, comecei a cultivar o nome de Sotéro, quando, ao influxo tradicional das ondas literárias da minha terra, entrei para uma das associações locais, em que sempre foi fértil o nosso Maranhão.

O nome não me era estranho. Em caza, falava sempre dêle o meu venerando pai, que guardava, como custoza reliquia, um exemplar das *Pastilas* e outro da *Gramatica geral*, convindo acentuar que derivaram dessa fonte precioza de ensinamentos as primeiras gôtas que orvalharam a terra dos meus ensaios gramaticais. Foi o bastante. Quando tive de escolher o meu patrono para as pugnas literárias, o primeiro nome que me ocorreu foi o de Sotéro dos Reis. Com êle, fiz parte da Cooperação Literária Sotéro dos Reis do Centro Literário Maranhense, Escola Lítéro-Scientífica Maranhense, Sociedade Literária Barão do Rio Branco e, agora, aqui estou, na Legião dos Atenienses, onde, pela primeira vêz, tive o ensejo de occupar-me de tão eminente individualidade.

Eis aí, senhores, tudo quanto pude dizer de Sotéro dos Reis, por que não são avultados os elementos de que disponho para bem conhecer quem de tantas glórias encheu o querido bêrço natal.

* * *

A seguir, falou o presidente da Legião sr. FRAN PAXECO:

Devemos congratular nos pelo início destas sessões, que teem uma dupla significação—a cívica e a literária. Ha, em todos os nossos atos, um impulsor subcôncio, instintivo, donde se inferem e por onde se aferem os costumes ou antes, o gráu de simpatia social. Existe outro, mas este como resultante da cultura, produto dos conhecimentos adquiridos. Sentimos e pensamos melhor ou pior. Da liga do sentir e da intelligência, equilibrando-se, promana uma sadia vontade.

A Legião dos Atenienses que principia hoje, pela voz dos que se candidatam ás cadeiras de sócios efêtivos, a render homenagem aos patronos escolhidos, prova inspirá-la o bom dezejo de reatar as tradições mentais da cidade, no que demonstra, acima de tudo o seu voto de agradecida a quem lhe desinçou o caminho de abrolhos. Começa a trabalhar, portanto.

O primeiro dos mentores espirituais a preítear se é Sotéro dos Reis. Não houve nisto, um propósito deliberado, e sim uma coincidência cronológica, pois decidiramos que se encetassem estas cerimónias em janeiro, sem uma prévia revista ao vasto calendário maranhense dos «notaveis». Mas fomos felizes.

Sotéro, á direita de Odorico, inaugura a galeria dos próomens locais. Odorico, embora não fôsse um professor de officio, revelou-se um grande Mestre,—em letras, e jamais o Brazil possuiu maior humanista, e em politica, o destino brindou o Maranhão com um vulto meticuloso e austero, á maneira dos de Plutarco. Admirável cidadão, êsse,—autêntico paradigma dos coévos e dos vindoiros!

Sotéro, com a sua vida cansativa de educador, especializou-se nas questões de linguagem. Latinista, obedecendo á estéril pedagogia da época, em que se desconheciam ou se desprezavam as verdades psicológicas grangeou merecidos fóros de emérito, no morto idioma

do Lácio. O que, porém, lhe fixou o nome, levando-o á posteridade, objectiva se nas *Postilas*, na *Gramática Portuguesa*, no *Curso de literatura*. José Verissimo considera este livro, juntando-o á *História do Brazil*, por Varnhagen, e ao *Jornal de Timon*, por João Lisbôa, uma das obras capitais do Romantismo.

Os gramáticos nunca dispuzeram da estima de ninguem Gastando-se em regras e definições, que pouco adiantam, maltratando os cérebros infantis sempre atearam antipatias Assim o atestam as cruas frases de Trajano Galvão, deprimindo os que chama «gramáticos de Coimbra», para emaltecer os volumes de Sotéro, de rial valfa, e que logo se divulgavam pelas principais cazas de ensino do império. inclusivè as do Rio. Ficaram pertencendo ao património espiritual, á semelhança do *Curso de literatura*, como documentos históricos daquele farto período incubativo.

Espraiou-se depois, em considerações atinentes á história da literatura brasileira particularizando a preeminência dos escritores maranhenses. nesse largo conjunto. Acentuou a escassêz de monografias acêrca das individualidades representativas, salvando as pesquizas extraordinárias de Henriques Leal. no «Panteon». e dois ou tres autores modernos. Asseverou que dos críticos nacionais. o que selhe afigurava de maior critério era José Verissimo, cujo carinho pelo Maranhão se patenteou várias vezes, tributando uma viva justiça ás suas personalidades marcantes. Conciitou. por fim. os que surgem. a volver-se para aqueles grandes exemplos—e a esforçar-se, aprendendo, se quizerem vencer.

Resta-nos dirigir, disse, um aplauso caloroso ao legionário João Vítor Ribeiro. pela justa medida com que apreciou a nobre figura de Sotéro dos Reis inseparável dos fastos pedagógicos e intelêtuais da brazili-ca Atenas.—encarando a poderosa ascendência exercida sôbre os discípulos e o seu desdobraimento reflexo no futuro.

REGRESSO

(Ao LESSA)

I

*Para que voltas, gentil donzela,
mais escitando meu coração,
que jaz do peito na solidão,
muito discreto?*

*Para que voltas, leda e mimosa,
dando a promessa do paraíso,
onde fulgura o teu sorriso,
e o teu afêto?*

II

*Nos sonhos todos do meu futuro,
brilhavas, sempre, com tal grandêza
que nunca pude ter a certêza
do que pensava,
pois que tais sonhos com tais venturas,
desperto, um homem nunca teria.
Era a alta febre da fantasia
que me abraçava.*

III

*Mas eis que um dia (quanto me dóe!)
rompeste os êlos. E o coração
que jaz, discreto, na solidão
do peito meu,
a mágoa intensa tanto senti,
padeceu tanto por tal desgosto
que mais parece misero esposto—
Quase morreu.*

IV

*E a dôr sofrendo, muda e latente,
ainda pulsa, vibra e palpita,
em atra angústia, forte e infinita,
sozinho, aqui
Tem mil projêtos, mil fantasias.
Ai! porém todos seus sofrimentos,
a turba-mulha dos seus tormentos
nascêu de ti.*

V

*Crê, pois, que existe, durante a vida
alguem que te ama, sangrando, mudo.
Eu tudo soffro, mas calo tudo
Em teu favor.
Choras? Tens certo, minba formosa,
qualquer que seja nosso castigo,
aquele casto, sublime e antigo
e eterno amor.*

VI

*Todos os ódios hei de afrontar.
Linguas ferinas não temerei,
mãos assassinas insultarei,
como Romeu,
para, ditoso, cantando, altivo,
como num sonho branco de anjinhos,
gogar, formosa, dos teus carinhos,
para ser teu.*

OLIVEIRA ROMA.

AVE-MARIA

—Maria, a tristêza que te envolve, faz-me sofrer.

—A minha alegria, meu senhor, é silencioza e o meu sorriso é calmo; pareço triste, por isso, aos vossos olhos. Que maior felicidade poderia cobiçar do que esta de vos ter como senhor e espôzo?

—Seja acreditada a palavra que os teus santos lábios pronunciam. Mas parece-me a mim que a velhice do meu corpo, ao lado da juventude que te adorna, te desgosta.

—Não digais assim, ó meu senhor. Se me tórno muda, é porque o meu espirito se confunde, desde óntem, com mistêrios sagrados.

José adianta-se, curiozo, para a sua joven e formozza espôza.

—Maria, que te acontecêu?

E ela, trémula e tímida, repouza a loira cabeça no ombro do seu carinhozo companheiro. Duas lágrimas brilhantes rolam da sua face nacarada, e quedam, sem ruido, no seu manto azulíneo.

—Choras? E occultas-me a tua mágoa?

—Senhor, estava óntem ajoelhada, quando os sinos do templo annunciaram a hora da prece; orava alegre, porque sou feliz convosco; orava, ao nosso Deus, rogando-lhe que nos envie breve o Messias, quando... E Maria interrompeu a sua fala; um torrente de lágrimas cristalinas trasbordára dos seus lânguidos olhos.

—Não chores, divina. A minha velhice necessita de rizo e não de lagrimas. Vamos, diz.

—Eu orava, continuou a mimozza galiléa, com esforço, quando, na minha frente, deparei um espirito, e uma claridade estranha. Quiz recuar; ele, porém, apresentando-me uma palma, falou-me:—Ave, Maria! Eis que o anjo do Senhor está na tua prezença. Prostrei-me novamente, pois que me havia levantado, e êle prosseguiu:—O Senhor escolheu-te, para gerar o seu filho, o Messias prometido. Pálida, repliquei:—Como acontecer, se eu não... E o anjo, entregando-me a palma,

interrompeu-me, dizendo:—O Espirito Santo descerá sobre ti, e tu serás a mãe do Cristo, que assim será chamado o filho que de ti nascer. Recebi a palma, e, confuza, respondi:—Seja feita a sua vontade. E, aos meus olhos, o espirito divino transformou-se em sombra, e a sombra em nada.

Houve uma pausa, em que os dois silenciaram.

—Desde então, meu senhor, tudo me amedronta, e soffro muito.

José que já tivêra a mesma vizão, afastou-se dois passos, e, estendendo a mão á sua divina espôza, santifica-a:

—Ave-Maria! futura mãe do salvador. Bendito será o filho do teu seio. Ave, Maria! plena de graça, porque o senhor te escolheu, entre as mulheres.

Maria, involuntariamente, ajoelha-se. José toma-lhe as mãos esguias:

—Se, até hoje, em me não parecia digno de estar ao lado da tua purêza, que farei doravante?

—Deus, que nos uniu, não nos separará, meu senhor. Eu serei, sempre, vossa escrava e espôza.

Pela primeira vez, os olhos de José nadaram em lágrimas: temia perder a sua espôza, eleita do Senhor.

E, meditativo, dirige-se ao jardim. Torna-lhe então o anjo annunciador:—Homem, nada receies, porque Deus não afastará do teu tétto a tua companheira.

Atónito, José deixa-se cair sôbre um banco. Maria, que o observava de longe, acode-lhe, carinhoza.

.....

E' a hora da prece, hora a que o povo hebreu se ajoelha, em homenagem a Jeová.

—Maria, balbuciou José. Uma badalada soou no sino do templo.

—Maria... Maria repetiu, cadenciadamente, e duas outras badaladas acompanharam as articulações do velho carpinteiro.

—Que toque é esse, meu senhor?

—Não sei, divina; é-me inteiramente estranho.

E José passou cuidadosamente o braço pelo ombro da espôza queri-

da, aconchegando-a com carinho. Ela, meiga, pouzou-lhe um beijo na fronte. Os sinos, lá da torre, começaram, então, um bimbalar alácere. Por entre os sons estridentes, uma voz cantava:—Este será o toque da tarde; e o fim da tarde se chamará Ave-Maria. Este é o toque da Ave-Maria...

José e Maria, ajoelhados, oraram em silêncio, agradecendo a Jeová, seu deus.

S. Luiz, 25—12—20.

A. VIANA DE SOUZA.

CABRA

(HISTÓRIAS SABIDAS)

—Olhe, patrãozinho! preto velho já está caducando; já não presta para nada. . Ai do meu tempo! o tempo em que este Firmino velho trazia as negrinhas embeijadas e ensinava *cabras* desabuzados!... Mandei treze, patrãozinho, para os infernos—treze!...

—Porque mataste, assim, tanto *cabra*. Firmino?

—Eu lhe conto. *Sinhá* Dondona, bisavó de patrãozinho, quando Firmino velho ainda era molecote, ensinou-me a rezar e ter alma como cristão. Firmino estimava muito Dondona, como Dondona estimava também o seu molecote. Um dia, um *cabra* matou Dondona, para lhe roubar um caixãozinho de patações e joias de ouro. Firmino já estava taludo. Foi então, patrãozinho, que o *capêta* me tentou. Matei esse matadôr de Dondona e fugi para o grande mundo, afim de não ser prêzo. Fugí, patrãozinho, e continuei matando todo o *cabra* ruím que encontrava fazendo acção do «sujo»... A alma bôa de Dondona me acompanhava sempre e ralhava, porque eu era criminozo, aconselhando que não matasse mais e me fôsse confessar com um padre. Quando fez um ano que eu tinha sujado de terra as tripas de uma dúzia de *cabras*, rezolvi confessar-me, e, matando mais um *cabra*, patrãozinho, fui absolvido, fui perdoado...

Ao contar a minha história de matadôr de *cabras*, o padre teve um tremor geral pelo corpo e entrou a entrar a convencer-me de que não devia querer mal aos *cabras*.

—Filho, não vês que os mandamentos de Deus recomendam:— Não faças aos outros aquilo que não queres que te façam? Não vês quanta doçura, quanta bondade ha esses ensinamentos do Divino Mestre, dêsse que, agonizante na cruz, perdoou aos que o insultavam, martirizavam e descreiam?...

—Qual, *seu* vigário, tenha santa paciência!... Eu entendo muito bem tudo isso que *vosmecê* está dizendo; acho tudo muito bonito. Mas, tenha santa paciência, não posso botar olhos num *cabra* ruím que lhe não trespasse o *buxo* com a minha língua de *pêba* ou a caixa do catarro com uma carga do meu *bem-ti-vi*, dêste clavinote de fama, que já baixou o impozão de uma dúzia de *cabras*. Tenha paciência, *seu* vigário... Não posso deixar de matar *cabra* ordinário. *Cabra*, *seu* vigário; essa mizéria que não é branco, nem prêto, é a derradeira praga, é pior do que cobra surucucú, do que tamanduá bandeira, do que cascavel. E' pior do que novilho que nunca viu mourão, pior do que o diabo, *seu* vigário!...

—Mas, meu filho, a persistires assim no pecado, não te poderei perdoar, não poderei interceder junto aos céus. Queres absolvição de tantos crimes, de tantas mortes que tens praticado e não aceitas os meus conselhos, não queres seguir o caminho da regeneração, da bondade, do amôr ao próximo. Recuzas entrar na lei do temor de Deus; não te queres livrar do fogo do inferno! Dêste modo, é impossível alcançares absolvição. Terei que amaldiçoar-te e ficarás escomungado perante a igreja e perante Deus...

—Paciência, *seu* vigário. Eu prefiro a sua maldição, a sua escomunhão a deixar que êsses *cabras* sem vergonha andem por esse mundo afóra, roubando, nas fazendas, desenfreadamente, o gado mais bonito, o cavalo de mais estimação, os oiros e os dinheiros dos patrões;

que matem, de emboscada, os vaqueiros leais, o campeadôr afamado, que enfrenta, destemido, o *marruá* valente, de pontos afiadas; esse homem nobre de sentimentos, de coração bom, homem que inspira confiança e que tem fé, que se prostrára, humilde, perante as imajens dos santos e pede a Deus saúde para amparar a mulher, que o ajuda a viver, trabalhando de sol a sol, e o bando de filhos de todos os tamanhos, desde a moçõila que, na próxima desobriga, se cazará com o filho de outro vaqueiro honrado, ao caçula que esperneia aos berros, pedindo a papa ou a cantilena para o adormentar... Quanta felicidade, *seu vigário*, reina no lar do sertanejo honesto, que sabe repelir com altivêz a afronta insolente! Quanta inocência naquela caza, onde só se pensa o bem, onde só se praticam ações dignas, porque tudo ali tem o sentimento anjelial da purêza e da bondade!...

—Mamãe! grita um pequenito correndo ao encontro da velha, que vem da fonte ou da rôça e traz, prazenteira, guabirabas, tuturubás, araçás, um agrado qualquer, enfim, ao filhinho dos seus carinhos.

—Papai! grita o mais taludinho, vendo-o entrar a galope, num alazão campeiro, pelo páteo da fazenda, trazendo na corda e com tamanca, na pata dianteira, a vaca de cria nova, que vem abastecer a caza de leite. Ao apear-se, o berreiro recrudesce; os pequenos atracam-lhe as pernas, pulando de alegria, enquanto os maiores ajudam a desamarrar o veado capoeiro, que traz na garupa.

—E' a felicidade, *seu vigário*! é a abundância!... Um filho vai lavar o cavallo na fonte, pertinho de caza, peá-lo na capoeira ou dar-lhe a ração de milho e palmito na estrebaria.

Momentos depois, enquanto uns espicham o coiro do veado no terreiro e outros enfileiram os chifres na colêção da parede de palha, para chamar nova caça, é servido o jantar. Findo este, pais e filhos, descansando das lutas do dia, jogam a bisca. As crianças brincam

a «Boca de forno» e, antes de se deitar, murmuram todas o Padre nosso, a Ave-Maria, a Salve, Rainha, para afujentar os inimigos da alma. Dão graças a Deus pelo dia feliz que se passou, implorando bênçãos para a noite e para o dia seguinte. E vai tudo assim muito bem, *seu vigário*, quando lá um dia aparece um *cabra* e mata o pai dessa familia satisfeita. Mata-o, para afastar o enérgico defensor da fazenda e para saqueá-la. Depois, como troféu aterrorizante, leva uma orelha da sua vítima e, sanguinário, terrível, destróe a paz daquelle alegre lar Estrangúla criancinhas, esbordôa a mãe indefêza, chicoteando-a com escárneo, rompendo-lhe as vestes espondo-a á mais tremenda das vergonhas. Amordaça-a e amarra-a no esteio da varanda, para á sua vista, macular, com uma baba virulenta, a pura candidêz das filhas inermes, frajeis flôres do campo, aquelas anjélicas, que se balouçavam á viração mais branda, e constituíam a alegria, a felicidade, todo o encanto da caza! Passa, então, *seu vigário*, a reinar a desolação, o luto a desonra, a miséria, todo o cortejo de tristêzas, onde tudo era bonança, riso, alegria...

*
*
*

—Tenha paciência, *seu vigário*! prefiro que o *capeta* me leve para o inferno, em carne e osso, a deixar de matar essa desgraçada *praga* dos *cabras*.

—Mas, filho, nem todos são assim. Malvados são apenas aquêles que nunca tiveram religião, que não conhecem a fé...

—Pois bem, *seu vigário*, palavra de prêto velho, juro pela alma da defunta Dondona, que me fez matar o primeiro *cabra*, juro que no dia em que *seu vigário* me mostrar um *cabra* que tenha ação de homem, quebro a minha *lingua de pèba* e entupo com barro de olaria o *bem-te-vi*!...

—Feito, Firmino. Vou mostrar te um *cabra*, que é um perfeito homem de bem. Podes submetê-lo ás provas mais severas. Vou mandar cha-

mar o meu vaqueiro, o *Zé Cambira*, que está ao meu serviço ha oito anos.

—Mande, *seu vigário*. Mande. E, como êle veio da fazenda e anda de montaria, *seu vigário* peça-lhe para ajudar-me a matar o seu vizinho, o major Bezerra. Faça isso e verá se o *Cambira* é ou não é capaz de deixar sem pai sete filhinhos pequenos e Dona Zefa viuva...

—Louvado seja Nosso Senhor, *seu vigário*. — disse *Cambira*, chegando.

—*Cambira*—disse o padre, depois de alguns rodeios—você será capaz de ajudar este homem a matar o major Bezerra, agora?

—E' um instantinho *seu vigário*! A' faça, a cacête ou bacamarte?...

—?...

—?...

—Então, *Cambira*, disse o padre, tu és assim tão desumano, capaz de matar um pai de familia exemplar, um bom cidadão, teu compadre, que te tem feito tanto beneficio, sem que haja o menor motivo?... Não, *Cambira*, certamente compreendeste que eu estava a brincar e não quero que sejas um máu cristão. Deus perdoará a tua irreflexão, o teu...

—*Seu* padre duma figa, *seu* urubú *seu* sáia negra, então você está-me experimentando? Pois mostro já como se experimenta *cabra* e como *cabra* mata padre!...

—Aí, patrãozinho eu senti um gôsto de sangue na língua; fiquei com a bôca sêca e amargoza. Mas estava preparado, estava prontinho, patrãozinho.

O *cabra*, juntando as palavras á ação pulou como um tigre faminto no bacamarte, que tinha encostado, a pequena distância. Mas, quando o *bruto* se virou, e quiz apontar a arma para *seu* vigário, já a carga do meu *bem-te vi* lhe tinha empestado a cara... Morreu, *cabra* ordinário!...

—Foi o último, patrãozinho, foi o último...

**

Momentos depois, o padre Miguel, recobrando os sentidos, com a voz ainda trémula do susto que raspá-

ra, batia-me fraternalmente na costa da mão, apertando-a, nervozos, entre as suas, e dizia, patrãozinho:

—Estás absolvido, Firmino! Mata *cabra*, filho. Continúa a matar *cabras* ordinários, para liquidar essa *praga* maldita...

S. Luiz, 25—XII—920.

JOAQUIM LUZ

OS ATENIADAS

CANTO PRIMEIRO

XCII

*A esse tempo, pessoas muito gradas,
Num gesto nobre, altivo e benfazeite,
Tentando erguer as velhas e afamadas
Tradições que orgulhoza a nossa gente
Guarda, através de glórias conquistadas
No campo do saber, assás florente,
Conseguem remir, não sem fadiga,
Na biblioteca (78), alguma gente amiga*

XCIII

*Do progresso, que após uma cartada
Firme, deixou nascida a grande emprêza (79)
Que, logo após, nos deu a suspirada
Escola de direito, onde a nobreza
Do nosso escol juridico, chamada
A dar realce ao núcleo e mais vivêza,
Ven reformando o molde provinciano
Do Maranhão, hoje republicano.*

XCIV

*Esse gesto tão nobre foi seguido
De outro da mocidade e este se encerra
Em perpetuar o nome engrandecido
De Antonio Lôbo, um gênio que na terra
Pelo próprio talento foi vencido,
Lutando de uma porfiada guerra
Politica, no campo, onde grassava
Poderozo capricho que o ceifava.*

XCv

*A próspera União (80), que então mantinha
Um programa sublime e bem traçado,
Aos poderes urbanos se encaminha
Pedindo que do mestre fôsse dado
O nome á praça que o de um santo tinha (81)
E, como fôsse bem agazalhado
Esse pedido, fez-se o lançamento
Da pedra inicial de um monumento (82)*

XCVI

*Enquanto assim, na luminosa estrada
Das letras, ao talento se rendia
Um grande cullo, a pátria abençoada
Que, então, n'alma dos filhos acendia
Do amor o fogo intenso, ccontemplada
Era também, por quanto recebia,
Para a reserva, a turma que lhe dava
O Coronel Rondon (83) que se elevava.*

XCVII

Eis que, dentre os juristas veterano,
Um, que cedo nas lides penetrara,
Vê decorridos longos cincuenta anos
De actividade publica e preclara;
E por seus filhos, geralmente ufanos,
Todo o Brazil pompozamente encara
A grande data e toda a confraria
Dos estados se move em simetria.

XCVIII

E Rui Barboza, o máximo talento
Que no Brazil, de certo, já brotou
O ensejo tem de ver o monumento
Soberbo em que o saber o colocou;
O Maranhão no mesmo agitação
O jubiléu do Mestre festejou,
E, enquanto na metrópole vibrava
O entusiasmo, outro tanto aqui se dava.

XCIX

Sendo no tempo em que da sã doutrina
Juridica um ano mais se escede
Depois que, no Brazil, á aurea rotina
Se deu comêço, a Faculdade acede
Em completar a festa genuina
Do jubiléu de Rui, e logo espede
Instruções para um rútilo programa
Que foi cumprido á risca e lhe deu fama.

C

Do teatro a platea se abarrota
De gente que ali vai quaze arrastada
Pelo prestigio grande e patriota
Dessa figura escelsa e festejada;
Em cada rosto uma expressão se nota
Da alegria mais pura e requintada,
Dando um grande realce e bizarría
Ao grande feito da alta academia.

C1

O Clodomir Cardozo (84), não querendo
Desmerecer a fama radiante
De que é senhor, no palco aparecendo,
Como um soberbo e intrepido gigante,
Lê com firmeza um rútilo e estupendo
Discurso em que nos mostra o altissonante
Preparo seu, que as glórias não desmente
Deste torrão de promissória gente.

CII

Desventilhado como lhe cumpria
Da tarefa de que se abandonava
Mais um grande triunfo revertia
Em prol do nome seu, que se exaltava,
E o cantor destes versos (85), que temia
Destruir o fulgor que inda radiava
Sem escripulo ao grupo se incorpora
E na tribuna o escudo seu arvora.

CII

Outros vultos surgiram na fachada
E cada qual o seu discurso lia,

Representando os núcleos da cruzada
Literária que aos poucos fenecia,
Tê que a grande sessão foi encerrada
Pela fórma que a praxe prescrevia,
Revertendo em favor da Faculdade
Todo o triunfo e a principal vaidade.

CIV

Inda era o pensamento iluminado
Pelos raios da esplendorosa esfera
Do jubiléu de Rui, quando chegado
Foi o termo de prolongada espera
A que vivêra o povo acorrentado
Por uma grande e lícida quimêra,
E o Clodomir, de perspicácia rara,
Foi o herói dessa conquista cara.

CV

Dotada S. Luiz, desde os antigos
Tempos de um serviço muito incerto
De luz, os filhos seus, como mendigos,
Suplicavam que posta a descoberto
Fosse a grande caveira (86) de castigos
Que lhes não permitia ver de perto
O esplendor de una noite de folgança,
Cheia de luz, de paz e segurança.

XVI

O Clodomir, galgando o meridiano
Municipal, depois de muita lida
Pôde afinal dotar o circulo urbano
Da grande luz de ha muito apetecida,
E em regozijo o povo muito ufano
Ofereceu-lhe a bela e inesquecida
Festa da Luz (87), do campo vasto e ameno
Da velha praça d'armas (88), ao sereno.

CAMONILO

77) Sessão funebre, em homenagem á sua memória. (Esta nota, que foi omitida no n. 1 do «Ateniense», refere-se á estrofe XCI).

78) Biblioteca Pública do Estado.

79) Associação Organizadora da Faculdade de Direito, composta por Domingos Perdigão, Fran Paxeco, drs. Alfredo de Assis, Almeida Nunes, António Lopes.

80) União Estudantal Silvio Roméro.

81) Largo de Sto. António, onde se verificou o óbito de António Lobo.

82) Busto de António Lobo, na praça do seu nome.

83) Tiro de Guerra n. 344.

84) Dr. Clodomir Cardoso, advogado, lente catedrático da Faculdade de Direito.

85) «Camonilo»—membro da Sociedade Literária Barão do Rio Branco e aluno do curso anexo á Faculdade.

86) Caveira de burro—quebranto invencível, que dizem dominar a cidade.

87) Festa comemorativa da inauguração da luz eléctrica.

88) Praça Deodero.

RÉMINISCENCES

Tous les Noël se suivent et ne se ressemblent pas. Mais pourtant, dans les pays de tradition au nombre desquels on peut encore compter São Luiz do Maranhão, la fête de l'Enfant-Dieu se renouvelle chaque année, au 25 Décembre, avec la même foi, la même pompe et les mêmes distractions.

Je me souviens qu'à la Noël 1912 — comme il y a longtemps et comme c'est récent tout de même! — il fut convenu que nous assisterions à la messe de minuit, dans l'église «Santo António». Après le dîner, vers les vingt-heures, nous descendîmes la «rua Grande», animée par les va-et-vient d'une foule joyeuse, qui se rendait aux divers «pastores» de la capitale, pour attendre en se distrayant sagement «l'heure solennelle où l'Homme-Dieu descendit jusqu'à nous». En arrivant sur la place João Lisboa, devant la «Pacotilha», nous vîmes installé un manège de chevaux de bois où s'égayaient les gens, autant par le jeu que par les saillies spirituelles, provoquées par les spectateurs.

Peu de lumière artificielle, mais, ce que valait mieux, un clair de lune ravissant, de ceux que seul le Brésil du Nord possède, qui embellit la végétation luxuriante de ce pays enchanteur et, comme le dit si bien le poète Catullo da Paixão, maranhense, *mais parece um sol de prata, prateando a solidão...*

Nous arrivons à la maison voisine du coiffeur où l'on danse le «pastoral». Tout de suite à l'entrée, nous sommes assaillis par un essaim de jeunes filles, et je ne saurais dire ce que réjouit le plus notre vue de l'aspect joyeux des toilettes claires: du blanc, du bleu, du rose... ou de la physionomie souriante de toute cette jeunesse, où scintille le regard ardent des beaux yeux noirs maranhenses.

Au fond de la salle, dans une grotte très bien imitée, repose sur de la paille de blé le petit Enfant-Jésus, le héros de toute cette joie. Des plantes vertes, des feuilles de



JOÃO VÍTOR RIBEIRO,

o primeiro a fazer o discurso legiônico do seu patrono

palmiers—pour que les visiteurs n'oublient pas qu'ils sont au pays de Gonçalves Dias, le doux chanteur de Caxias — ornent la crèche et le salon. Il n'y a de la place pour s'asseoir que dans le corridor, car la salle est trop petite pour contenir ceux qui veulent voir les ébats des bergers et bergères. On ne se plaint pas de rester debout. D'ailleurs, on ne sent pas la fatigue, car on est vivement intéressé par les gestes et les chants de tous ces «sabiás» gracieux, qui sont tellement pénétrés de leur rôle qu'ils se croient transportés et nous emmènent avec eux «au temps où Hérode gouvernait la Judée».

Nous sortons enchantés, de toutes façons, de ce que nous avons vu, entendu, goûté aussi, car les maîtres de la maison, avec ce don hospitalier du brésilien et la gracieuseté qui le caractérise nous ont fait passer des rafraîchissements et des douceurs.

Et nous nous rendons à l'église, où nous entendons la messe de minuit.

Quel souvenir et quelle «saudade»!

Rio—1920.

HENRIETTE BRICOTTE.

PASSIONAIS

*Aqui, sob este sol destes lugares,
Havemos de viver num céu de flôres
Ouvindo o som dos pássaros cantôres
Na harmonia perpétua dos palmares!*

*Havemos de gosar—das multicôres
Borbolétas gentis, que adejam em pares,
O divino murmurio e estes cantares
Gementes de voláteis trovadores.*

*Aqui é mais sublime a Naturêza...
A vida tem mais vida e mais poesia
E os amores daqui têm mais firmesa...*

*Fiquemos os dois aqui entre canções,
Ouvindo a voz da terna cotovia
Na apoteóse infinita dos sertões!*

S. LUIZ.

CLEMENTE GUEDES,
da Faculdade de Direito

O ZUMBI

Noite tempestuosa e fria. Fóra, o vento da meia-noite uluvava doidamente, misturando-se, na escuridão, ao uivar horrisono dos cães famintos.

Ante a ogiva triste duma pálida vela, lia então as *Scenas da escravidão*. Ais lancinantes de uma raça aflita, lágrimas de sangue de um povo mártir, lúgubres gemidos de varar infinitos...

Com a fronte pendida, num meditar profundo, qual o motivo, cismava, do tanto sofrer dêste povo? Em que direito se estriba o branco de, sem motivo, escravizar o preto? Não somos filhos do mesmo deus, vergôntes do mesmo tronco?... Ai! Eterno crime!

E cansado, meio dormindo, fronte a escaldar, cerraram-se-me os olhos.

Desenha-se um vulto forte, hercúleo. Sou o Zumbi!—diz-me êle. Brado de revolta do áfrico padecer, gerado nas lágrimas da escrava raça, guarda, no Brazil, do povo líbico. Se tens o coração sensível, escuta o que te vou narrar:—Tive, entre os mortais, por pai—Henrique Dias, —hóstia de liberdade

pela brasileira gente, de quem, pequenino ainda, nos crús combates do fogo, aprendi a coragem, a honradêz, o brio. Vês além uns montes, cujo dorso empina? São os Guararapes, batismo de amôr, Gólgota supremo da minha raça. Olha o lião a semear a morte entre as fileiras dos bátavos!

Henrique Dias! E' Henrique Dias! —Pelo Brazil morrámos, eis o seu canto de guerra, a guiar as tropas do mesmo sangue.

Troveja o canhão, o sibilar das balas por entre o fumo da fuzilaria e, ao cantar vitória, caem rôtos os estandartes dos holandêzes!

Vê esses campos a noivar com o sol, todos cobertos de balsamina e pão! Quem é que, a moirejar do Amazonas ao Prata, sustenta a nação, com os possantes braços? O aborígena indolente, que foge para a mata, todo vingança, rebeldia e morte? O branco avaro, que mora nas cidades, todo comércio, especulação e ganho?... Não.

E' o africano, o negro cativo, todo cordeiro, humilhação e dôr, quando, livre e soberana a pátria, abate o próprio lião.

—E' no sul. Ronca a metralha, a dinamite estoira e o sangue escorre, a flux, pela terra. E' o inimigo, que transpõe a fronteira e abala a paz.

Já não temos o Luso, a defender-nos, e o vingativo indígena, que se esconde, mora nas brenhas. Quem virá em socorro dêste povo imbele, contra o qual o inimigo avança, a ferro e fôgo? Será o africano, sempre humilde e bom, que, com os pulsos rôxos do viver de escravo, empunha as armas e corre a salvá-lo. O lião negro, de juba altiva, enfrenta a luta como encara a morte, rindo ao semeá-la, por onde quer que passa.

Foge o inimigo, perseguido sempre, e em Assunção, humilhado, baixa as armas e entrega-se á discricção.

Voltam para a pátria os nobres guerreiros, a coroa-la dos loiros colhidos... Apertam uns, nos braços, a estremecida espôsa, beijam outros, na testa, o filhinho novo. O pobre negro, o infeliz proscrito, como recompensa do seu bravo esforço, encontra, nas fazendas êrmas, ao chegar, aqui, uma velha mãe, desfalecida, exangue, olhos alongados para o filho ausente.

Geme saudosa, debulhada em pranto, ás chicotadas crebras dum fero feitor. Ali, o velho pai cansado, já sem luz nos olhos, duro freio nos dentes, desancado, entanto, serve de alimária ao—sinhôzinho—, joven. Acolá, uma indefesa irmã, com quem tanto sonhára, nas longas noites de saudade amara, corpo exausto do batalhar diário, alma a voar para os céus da pátria, engorda o hârem de báquico senhor.

Quadro horroroso, para quem regressa da guerra, supondo achar liberdade e honra, uma retribuição dos trabalhos curtidos, e depára os seus entre os ferros de ergástulo, sem que possa dar-lhes um saudoso abraço !...

II

Um dia, o sol do ocaso contemplava o mundo. Triste, muito triste, no páteo da fazenda, a minha velha mãe, aos açoites cruéis de bárbaro feitor, chorava arquejante, olhos esgazeados, postos em mim... Senti-o !

O que senti não sei ! Mulher de Henrique Dias, era uma injúria sofrer de tal modo. Arrebatei-a, alucinado, e internei-me na mata, soluçando. Era noite. Lençol de luto e dôr, nem uma estrelinha ao menos luzia no além. Faminto e macerado, em gangrena. Juntatam-se-me outros infelizes pelo caminho. O bando fugitivo, pouco a pouco, crescia, avolumava-se.

—Palmares ! era o ansioso brado da salvação.

Gritos de estertor, ais angustiados de pobres mães esquelidas, apertando ao seis o filhinho morto, o alarido do vento, lamentos dorídos, o estridor de corpos cadavéricos, espétros de gente, que, sem animo, tombavam lívidos, o ganido dos cães... Reunidos, nas sombrias noites, formavam um infernal concêrto. Até que um dia, compassiva e divina, a madrugada nos aponta, ao longe, o viridente leque dos palmares,—terra da promissão !

Uma voz da turba eleva-se assim, e os caminheiros param:—Irmãos ! eis-nos chegados ao fim da nossa peregrinação ! Atraz, o cativo, o opróbrío; em frente, a liberdade, o pudor. E, enquanto, com um braço, saudemos a nova Canaan dos nossos sonhos, com ó outro digâmos adeus aos nossos,

que ficaram pela estrada, para sempre envoltos no crepe mortuário da noite eterna. Filhos dos defensores do Brazil, façâmos, por debaixo daquelas palmeiras, as nossas casas. Se um dia fômos atacados, morrâmos, pois mais vale a morte do que o viver de escravos !...

E, tendo falado assim, lentamente, o bando abriga-se nos palmares.

III

Perpendicularmente, o sol derramava sôbre a terra as suas flamantes setas. A canícula abrazava e, das palmeiras tristes, não se ouvia o mínimo suspiro. Na quebrada da serra, o riacho gemia um quer que fôsse, como um dobre a finados...

—O inimigo ! esclama a sentinela, que cái, varada por uma bala. Com Jorge Velho á frente, a respirar chacinna, a soldadesca invade a povoação pacata, ao horrível estoiro da fuzilaria. O sangue jorra, em ondas. Caem centenas de corpos.

E a luta insiste, desesperada.

Aqui, é um soldado que a baionêta vara,—o morno seio de alucinada mãe, que o filhinho mostra nos braços. Ali, um negro, a combater contra tres, estrangulando-os a todos, nos seus férreos músculos.

E a carnificina, como nunca, desenvolve-se.

Já o sol sem raios, vagaroso, agonizava na curva do horizonte, quando os miseráveis, hiantes, bradam—fogo á aldeia !

Ao sinistro clarão do incêndio, que devora, dança horrivelmente a baionêta ainda. Pobres crianças ! Velhos indefêzos !

E, enquanto as notas do clarim da vitória estalam, daquele monte além, que se vê ao longe, rôtos, em sangue, os restos atiram-se todos, ao clamor enérgico:—Mais vale a morte do que o viver de escravos !

— Bravos, Zumbi ! Deus te salve ! obvisi, despertando. E calmo, banhado em lágrimas, tornou-me êle:— Se queres saber o motivo do áfrico sofrer... (num magoado suspiro, apagando-se morosamente, enquanto eu arregalava os olhos) lê a Biblia.

Descansava a poucos passos de mim o velho livro, história do povo de Deus, escrito por Moisés.

Tomei-o sofregamente e, casualmente, abri-o: Genesis, IX.

IV

E os filhos de Noé, que saíram da arca, fôram—Sem, Cham e Jafet; Cham é o pai de Canaan. Estes três fôram os filhos de Noé e dêstes se povoou toda a terra. E começou Noé a ser lavrador da terra e plantou uma vinha. E bebeu do vinho e embebedou-se; e descobriu-se, no meio da sua tenda. E viu Cham, o pai de Canaan, a nuêza do seu pai, e fê-la saber a ambos os seus irmãos.

Então, tomaram Sem e Jafet uma capa, e puzeram-a sôbre os seus ombros. Indo virados para traz, cobriram a nuêza do seu pai.

E Noé despertou do seu vinho, atentando no que o seu filho menor lhe tinha feito. E disse:—Maldito sejas, Canaan: servo dos servos, seja o seu irmão. E disse: Bendito seja Jeová, o deus de Sem: e seja-lhe Canaan por servo. Dilate Deus a Jafet, e habite nas tendas de Sem: e seja-lha Canaan por servo. E viveu Noé, depois do dilúvio, 350 anos. E todos os seus dias fôram 950 anos e morreu.

.....
.....
Nesse instante, furtivamente, pela fresta da janela, penetrava, a brincar, um raio de sol, risonho e belo.

PITÁGORAS GONÇALVES DE MORAIS.

CARNAVAL

S. Luiz, num delírio extraordinário, próprio do carnaval, dos dias de folia consagrados ao deus Momo—esqueceu, por completo, que atravessa uma quadra perigosa, e atirou-se, sem pena, aos vaivens desses tres dias de êstase, de alegria.

Ebria de amôr, saturada pelo delicioso e provocante odôr dos lança-perfumes, embalada pelos dulcíssimos bamboleos de ligeiros *onesteps*, sentindo o contacto macio e carnudo de lindos *pierrots* e alegres *dominôs*, passou, sem o sentir, sem se lamentar, sem querer ouvir o plangente sino de S. Pantaleão em

algum dobre, tristemente gemido, de finados, esses dias de prazer universal, que se reproduzem, apenas, de ano em ano, para deixar saudades, recordações.—Ah! carnaval! carnaval!

Quantos corações não vivem, agora, de saudades, de momentos ideais? Quantos idílios não deixaste? De quantas torturas não foste a causa, o motivo? Quantos *pierrots* não estão a escutar ainda o leve murmúrio de lábios perfumados, a segredar-se palavras ternas, quando, juntos, aurindo um do outro o arquejar sonoro de quem ama, de quem sonha, corriam céleres em amiudados e belos passos do *onesteps*, ou ao galopar maravilhoso do *rig-kime*?!...

Quantos, quantos, os ouvem ainda, e ainda estremeçam?

S. Luiz, 8-II-21.

GUILHERME DE ABEU



DOIS POÉTAS

E' verdadeiramente lastimável a fórmula pessimista por que, neste Brazil, encarámos uns tantos acontecimentos, dignos, muitas vêzes, da nossa admiração. Esse defeito provém dos maiores, de sorte que se torna quase nulo um protesto, um brado de contestação, insurgido, por parte do Zé Povinho. Tem fatalmente o destino do éco: perde-se no espaço.

Um respeitável ancião, que ouvi comentar, de uma feita, o perturbador assunto, atribuiu tudo á origem da nossa raça. Não concordei com as idéas do velho, e tenho as minhas razões para isso. Se fôsse responsável, por tal indolência, a nossa origem, esse defeito verificar-se-ia em todos os atos. Não acontece, porém, assim.

E' hábito nosso desdenhar sempre de tudo que nos diz respeito, e abraçarmos, admirados, como «gente do sítio», aquilo que nos é indiferente, ou pelo menos devia ser.

Um ilustre beletista disse, ha poucos mêzes, numa conferência proferida no Eden, que o vocábulo—*nacional*, no seu canhenho, significava—imprescaval, ruim, máu, sem cotação.

Isso é uma verdade.

E, senão, vejâmos o que nos succedeu ultimamente, quando trasladaram os despójos de Guimarães Passos e Raimundo Corrêa. Todos sabemos a decêção sofrida pelos incumbidos de recebê-los. Pensavam êles, e creio que o Brazil em pêso, que viessem em câmara adredemente preparada, donde os conduzissem com as cerimónias do estilo. Histórias! Os ossos achavam-se encaixotados e engaiolados nos porões do navio (tal, qual acontecêu com os de Aluizio Azevêdo), como mercadoria de esportação! Só no tempo da descarga, e, quando chegasse a vêz, os retirariam dali.

E ficou por isso, quanto á condução desrespeitoza. Quanto ao resto, soubemo-lo: alguns protestos, iniciados pela imprensa cariôca e pela Academia Brasileira de Letras, a quem de mais perto feriu o desacato, protestos esses perdidos, sem repercussão. Os altos poderes...

As vítimas dêsse desamôr inqualificável eram, entretanto, dignas de melhor destino, pois o valôr do que deixaram, nas páginas da história, é mais que sufficiente para engrandecer o nome do Brazil.

O «poéta do lenço», como os da roda cognominavam Guimarães Passos, independente dêste sonêto, improvisado numa aurora de «aniversário», modulou outras muitas poezias, entre as quais será difficil, se não impossivel, dizer-se a preferida.

Bem poderiam tambem chamar-lhe poéta dos olhos, do coração, do amôr, enfim; todos os seus cantos são acórdes apaixonados, muito embora não tivesse encontrado mulher que o suggestionasse, segundo afirmam os da sua convivência.

As suas produções jorravam-lhe naturalmente de pena, como se fôram um contínuo ciciar de ramos, ao contacto da briza. Bastava que empunhasse a lira, e logo desta se desprendiam os cantos mais sonoros, tão simples como a própria simplicidade do poeta.

Raimundo Corrêa igualmente conquistou um título—o de «poéta das Pombas». E penso que hoje, no Brazil, são bem poucos os recantos onde se não conheça o maravilhoso sonêto de que dimana êsse título.

Por cauza das «Pombas», houve, no

Rio, um princípio de «désaguisê». Lembro-me de um pândego que, para se desempenhar, num «padre cura», da pena que lhe impuzeram de recitar, por não entender do riscado, se agarrou ao belo sonêto. Mas, pelo facto de perder a conta das «pombas desper-tadas», nunca passou do segundo verso. Comutaram-lhe, por fim, a pena...

A naturalidade com que o poéta versejava era tal que, ainda estudante, fazia em verso a sua correspondência íntima. E narram que, desta maneira, se eximia com mais perfeição e maior facilidade aos embarços.

Por último, quando começou a occupar, no sul, diversos cargos públicos, esquecêu-se um tanto da lira. Então, o que mais o desgostava era chamar-lhe poéta. O epíteto importava, para êle, em alcunhá-lo de preguiçozo, boêmio, desleixado, quando, pelo contrário, a sua maior glória consistia em desobrigar-se, com perfeito cuidado, de todos os seus mistêres.

Mas isso pouco valêu. E ei-lo, juntamente ao Guima, aportando ao Rio de Janeiro, em pleno século XX, entre cebôlas e batatas.

Pouco tempo havia, no entanto, naquela mesma capital, onde chegaram os veneráveis restos, se esbanjára uma fortuna colossal, para se transportar até lá, com luxo e comodidade, um rei estrangeiro.

Para uns, tanto; para outros, tão pouco...

S. Luiz, fev. 1921

SANTOS CARVALHO

D. Pedro II

O grande acontecimento da reparação dos despójos dos ultimos soberanos brasileiros já foi sobejamente comentado pela imprensa. Mas não será importuno que tambem nos ocupemos do assunto, agora, que êle está quaze a perder-se entre as numerosas páginas da nossa história.

Aos 2 de dezembro de 1825, quando o império do Brazil ainda não havia sido oficialmente admitido como membro da sociedade das nações, correu alviçareira, no paço da Boa Vista, a notícia de ter vin-

do á luz D. Pedro João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga de Alcântara, príncipe herdeiro da corôa.

Contava cinco anos de idade, quando D. Pedro I abdicou, dando-lhe tutor. A tutela terminou a 23 de julho de 1840, data em que o proclamaram maior Sagrado e coroado, assumiu, em 18 de julho de 1841, as rédeas governamentais do paiz, que admirou, durante quase meio século a grande obra de um govêrno próspero e benfazejo.

Sem entrarmos nos meandros da política que se desenrolou nesse meio século, e sem intuito algum de menosprezar o regime republicano, de que somos partidários, não deixaremos, todavia de apreciar o feito de 15 de novembro, em consequência do qual se baniram os monarcas.

A república impunha-se. A liberdade é uma condição essencial ao desenvolvimento dos povos cultos e era justo que, uma vêz o paiz independente, todos os seus cidadãos gozassem de ampla liberdade e franco acêssio ás investiduras sociais e administrativas. O regime monárquico é um freio formidável a umas tantas aspirações do povo, submetido a uma linha hereditária e perpétua de soberania.

Por mais risonho que se nos depare um govêrno de tal sistema, o direito de liberdade está sempre acorrentado á soberania, como o satélite ao seu planêta.

Não queremos com isto dizer que a república confira aos habitantes de um paiz todos os direitos e franquias, porque iríamos de encontro á aristocracia, que é quase um princípio de monarquia pelos privilégios de que goza. No império brasileiro, porém, via-se um exemplo escêncional.

Depois da Independência, não fôram poucos os movimentos republicanos que se perderam, por falta de um impulso que lhes imprimisse o triunfo. Durante o govêrno de D. Pedro II, o Brazil dispôz de plena liberdade. A prova patente disto deduz-se de que já em

RIO BRANCO



E'-nos sempre agradável o dever de prestar homenagem aos grandes vultos da pátria, mormente àquêles que, como o barão do Rio Branco, empenharam toda a sua vida em nobilitá-la.

Não vamos rememorar os imensos feitos do escelso «chancelér de oiro», que estão ainda, e sempre estarão, nitidamente gravados nos corações de todos os brasileiros. Registâmos apenas, num preito de saudade, o aniversário da sua morte, em 10 de fevereiro.

1873, isto é, 26 anos antes da queda do império, circulavam mais de 50 folhas republicanas, ás quais nenhuma perseguição se movia. O paiz marchava a passos tardos para uma nova faze e lá chegaria naturalmente, se, num rasgo decizivo, se não precipitassem os acontecimentos.

A despreocupaçã do venerável monarca deu margem a que os factos tomassem as proporções com que se assinalaram. Mas não podemos deixar de encontrar algo de surpresa na súbita transformação que se desdobrou, quando o imperador transpunha os derradeiros quarteis da vida, abatido por males físicos.

Pelos termos da resposta que deu á intimação recebida, para siar do paiz, visto haver-se proclamado a republica, pôde francamente concluir-se que D. Pedro II esperava esse golpe, que lhe acelerou a morte.

Se atendermos, com fidelidade, aos sentimentos patrióticos, que de-

vemos possuir, como bons brasileiros, avaliaremos quão doloroso foi o passo do embarque do velho soberano, que tantos testemunhos de entranhado amor tributou á sua terra.

O Brazil, felizmente, acaba de saldar uma dívida, rendendo á memória do seu último soberano as mais altas homenajens.—e a *Legião dos Atenienses*, como elemento entregue ás pugnas literárias, não poderia calar-se, diante das manifestações a essa insigne individualidade, que tanto se consagrou ás letras pátrias.

L...

«Quando tu dormes,
Tudo se cala,
Brizas e fontes,
Mares enormes!
E's Deus, querida,
Pois nada fala
Quando tu dormes».

*Quando tu falas, tímida, medrosa,
De olhos fitos no azul do firmamento,
Teus olhos negros, pérola radiosa
Dão á minh'alma um doce linimento:*

*Quando tu ris, teus lábios côr de rosa,
Simbolizando algum contentamento,
São, para a minha vida desditosa,
Um bálsamo, um conforto ao sofrimento.*

*E quando cantas, com tua voz divina,
Cheia de encanto e de magia infinda,
A propria naturêça se fascina...*

*Mas quando choras — meiga criatura —
Parecendo que a dôr jamais se finda,
E' quando sinto a minha desventura!*

S. Luiz, fev. 921.

LOURIVAL ALMEIDA.

TRAÇOS CRITICOS

PORTUGAL E A GUERRA PENINSULAR:—DOM JOÃO VI NO BRAZIL, por Oliveira Lima 1908.

I

Lastimava-se Renan, nos seus *Souvenirs*, de não ter sorvido, aos 20 anos, o caudaloso veio dos prolóquios Que, se assim fôra, não con-

(1)—Escreveu-se esta apreciação, nos alôres de 1911, para a «Provincia do Pará», onde publicámos uma série de artigos, subordinados ao rótulo de—«Traços criticos». Esteve guardada todo êsse tempo. Agora, aproximando-se o centenario, não virá fóra de propósito.

sumiria o tempo e as pestanas a correr as obras da sciência individual, visto achar-se compendiado na paremiologia o saber humano. Valemo-nos dum brçoardo, pois só êle nos pôde acudir, como desculpa á indesculpável demora. no acusar a oferta afêtuosa do soberbo estudo sôbre *D. João VI no Brazil*, elaborado imparcialmente, pelo espírito penetrante de Oliveira Lima. E' o cazo—mais vale tarde que nunca...

Sempre é cedo, crêem muitos, para falar do que se foi. Pondere-mos—e com isto queremos captar um título á benevolência do leitor—a estensão do trabalho, que se prolonga por 1.449 largas páginas. Somos—não nos atribuem imodéstias—uns insaciáveis, nestas coizas de leitura. Mas devorar somente não bastava: cumpría digerir. Ademais, perante um juizo de João VI, redigido, em termos magistraes, por um distintissimo historiador brasileiro, nós, como portuguezes, sentíamo-nos, de qualquer modo, perplexos. A nossa terra vê, na fuga do então regente para o Brazil, um ato de rematada poltronaria—e depois, no regresso a Lisbôa, um monarca de inconcebível doblêz, representando papéis inclassificáveis, numa sociedade convulsa, devido ao descontro de aspirações e ás penurias circunstâncias em que se envilecia. Oliveira Lima, com um elucídario ubérrimo, examina João VI como o fundador do reino do Brazil. Donde se conclue que, se lá, antes, foi um fraco—e, mais tarde, um bifronte, aqui, longe dos tacões dos granadeiros napoleônicos, rodeado por vários ministros audazes, pôde assentar os alicerces duma nova nação.

O autor do esplêndido livro vai a caminho dos 44. Nascêu no Recife, aos 25 de dezembro de 1867. Contava seis anos, quando a familia o levou para Portugal. Escoou-se-lhe a juventude escolar na «cidade de mármore e granito».

Recebêu, em 1888 no Curso Superior de Letras, agora Faculdade de Letras, o diploma respêtivo. Principiou a colaborar nas gazêtas,

marcadamente no *Reporter*, em cujas colunas se assinalou por uma campanha em prol da abolição da escravaria, na sua pátria. Quintino Bocaiuva, ministro do exterior, nomeou-o, em 1890 segundo secretário da legação do Brazil em Lisboa. Encetava, destarte, a carreira diplomática. Transferem-o, em 1892. para idéntico posto, na legação de Berlim, onde permaneceu um triênio. Após, a licença de um ano permite-lhe voltar ao Rio. Empreendeu, aí, nas diversas bibliotecas públicas, laboriosas rebuscas, que destinava aos seus futuros estudos históricos. Subindo a primeiro secretário da legação de Washington, em 1896. ficou ali até 1900. Dos Estados Unidos da América do Norte, removeram-o para Londres. Achava-se na Inglaterra, ha perto de três mezes, quando, pela morte do ministro Souza Corrêa, se lhe cometeu o posto de encarregado, interino, de negócios Transcorrido um ano, designaram-o para preencher as mesmas funções no Japão, paiz em que rezidiu três anos. Chamado, em seguida, á metrópole brasileira, não tardou a ser ministro plenipotenciário. Enviaram-o, nesta qualidade, para o Perú, depois para a Venezuela e, por fim, para a Bélgica.

Pertencem ao sr. Vitor Orban, luso-brazilófilo muito estimável, que redigiu uma biografia cuidadosa do publicista do *Pan americanismo*, os apontos acima. Estraímos da bela brochura estas aluzões concretizadoras: — «A doçura e a singelêza estremamente democrática do seu caráter, a perfeita cortezia, a graça do trato, a conversação amável e jovial, a fisionomia aberta, o sorriso franco e natural, o olhar inteligente e espressivo, tudo nele manifesta uma índole de eleição, disciplinada por hábitos de vontade e de trabalho, que uma necessidade inata de bondade e de justiça domina. E', antes de tudo, um homem de letras, um investigador e um apaixonado pela história. Dotam-o todas as seduções próprias dos espíritos verdadeiramente cultos. A base da sua filosofia é um otimismo intrépido,

robusto reforçado, por uma fé inquebrantável no porvir do seu povo. Esse otimismo, que nada tira ao seu poder de reflexão, é-lhe um incomparável estimulante de atividade e espalha, na sua vida, um encanto de bom humor confortativo. Sente se que, desde a juventude, o sr. Oliveira Lima se agradou e deleitou no convívio dos livros, mais ainda que, no dos homens Os livros! Reuniu-os aos milhares, quer os humildes, quer os preciosos. Ama os como fiéis amigos e recobre-os de um zelo ciumento».

Oliveira Lima iniciou-se, no mundo literário com uma perspicaz monografia acêrca de—*Pernambuco e o seu desenvolvimento histórico*. Exara, no pequeno proémio, que traz a data de 29 de junho de 1893:—«Em todos (os escritores, nacionais e estrangeiros, que consultou) procurei os factos pernambucanos, dos quais tentei esplicar a significação, relacionando os com a marcha da civilização brasileira e prendendo-os aos acontecimentos do velho mundo, de que êles fôram efeito ou reflexo» Revela-se, nestas sintéticas frases, um alto espírito de historiador,—o único aceitável. A orientação assumida, ao aparecer nas hispidas pesquisas dos tempos mortos ratifica-se, numa exuberância magnífica, através dêstes dois volumes exaustivos

Nos *Aspêtos da literatua colonial brasileira*, citando uma teoría cataventoza, asseverava diligenciar «fazer obra pessoal, quanto á apreciação peculiar de cada escritor, insistindo em especial, no caráter sucessivamente diferenciado das suas lucubrações». Deduz-se de ambos êstes dois livros que Oliveira Lima, ao despontar na liça, se demonstrava aparelhado por uma cultura sólida, que nenhum embaate derruiria.

O insigne historiador, que só conta pares, no Brazil atual, em Capistrano de Abreu e Rio Branco, consagra o conjunto dos seus constantes esforços, de que surgiu esta singular prova de sabedoria e suspicácia, á nobre memória do seu pai e aos seus mestres portugue-

zes—Jaime Constantino de Freitas Moniz, Zófimo Consigliéri Pedrozo, Guilherme de Vasconcelos Abreu, Francisco Adolfo Coelho, Manoel Pinheiro Chagas, Joaquim Teófilo Braga e António de Souza Lôbo. Apenas vivem Teófilo Moniz—com 74 anos—e Coelho (2). Já não apañhou, na instituição criada por Pedro V, o assás tabaquento António José Viale, de gréco-latina lembrança, nem o áspero Augusto Soromenho, que bateu o pé aos detratores do integérrimo gigante da *História da literatura portugúêza*, na hora do seu inesquecível concurso.

I

O *Dom João VI* esteia-se, na sua máxima parte sôbre documentos originaes, inéditos, que se aponham numa vasta bibliographia e se deparam nos arquivos brazileiros e de fóra. Intercalam-se, no corpo da obra, as efigies do filho da *piadoza* Maria I, da rainha Carlota Joaquina, da conde de Linhares, do conde da Barca, do conde de Palmela, do marquez de Marialva, nitidamente impressos.

As láudas introdutórias occupam-se da má situação internacional de Portugal, em 1808. Deixa de incorporar, norteando-se deste modo...o que deixára transluzir no *Pernambuco*, saído em 1895—na pécha que Teófilo verbéa ao fraseólogo Oliveira Martins. As doutrinas da psicologia da história desviaram o escritor de religar a história de Portugal ao movimento genérico da civilização da Európa. Todos os factos se passam no dominio nacional, produzidos por motivos internos on vontades, e sem reflexo na marcha européa. Só no reino da lua! A história de Portugal está implícita em três grandes succéssos:—Pelas nossas navegações atlânticas, decái o empório de Venêza, e eleva-se a caza de Austria, pela fuzão da monarquia da Espanha com a dos Habsburgos, ficando alterado o equilíbrio européu. Da alteração dêsse equilíbrio, resultou a incor-

poração da nacionalidade portugúêza na unidade espanhola. A política de Henrique IV e de Richelieu, determinando o enfraquecimento do colosso da caza de Austria, e o reconhecimento do principio das pequenas nacionalidades, atúa sôbre a revolução de 1640, em que Portugal revindica a sua independência. Por último, o estabelecimento da paz, entre a França e a Espanha, faz que Portugal, sem apoio no continente, se entregue á pérfida aliança da Inglaterra, que á nossa custa se torna a primeira potência colonial do mundo. Eis os contórnos esternos da história de Portugal: homens, consciências, vontades tudo se arrasta neste vórtice dos acontecimentos européus. A falta desta vista faz que a *História de Portugal*, de Oliveira Martins, seja apenas uma série de quadros, não de um historiador, mas de um literato, como se notará examinando o seu critério psicológico. A história de Portugal é tanto mais dramática e importante quanto mais se relaciona, na sua áktividade, com a civilização geral da Európa, em que dirêtamente coopéra. Cada período da sua evolução social e política é um esforço, de que todas as outras nações se aproveitam.—(*As modernas idéas na literatura portugúêza* 2º vol., pags. 387-88, 1892).

Atesta Oliveira Lima, que João VI era, no Brazil, um rei popular, no sentido, claro, de estimado. «O elemento culto da opinião, este, entrou ha muito a considerar D. João VI, com razão, ainda que mais intuitiva do que conscientemente, como o verdadeiro fundador da nacionalidade brazileira, um título que o Instituto Histórico consagrou, ao abrir o seu concurso pára a narração do reinado americano daquelle monarca. Encontra-se, sem que se faça mistér grande esforço de indagação, o primeiro motivo de uma tão estensa popularidade na sincera amizade, testemunhada pelo soberano portugúêz á sua principal colónia, no apêgo com que a ela se prendeu, na íntima correspondência, que logo se estabeleceu, entre a sua personalidade e o meio.

(2)—Jaime Moniz e Ad. Coelho tambem pereceram, depois.

Se menos lhe ficaram, por isso, querendo na metrópole, maior foi a simpatia que, desde então, cercou o seu nome na antiga possessão, convertida em reino pela sua presença».—(*Dom João VI no Brazil*, pags. 3 e 4).

O homiziado sentia «dilatarse-lhe a alma, á vista dessa plácida e pomposa naturêza tropical»; «as horribéis vizões deixaram, por uma vêz, de povoar as horas de leitura e de sésta, em que o regente se comprazia», estirado num amplo sofá. Topára os mesmos diversórios prediletos—as sermonatas, as arengas, as bajulatórias académicas, que espirravam letras clássicas, frades gordalhudos, a pacatêz de uma cidade embrionária, em cuja quietude a buliçoza e descomposta a infanta Carlota ateava a estopilha do escândalo. O feitio bonacheirão do bisneto de João V parecia fadado para o martírio. A sua mãe, que o beatério e a espôsa,—«traidora como cônjuge, conspiradora como princêza, desleal sempre e sem interrupção», amarguravam-lhe os dias. Por cúmulo, nem que fôssem mínimas as desdítas domésticas, tranzia-se de pavor, ao lembrar o susto cauzado pela incursão dos mercenários bonapartistas.

Oliveira Lima, diplomata que é, analisa sagazmente as negociações em que a chancelaria luzónia andou envolvida, nessa época tempestuoza.—«A influencia britânica, em Portugal, constituía uma feição adquirida e já peculiar da política peninsular, datando o seu início do tempo das pelepas continentais dos reis da Inglaterra, pelo trôno da França». O mestre de Aviz, que veio a ser João I, desposou D. Filipa de Lancaster. «Essa pobre mulher, de quase trinta anos, sem prestígio e sem belêza, amortalhada em grandes dobras hirtas, de pano de ouro, atravessando o paço sempre de olhos baixos, cheia de doçuras de tranquillidade, mas possuindo a terrível energia de certas criaturas aparentemente passivas, dominava, inteira e absolutamente, o rei. Algum tempo ainda,—e estava tambem dominada a côrte».—(*Outros tempos*, pags. 41-42, do sr. Júlio Dantas). Donde provinha esta senhora? «João de Gaunt, duque de Lancaster, pái da virtuosa Filipa, era um inglêz sibaríta, magro, ruivo,

enorme, um pouco gago, e absolutamente desprovido de senso moral»—(*Obr. cit.*, pag. 49). Lê-se, nesse livro, uma autópsia completa dos ascendentes e descendentes do genitor da rainha Filipa,—«reflexiva, serena, cheia de poderes e de escrúpulos», moralizadora dos costumes reais da época.

A preponderância inglêza, na administração de Portugal, volvêu, séculos adiante, com uma força décupla. O autor aviva os esponsais da infanta Catarina, filha de João IV, o irrizoriamente chamado *restaurador*, com Carlos II, da Gran-Bretanha. D. Catarina conduziu, como presente de núpcias, Tânger, umas das chaves do Mediterrâneo, e Bombaim, uma das portas da India. A dinastia brigantina assentava, assim, a vindoiria grandeza marítima de John Bull. O dr. José de Arriaga, no livro *A Inglaterra, Portugal e as suas colónias*, que circulou em 1882, descarna as espoliações de que o ninho de Camões e Garrett ha sido vítima. O próprio Gromwell escedeu, se é possível, os serdozos coroados, na ânsia gluttona. Um estendal de misérias, que se alongou té ao abominável convénio anglo-luzo de 1891. A convenção de Methuen reduziria a economia portugueza a mera dependência das fábricas albiónicas: mandavam panos e, em troca, recebiam vinhos.

Já Cêzar dera uma filha a Pompeu, no intuito de solidificarem o poderío. O govêrno dos povos, então—e ainda hoje, com pequenas restrições, gravitava em tórno das alianças familiares, entre os que, por hereditariedade, se assenhoreavam de tudo. O que sempre acontecerá, enquanto houver, sôbre a face do planêta, monarquias ou repúblicas oligárquicas. As casas reinantes firmavam-se, notadamente, nos laços carnaes. Mas, *bon gré, mal gré* as usanças realengas estilhaçavam-se. Os chanceléres lusíadas, vacilantes, ora sorriam para a França, ora se inclinavam para o gabinete de St. James. A neutralidade, no meio de tal ebulição, redundaria inviável. «Lafões, Corrêa da Serra, Seabra, a quem D. João despediu e exilou, em 1799, como um mentor demaziado autoritário, representavam a corrente francêza; Balsemão, Ponte de Lima, os futuros condes de Linhares

e Galveias, a costumada influência britânica. Escção feita de Linhares, porquanto Galveias não passava dum fátuo, pouco instruído e vicioso, os homens de valor achavam-se incomparavelmente mais no primeiro campo.—(*Dom João VI*, pags. 14-15).

Para extinguir o incêndio da revolução francêza,—narra João Bonança—Portugal junta-se, em 1793, com a Inglaterra e a Espanha, contra a república da França. Em terra, os soldados portuguezes combatem, com os espanhois, contra os francêzes e, no mar, com os inglêzes, até que a Espanha assina, em Baziléa, um tratado de paz com a república, intimado e ratificado em 1801. Disto resulta que Portugal céde á Espanha, no continente europêu, Olivença e os seus termos—e parte da Guiana, na América.—A' França, renuncia o regente 88 mil contos, pilhados pelos corsários francêzes a navios mercantes de Portugal, obrigando-se, pelo ajuste de 20 de agosto de 1797, a pagar-lhe ainda, como indenização de guerra, 40 milhões de francos, em diamantes brutos e páu Brazil, pois os cofres estavam esvaziados. Inventase, nesse mesmo ano, o papel moeda. O desastre adquire a neutralidade á França, em 1804, por 166 milhões de francos. Os temores de João VI cystaram, portanto, 28.800.000\$000. Um ovo por um real!

Portugal, como acentúa Oliveira Lima, era o bode espiatório de certas combinações bélico-diplomáticas. A Rússia, a Espanha, a Austria, a França e a Inglaterra talhavam o bôlo—e o bêrço de Nunalvares pagava as diferenças. O regente, querendo conciliar o inconciliável, organiza, em 1799, um ministério, no qual se fundem as tendências britânica e galêza. A anglofilia aguentava-se, entanto, quiçá pelo espírito de Rodrigo de Souza Coutinho. A' volta de 1806, com o desbarato da Prússia em Iena, pelos exércitos de Bonaparte, e a rázia dos

eslavos, os partidários do vencedor prevaleciam na côrte de Lisboa. Pretendendo o côrso acalcanhar os negociantes do Tâmiza, e acreditando os pusilânimes do Tejo na sua *fiel aliada*, João VI e os seus ministros, atordoados, encontravam-se num bêco sem saída. Napoleão e Alexandre, a 8 de julho de 1807, em Tilsitt, acordes no bloqueio continental, dividiram o mundo, comprometendo-se o tsar a obter das chancelarias de Estocolmo e Copenhague o fechamento dos portos aos inglêzes e a declaração de guerra, se estes se negassem a congraçar-se com a França. O imperador dos francêzes obrigava-se a exigir o mesmo de Portugal, determinando-lhe um prazo diminuto. «O artigo VI dos preliminares da paz, entre a Gran-Bretanha e a França, assinados, em Londres, a 1 de outubro de 1801, rezava que Portugal teria direito á perfeita integridade dos seus domínios e possessões. Ficára, porém, estipulado, por um artigo secreto, que êsse artigo ostensivo não levantaria obstáculo aos arranjos, celebrados entre as côrtes de Madrid e Lisboa, para a ratificação das suas fronteiras na península, nem aos celebrados entre os governos da França e Portugal, pára a delimitação das suas fronteiras nas Guianas, contantó que esta delimitação não escedesse a fixada pelo tratado subscrito, em Badajoz, no dia 6 de junho».—(*Obr. cit.*, pgs. 23).

FRAN PAXECO.

ERRATA:— No conto CABRA, além de outros, devem-se corrigir estes senões:—Página 10, 2ª coluna, linha 11:... *nesses ensinamentos etc.*, em vêz de—*esses ensinamentos...*, página 11, 1ª coluna, linha 7:... *que se próstra*, etc., em vêz de—*que se prostrára...*; na mesma página, 2ª coluna, linha 24:... *com a sua baba*, etc., em vêz de—*com uma baba...*; na linha 51:... *de olaria o meu bem-te-vi etc.*, em vez de—*o bem-te-vi...*

MEMORIAL HISTÓRICO

A idéa de se fundirem numa só agremiação todas as sociedades literárias de S. Luiz foi motivo de palestra nossa com o sr. Domingos Perdigão, mais de uma vêz.

Em tempos, a Rio Branco cogitou de efêtuvar isso com a Silvio Roméro e a João Lisbôa. Mas não se passou dos breves entendimentos preliminares, entre membros dessas sociedades,—as mais antigas.

Ultimamente, porém, a Legião dos Novos, e o Congresso Estudantal de Ciências e Letras, as duas últimas cor-porações do género a fundar-se em S. Luiz, iam ainda efêtuando algumas conversas, embora sentindo-se, ao nascer, duvidosas de poderem permanecer numa atividade aproveitável.

A Rio Branco e a Silvio Roméro estavam inâtivas ha algum tempo.

Surgiu então, novamente, a idéa da junção, amparada por Fran Pa-xeco, desde a primeira assembléa para esse fim convocada, em 12 de setem-bro de 1920. Aprovou-se a idéa, e realizou-se.

Das cinco sociedades, somente a *Revista Maranhense* não entrou. Aderiram a Sociedade Literária Barão do Rio Branco, fundada em 18-8-1913, em substituição á Soc. jornalística «O Canhôto», fundada em 18-8-912, a União Estudantal Silvio Roméro, fundada em 28-7-1914, a Legião dos Novos, instalada em 5-2-1920, e o Congresso Estudantal de Ciências e Letras, instalado em 1-8-1920. Derivou dessa «mistura» a LEGIÃO DOS ATE-NIENSES, que addôtu para órgão oficial «O Ateniense», mantido, mensal-mente, pela Rio Branco, até 18-8-1918, —desde 18-8-1912, quando era quin-zenal, de formato pequeno, de quatro páginas, e que até 31-12-1914 teve o nome de «O Canhôto».

As contribuições para o quadro so-cial fôram estas:

Rio Branco—7 sócios honorários, 15 sócios, 17 sócias.

Silvio Roméro—13 sócios honorá-rios, 13 sócios, 8 sócias.

Congresso Estudantal—13 sócios.

Legião dos Novos—6 sócios.

Total 92.

Propuzeram-se, e aceitaram-se, para a Legião dos Atenienses, desde 19-20 até 28 de fevereiro dêste ano,

48 sócios. O quadro social de agora é o seguinte:

Honorários.....	20
Efêtuivos (sócius).....	2
Auxiliares (sócius)....	93
Auxiliares (sócias)....	25
Total...	140

MOVIMENTO DO CAIXA

Receita: Outubro de 920	270\$000
Nov. «	326\$000
Dez. «	328\$000
Janeiro de 921	124\$000
Fev. « 921	142\$000
	1:190\$000

Despeza: Out.	48\$000	
Nov.	292\$500	
Dez.	53\$900	
Jan.	22\$650	
Fev.	375\$800	792\$850

Saldo, em 28-2-921 397\$150

Melhores seriam as condições da Legião, no seu desenvolvimento inte-lêtuall e financeiro, se não houvesse descaso de não pequeno número de só-cios, já deixando de contribuir com as suas cótas para a garantia da publica-ção regular da nossa revista, incontes-tavelmente de ótimo aspêto e matéria bem cuidada, já recuzando-se a prestar o seu concurso mental, principalmente no sentido de elogiar os patronos, como preceituam os artigos 11, 12 e § único, para formar o quadro de 40 só-cios efêtuivos.

Convem, entretant, que nenhum desânimo haja e sim, pelo contrário, que os poucos abnegados, firmes no proposito de restaurar e manter os nossos fóros de Atena Brasileira, se interessem cada vêz mais pela plena e gloriosa realização dessa vitória gran-dioza, que virá constituir o nosso orgulho de amanhã, patenteando-nos a certêza de termos sabido cumprir o nosso dever, trabalhando, por modo útil, em prol da nossa terra.

Que nos ouçam e nos acompanhem todos os legionários—e todos aquêles que se quizerem incorporar á nossa caravana.

28—2—21.

JOAQUIM LUZ
tezoireiro.

AS MARAVILHAS DO SÉCULO XX !!

AOS INCRÉDULOS

Um bom cigarro distingue-se pelo seu aroma, sabor agradável e perfeição no seu acabamento. Tais os predicados que reúnem em si os acreditados cigarros

—“LUZO” e “F. A. C.”—

Queira V. S. rasgar o papel de um LUZO ou F. A. C. e examinar attentamente o fumo: verificará que somente se emprega, nestes produtos, fumo caporal, amarelinho, finissimo, marca “**Veado**”, livre de pó ou residuo do fumo.

A fragancia do fumo desafia a comparação com qualquer outra marca. Examine primeiramente os cigarros, observe a manufatura e fume-o depois; e, certamente, nunca terá fumado cigarros tão perfeitos e saborosos.

O resultado dessa experiencia será tornarse V. S. mais um consumidor destas inegalaveis marcas

FABRICANTE

J. R. SANTOS

RUA 28 DE JULHO, Ns. 11 e 13 — MARANHÃO

CASA NAZARETH

Rua Desembargador Cunha Machado, 42

ABREU & REIS

Dôces finos, sandwiches de fiambre, queijo e dôces; pasteis, etc.

Especial CALDO DE CANA, agua de côco e outras bebidas refrigerantes.

Esplendido salão de bilhares

Aceitam-se encomendas de dôces para casamentos, batizados, etc.

Contratam-se serviços de bar e confeitaria, para banquetes, ceias, etc.

Preços módicos, muito módicos.

Vendas unicamente a dinheiro á vista

Asseio irrepreensível

BAR LULU'

(ANTIGO “GUÁPO”)

RUA DA CALÇADA, N. 9,

—DE—

LUCIANO NEVES

Gerente: ANTONIO LAULETA

Cerveja, Si-Si, Guaraná, Vermout, Whisky, Cacáu, Quinado e outras bebidas finas. Gelados de frutas, etc.

Dôces em calda e em massa, de diversas qualidades, á vontade do freguez. Pasteis, queijos de S. Bento, sandwiches, arroz doce, mingau de milho, etc.

Agua de côco, mamão, sapotis e outras frutas.

Cigarros das melhores marcas que vem ao mercado, charutos finos etc.

VENDAS A DINHEIRO, A PREÇOS BARRATISSIMOS

ASSEIO E PRONTIDÃO

O ATENIENSE

NUMS. 6 e 7

S. LUIZ DO MARANHÃO

ANO 1

MARÇO E ABRIL 1921



ALUIZIO AZEVÊDO

Quadro social da Legião dos Atenienses

PATRONOS

SOTÉRO DOS REIS	—JOÃO VITOR RIBEIRO
ANTONIO LOBO	—António Viana de Souza
ALUIZIO AZEVEDO	—JOAQUIM VIEIRA DA LUZ
JOSE' DO PATROCINIO	—Pitágoras de Moraes
JOÃO LISBOA	—Djalma Fortuna
GONÇALVES DIAS	—Hilton Fortuna
ARTUR AZEVEDO	—José M. Reis Perdigão
EUCLIDES DA CUNHA	—Edmundo Calheiros
J. MARANHÃO, SOBRINHO	—José de Pádua Fortuna
VESPAZIANO RAMOS	—João Guilherme de Abreu
ALCIDES FREITAS	—Deolindo Couto
ANIZIO AUTO DE ABREU	—Walter Spíndola e Silva
JOSÉ DE ALENCAR	—José Mata Roma
RAIMUNDO CORRÊA	—José dos Santos Carvalho
J. GOMES DE SOUZA	—Boanerges Neto Ribeiro
CANDIDO MENDES	—Oton Melo

SOCIOS HONORARIOS

José Eduardo Teixeira de Souza, Henrique Coelho Neto, José Ribeiro do Amaral, D. Helvécio Gomes de Oliveira, Domingos Afonso Machado, Aquiles de Faria Lisboa, Júlia Lopes de Almeida, Manoel Fran Paxeco, Alberto de Oliveira, José Francisco da Rocha Pombo, Medeiros e Albuquerque, Godofredo Mendes Viana, Júlio Dantas, Domingos Quadros Barboza Alvares, Clóvis Beviláqua, Justo Jânsen Ferreira, João Ribeiro, Afrânio Peixoto, José Luso Torres, Alfredo de Assis Castro.

SOCIOS AUXILIARES

Senhoritas Maria Carolina Botelho de Andrade, El-Zuila Souza, Noémi Souza, Marieta Fortuna, Esveraldina Fortuna, Luiza Viana, Raimunda Azevedo, Raimunda Vasconcelos, Circe Castro, Creuza Castro, Henriette Bricotte, Francisca Domingues da Silva, Maria Celina Pessoa de Holanda, Conceição

Parga Bâtista; sras. d. d. Corina Caldas Dias, Estér Fortuna Pires, Raimunda Souza Ribeiro; Zila Páís; senhoritas Adelaide Kerte, Esmeralda Kerte, Lucrécia Kerte, Diná Teixeira, Amélia Macieira, Odila Berniz, Odéssa Berniz, Zélia Campos, Zuila Bertrand; srs. Antonio Vasconcelos de Jesus, Boanerges Ribeiro, Oton Melo, Arentino Ribeiro, Augusto dos Santos Bragança, David Azevedo, José de Brito Passos, Dreyffus Zola Teixeira e Leandro Tupinambá dos Reis.

DIRECTORIA

Fran Paxeco, *presidente*; João Vitor Ribeiro, *vice-presidente*; Pitágoras de Moraes, 1.º *secretário*; João Guilherme de Abreu, 2.º *secretário*; Joaquim Luz, *tesoureiro*; Walter Silva, *bibliotecário*; Mata Roma, *orador*.

Suplentes:—Rúben Almeida, José dos Santos Carvalho, Nestôr Madureira, José Zoroastro da Silva Vieira, Clemente Guedes.

ELIMINAÇÕES

Foram eliminados, por infração ao artigo 6º do estatuto:—Newton Mendonça, Tenack Souza, José Silva, Deocleciano Ribeiro, sobrinho, Valdemar de Souza Brito, Odorico Amaral de Matos, João Bona, Elpidio Santos, Benedito C. Ferreira, Guilherme Macieira, Benedito Santos, Hélio Cunha, Roberto Vinhais, Hilton Pinheiro da Costa, Edison da Costa Brandão, José Domingos Barboza, José Carneiro Soares, Celso da Rocha Santos, Raimundo Nonato Luz e Silva, Assis Garrido, Antonio Vasconcelos, Esrou Souza e, a pedido,—Hermelindo Gusmão Castelo Branco, filho, Domingos Perdigão e José Neves de Andrade.

MARÇO E ABRIL DE 1921

O NOSSO CALENDÁRIO

- Talvez não seja de todo ocioso organizar uma relação dos maranhenses ilustres, que se dedicaram ao ensino, ás belas-lettras e á sciência, alcançando renome. Seremos breves, ficando apenas as suas feições predominantes.
- I.—*Manoel Odorico Mendes*, poeta, publicista; parlamentar, tradutor dos poemas homéridas e virgilianos; nasceu a 24 de janeiro de 1799 e succumbiu a 7 de agosto de 1864.
- II.—*Custodio Alves Serrão*, professor, químico, fisico e naturalista; 2 de outubro de 1799 e 10 de março de 1873.
- III.—*Francisco Sotêro dos Reis*, professor, filólogo, publicista, parlamentar, tradutor; 22 de abril de 1800 e 16 de janeiro de 1871.
- IV.—*João Francisco Lisboa*, publicista, parlamentar, historiador, crítico; 22 de março de 1812 e 26 de abril de 1863.
- V.—*D. Joaquim Gonçalves de Azevedo*, professor, prégador, arcebispo da Baía; 19 de fevereiro de 1814 e 6 de novembro de 1879.
- VI.—*Fábio Alexandrino de Carvalho Leal*, publicista, parlamentar, economista, professor; 13 de outubro de 1815 e 26 de fevereiro de 1890.
- VII.—*Frederico José Corrêa*, poeta, publicista, crítico, jurista, parlamentar; 28 de janeiro de 1817 e 28 de maio de 1881.
- VIII.—*Cândido Mendes de Almeida*; professor, geógrafo, historiador, jurista, parlamentar; 14 de outubro de 1818 e 1 de março de 1881.
- IX.—*Antônio Gonçalves Dias*, poeta, dramaturgo, etnógrafo, professor, historiador; 10 de agosto de 1823 e 3 de novembro de 1864.
- X.—*Antônio Marques Rodrigues*, poeta, professor, economista, parlamentar; 15 de abril de 1826 e 14 de abril de 1873.
- XI.—*César Augusto Marques*, médico, geógrafo, professor, historiador; 12 de dezembro de 1826 e 5 de outubro de 1900.
- XII.—*Antônio Henriques Leal*, médico, publicista, crítico, professor, parlamentar; 24 de julho de 1828 e 29 de setembro de 1885.
- XIII.—*Joaquim Gomes de Souza*, engenheiro, médico, professor, matemático, astrónomo, parlamentar; 25 de fevereiro de 1829 e 14 de junho de 1862.
- XIV.—*Traiano Galvão de Carvalho*, poeta, professor; 19 de janeiro de 1830 e 14 de julho de 1864.
- XV.—*João Mendes de Almeida*, publicista, parlamentar, jurisconsulto, historiador; 22 de maio de 1831 e 16 de outubro de 1898.
- XVI.—*Joaquim de Souza Andrade*, engenheiro, poeta, publicista, professor; 9 de julho de 1833 e 21 de abril de 1902.
- XVII.—*Gentil Homem de Almeida Braga*, poeta, novelista, professor, parlamentar; 25 de março de 1835 e 25 de julho de 1876.
- XVIII.—*João Antônio Coqueiro*, engenheiro, matemático, professor, publicista; 30 de abril de 1837 e 26 de fevereiro de 1910.
- XIX.—*Joaquim Maria Serra*, sobrinho, poeta, comediógrafo, publicista, parlamentar (1837-88); desconhecemos o dia e o mês, quer do nascimento, quer da morte.
- XX.—*Francisco Dias Carneiro*, poeta, magistrado, industrial, parlamentar; (1837-95); idem, idem.
- XXI.—*D. Luiz Raimundo da Silva Brito*, professor, compendiógrafo, parlamentar, orador sacro, arcebispo de Olinda; 4 de agosto de 1840 e 9 de dezembro de 1915.
- XXII.—*Filipe Franco de Sá*, publicista, jurisconsulto, parlamentar, filólogo; 2 de junho de 1841 e 8 de março de 1906.
- XXIII.—*Antônio Jansen de Matos Pereira*, publicista, professor, jurisconsulto, político; 13 de junho de 1842 e 26 de fevereiro de 1908.

XXIV.—*Antônio de Almeida Oliveira*, publicista, jurista, pedagogo, parlamentar; 17 de outubro de 1843 (data do batismo) e 27 de outubro de 1887.

XXV.—*Antônio Enes de Souza*, professor, publicista, químico, mineralogista, inventor; 6 de maio de 1848 e 2 de março de 1920.

XXVI.—*Celso da Cunha Magalhães*, poeta, novelista, crítico, publicista, magistrado; 11 de novembro de 1849 e 9 de junho de 1879.

XXVII.—*Caetano César de Campos*, engenheiro e homem de letras; 29 de fevereiro de 1852 e 5 de junho de 1920.

XXVIII.—*José Augusto Corrêa*, funcionário professor, matemático, filólogo; 3 de agosto de 1854 e 16 de fevereiro de 1919.

XXIX.—*Artur Nabatino Belo de Azevedo*, poeta, contista, comediógrafo, crítico; 7 de julho de 1855 e 22 de outubro de 1908.

XXX.—*Adelino Fontoura Chaves*, poeta e jornalista; 30 de março de 1855 e 2 de maio de 1884.

XXXI.—*Teófilo Dias de Mesquita*, poeta e magistrado; 28 de fevereiro de 1857 e 29 de março de 1889.

XXXII.—*Hugo Vieira Leal*, poeta, romancista, dramaturgo, crítico, publicista; 21 de julho de 1857 e 16 de março de 1883.

XXXIII.—*Euzébio de Almeida Martins Costa*, professor, médico, autor de livros científicos; 4 de março de 1858 e 28 de dezembro de 1918.

XXXIV.—*Aluizio Tancredo Belo de Azevedo*, contista, comediógrafo, romancista, diplomata; 14 de abril de 1857 e 21 de janeiro de 1913.

XXXV.—*Raimundo da Mota de Azevedo Corrêa*, poeta, magistrado, professor, diplomata; 13 de maio de 1860 e 13 de setembro de 1911.

XXXVI.—*Almir Parga Nina*, médico, professor, publicista; 24 de julho de 1861 e 14 de fevereiro de 1908.

XXXVII.—*Francisco José Viveiros de Castro*, contista, professor, jurista; 13 de novembro de 1862 e 7 de agosto de 1906.

XXXVIII.—*Raimundo Nina Rodrigues*, médico, professor, publicista, autor de obras científicas; 4 de dezembro de 1862 e 17 de julho de 1906.

XXXIX.—*Teodoro da Silva Baima*, médico, bacteriologista, autor de obras científicas; 29 de novembro de 1862 e 18 de novembro de 1918.

XL.—*João de Deus, do Rego*, poeta e jornalista; 22 de novembro de 1869 e 30 de junho de 1902.

XLI.—*Antônio Francisco Leal Lobo*, poeta, novelista, crítico, professor, tribuno; 4 de julho de 1870 e 24 de junho de 1916.

XLII.—*Raúl Astolfo Marques*, contista, novelista, jornalista; 11 de abril de 1876 e 28 de maio de 1918.

XLIII.—*José Américo dos Albuquerque Maranhão*, sobrinho, poeta e professor; 25 de dezembro de 1879 e 25 de dezembro de 1915.

XLIV.—*Antônio da Costa Gomes*, poeta e funcionário público; 9 de maio de 1880 e 25 de dezembro de 1915.

XLV.—*Joaquim Vespasiano Ramos*, poeta e auxiliar do comércio; 13 de agosto de 1884 e 26 de dezembro de 1916.

Antônio Lobo

DISCURSO PROFERIDO, A 13
DE FEVEREIRO DE 1921, PELO
SR. ANTÔNIO VIANA DE SOUZA

E porque, na trajetória da minha adolescência; este dia estava marcado, em que com grande desvanecimento para mim, vos havia de falar, aqui me tendes neste lugar, donde descortinamos, arrebatados pela força de Polínia, através de camadas etéreas, em relêvos coloridos, cravejada de pedras multicoloridas a manção fulgurante dos imortais! E, na verdade, afirmando-vos que o nosso templo é Roma e o nosso altar é a Grécia, afirmo-vos também que, como os astros que buscam a superfície do nosso céu, estudando todos os corpos que o abrilhantam, tendes, na vossa frente, um pequeno investigador, como todos nós outros, dos seres que canonizam esse outro céu aveludado, para o qual convergem os nomes desses entes que produzem obras colossais! Quão sublime, a nós outros, nos aparece a galeria celeste?!... Quão atraente! Quão bela! Quão divina!...



ANTÓNIO LOBO

Os jónios da antiguidade curvavam-se, pelos cimos das montanhas maravilhosas em reverente adoração, aos eternos do Olimpo, enquanto, de entre essas mesmas montanhas, dos vales encantados, lhes chegavam aos ouvidos as vozes das virgens consagradas ao culto!...

Nós todos, os que tomámos por mestres os grandes homens, não nos ajoelhámos sobre as relvas dos montes, mas inclinámo-nos diante das páginas doiradas dos seus livros, manancial succulento de sabedoria e grandêza! Nós todos os que os escolhemos para mestres, não ouvimos os cânticos melodiosos das virgens helenas, mas estaziamó-nos nas letras das suas obras.

E que de resultados nos adveem! Mormente, quando temos por sacerdotes, nesse culto como os helenos tiveram Orfêu, esse quase legendário iniciador, que formou a alma da Grécia, personificada nos mistérios da sua religião, nos templos e oráculos de Júpiter, de Juno, de Apólo de Céres, como nos seus jogos olímpicos! Mormente, quando temos por guia, nesse culto,—como êles encontraram em Pitágoras, o reformador da Grécia leiga, mormente quando temos um mestre á nossa testa, que sabe alumiá o caminho, na pessoa do sr. Fran Paxeco! Ah! os resultados colhidos são devêras animadôres! E é por tal que aqui estamos, a despeito dos indiferentes, continuando a nossa tarefa!

Ha dias, senhores, muitos de vós tivestes a satisfação de ouvir o belo discurso com que este, que hoje me recebe, elogiou o seu patrono. Hoje, infelizmente para vós, tendes de me ouvir a mim, por ligeiros instantes! Mas, se ouzo prender-vos por um pouco as atenções, é por ser de praxe, nesta agremiação, cada um de nós encomiar o seu patrono, como acontece, em regra, nas sociedades literárias. E por isso aqui estou, para me ocupar do meu —António Francisco Leal Lobo.

Mas, antes faz se preciso que vos diga a razão da escolha. E nada ha de mais simples:—Caminhava eu, senhores, diariamente apegado aos livros primários em busca da escola, e quase todos os dias, nessa agradável jornada, se me deparrava a figura do saudoso mestre! Desde então, no meu íntimo de criança, uma verdadeira simpatia desabrochou pelo illustre homem de letras! Eis porque, quando nesta casa se tratou de patronos, me acorreu o nome de António Lobo! Não fui seu aluno, nem sequer uma só vez ouvi a sua palavra: quando êle baixou ao leito mortuário da terra, inda cursava os bancos primários. Mas não importa! Foi a sua obra que me despertou a maior das admirações. Pois bem: é de António Lobo que vos pretendo contar alguma coisa adicionando, para tal, todas as minhas fôrças.

Senhores:—Nas páginas do «Panteon Maranhense», Henriques Leal, ao falar de Sotêro dos Reis, abre um parágrafo de emocionante evocação aos mestres. Assim, não vos será estranho que eu, o mais humilde nesta casa suba por um pouco a minha voz de môço, a evocar, em face do nome glorioso de António Lobo, a memória dos maiores benfeitores da humanidade!

Mestres! Sonhadores de gerações intelétualmente sadias!... Almas bondosas, espiritos lúcidos, que não sabeis da fadiga junto da juventude! Que enorme alegria experimentais, no leito do eterno repouso, certos de ouvir os vossos alunós de óntem! E quão maior deve ser êsse júbilo, quando, na eloquência

*Descantes de algum bardo soluçante,
Endeixas doloridas e suaves;
Rumor de fontes e pipilos de aves,
Ecos longínquos de um carpir distante;*

*Vagos queixumes, indecizas máguas,
Prantos convulsos nalgum sítio êrmo,
Harpejos tristes de alaúde enfêrmo,
Cisnes boiando sôbre claras ágauas,*

*Vêlas que passam, deslizando mansas,
Por tardes tristes, invernosas, frias,
Um desfilar de castas utopias,
Todo um cortejo branco de esperanças;*

*Olhos que a gente nunca mais esquece,
Como eu vos amo e quero, saiba embora
Que não se faz pra mim a luz de aurora,
Quê nas vossas pupilas resplandece.*

*Que as horas passem, que volvam os dias,
Que os anos se amontôem sôbre os anos;
Que um após outro cheguem os desenganos,
Que uma após outra fujam as alegrias,*

*Sempre na mente os trarei brilhando,
Sempre em minh'alma viverão luzindo,
Olhos que um dia eu sonhei, sorrindo,
Olhos que após abandonei, chorando.*

Vêde, senhores, que de harmonia, que de ritmo! E' o amor, o dom primordial dos poetas, que êle canta, nesta belíssima poesia! Vêde, nestas çonoras estrôfes, o lirismo que na alma lhe morava!

Eis aqui o breve rezumo que vos posso fazer da literatúra do meu patrono. Agora volvâmos ao fim da sua vida, ante o qual estacionei, para dizer da sua obra.

O último cargo que António Lobo desempenhou, foi o de inspêtôr da instrução pública. Daí, em virtude duma cerraça opposição, retirou-se para as colunas da *Tarde*, que fundára, para ir de encontro aos crueis adversários. Infelizmente, porém, faltando ao mestre, depois de longos debates, o mesmo jornal, e animados os seus contendores, por vê-lo desarmado António Lobo fica sem meios de ataque. Torturado, exaurido, recrescendo os males da neurastenia, procura, num golpe trágico a morte irreparável!

Abria-se um vácuo doloroso, no momento para as pugnas pela cultura intelêtual da nossa amada terra! Os seus discípulos receberam um choque tremendo, nas suas esperanças! E, nesse desânimo cruel, em que a todos parecia haver desaparecido, com

António Lobo, toda a fé de redimir Atenas, nessa hora sombria, em que sangrava a alma juvenil do Maranhão, alguns dos seus alunos teceram, com os próprios soluços, as corôas da saudade, semeando-as sôbre o túmulò que o acolheu! Mas não choraram por muito. António Lobo, e a mocidade maranhense fazem recordar o filho de Mercúrio e os pastores da Sicília!

Dáfnis civilizou se com a poesia bucólica. Adoravam o e, á sombra dêle, reptavam se uns aos outros, no cano das flautas, tomando-o sempre como juiz e mestre! Um dia porém, Dáfnis morreu . . . Um grito de dôr repercutiu pelos largos pastos das ovelhas . . . Até as boninas abriam e fechavam as pétalas, numa convulsão de sentimento! Pelos cimos dos montículos, debaixo dos arbustos, não se ouviam mais os desafios ingênuos dos humildes pastores. . . Dáfnis mais tarde, foi admitido no Olímpo Ah! que mudança! . . . O prazer povoou novamente os campos, que se engrinaldaram de seáras e flôres! No alto das montanhas, no labirinto dos bosques como no fundo dos vales os pastores entoavam:—Dáfnis é Deus! Dáfnis é Deus! E os dias felizes de esperança ressurgiram!

António Lobo morreu! A fala dos seus discipulos cessou!

Acorda-nos agora um novo ardor, compelindo-nos a sair da sonolência. E hoje a juventude, congregada sob os auspícios doutro mestre prestimoso e dedicado, como em 1900, evocâmos do nosso canto a memória dos imortais, evocâmos, com voz bem alta, o nome de António Francisco Leal Lobo, não mais em tristêza, como se fôramos para a morte, mas com alegria, com entusiasmo, perante a sua glória!

Senhores:—Quão sublime me é apresentar a hora que perpassa! Plena idade média. No meio das rígidas muralhas dos castelos, entre o cintilar de armaduras, um homem ajoelhado, com o peito junto duma espada, estende as mãos para as páginas sacrossantas do evangelho e arma-se, destarte, pelo su-

zerano cavaleiro das conquistas sanguinolentas! E a investidura antiga!... Recordai-a e comparai-a ao que prezenciais. Nós somos os vassallos que na vossa presença, recebemos o primeiro título da nossa hierarquia, invocando a memória de um amigo!

E quem vos garantirá que não havemos de lutar também? Quem se ha de bater contra o indiferentismo, contra a inveja, contra os ditérios indiscretos de quantos não puderem medir as armas conosco?

Quem ha de muitas vêzes na friêza do desalento, fazer quebrar a pena e estancar o sangue gotejante de golpes, que nos vibra a fala dos máus? Quem vos assegura que não havemos de combater muito piormente do que os cavaleiros antigos, pois que êles se batiam dentro de escudos e nós temos de enfrentar o aço terrível do despeito?

Companheiros:—A vós me dirijo, finalizando. Neste dia, em que recebemos a nossa investidura, se os vassallos da idade média, ao acêitá-la, oravam com as mãos sôbre o evangelho voltando-se para o mártir da cruz, consagramo-nos nós ao altar de Atene, altar invizível! Engolfados nos mistérios da sua religião silenciemos! Então, entre visões múltiplas, acudir-nos-ão as suas lendas maravilhosas! E, delas, uma nos prenderá. Néfale, metamorfoseando-se num nevoeiro intenso, atravessando camadas asfíxiadoras, oferece a redenção aos filhos que fogem ao sacrificio dos Miftas!

Filha altíssima dos céus, fulgurante de sabedoria, desce, por um pouco, da tua majestade, e guia os que te buscam ao trono onde resplandeces. Empana, com o brilho da tua auréola, tantos quantos, impelidos pela invéja, hasteiam nas déstras a lâmina do vitupério! Quantos já se chegaram a ti! Quantos, porém, se não deixaram cair, sem energia, para vencer a impotência dos máus?! Os que principiam, como nós, evocam te, pois!

Vem! Envolve nos, como Néfale, no teu manto de núvens, ó tu, que nos atrás, em sonhos suaves, concitadores!

* * *

O sr. JOÃO VITOR RIBEIRO, apresentando as boas-vindas, pronunciou este discurso:

Não sei como possa traduzir o grande entusiasmo de que estou possuído por ver que, pouco a pouco, a Legião dos Atenienses vai cumprindo o plano de trabalho que se traçou, ao assentar os seus arraiais na arena literária.

Admitido nas suas fileiras, fui destacado para lançar o primeiro dardo, cujo ribombar ecoasse longe, anunciando o comêço da luta, na conquista de um nome respeitável, para a sua bandeira e para os seus legionários. Esse primeiro dardo foi como o grito de guerra de que se servem as tribus indígenas, o toque de reunir, na grande taba, dos intrépidos guerreiros.

Ainda não decorreu um mêz, depois que aqui estive a desobrigar-me do compromisso assumido como legionário e já vejo, com prazer, um novo companheiro a trilhar o mesmo caminho, cooperando assim para a imediata organização da nossa linha de avanço.

E' tão nobre o gesto dêsse bravo peoneiro quão honroza a missão que me confiaram de recebê-lo no portal do templo.—Sêde, pois, benvindo, sr. legionário.

O fanal que vos norteia tem o luminoso astro assinalado no céu das letras pátrias. O seu nome basta para construir um dos capítulos da nossa história literária. A escolha que fizestes de António Lobo, para vosso patrono, não podia ser mais feliz, porque êle foi um verdadeiro apóstolo das letras. Naquela alma vibrante, encerravam-se as lâminas de oiro de um formoso talento.

A mocidade via nele um magnífico espelho e um belo exemplo a seguir. A inclusão do seu nome, no quadro superior do nosso núcleo, significando um incentivo, representa um páli-do preito de homenagem á sua memória.

No século pretérito, o nosso Maranhão teve uma fase áurea, criada pelo curso de Odorico Mendes, Sotéro, João Lisbôa, Gonçalves Dias e outros vultos de subido mérito, os quais con-

certo a boança, realizando, nas coisas, um como milagre de ressurreição.

A solenidade dêste momento, minhas sras. e meus srs., em que o esplendor que a ela viestes dar se casa às ondas de emoção que todos nós sentimos, testemunha, em côres vivas, a confirmação do que vos desejei explicar. E a minha alma de môço vibra, cheia de entusiasmo, feliz e vaidosa, em face da sublime apoteóze que se nos depara aos olhos.

Foi por isso que, sem relutância, não vacilei em afastar-me, por minutos instantes, dos agros assuntos que constituem o meu verdadeiro ofício, para, favorecido pela generosidade dos que me ouvem, e como mensageiro da Legião dos Atenienses, confessar agora o prazer que todos nós experimentámos pelo motivo do preito que a mocidade, as classes intelectuais e, posso dizê-lo, toda a instruída sociedade da minha terra rende ao sr. Fran Paxeco—homem que muito ha feito, que tanto se tem esforçado pelo progresso, pela grandêza, pelo desenvolvimento do Maranhão.

E que hei afirmar? De que termos poderei utilizar-me ainda, para saudá-lo, em face do que já ouvistes e ainda ireis ouvir, neste recinto? Somentemente os largos conceitos, que tanto elevaram o nome de Atenas, pela eloquência de Demóstenes; só a elegância da linguagem castiça, difundida com tanta harmonia, nos cantos de Petrarca, poderiam exaltar-me de tal sorte o pensamento, dando-me a luz precisa, para bem me desincumbir do alto encargo que me confiaram.

Vêde o monte que, num supremo esforço, se guinda, como que pretendendo alcançar o sol! Muitas vêzes, a vista perturba-se, e o esforço parece uma realidade. O sol, por si, constitue um astro, e o monte é átomo da terra. A junção é, portanto, inexequível.

Não será modéstia, senhores, se eu vos garantir que são as mesmas as minhas circunstâncias, diante do homenageado de hoje. E, se aqui me vêdes, é mais por um egoismo de conviver com os bons, é ainda e principalmente pela admiração com que, da minha obscuridade, contemplo os feitos do sr. dr. Fran Paxeco, a multiplicar as horas de trabalho, e por

tal maneira que, onde quer que se pleiteie uma cauza para o engrandecimento desta terra, ali fulgurará, não ha negá-lo, o seu nome, como estrêla de primeira grandêza.

E esse afan contínuo, que attribula o espirito, pelo escêso das inovações, parece que lhe proporciona um imenso prazer, dando-lhe uma incontível perseverança, para laborar pelo nosso progresso, como se trabalhasse pelo da sua própria terra. Além de ter sob a sua guarda os interesses da república irmã, neste estado, vemo-lo como estimulador do Centro Português, colaborando sempre para o seu enaltecimento. Também se encontra entre os intelêtuais que formam a Academia Maranhense, encorajando o valôr dos seus ilústres companheiros.

A história da terra que, com tanto orgulho e satisfação o acolhe, é para êle objêto de nímio interesse: ei-lo ainda como um dos fundadores e secretário geral do Instituto Histórico do Maranhão.

A' nossa Faculdade de Direito, da qual foi um dos organizadores, mereceu o título de professor honorário. E' pai, e sabendo, por isso, compreender o alcance da dedicação que devemos ter pela criança, presta o seu pertinaz concurso aos que labutam no Instituto de Assistência á Infância, como presidente da diretoria, casa essa que muito lhe deve. O amanho da terra, o cultivo da planta, a seiva do vegetal têm nele um defensor, como socio honorário e secretário geral da Sociedade Maranhense de Agricultura, em tão boa hora fundada aqui.

E o seu espirito, depois de tantas occupações, precisa naturalmente de um meio recreativo, onde a intelligência divague um pouco pelo azul da fantasia, entre a palestra amiga e as últimas notícias trazidas pelas folhas. Ei-lo então aqui, no Casino Maranhense, um dos seus fundadores, hoje prezidente da sua assembléa geral.

De que mais se necessitará, para se elevar um nome?

Mestre:—A Legião dos Atenienses também muito vos deve. E' ali que tenho compreendido mais de perto o constante esforço que sabeis pôr em evidência. E agora podemos asseverar, sem receio de embargos, que o nosso

progrêso, a união em que se condensa o nosso principal programa, se baseiam na vossa dedicação espontânea, real e única, prodigalizando-nos sempre bellos ensinamentos, moldados em princípios verdadeiramente sociais.

Distribuíis ali, em fecundos jórros, a todos, a luz que nutre o espírito, como o lavrador semeia na terra o grão, donde brotará, mais tarde, a árvore vijejante. E, assim o disse alguém— «entre o lavrador que espalha a semente no alfôbre, e o que incute o verbo no espírito, é, sem dúvida, superior o segundo. O pão da seára mitiga a fome de um dia; a instrução é o alimento perene: o pão é pasto, a idéa é luz».

Eis a razão por que, exmo. sr., aqui me envia a Legião. Reconhecida pelo vosso carinho, era preciso que ela es-teriorizasse o que pensa de vós, e vos tributasse a sua gratidão. E dia melhor não se lhe poderia oferecer. Recebei, pois, em meu nome, em nome de todos os meus companheiros, nestas despretensiosas palavras, a prova mais sincera do muito que vos devem, do muito que vos admiram, os sempre vossos amigos da Legião dos Atenienses.

LUTAR

PARA O MEU IRMÃO MATA ROMA

*Trabalha; erguida assim, conservarás
A frente, dominando a massa inerte.
Por mais que a adversidade atrox te aperte,
Não desanimes, não; trabalha mais*

*Na luta, esforço ingente empregarás
Muito embora a tolice humana acerte
Outra coisa, a nossa alma se perverte,
Se tem uma ilusão e nada faz*

*O homem, sendo um produto de si mesmo,
Deve lutar, impávido; que, a esmo
Lutando, nada pôde conseguir.*

*Trabalhando, se sempre honesto. E, certo,
Dêsse modo, terás, feliz, aberto
Luminoso caminho no porvir.*

3-XI-920.

OLIVEIRA ROMA

OS POBRES

Ao passo que a sociedade alta vive trapaceando, mentindo, equilibrando-se, poucos poderão compreender as torturas dos pobres, a vida ignóbil que levam, o monturo em que respiram.

Avaliai um auxiliar do comércio. Poucos, bem poucos, ganharão 200\$ mensais. Caixeiros casados conheço que, eventualmente, percebem 80\$000; em quitandas, ha môços que teem só 20\$000.

Os operários, êsses, são felicissimos, quando acham trabalho e podem obter uma diária de 4\$000. Passam, não raro, semanas sem serviço e outras em que se sujeitam ao salário de 2\$000. Muitas vêzes adoecem e até se tornam inválidos. Ficam, então, numa penúria estrema.

A um pedreiro, mestre já antigo, vi-o, uma vêz, trazer de um armazem qualquer volume, para a nossa casa, por 200 réis. O que mais admira é que esta gente paga aluguel de casa, tem mãe, mulher, filhos; veste-se, come, calça-se, toma remédios, compra água, combustível e tem luz á noite!

Como pôde fazer tudo isso, não sei, a menos que, em cada lar humilde, não haja diariamente um milagre ou que a manada humana não viva faminta, porca, descarada, caloteira, indifferente ás ameaças dos ricos e dos senhorios.

O aluguel da casa mais nojenta não custa, hoje, menos de 30\$000. Um homem, fazendo 80\$000 por mêz, dispõe, para as demais despêzas, de 50\$ apenas. Desta quantia, ha de sair a água, a carne, o pão, o café, o açúcar, a manteiga, a roupa, o calçado, a lavagem, a goma, os tempêros, os utensilios, os móveis, o sal, os medicamentos e inúmeras outras necessidades, não cogitando em vícios, como o fumar, o beber, o pelintrismo, o jogar.

E essa gente sem consciência, sem a percção nítida das coisas, tem a corajem de instituir lares, de se casar! Isto é, vão para uma vida que é um suicídio, que é a miséria sem esperança, um inferno, de onde só se sai alegre para a sepultura.

E o que dói é que um cataclismo, destruindo esta minúscula terra, não ponha um termo a tais cenas, que se reproduzem sem fim, porque a morte de um lar dêstes anuncia o nascimento de outro.

A sociedade, como está constituída, concretiza o fausto de meia dúzia, que se faz pagar venenosamente, levando á maior parte a abjêção, os estragos da uskra e o desprêzo.

JOSÉ AUGUSTO CORRÊA.

Maria Amália Vaz de Carvalho

«Mas como é que eu pude viver até agora, sabendo que se morria?!» — palavras escritas em setembro de 1910, por Maria Amália, quando foi da morte de Cármen Dolôres, perda bem sentida, para o nosso paiz. E, no entanto, a admirável escritôra portuguêsza, a velhinha de muito valôr e de extraordinários exemplos, venceu mais alguns anos, mesmo com «aquele calafrio que a idéa da morte da morte sempre próxima, avoejante ameaçadôra, sempre invisível e sempre presente tão certa, como diz o nosso povo, e tão inesperada, — nos causa, quando nos defrontâmos assim com ela!» E, a 2 de fevereiro dêste ano, ela se foi, partiu para as regiões do Nada, do sobrenatural, deixando em luto pesado as letras da nossa língua, ela, que era um símbolo de bondade, um todo de virtudes, a glória feminina de uma raça.

Maria Amália, reliquia preciosa do sexo a que pertencêu tanto quanto o é para Portugal e — porque não dizê-lo?! — para o mundo, morreu aos 74 anos, mergulhando em pranto a pátria, que tanto lhe deve terra que tanto amou e por que tanto se esforçou.

E o Brasil, que ela muito estimou e a que sempre dedicou bastante carinho — este colosso de terras, — ao qual «há trinta e quatro anos, dou o meu pensamento e quase toda a minha vida intelêtual», dizia Maria Amália, enviando as suas saudades á memória de Rio Branco.

Pois bem: a nossa terra tambem chora a morte de tão illustre escritôra

Nas suas obras, que são numerosas e de grande valia, de quando em quando, deparam-se-nos palavras de amizade ao Brasil, — tributos de homenagem aos seus melhores vultos ás suas glórias. Lendo-a; o brasileiro sente logo a íntima satisfação de que está em contacto com gente amiga, como quase sempre, o é todo o coração português.

Quem quer que conheça essa figura, feminina, orgulho do sexo frágil, através das páginas «As nossas filhas» (cartas de mãe), «Ao correr do tempo», «Cérebros e corações», «Impressões de História», «No meu cantinho», «Coisas de agora», e outros livros de que se compõe a riquíssima bagagem literária da distinta morta, onde se juntam o bélo e o perfeito, em concêções de uma inteligência rara de mulher, — sêr sublime, que tanto se tem elevado nas artes, nas sciências e nas letras, quem quer que a conheça, não poderá deixar de admirá-la.

Depois de haver assistido ao desfilar glorioso dos seus 74 anos, todos consagrados ao bem, succumbiu, evolou-se, legando aos pósteros um nome límpido e luminoso.

TRAÇOS CRITICOS

PORTUGAL E A GUERRA PENINSULAR: — D. JOÃO VI NO BRAZIL, por Oliveira Lima, 1908.

Transcreve umas condições do ajuste de Fontainebleau, feito aos 27 de outubro de 1809. Vingando, Portugal desarticulou-se em tres partes, distribuidas a diversos. O ultramar lusó nio tambem se repartiria pela França e a Espanha, assumindo o monarca dêste paiz o título de imperador das duas Américas. Mas a boa fé não constituía o traço capital dessa naturêza (a de Bonaparte) e, por isso, as contemp-lações, que aparentava com os aliados, não tinham o cunho duma sinceridade inquestionável. O primeiro cónsul, fementido até com a sua paren-

téla, dividiu as conquistas plos desavindos irmãos. Recrudescia o vetustissimo sonho do império universal. Lindas contas faz o preto... Waterloo obumbrou-lhe a prosápia e a muda ilha de Sta. Helena ouviu-lhe os remórsos de vencido. A bizarra França carpiu o seu talamento,—e Portugal, derrotando Massena, recuperou a independência.

«Um mêz, dia por dia, depois de assinado o convênio de Fontainebleau, embarcava D. João Carlos de Bragança pãra a América do Sul, a conselho do govêrno britânico, escoltadas as suas náus por navios britânicos».

A partida.—eis o nome do primeiro capítulo. Oliveira Lima acha razoável o embarque pãra o Brazil,—«sem, afinal, perder mais do que o que possuía na Európa». São estas as suas palavras:—«E' muito mais justo considerar a trasladação da côrte, pãra o Rio de Janeiro, como uma inteligente e feliz manobra política do que como uma deserção cobarde». Escapou ás humilhações dos parentes castelhanos. Ou, trocado em miudos, livrou a sua majestática pele, a sua rotonda adipozidade. A plebe, o vulgacho faminto, que não avezava galeões, nem se imiscuia no erário, que suportasse os vandalismos da soldadêsa de Junot e Soult, com a chacina rapinante de Beresford. Já haviam concebido aquêlê pensamento «o maior dido plomata e o maior estadista do reino, depois da restauração,—D. Luiz da Cunha e Pombal. Ainda antes, a ida pãra o Brazil fôra aconselhada ao prior do Crato, quando se deu a irresistivel invasão do duque de Alba, e João IV, a rainha D. Luiza de Guzman e o padre António Vieira tinham acariciado semelhante idéa, diante da persistente guerra da reivindicação espanhola». Os pecadores precisavam dum homisio, que lhes garantisse uma opipara ucharia. Méras conveniências pessoais, em que o brio se olvidava de todo. O terror, estado psicológico bastante contagiozo, levava de roldão, nesse trágico minuto, D. Rodrigo de Souza Coutinho, D. Pedro de Alorna, Tomaz António Vilanova Portugal, etc., os quais opinavam pela debandada. «A idéa nunca fôra, de res-



ANTÓNIO VIANA DE SOUZA

to, do agrado do príncipe regente, que, a princípio, a julgou, ou fingiu julgá-la, uma traição, praticada no intuito de salvar a dinastía, mediante a sua imolação aos francêzes». Sempre o medo! «Conta-se que o marquêz de Marialva, embaixador em París, partira carregado de plenos poderes e de diamantes, com que serenar Napoleão e até solicitar, em prova de boa amizade, a mão de uma filha de Murat, pãra o príncipe real...».

O cenário da Európa, em 1807, entremostrava-se plúmbeo. «O rei da Espanha, mendigando, no solo francêz, a protêção napoleónica; o rei da Prússia, foragido da sua capital, ocupada pelos soldados francêzes; o *stathouder*, quase rei da Holanda, refugiado em Londres; o rei das Duas Sicílias, exilado da sua linda Nápoles; as dinastias da Toscana e Parma—errantes; o rei do Piemonte, reduzido á mesquinha côrte de Cagliari, que o génio de publicista do seu embaixador, na Rússia, Joseph de Maistre, bastava, entretanto, pãra tornar formozza; o dóge e os dez, enxotados do tablado político; o tsar, celebrando entrevistas e jurando amizade, pãra se segurar em Petersburgo; a Escandinávia prestes a implorar um herdeiro, entre os marchais de Bonaparte; o impêrador do sacro império e o próprio pontífice romano obrigados, de vêz em quando, a desamparar os seus tronos, que se diziam eternos, intangíveis».—(*Obr. cit.*, pgs. 46-47).

A comitiva abala, enfim, em oito náus, quatro fragatas, tres brigues, uma escuna e outros navios mercantes, com as ricas suas alfaias, baixelas, quadros, livros, joias. Seguíram «todas as pratas preciosissimas, cinzeladas pelos Germain; toda a formosa biblioteca, organizada por Barboza Machado, milhares de volumes, reunidos com intelligência e amor...». O cotável elevava-se a 32 mil contos. Aturdidos, guardando tudo para a última hora, como filhos «duma terra clássica de imprevidência e morosidade», valeram-lhes a esquadra britânica, comandada por *sir* Sidney Smith, e o incitamento de Canning, ministro inglês dos negócios estrangeiros, pela voz de Strangford, emissário especial. Tudo isto se passava com as tropas bonapartistas na fronteira. Só na China se presenciaria uma delonga de tal ordem, nos que pretendiam pôr-se ao largo. O regente dirigiu-se, pâra o cáis, num carro fechado, «afim de evitar as demonstrações do sentimento popular, avêssô á retirada».

A 28 de novembro do memorabilissimo ano de 1807, «publicava o príncipe regente, de bordo, a sua declaração e, a 29, singrava a esquadra pâra o Brazil, assistindo á partida,— refere o despacho do almirante Sidney Smith—, a força francêza, que, no mesmo dia, ocupára a capital e se apinhava nos morros, pâra contemplar, impotente e raivoza, a desparição, no horizonte, da prêza mais cobiçada». A grotesca declaração determinava que «aquartelassem bem as tropas do imperador dos francêzes e assistidas do que lhes fôr preciso, enquanto se demorem neste reino».

Strangford acompanhou a armada anglo-luza até 5 de dezembro, nas alturas da Madeira e Açôres, voltando então á Inglaterra, donde, pouco depois, embarcou, directamente, pâra o Rio. Sidney Smith partiu mais tarde, a 13 de março, no *Foudroyant*, seguido pelo *Ajamemnon*. Aportou, em 17 de maio de 1808, ao Rio.

Oliveira Lima antecipa, no fito de aguçar o espírito do leitor, o conceito Genérico sôbre o espôzo da rainha Carlota, espreado nas suas eruditissimas páginas. «Culpar João VI

de não haver sido muito mais do que um monarca bem intencionado, e taxar de modesta a sua obra reformadora, seriam duas graves injustiças, de que os brasileiros não podem assumir a responsabilidade, tanto mais quanto, no estrangeiro, se teve immediatamente a nítida compreensão dos fins do empreendimento».— (*Obr cit*, 63). Logo adiante, com uma sensatêz invulgar, mesmo nos que se presumem de verazes historiadores, consigna:—«O velho viver brasileiro tinha, na verdade, os seus atrativos. Uma das afirmações mais reproduzidas, mais exploradas e mais falsas da nossa história é, sem dúvida, a da antiga oppressão colonial, que se diz ter sido pouco menos do que uma desalmada escravidão. O sr. João Ribeiro recompôz muito bem esta feição, suprimindo o que nela havia de desproporcionado». Acentua: — «Tanta razão assistia ao Brazil, pâra se queixar, como a Portugal, e, como prova de que o jugo da metrópole não era tão consumado, conforme se pretende fazer crer, basta recordar o papel importante, desempenhado, na vida colonial, pelos senadores das camaras, os quais, ás vêzes, até substituíam, nas capitais, os governadores».

João VI predispuzera-se a criar uma nova nacionalidade. E criou-a.

II

A família real saltou, no Rio, a 8 de março de 1808. 308 anos antes, mais um dia, fizera-se de longada, pâra as plagas de oêste, o intrépido mareante Pedro Alvares Cabral. Coincidências... O desembarque «foi mais do que uma cerimônia oficial: foi uma festa popular». O conde dos Arcos, vice-rei, mandára afixar editais, annunciando a chegada. Os habitantes saüdaram-o «com a mais tocante efuzão».—«... Desapareceram, momentaneamente, do espírito do príncipe, as aflições do lar sombrio e maculado, atenuaram-se as angústias do reino invadido e subjogado». Consta que, «ao passo que a princêza D. Carlota chorava convulsa, maguado o seu orgulho com essa degradação, em rainha colonial, D. João caminhava sereno, deixando fut-

dir-se-lhe a melancolia, ao calor da simpatia que o estava acolhendo».

Pinta, com a conscienciosa minuciosidade do seu processo, o que era o Rio de Janeiro nessa época. O Catete e Botafogo já existiam, mas como arrabaldes, em que só se notavam casas de campo. O terreiro de Santana o Rossio e o Passeio Público, mormente este, serviam para lugares de reunião. Encontraram-se ali Chamberlain, cônsul geral da Gran-Bretanha, von Langsdorff, cônsul da Rússia, o conde Hogendorp. Taunay. Mais tarde, em 1815, apareceram o príncipe Maximiliano, acompanhado pelos naturalistas Freireiss e Sellow. O consórcio da arquiduquesa Leopoldina com o príncipe herdeiro, em 1817, levou ao Rio duas missões científicas — uma austríaca, a que pertenciam os naturalistas Nikan, Natterer, Pohl e Schott, e outra bávara, de que foram guias Spix e Martius cujos nomes se ligaram de todo ao Brazil. Viviam ali, por esse tempo homens da estatura do insigne múzico José Maurício, do bispo de Crisópolis, matemático, do maranhense Custódio Alves Serrão físico, químico e naturalista, o pintor José Leandro, os botânicos Conceição Velozo, amigo de Bocage, e Leandro do Sacramento, os prégadores Montalverne, Francisco de S. Carlos e Francisco de Sampaio.

O Rio de Janeiro «era capital mais no nome do que de facto. A residência da corte foi que começou a bem acentuar-lhe a preeminência, foi que a consagrou como centro político, intelêtual e mundano». A população, em 1808 de 50.000 pessoas, atingiu 110.000, em 1817. Formou-se uma classe — a dos burguezes ricos, com os proventos do comércio estrangeiro, té aquela data desconhecido. Daí a sedução dos proprietários rurais, tambem, pela visita dessa «Versalhes tropical, sita em S. Cristóvão. Despiam-se de alguns preconceitos, alijavam certas velharias de espirito e prestavam ouvidos aos novos evangelhos. Talvêz, ao mesmo tempo, contraissem vícios».

Aires do Casal estampava, em 1817, a valiosa *Corographia brasilica*, «cuja utilidade ainda se não desvanecêu e representa o fundamento estimável dos

nossos ensaios desta ciência: tão importante era a obra que Henderson nada mais fez do que traduzi-la, posto que sem acuzar o plágio, quando editou o seu denominado trabalho histórico». Aprecia, com profundêza de vistas e de informes, as forças do resto da nação. «Que dizer das estensões enormes, sobre que imperava o cetro portuguez, cuja projêção, para os lados do ocidente, só na formidável cordilheira andina parecem querer esbarrar, na sua marcha, avassaladôra de regiões ferazes e bravias? Ao abrir-se, oficialmente, ao mundo, em 1808, achava-se o Brazil, em grande parte, percorrido, pôde mesmo dizer-se até certo ponto explorado, mas quase nada estudado». — (*Obr. cit.*, 110-11).

A célebre colônia do Sacramento valia, sobretudo, como posto de contrabando, para as possessões espanholas. A cidade do Rio Grande «era o mercado e praça de guerra do Brazil meridional». Disponha, em 1809, de 500 casas e perto de 2.000 habitantes. Zarpavam do seu ancoradouro, em 1808, 150 navios mercantes, na maioria brigues de 100 a 200 toneladas de carga, metade com o rumo do Rio de Janeiro. Pôrto Alegre, outra cidade da antiga capitania, principiava a prosperar, como empório comercial. Sta. Catarina teria, então, uns 3.000 moradores, distribuidos por umã vila e sete aldeias. O clima, segundo John Mawe, superiorizava-se ao das plagas platinas.

As estradas para S. Paulo e Minas — concorridissimas. Cruzavam-se amide, na mineira, caravanas de 400 mulas, apesar dos filões auríferos estarem exauridos, ou abandonados. S. Paulo apresentava-se como «uma colêtividade agrícola».

A estatística demográfica registava, em 1808, 200.000 criaturas; não escedêra, em 1815, por ser nula a emigração, a cifra de 215.000. «Os verdadeiros paulistas, isto é, os descendentes de brancos — portuguezes ou espanhóis, que tinham afluído, ali, do rio da Prata e do Paraguai, em várias ocasiões, — com uma certa proporção de cruzamento indígena, eram, em geral, quanto ao fisico, altos, espadaúdos, musculosos, com braços enérgicos, olhos vivos e cabêlo preto,

corredio, e, quanto ao moral, francos, altivos, facilmente irascíveis, impetuosos, corajosos, obstinados, industriosos, sofreadores e propensos ás aventuras».—(*Obr. cit.*, 133). Havia, em S. Paulo, gôsto pelos estudos. «Nas residências urbanas, não se encontrava sombra de luxo, ao invés do que acontecia ao norte—Baía, Pernambuco e Maranhão,—onde se timbrava na ostentação».

As capitanias de Goiaz e Mato Grosso, transcorrida a fase megalomaniaca, vejetavam. «Antes de trasladada a séde da monarquia, já D. Rodrigo de Souza Coutinho afagava, como um dos seus planos favoritos, a criação dum vasto sistema de comunicações, pelo dilatado interior do Brazil, pâra tanto aproveitando a sua admirável rêde fluvial, cujos embarços não entravam em linha de conta, — como não costumam entrar, com os sonhadores, os impedimentos ás suas utopias. Era uma verdadeira e grandiosa conquista do *hinterland*—aquela com que sonhava D. Rodrigo, igual á que, no século XIX, os americanos do norte realizariam, no seu continente, por meio das vias-féreas, dos barcos a vapor e dos milhões de emigrantes europêus, mas que, no nosso paiz, tinha fatalmente de se malograr, pela insuficiência de gente e a exiguidade dos recursos empregados».—(*Obr. cit.*, 136-37).

Coutinho estipulava, em 1809, que D. Francisco de Assis Mascarenhas, governador de Goiaz, na intuito de encurtar a distância por terra, do Rio ao Pará e de facilitar os correios, abrisse, na sua capitania, uma estrada de 121 léguas—do Registo de Sta. Maria ao Pôrto Real do Pontal, na comarca do norte. «O facto é que o correio, espedido pelo governador do Pará, com a nova da conquista de Caiena, já transitou por essa estrada, que, do Registo de Sta. Maria, continuava até Vila-Rica». Pensava-se em consolidar a integridade territorial, abreviando e suavizando as relações sertanejas. A exploração da Amazônia, incluindo os tributários do rio-mar, que se prolongam até Goiaz e Mato Grosso, atraíra as ponderações e o senso prático do arrojado Linhares. A divisão administrativa demons-

trava-se repleta de incongruências. D. Rodrigo manifestára ao regente, em 1801, o propósito de se nomear um vice-rei, em vêz dum simples governadôr do Pará, jurisdicionando os negócios do Maranhão, de Mato Grosso e de Goiaz. Ao transferir-se a dinastia pâra o Brazil, reconheceram-se as desvantagens dessa medida. Trataram de submeter «a um centro único todos os esparsos núcleos de povoamento e desenvolvimento». Mas a desproporção das áreas, nas capitanias, subsistiu, sustentando-se no império e na república. Salta aos olhos de quem relancia uma carta geográfica da Federação Brasileira tamanha disparidade. Confronte-se este palpável contrassenso com a relativa simetria, oferecida pelo mapa dos Estados Unidos.

A parte que vai do Rio de Janeiro á cidade do Salvador—o Espirito Santo e o sul da Baía—constituía um trecho pouco populoso e sem nenhum cultivo. Os botocúdos obstaram á construção de caminhos, quando o govêrno de João VI quiz obter comunicações do litoral pâra Minas. A isenção de impostos, por 10 anos, concedida aos gêneros que se destinassem do Espirito Santo a Minas, e do dízimo aos produtos agricultados no sertão, nada conseguiram, porque o essencial seria apaziguar as aborígenes.

Vinha-se, de Minas á Baía, pela estrada do Tejúco (Distrito Diamantino) á Cachoeira, num percurso de 200 léguas, em caravanas de 64 cavalos ou mulas. O contrabando que se exercia, de oiro em pó e diamantes, subia a quantias fabulosas. Tollenare, nas suas *Notas dominicais*, orçava a produção do oiro local, á volta de 1817, em 30.000 marcós, o que, a 750 francos o marco, somaria 22 1/2 milhões de francos. As colónias espanholas dariam 40.000 marcos, a Európa, 5.000, a Azia, 2.000, ou o total de 77.000 marcos,—cêrca de 58 milhões de francos. O govêrno portuguez recebia um quinto—5.600.000 francos, e mais 1.400.000 de finta sôbre o fabrico das moedas. (*Obr. cit.* 143). Os contrabandistas preferiam escafeder-se para Sta. Catarina e o Prata, via S. Paulo.

A população baiana «era muito variada e o número de brancos inferior ao das outras raças». Alardeava

opulência, que provinha do algodão, do açúcar, do fumo, da pesca da baleia. «A Baía desenvolveu-se muito, durante o reinado de D. João VI, porque teve a boa fortuna, entre outras, de possuir á sua frente um capitão-general—o mesmo conde dos Arcos, que estava como vice-rei no Rio, e pãra ali foi mandado, quando a família real se transportou pãra o Brazil, que caprichava em gastar nas obras de utilidade e beneficio público os rendimentos da sua capitania». E Oliveira Lima aduz:—«O progresso era tão marcado que, na ilha de Itamaracá, ao tempo de Tollenare, existia um engenho de açúcar a vapor, tendo o rei concedido uma recompensa honorífica ao introdutor dêsse melhoramento, pela sua inteligente iniciativa». Rasgavam-se do litoral baiano proveitosas linhas de comunicação pãra as zonas da floresta, como a estrada que, pelo rio das Contas, visava Goiaz e Mato Grosso, pãra onde se descia do Joazeiro pelas vilas de Pilão Arcado, Barra do Rio Grande e Urubú, na linha do S. Francisco, e a que, passando pelo Joazeiro, alcançava as capitãncias do norte—Pernambuco, Piauí e Maranhão.

Dimanou desta convizinhança a autonomia dos sertanejos maranhenses, e piauienses, a quem ainda hoje chamam *baianos*. Muito pôde a invecção de costumes! Perde-se até o saínete natal!

FRAN PAXECO.



DA PENUMBRA

(Para o Joaquim Luz)

E'-nos sempre grato recordar o passado. O presente é insípido; o futuro, duvidoso

E que bom que era o viver de outrora! Tudo risos e flôres, ilusões e sonhos. As dôres os pezares sabia-os apenas pelos contos da *caçôchinha* e que eram outros tantos gosos. O nosso mundo circunscrevia-se aos horizontes que se divizavam da serra; além era o reino das maravilhosas fadas, dos príncipes encantados.

E aqui neste ambiente infecto que a mortalha a cidade onde pe-

ripécias inclassificáveis do mundo louco se acobertam com as pérfidas etiquêtas de uma sociedade malsã; onde a infâmia a calúnia e a indecência sobrenadam em contubérnio, e a justiça, a sinceridade a moral, de vestes rôtas gemem a um canto, envergonhadas; aqui a lembrança dos dias vividos na dôce paz do campo revigóra-nos a alma, dulcifica-nos o coração.

Agora mesmo, neste minuto de nostalgia volvemos o pensamento ao tugúrio campestre, e revemos um dia transcorrido lá

E' manhã Subimos a encosta breve da colina; descemos o vale ameno e florido, vadeando a mansa corrente do regato, para penetrar nas verêdas umbrosas e frescas do bosque. Respirãmos sempre um ar saúdavel, impregnado do bálsamo dos lírios agrestes, a contemplar a naturêza, em toda a sua plenitude

Descortinam-se paizajens lindas ao derredór. O orvalho desprende-se dos ramos, acordando ninhos despertando flôres para dar um certo ritmo ao trabalho. E o sol, na sua trajêtoria brilhante, sóbe, galga os mais altos cumes da serra, passa além movimentando a vida. O operário luta na oficina; o lavrador fecunda a terra, o vaqueiro percorre os campos

O sol alteia-se empina-se. Tudo emudece. E' a hora da sésta.

Sopra a viração. Anlaba reco-meça.

Ali, na curva do caminho, surgem as vaças amorosas á procura dos filhos, que ficaram para trás, e um mugir saudoso corresponde em *abóio do fábrica* que as chama, sentado no moirão do curral. De instante a instante, ouve-se o *galear* cadencioso de um novillo' retorcendo qualquer moita. E ao longe, por entre o carnaúbal dos táboleiros reverdecidos, as seriemas, em côro, desferem o seu canto argentino, enviando os primeiros adeuses ao sol.

O sino da capelazinha plange religiosamente. E' a hora do recolhimento, — a das áve-marias. Rezam-

se então as preces da noite, e tudo se queda, com o espirito em Deus, na venturosa tranquillidade do lar.

Sorrindo, adormecemos com o beijo da nossa mãe, para despertar, cantando, com a bênção do nosso pai.

Os apitos das fábricas estridulam clangorosamente; as carróças, num barulho infernal passam e repassam pelas ruas; automóveis, fonfonando desordenadamente correm, vômam... Revirâmo-nos para a realidade.

E estes mimosos retalhos perdidos de uma era feliz fogem-nos da imaginação, quais mirajéns de um sonho desfeito !..

S Luiz, 30-IV-921.

MATA ROMA.

VOZ INTERIOR

Soyez béni, mon Dieu, qui donnez la souffrance,
Comme un divin remède à nos fragilités !

(No album da senhorinha Inês Borba)

*O' vós que tendes alma e coração despertos
Ao belo, ao bem, ao fausto e conheceis o amor;
Vós, que tendes vivido incólumes, sem dor,
Tão cheios de bonança e de prazer cobertos;*

*Vós, a cujo passar venturas se entrecrocaram,
E salpicais por tudo amenas iluzões;
Não conheceis a vida e as grandes vibrações
Das correntes do Mundo intensas que se chocam !*

*Sois felizes, de certo ! — Entanto, não vivestes !
Porque o viver é a luta, o impulso, o movimento,
Viver é batalhar sem tréguas de um momento,
Na conquista do ideal que vós não percebestes.*

*— E' preciso sofrer, que o pranto pouco importa;
E' mistér que se prove o fêl dos sacrificios,
Para, depois, gozar da luta os beneficios,
Conscientes do labor secundo que conforta.*

*— Seja peçada a cruz, embora ! — sempre avante !
O espinho que nos rasga as carnes na jornada,
Uma bênção nos traz benéfica e irmanada
A' gloria de vencer, que é luz forte e vibrante !*

*Sofrendo é que se pôde a vida compreender;
A dor é que nos dá, sangrando, o dom potente.
Da força e do equilibrio ! E' dela, nobre e ardente,
Que dimana a ventura, — o orgulho de viver !*

*— Lutai, para que então sintais o bem perfeito
Que empolga o coração e d'alma se apodera,
Fazendo-nos da vida a eterna primavera
Onde se espelha o amor que vibra em nosso peito !*

Rio, novembro 1920

HILTON FORTUNA.

Rio Branco

O calendário das grandes datas assinala o dia 20 de abril como o do nascimento de José Maria da Silva Paranhos, o insigne brasileiro, que tanto soube elevar o nome da sua e nossa terra.

Relembrar essa data é um dever sagrado, ao qual não nos deveremos nunca furtar. Os vultos gigantes da pátria são o espelho em que devemos, os peoneiros de hoje, procurar exemplos dignificantes, que nos assegurem a vitória.

ALCIDES ANDRADE

Registâmos, profundamente penalizados, a morte, em 10 de março último, na cidade do Rosário do nosso consócio Alcides Marcos de Andrade.

Ainda muito môço, Alcides Andrade era um espirito devotado ao trabalho e amantissimo do saber. Exercia a profissão de guarda-livros tendo servido em diversas casas desta e de outras praças. Até ha bem pouco tempo, esteve estabelecido no Coroatá onde era sócio de uma importante firma, dirigindo ali, a folha *O Coroatá*. Era presidente do Centro Artístico do Rosário.

Alcides, colhido pela fatalidade, não pôde, como seria de presumir, dar mostras do quanto podia ser útil á Legião, ilustrando as nossas páginas com as produções da sua pena, sempre disposta á defêza dos oprimidos e dos fracos.

A' viuva, filhos e demais parentes do estinto, os nossos sentimentos de pezar, pela perda irreparável que sofreram.

Aluizio Azevêdo

*Discurso pronunciado, a
14 de abril d'este ano,
pelo sr. Joaquim Vieira
da Luz*

*Senhor presidente
Minhas senhóras
Meus senhores
Senhores da Legião dos Atenienses*

I

Não fôra o dispositivo protocolar do nosso regulamento, qual guante temerário, que nos véda transpôr o pórtico do cenáculo onde vos congregais, sem ocupar esta tribuna para algo dizer, no incolôr do nosso verbo e na incompetência do nossô saber, a tal não nos teríamos atrevido, preferindo a comodidade que nos facultta o quadro de sócios auxiliares, á excessiva honra, para a nossa nenhuma valia, de aqui estar convosco. Revela-se imenso o nosso arrôjo em galgar o alto desta tribuna, nós, que descendemos das plagas sertanejas e que viemos dos sertões dos nossos avós, mais em busca do pão árduo da vida que dos bancos escolares, frequência que nos não permitiam os parcos recursos. Chegámos ás vizinhanças do vosso tempo, mais pela vossa muita benevolência do que pelo nosso esforço de méro diletante, preocupado com outros mistéres de não pequeno relêvo. O nosso arrôjo, pois, repetimo-lo, em subir da nossa pequenez á cerimónia desta assembléa, para onde acorrestes, lhanamente, emprestando-lhe um realce maior, minhas senhóras e meus senhores, é devido tão somente a vós,—senhores da Legião dos Atenienses, que nos envaidecestes de aqui podermos comparecer, sem deslustrar a impressão agradável, ainda próxima, das vibrantes palavras dos legionários



que nos precederam no desempenho brilhante do dever, que também para aqui nos arrastou. Encorajados, porém, pela certêza da vossa extrema bondade, da qual decerto abuzaremos, procuraremos desobrigar-nos, como melhor nos seja possível, do honrôzo e difícil encargo de elogiar o nosso patrono, esse escritôr soberbo, admirável padrão de glórias imorredoiras da nossa velha Atenas, o nosso torrão bem estremecido, este Maranhão, sempre fértil em mentalidades de escól, ocupando um dos primeiros planos, entre elas, Aluizio Azevêdo.

Permiti-nos, senhores da Legião dos Atenienses, que façamos, preliminarmente, uma divagação de saúde, de que muito carece o nosso coração, como tributo de agradecimento a diversos factos e nomes.

Em maio de 1913, tendo antes recusado aceitar uma assinatura do *Canhoto*, que nos fôra oferecida por Djalma Fortuna e Nereu Chaves, ali defronte da *Pacotilha*, e que custava 500 réis, com direito a colaborar, entrámos para a sociedade jornalística daquêle titulo, por proposta de Manoel Fernandes Lisbôa, aceita pela maioria e combatida por Hilton Fortuna (hoje um dos nossos melhores amigos e dos mais fiéis ao nosso ideal), sob a alegação de sermos do comércio e não entendermos, talvez, senão de vender cebôlas... Em 18 de agosto do mesmo ano, inaugurou-se, em substituição, á do referido nome, fundada em 18 de agosto de 1912, a Sociedade Literária Barão do Rio Branco, de que fomos fundadores, com Djalma e Hilton Fortuna, Manoel Fernandes Lisbôa, Agênôr Santos, João Vítor Ribeiro, José Vinhais, José Neves, Valdemiro Viana, Djalma Vasconcelos, Alcide Costa, Arlindo de Souza Martins, Nestôr Madureira, Clóvis Castro, José Zoroastro da Silva Vieira e outros. Reinava então um desuzado entusiasmo no seio dêsse grémio, onde todas as noites havia reuniões para palestras íntimas e leituras, inegavelmente de algum proveito. Mais tarde, vieram engrossar as nossas fileiras os seguintes companheiros,—unsestudantes, outros do comércio:—José de Pádua Fortuna, João Caldas, José Carneiro Vieira, José Maria de Jesus, Mário Valente, José

Vasconcélos, José Perdigão, Enoch Souza, Henrique Caldeira, José Braga Mendes, Belarmino Borgnet, Aquiles Moura, Rúben Almeida, Almir Cruz, Vitoriano Almeida, Fulgêncio Pinto, Ricardino Faria, Gregório Diniz, Américo Mendes, Antonio Sodré, Zildo Fabio Maciel, Firmino Valente, Edmundo Calheiros, João Pestana Mendes, etc.

Além de dois processos administrativos, de que o José Vinhais tinha a mania, bem como dos júris históricos—, e muitas sessões de homenagem aos vultos da nossa história literária ou comemorativas de datas cívicas, romarias á estátua do poeta do «Gigante de Pedra» (notadamente a realizada em 1914, com o concurso da Silvio Romero, Grémio Rui Barboza e do dr. Pedro Dantas, inspêtor dos indios), fizeram-se estas conferências:

—*A ortografia no Brasil e Cândido de Figueirêdo*, por Manoel Fernandes Lisboa;—*Os namorados*, por Djalma Fortuna;—*Sistematização do namôro*, por João Vítor Ribeiro;—*Os mandamentos*, por Djalma Fortuna;—*O sonho e as suas impressões*, por João Caldas,—*O riso*, por Hilton Fortuna.

Destas conferências, afóra a primeira e a última, todas as demais fôram humorísticas. O campo literário era ainda, nesse tempo, sáfaro e brumôzo, para surtos de maior valia. Divertiamos-nos muito mais do que aprendiamos, desperdiçando assim a melhor quadra para alicerçar os nossos espiritos, inclinados a produzir alguma coisa proveitosa, no campo das letras de Atenas. Quando *O Canhoto*, em 1915, passou a denominar-se *O Ateniense*, procurámos imprimir-lhe uma feição literária mais circumspecta, que melhor traduzisse um ideal preconcebido e não querermos ser eternas crianças, a rir-nos do nosso humorismo, que nem sempre fazia rir aquêles a quem se destinava. Foi então que surgiu a idéa de se constituir a nossa bancada honorária, para o quadro efêtivo dos 40 sócios, que se acobertariam sob a memória de 40 imortais atenienses. Escolheram-se muitos patronos. Mas, infelizmente, nenhum elogio se preparou, porque, pouco tempo depois, arrefecia o entusiasmo, em consequência do abandono dos pouco achegados e

da saída forçada de quaze todos aquêles que realmente se interessavam pela cauza empreendida. Graças á gerência devéras incansável de um rezumido grupo, manteve-se, tenaz, a publicação do *Ateniense*, até 18 de agosto de 1918, imprimindo-se, em outubro de 1919, um folhêto sôbre Aluizio Azevedo, quando da trasladação dos seus despójos. Daí por diante, a Rio Branco foi desfalecendo, até que, em 12 de setembro de 1920, tomou parte frizante na fuzão das sociedades literárias de S. Luiz, de que rezultou a Legião dos Atenienses, em cujo seio se encontram, cheios de fé, e confiantes no-seu ideal, os remanescentes da cruzada que trilhou a bem longa trajetória de 1912 a 1920.

O *Ateniense* de hoje, na sua nova fase, julgâmo-lo uma continuação daquêle humilde jornalzinho, que substituiu o *Canhoto*, em 1915, com dezêjos de erguer mais alto vôo.

Entre os colegas da antiga campanha, que persistem lealmente, no empenho de tornar vitorioza a nossa bandeira, manda um sincêro sentimento afêtiva camaradagem destacar os nomes de Hilton Fortuna, João Vítor Ribeiro, José Perdigão, e, dos que lutaram heroicamente, tombando, porém, de desânimo, descrente, quando a nossa diviza sempre foi—*vencedores ou môrtos*, citaremos Djalma Fortuna. Acreditâmos que este companheiro, longe de ser um môrto intelêtual, seja em breve um ressurrêto para aquêle entusiasmo tonificante de outróra, afim de que, com aquêles, Deolindo Couto, António Viana de Souza, João Guilherme de Abreu, José Mata Roma, Walter Silva, José dos Santos Carvalho e outros, dos novos companheiros, que encontrámos a postqs na Legião, formemos uma caravana intrépida (dos quais sêremos o mais humilde em valia, mas talvez o mais teimozo), que leve de vencida a emprêza dignificadora por que nos batemos e nos deveremos bater até sucumbir!

Naquela época, elegemos tambem o nosso patrono. Por um acazo feliz, tínhamos lido, ao mesmo tempo que a *Carteira de um neurastênico* de António Lobo, o *Mulato*, de Aluizio, e em seguida a *Reliquia*, o *Primo Bazilio* de Eça de Queiroz a *Terra* e o *Germinal*,

de Zola, o *Quincas Borba* e o *Braz Cubas*, do grande mestre Machado de Assis e outras obras da escola naturalista, deliberando, por isso desde logo, tomar por patrono o insigne escritor do *Cortijo*.

Tentámos, então, conhecer a sua esplêndida obra, infelizmente esgotada, em parte. *Demónios*, *Filomena Borges*, e tudo que diz respeito a teatro, não o conseguimos.

Sôbre a sua forte individualidade, não temos um novo *Panteon Maranhense*, ondê possâmos, tranquilos, colher dados seguros acêrca dos nossos imortais, se bem que Aluizio e outros vultos da nossa literatura estejam no panteon dos nossos corações, servindo-nos de exemplo confortante para as agruras da luta, que teremos de travar, no intuito de sustentar tradições.

Tateando, pois, respigando notas esparsas, não aguardeis de nós, senhores da Legião dos Atenienses, mais do que um pálido ensáio de elogio ao mestre, ensáio que melhor classificariamos de atentado á sua memória augusta, a vós, que nos déstes ingresso nesta caça, e á vossa santa paciência, minhas distintas patricias e meus senhores.

—Que podeis esperar de nós? O nosso maior esforço não conseguiu produzir coiza melhor. Pertence-vos, pois, senhores da Legião dos Atenienses, a responsabilidade pelo fiasco literário desta sessão, restando-nos, contudo, o consôlo de sermos sincêro neste esbôço. Vai aqui, neste singêlo trabalho, todo o entusiasmo da nossa «alma agreste» de sertanêjo, toda a nossa saúde do sertão, de onde ainda conservâmos, nos refólhos da nossa alma, a mais pura lembrança dos dias felizes que ali fruimos na despreocupação juvenil, em convivio dirêto com o inebriante panorama das belêzas rústicas em que êle é portento. desde o estonteante verdôr das suas matas, qual manto esmeraldino, tauxiado pela exuberância das flôres silvestres, em que se sentem as doçuras de um paraizo na exalação da arajem perfumada, de envolta com a música sonôra do gorjear dos passaros, numa sinfonia quase edênica, ao do moirer honesto do afanoso roceiro, curvado sôbre a enxada afrontando, sem

alardes de heroismo a chuva torrencial o sol dardejante uma aluvião de reptis que traiçoeiramente lhe inoculam venenos mortais. E a saúde espraia-se em recordações pelas cenas mais insignificantes indiferentes para vós que não as conheceis e não as admirais — grandiozas, porém para o nosso coração. E assim temos saúde do granizar das aves domésticas nos terreiros dos tejupás humildes do drama empolgante da vaquejada no tempo da férra quando a vaqueirama requesta a primazia da ousadia, nos costados do «alazão» campeiro, do «cardão» ou do «rosilho» incomparáveis nas correrias desesperadas pelas catingas e serros de mórros, á cata do marruá de indomada ferocidade como temos saúde do canto estridente da araponga nas cabeceiras do bréjo, dueitando com o da seriema, nos confins da chapada, saudade ainda das alegres cantatas, nos suaves serões da caza do fôrno ou nas noites enluaradas das grandes «desmanchas» da farinha, saúde, enfim, da família — dos pais, dos irmãos, da caza em que nascemos da modéstia do nosso lar, do nosso recanto natalício.

Calam-nos bem fundo, no coração, ao lembrarmos a nossa ventura distanciada pelos anos, aquêles versos maravilhosos de Guerra Junqueiro:—*Aos simples*:

.....

*Minha mãe, minha mãe! Ai que saudade imensa,
Do tempo em que ajoelhava, orando, ao pé de ti.
Cala mansa a noite; e andorinhas aos pares
Cruzavam-se voando em tórno dos seus lares.
Suspensos do beiral da caza onde eu nasci
Era a hora em que já sôbre o feno das eiras
Dormia quiêto e manso o impávido lebreu
Vinham-nos da montanha as cançõs das ceifeiras.
E a lua branca, além, por entre as oliveiras,
Como a alma dum justo, ia em triunfo ao céu! ..
E, mãos postas, ao pé do altar do teu rêgaço,
Vendo a lua subir, muda alumiando o espaço,
Eu balbuciava a minha infantil oração,
Pedindo a Deus, que está no azul do firmamento,
Que mandasse um alívio a cada sofrimento,
Que mandasse uma estrela a cada escuridão.
Por todos eu orava e por todos pedia,
Pelos mortos no horror da terra negra, e fria,
Por todas as paixões e por todas as máguas...
Pelos míseros que entre os núvens das procelas
Vão em noite sem lua e num barco sem véals,
Errantes, através do turbilhão das águas.
O meu coração puro, imaculado e santo
Ia ao trono de Deus pedir, como inda vai,
Para toda a nudêz um pamo do seu manto,
Para toda a mízeria o orvalho do seu pranto
E parã todo o crime o seu perdão de pai!*

Deixemos as nossas divagações, que pouco vos interessam, senhores da Legião dos Atenienses, e muito vos macham, minhas inteligentes patricias, e tratemos de Aluizio Azevêdo, do mestre incomparável que nos arrancou, aliás no cumprimento de um dever, por demais honroso para nós, das lides cotidianas com as cartas comerciais e contas de venda, enviando-nos aos domínios azulíneos da magnificência que emprestais á humilde festa da nossa recepção.

II

Aluizio Tancredo Bélo de Azevêdo, ou simplesmente Aluizio Azevêdo, como era do seu gôsto, e nos assegura um seu autógrafo, que possuímos, dedicando a Machado de Assis um exemplar do *Homem*,—nascêu em S. Luiz do Maranhão, a 14 de abril de 1857, e completaria hoje, (1) se ainda vivesse, 64 anos. Fôram seus pais David Gonçalves de Azevêdo, chancelêr, acumulando as funções vice-consulares de Portugal nesta então província e d. Emilia Branco, de cuja afeição provieram, além de Aluizio e duas filhas, Artur Nabantino Bélo de Azevêdo e Américo Garibáldi Gonçalves de Azevêdo.

Os tres irmãos Azevêdo brilharam, nas letras pátrias, com vívido fulgôr. Artur devotou a sua vida ao teatro, tal um verdadeiro evangelizador, sendo simultaneamente, poéta admirável, jornalista, dramaturgo, comediôgrafo, como ainda ninguem o sobrepujou, até agora, no Brasil. O *Dole*, a *Capital Federal* o *Badêjo* a *Princêza dos Cajueiros*, a *Jóia* e outras peças de bom quilate atestam o que foi Artur, como comediôgrafo e dramaturgo; os *Contos efêmeros*, os *Contos possíveis*, os *Contos fóra da moda* e os *Contos em verso* são verdadeiros primôres, no gênero; do verso lirico, temos as *Rimas*, requintado lavôr dum enjenho de bardo opulento. A sua obra é vasta e a mestre aqui virá por certo, em futuro próximo, quem lhe enalteça dêsses grandes qualidades.

Américo Azevêdo dedicou-se, á maneira dos seus irmãos, á literatura tea-

tral, fazendo peças de mérito, sem repercussão mais acentuada, devido a ter-se retraído no círculo estreito da nossa terra. (2)

Aluizio Azevêdo frequentou, no Maranhão, as aulas de ensino primário dos professores Raimundo Joaquim Cêzar e José Antônio Pires. Matriculou-se, depois, no Licêu Maranhense. Embora duma declarada ogeriza ao comércio e á burocracia, foi pelo pai, muito novo ainda, a exemplo do que acontecêu com Artur, colocado num balcão como caixeiro, o que não o privava de ir ás lições de dezenho do professor italiano Domingos Tribúzi, compondo, com o pintôr João Cunha, a sua primeira têla.

As noções elementares de caricatura e pintura, que então obteve, serviram-lhe mais tarde, como romancista, porque dezenhava, antes, as personajens e só escrevia após familiarizar-se com aquelas.

Em 1876-1877, Aluizio colaborava já galhardamente na imprensa com illustrações do Rio, como caricaturista de fino humorismo. Por êsse tempo, Artur tiunfava no teatro cariôca, o que muito contribuiu para que Aluizio fôsse bemrecebido na metrópole brasileira.

Regressando a S. Luiz, em 1879, fez-se jornalista. Encontrâmo-lo no jornalzinho illustrado *Flecha*, que sucedera ao *Jornal para todos* e nas colunas do *Pensador*, órgão das idéas liberais da mocidade maranhense, fundado a 10 de setembro de 1880, por um grupo de 10, entre os quais Aluizio, que era o cronista, versando as suas crônicas sôbre os assuntos contemporâneos. Escreveu—as até 30 de agosto de 1881, data em que diversos o substituíram.

O *Pensador*, embora se não mostrasse anti-católico, tornou-se órgão opozicionista da *Civilização*, folha dos padres.

(2)—Da família Azevêdo, ainda existem, em S. Luiz, na companhia da sua mãe, a sra. d. Maria Eugênia Lobato de Azevêdo,—David, Emilio e Raimunda Lobato de Azevêdo, sócia da Legião, todos filhos de Américo. Em Belem do Pará, residem d. Maria Emilia de Azevêdo Vale, irmã de Aluizio, Artur e Nenrod de Azevêdo Vale, Aliete de Azevêdo Veiga, Odete de Azevêdo Martins, Aidêa de Azevêdo Corrêa e Emilia de Azevêdo Veiga, sobrinhos; no Rio de Janeiro, d. Camilla de Azevêdo Lobato, irmã de Aluizio, Noeme de Azevêdo Vale, Artur Azevêdo, filho, Aluizio Azevêdo, sobrinho, Américo Azevêdo, sobrinho, filhos de Artur; no Recife, reside Rodolfo Azevêdo, tambem sobrinho de Aluizio. (Devemos essas informações á bondade de David Azevêdo e da senhôrita Raimunda Azevêdo, nossa consócia que obzequiosamente no-las prestaram).

(1)—Este estudo escreveu-se, para se ler em 14, mas só o foi em 17.

Aluizio aparece, ao mesmo tempo, na *Pacotilha*, criada pelo seu íntimo amigo e parente Vitor Lobato. O *Pensador* durou apenas tres anos, prazo bastante para lhe arranjam um processo, movido pelo padre Francisco José Bâstista, por crime de injúrias impressas, processo a que respondeu o impressôr do trimensário, sr. Antonio Joaquim de Barros Lima, sendo absolvido. O aludido jornal era então impresso nas oficinas do *Diário do Maranhão*, passando, a seguir, para as da *Pacotilha*. Dos fundadôres e dos que passaram pelo *Pensador*, emprestando-lhe vida, sobrevivem apenas Pedro Freire, atualmente em Manáus, dr. Agripino Azevêdo, no Rio, e o professor Domingos Afonso Machado, aqui em S. Luiz. A estreia livresca de Aluizio deu-se nessa quadra, com o romance *Uma lágrima de mulher*, impregnado pelo idealismo romântico.

Estava o *Pensador* em meios da sua rôta, quando, em 1881, um acontecimento invulgar abalou os velhos costumes burguezes de S. Luiz. Saía das oficinas Frias um romance naturalista! Com a publicação do *Mulato*, Aluizio Azevêdo, na exuberância da mocidade, marcou uma fase nova e magnifica, para as letras do Brazil inteiro. Era a reforma das regras do romantismo. Semelhante ao sol que irrompe no seu máximo esplendôr, após noites de borrasca e albores ensombrados, frios, húmidos, raiou no Maranhão, terra brasílica, por escelência, tida como a mais fecunda em mentalidades, a manhã clarissima do realismo, dêsse realismo de que Aluizio se revelou um verdadeiro conhecedôr.

O *Mulato* foi hostilmente recebido pelos inimigos do jóven homem de letras, que montavam os seus arraiais na *Civilização*, porque viam, nas sadias idéas novas, ali espendidas, a cruêza da Verdade. Enquanto isto se verifica na sua terra, a imprensa do Rio e dos estados acolhia calorosamente o *Mulato*, elevando Aluizio ao galarim da glória. Urbano Duarte, com o retumbante braço de *Romancista ao norte!*, solidificou a entrada trinfal de Aluizio na côrte. Confirmaram-lha José do Patrocínio, Araripe, júnior, Raimundo Corrêa, Silvio Roméro, Tobias Barrêto, Lúcio de Mendonça, Joaquim Serra, Adeli-

no Fontoura, Raúl Pompêa, Valentim Magalhães, Clóvis Beviláqua, Fontoura Xavier, Capistrano de Abreu, Ferreira de Menezes e outros.

Ler o primeiro livro de Aluizio (chamâmos primeiro ao *Mulato*, porque *Uma lágrima de mulher* foi apenas um livro de ensáio), é como que passar em revista retrospectiva os costumes e os tipos daqueles tempos, na nossa velha, clerical e escrichiana S. Luiz. De facto, Aluizio afirmou-se demaziadamente audacioso, rompendo com a rotina da provincia, envolvendo, numa obra como o *Mulato*, um padre, e attribuindo-lhe muitos crimes,—a um padre, entidade inatacável, em quem se não podia admitir a possibilidade de outros feitos que não os da prática de ações virtuozas, transportadoras das almas ao paraizo!

—Podia-se lá deixar de zurzir esse livro pernicioso?!

—Podiam-se tolerar ao jóven escritôr tantos dislates, desde o de intrometer, no labirinto do seu drama, e numa atmosphera de antipatia, aquele cônego Diôgo, até ao absurdo de admitir que Ana Rosa, branca fina, filha de portuguez, se cazasse com um «mulato», um «cabra», embora seu primo e doutor?

—Era, êfêtivamente, uma afronta á igreja e á sociedade...

Eram êsses, por cêrto, os conceitos que se emitiam em derredôr do livro soberbo de Aluizio, o que bem se depreende do que ejaculou Euclides Faria, pelas colunas da *Civilização*:—
...«Ele, que tanto ama a naturêza, que não crê na metafizica, nem respeita a religião, que só tem entusiasmo pela saúde do corpo e pelo real, sensível ou material, devia abandonar essa vidinha de vadio escrevinhadôr e ir cultivar as nossas úberrimas terras. A' lavoura, meu estúpido! A' lavoura!»

A *Civilização* apenas disse isto do *Mulato* e tanto bastou para que dêsse livro de escândalo, «que não respeitava a religião», se vendessem dois milheiros, dentro dum curto período. E' que a provincia já se manifestava curioza, como somos hoje, como fôram e serão, em todas as épocas, os povos, especialmente dos livros tidos por máus. Com o *Mulato*,

repetiu se o caso daquela anedóta:— Não olheis para ali, que ficareis cégos...—.. Eu arrisco um...

Muita gente, naquele tempo, só lêu o *Mulato*, para se certificar se realmente Aluizio teve a coragem de escrever o que espalhava a *boca pequena do povo*.

Não obstante o brado da *Civilização*, aconselhando o grande cultôr da seara do saber a ir para a lavoura, o *Mulato* vencêu, e o seu autôr, depois de triunfante, como sóem triunfar os verdadeiros artistas, os génios, registou, no prefácio da terceira edição do *Mulato* — «...E agora, que oito bons anos se escoaram, depois que parti de Atenas, durante os quais tenho vivido, pura e escluzivamente das minhas produções literárias, apesar de que o govêrno jamais protegeu a quem escreve neste paiz; agora, que o *Mulato* vem de novo á tona da publicidade, e que êle já não pertence a província nenhuma, mas sim ao público do Rio de Janeiro, a quem devo tudo,—agora, é com o maior prazer que deponho esta nova edição aos pés dessa querida terra, em que nasci e não posso deixar de amar, e lhe peço, reverente, que o recolha com carinho, entre as obras de pouco mérito que lhe são consagradas».

Basta a transcrição, para se avaliar do amôr de Aluizio á terra natal.

Os tipos do *Mulato* gente nossa, são descritos com perfeição tal que não será difficil encontrar, na Praia Grande, ás dúzias, os Manoel-Pescada, Luiz Dias, assim como, noutros bairros, aos montes as Maria Bárbara, os Diôgo (com ou sem batina), as Ana Rosa, os Raimundo (dr. mulato ou não).

A sociedade, apesar da evolução, das surprêzas da guerra, das maravilhozas descobertas da ciência, do progresso material, intelêtual, financeiro, politico, religioso do paiz, é ainda a mesma. O Maranhão vivêu, vive ainda e viverá sempre nas vibrateis páginas do *Mulato*, no esplêndido regionalismo dêsse livro de costumes, apanhado pela protuberante intelligência do saudozo escritôr, no alvorecer da sua vida. Teremos sempre todas as personagens, para formá-lo.

Circulando o *Mulato*, com o seu resultado monetário, Aluizio, fez-se transportar para o Rio, onde o encontrare-

mos nas lides da imprensa, com essa falanje de bravos que acentuou uma época das mais brilhantes, e que revolucionou o nosso meio, com a clava polímorfa do Talento, da Verdade, do Trabalho,—Raimundo Corrêa, Augusto de Lima, Paula Ney, Luiz Murat, José do Patrocínio, Olavo Bilac, Valentim Magalhães, Artur Azevêdo, Pardal Malet Guimarães Passos, Coelho Neto e outros, que eram também os representantes máximos da boémia donairoza da época, a qual, a golpes de rizo, de alegria sempre franca, ia suavizando os amargos momentos em que tropeçavam, não raro.

Embora haja controvérsias a respeito da boémia de Aluizio, e lhe sejam atribuídos muitos epizódios inverídicos, alguns são reais e merecem recordar-se nesta nossa rezenha, como um preito á mocidade do mestre sublime, que, nesses anos indecisos, vencêu aquêla vida irregular de aventura, com a tèmpera inquebrável dos predestinados, intrépido na luta, da qual nunca recuou em campo raso.

—Certa vêz, diz-nos o nosso conterrâneo Raúl de Azevêdo, no seu discurso de recêção na Academia Amazonense de Letras, onde ocupa a cadeira patrocinada pelo autôr do *Cortico*,—«Raimundo Corrêa—que encanto de homem éra Raimundo!—ia apresentar Augusto de Lima naquêle tempo bizonho provinciano, hoje acadêmico aclamado, a Aluizio. Fôram a caza dêste, no Rio, lá para as bandas da afeada rua Formosa... Entraram numa sala vazia; ao canto uma cama desfeita, uma pequena mêza; do lado oposto, um vistozo biombo. Eram êsses todos os dominios de Aluizio, nesse tempo o intelêtual focado, o romancista da moda, em pleno triunfo, fruindo um radiozo êxito. O romancista, surpreendido com as vizitas, refugiára-se, rápido, atrás do biombo. Pediu que esperassem... Raimundo Corrêa, da mesma boémia, vendo que êle tardava a surgir, observou que a apresentação não era de cerimónias, de etiquêtas. Que apparecesse!

Aparecêu. Irrompeu de trás do biombo como um Apólo! Estava belo e heróico! E conta Augusto de Lima, num feixe de saüdades:— «Aluizio estava com um admirável costume de

fraque azul, talhado por algum dos melhores alfaiates do Rio. Estava deslumbrante. Os cabelos artisticamente repartidos, o rosto escanhado (e que formoso rosto, e nêle que olhos suaves!). Todo o corpo irrepreensivelmente elegante a terminar por um par de botas de verniz com reflexos de luz. E Aluizio foi logo dizendo:

—Desculpem-me aparecer neste rigor, pois que é o único terno que possúo...

Sôbre a mêza, estavam espalhados diversos dos bonecos de Aluizio, e este, vendo que os dois reparavam neles, esplicou, sorrindo:

—Aí está o meu próximo romance. Só falta fazer mover, animado, tudo aquilo que já me é familiar. Aquela menina é adorável, aquêle taberneiro, um bruto; este rapaz, um idiota. Já travei as minhas relações com todos. Deixo-os por hoje, que o dia pertence aos poétas que me vizitam».

Coelho Neto, o conterrâneo illustre e amigo íntimo de Aluizio, documenta-nos, nas páginas cintilantes da *Conquista*, o que fôram a boémia e os boémios dessa época.

Permiti-nos—minhas gentis patricias, se vos apraz,—que resumâmos aquêle epizódio do africano João de Deus, especialista em vatapá, que, após ter entrado para cozinheiro da projêta «república» ideal, estava a estostrar de fome, quando Rui Vaz, que outro não é senão Aluizio, o levou ao mirante e, misteriosamente, para que não desconfiasse da abstinência, fez uma prelêção religioza, esplicando-lhe as razões secretas daquêle sistema:—«Observavam um rito antigo, de muita severidade, que impunha, como principal sacrificio, o jejum, de quando em quando, para moderar os ímpetos da carne». E o romancista, com argumentos subtis, mostrou ao negro como a carne (sobretudo a fresca) conduz ao pecado e ao crime, quando não é sofreada prudentemente. Falou dos ascêtas citou Gringoire, Santo Antão, Murger e S. Paulo o eremita, Elias e o dr. Tanner—e o negro, convencido, admirava aquelas almas temperadas de fé e de rezignação, que rezistiam, com tanto fervôr, ás exigências da matéria. *Anselmo*, que é o nosso Coelho Neto, tinha surdas

revóltas, vendo que, em todas as cazas, as chaminés fumegavam.

—Mas que tens tu com o fumo dos lares? perguntou Rui Vaz.

—Detesto-os!

—E's o único. Os poétas celebram a espiral que sóbe dos telhados como uma prece, demandando a altura.

—Sim, os poétas celebram, quando têm o estomago saciado. Põe-me aqui um poeta faminto, a olhar todos êsses tubos, que falam de ensopados, de *omelettes*, de frituras e de bifes com batatas, e hei de vêr a estrofe que lhe sai dos lábios. Ha de sair uma invêti-va... Isso tantaliza! Saber a gente que em todas essas cazas se come, que em todas elas ha almôço e jantar...

—E dôres e remôrsos e angústias.

Tiremos ainda á *Conquista* esta passagem:—Condenando a obra prima de Anselmo, Rui Vaz, depois de ouvir a leitura do «deslumbrante» poema em proza *Guanabara*, ponderou ao amigo:

«... Acho o teu poema por demais cerebrino; não é propriamente uma concção, é um delirio intelêtual ou, antes, não é o produto duma emoção estética: é a rezultante mórbida duma superescitação. Em palavras mais claras, o teu anhangá merencório subiu do abismo do teu estômago. Um bife com *petit pois* bastava, para fazer dêsse revoltado o mais pacífico dos anjos. O cérebro, meu amigo, é escravo do estômago. Do nada só poderá sair o nada, disse o velho Lear a Cornélia. A crítica, mais tarde, quando analisar o teu poema, se tiveres fome bastante para o concluir, ha de dizer, com azedume, que eras um pessimista da casta bilioza dos Schopenhauers, sem perceber que a tua filozofia sinistra não veio duma interpretação sistemática, mas duma fome implacável e desesperada. Lê o Epicuro e aprende os segredos do bem viver. O teu poema tem belêzas, mas atordôa.

—Achas que não presta?

—Não, acho-o superabundante: tem a desconexão de um delírio.

—E se o retocar?

—Come primeiro. Antes de pegar no buril, procura um talhêr; em vêz do pó de diamante, atira-te á farinha sêca. Come. Com a digestão tranquila, estou certo de que has de vêr as agudas arestas do teu poema. Vai a um

fregre! A inanição desvaira; não tomes por inspiração o que é apenas delírio de inanido. Vai a um fregre».

Aluízio, nesse epizódio da sua vida boémia, já nos dá uma amostra do homem prático em que se convertêu, depois de cônsul, cuidando primeiro das coizas positivas e relegando as iluzões para os momentos vagos, que não os teve mais, para nos deixar, como bem podia ter feito, muitos outros livros formosos. O mestre sómente nos mandou, de longe, as *Japonêzas e Norte-Americanas*.

Dolorôso é recordar a história do extraordinário livro que divulgou ter Aluízio escrito, sôbre o Japão, e que se chamaria segundo nos informa Raúl de Azevêdo—*Agônias de uma raça*. O dinheiro que destinava á feitura duma edição artística do livro fôra empregado, pelo seu procuradôr, em terrenos das praias de Copacabana. O *Messias*, uma grande obra de fé intensa e ardente, que Aluízio pensava em redigir, se um dia se radicasse na sua pátria segundo ainda aquele informante, obra em que trataria do conflito religioso no Brazil, foi outra promessa vã.

Desviando-nos para êsse campô, senhôres da Legião dos Atenienses, convem que respiguemos mais esta passagem alegre de Aluízio. Quem no-la refere é Joaquim Leitão, no seu livro *Do civismo e da arte no Brazil*, e que também se encontra na *Conquista*:

Num dado ensêjo, o dono de uma pensão, a quem o romancista dó *Coruja* devia um mêz, deu ordem para se lhe não abrir a porta, quando êle vóltasse, alta noite, como de costume. Cumpriu-se a cezariana medida. Mas, na noite seguinte, pela mesma hora a que, na véspera, o escritor se causára de bater á porta, fôram os hóspedes despertados por um estralejar de foguetes, deitados do portal para a clarabóia. Levantou-se um alarido medonho e toda a caza veio á porta dos quartos, aos corredores, á escada, para saber o que se passava. O dono do hotel acudiu aflito, colérico. E o simpático boémio corre-os, com esta fraze:

—Ah, seus patifes! Pois ôntem ninguém me ouviu bater, com pedras, com a bengala, e hoje todo o mundo

se sobressalta, por meia dúzia de peças chinêzas!...

Sentado em banco tôsko ou em «cadeiras desconjuntadas, para ter a impressão do mar...», Aluízio Azevêdo era, inegavelmente, um trabalhador, que se não deixava dominar pelas noitadas alegres, em prejuizo do acabamento do capítulo iniciado de qualquer novêla, ou fazendo «gazêta» nas colunas dos jornais em que brilhava o fulgor da sua pena amestrada. E a documentação de quanto foi incansável trabalhador, quando mórrou nas nossas plagas, transformando a pena, ao mesmo tempo o seu *ganha-pão*, em espada dardejante, inflamada e terrível, que levava de vencida as barreiras que se lhe antolhavam na luta pela verdade, que era o seu culto, e pela arte, á qual se escravizára, temo-la na montanha da sua obra látaneira, que se não avulta em quantidade, é inigualável, no seu valor intrínseco.

A prova do quanto se submetêra á Arte e á Verdade, permanecendo fervoroso amante da sua pátria, deparámo-la no seu silêncio, enquanto viajou por terras estranhas. As paizagens alheias não ofereciam ao magnífico romancista-pintor o que aqui tanto o impressionava. Foi um verdadeiro nacionalista, no seu realismo másculo!

Aluízio demonstrou-se na opinião dos criticos da época, o que é sustentado hoje com maior firmêza, e o será amanhã, ainda mais, o romancista de faina mais vasta da escola naturalista no Brasil, e o que melhor soube transplantar, para a nossa literatura, os segredos da arte de Balzac, o que lhe deu o justo epíteto de formadôr com Zola, na França, cuja escola já decaía, quando aqui triunfava, e com Eça de Queiroz em Portugal,—a trindade máxima do procêso naturalista.

Sob o influxo dessa doutrina estêtica, imprimiram-se, entre nós, livros de valor, como a *Carne*, de Júlio Ribeiro, a *Hortência*, de J. Marques de Carvalho, o *Ateneu*, de Raul Pompêa, o *Missionário*, de Inglês de Souza, a *Normalista* e o *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, *Flôr de sangue*, de Valentim Magalhães, *Rei negro*, de Coêlho Neto, bem como de outros novelistas de as-

suntos regionais, — Afonso Arinos, Xavier Marques, etc.

Não deveremos omitir uma referência, como habeis fotografos das nossas cenas, do nosso povo e dos nossos costumes, ás figuras de Viriato Corrêa o triunfador conterrâneo, que tem sabido honrar a pátria maranhense, desde a sua estreia, com os *Minaretes*, até ás *Histórias da nossa história*, e de Astolfo Marques, o saudoso autor da *Vida maranhense*, *Nova aurora*, *Natal* e da *Selêta Maranhense*, que se perdeu.

Alguns mais, ainda vivos e que aqui residem, possuem volumes valiosos publicados prontos para o prelo e em elaboração. Mas citar-lhes os nomes e o trabalho é tarefa que não comporta esta palestra, pela exiguidade do espaço e receio de melindrar.

III

A obra de Aluizio está dividida em grupos diferentes. Deixemos de parte o que respeita ao teatro, aos romances-folhetins, escritos sem preocupação de arte, e passemos em breve revista, as páginas puramente estéticas

o *Mulato*, *Casa de pensão*, o *Coruja*, o *Homem*, o *Cortiço* e o *Livro de uma sogra*, volumes em que se revêla admirável o discípulo de Balzac e Zola.

O *Mulato*, que é o nosso livro, porque foi escrito cá, teve como palco a nossa velha S. Luiz. O mestre ofereceu-o, em testemunho de amor á sua e nossa terra. Merece, por isso, o nosso melhor carinho. Eis a razão por que ainda vos queremos falar dêle, recordando, a quem já o lêu, e aconselhando que o façam quantos o desconhecem, as tiranias de d. Quitéria sobre a mízera Domingas, escrava, por ciumes do marido, as cenas da festa de S. João, no sitio de Maria Bárbara, lá pras bandas do Cutim, festas tradicionais, onde havia sempre muita bebida, danças, recitativos, modinhas, desafios á viola e á lamurienta ladainha, com o côro das beatas.

Sem apreciarmos, em considerações minuciosas, o que se tornaria enfadonho para vós, que nos ouvis pacientemente, minhas senhôras e meus senhores, e difficil para nós, diremos apenas serem magistraes, nas descri-

ções e na movimentação da trama a figura do cônego Diogo, *sózia* perfeito dos cônego Dias e padre Amaro, tipos do sublime Eça, seguindo-se as de Maria Bárbara, arraigada ao preconceito da côr, estremada inimiga dos «cabras», dos «mulatos», a de Ana Rosa, apaixonada pelo primo e corrêta observadora do conselho materno... — Minha filha, disse-lhe a infeliz, já nas vésperas da morte, não consintas nunca que te cazem, sem que ames devêras o homem que te destinarem para marido. Não te cases no ar! Lembra-te de que o casamento deve ser sempre a consequência de duas inclinações irresistiveis. A gente deve cazar, porque ama, e não ter de amar, porque casou. Se fizeres o que te digo, serás feliz»; a de Luiz Dias, personificação do abastardamento moral, o homem que pouco se lhe dava disto ou daquilo, contanto que cazasse com uma filha do patrão, de quem seria herdeiro; a do Manoel Pescada, comerciante aferrado aos cobres e pretendendo para a filha, não a sua felicidade, mas um casamento de conveniência, um marido que lhe ficasse prêzo, encabrestado.

O *Mulato*, algo carregado em tintas, quando trata do cônego Diogo, dadas as idéas do seu autor, perseguido na campanha da *Civilização*, é verdadeiramente um livro esplêndido, para um escritor de 23 anos. Tirando-se os defeitos, se os ha, resta-nos ainda, para orgulho nosso, um livro completo, atordoante nos descritivos, majestoso de verdade.

Caza de pensão—Para não deslustrarmos o valor dêsse romance do mestre, transcreveremos uma página, prevenindo, entretanto, as semelhanças daquele e João Coqueiro com o soturno fidalgo Gonçalo Mendes Ramires, da *Ilustre caza de Ramires*, de Eça. — Coqueiro, com a mulher, exploravam o estudante provinciano Amâncio de Vasconcellos, facultando-lhe, em paga, os amôres clandestinos com a irmã daquele. Depois, numa revólta, que não era de brio ofendido, mas de pura cobardia, na sêde de uma vítima, quando era êle a única, mata miseravelmente o estudante, quando este dormia o sono grosso da embriaguêz de uma noite desregrada; — Gonçalo Mendes Ramires, o arruinado fidalgo da tôrre, do velho

mesmo de levá-lo segunda a classe, tal a impressão da pena que transparecia no coração daquele mízero.

Vencêu-nos, porém, não sabemos bem se o nosso orgulho, se o sentimento de piedade.

—Dar-lhe-íamos prazer, convidando-o ou apenas indicando-lhe a segunda classe? Ou iríamos aumentar-lhe a mágua, mostrando-lhe termos compreendido o vexame que sofria com a sua inferioridade social, com a sua triste pobreza?

Pensámos em tudo isto rapidamente, até que o desconhecido, que tanto nos impressionou, desapareceu num canto. Nunca mais o topámos. Mas nunca também o esquecemos.

Outro facto, que muito nos tocou, igualmente, foi o de um desditoso rapaz que, quando lhe morreu o pai, realizou os convites para o entêro. Sôam-nos ainda as palavras lancinantes daquele coração de filho: —*Seu Ribeiro*, disse o pobre, no escritório onde trabalhámos — eu vim convidá-lo para o entêro do papai!

Então aí duas figuras do *Coruja*, daquele torturado amigo de Teobaldo, que não podia visitar, quando ministro, mas a quem pôde emprestar 800\$000, quando a desgraça lhe bateu á porta.

—*Lá em baixo! Espere lá em baixo!* clamou a ordenança ao *Coruja*, que tentava avistar-se com o amigo, depois de ministro. «... Uma agonia surda e duvidosa apoderou-se dêle. E foi com a garganta cerrada por um punho de ferro que o mízero desceu lentamente a escada, arrastando, degráu a degráu, o seu pé, aleijado pelo tiro».

Passemos ao *Homem*, obra em que Aluizio se esteriorizou um estilista modelar, e em cuja frontaria gravou:

—*«Quem não amar a verdade ni arte e não tiver a respeito do Naturalismo idéas bem claras e seguras, fará, deixando de lêr este livro, um grande obzêquio a quem o escreveu»*. As páginas do *Homem* percorrem-se como que numa vertijem. Citar-lhe trechos ou fazer-lhe comparações seria empalidecê-las. As figuras do cavouqueiro e os sonhos maravilhosos da histórica Magdá atravessam todo o volume.

—*O Livro de uma sogra*, — o último de Aluizio, inapreciável estudo psicológico, foi a sua mais surpreendente

vitória. Olímpia, a sogra «ranzinza», com a doutrina da esperiência, arrostando a odiosidade do genro, prêso pelas condições do contrato do seu consórcio com a filha, alcançou o fim colimado, melhor do que pelos outros processos. Tornou-se, para o genro, uma santa. (Caso estupendo!).

O *Livro de uma sogra* contém proveitossimas lições para a sociedade. Aplicando-se, com moderação, aquele sistema, os resultados seriam incalculáveis...

Do autor de *Uma lágrima de mulher*, *Filomena Borges*, *A mortalha de Alzira*, *Girândolas de amores*, *Condessa Vesper*, *Pégadas* e *Demônios*, como do nosso programa para esta palestra, resta-nos apenas falar do seu livro máximo, do que foi verdadeiramente estraído á vida real, insofismável — o *Cortiço*. Deixámo-lo muito propositadamente para o fim. Embora já nos tenhamos alongado em demasia, permiti-nos, senhores da Legião dos Atenienses, que espraíemos o nosso pequeno estudo com um novo tópico.

Não nos animámos a reproduzir uma unica página do *Cortiço*. Se pudéssemos, recitá-lo-íamos todo, al a impossibilidade de escolher o melhor trecho. Os tipos são flagrantes, o cenário estonteante; o zunzum das abelhas humanas, em pavorosa promiscuidade de carnes, côres, profissões, idéas, ensurdece. Aluizio gizou ali com o seu lápis aprimorado, aquela gente, definiu caracteres, no trabalho, nas festas, nas brigas nas intrigas, nas patifarias, nas particularidades mais íntimas.

Nas páginas do *Cortiço*, depara-se-nos tudo: — Aqui, a baixêza de sentimentos do Miranda e da consorte, as desavenças de João Romão com o Miranda; ali, a algazarrá das lavadeiras no *Cortiço*, sobressaindo a figura do Albino, «um sujeito afeminado, fraco, côr de espargo cosido...», que vivia sempre entre as mulheres, com quem já estava tão familiarizado que elas o tratavam como uma pessoa do seu sexo...», figura do mesmo jaêz daquele triste Libaninho do Eça, no *Crime do padre Amaro*, sempre amigo das madamas, que dizia: — «Adeuzinho, Amélia, saüdinha», como usam os Libaninhos e Albinos, peralvilhos *petit-ba-*

teau. — Qual, meu bem, não está vendo logo! Este galho de manjeriço não se dá assim para qualquer! Chia fino! Têm chiliques como as mulheres e não raro apanham bôlos nas «repúblicas» dos estudantes!...

Percorrendo, mesmo de relance, esse livro do mestre, as ceas, pelo seu persuasivo poder analítico, prendemos os sentidos, já do Bruno, ditando as suas cartas á sua «mulher», que era mais uma doida do que ruim... — «Escreva, lá, Nhan Pombinha!» — Arrume-lhe outra vêz, a ver se ela toma brio!», já a melancolica espalhada pelas guitarras dos portuguezes, de envôlta com o chorado baiano do cavaquinho do Porfirio, gemido pelo violão do Firmo, fazendo que todo aquele povo fremitasse de ardente entusiasmo, «como se alguém lhe fustigasse o corpo com ortigas bravas»; aqui, os requebros luxuriosos da Rita baiana, num revoltear embriagante, as suas cantigas a enfeitarem o cavouqueiro, que, «... com a voz estrangulada de paixão», segréda ao ouvido da mulata, a qual, exausta, lhe caiu ao lado — «... meu bem! se você quiser estar comigo, dou uma perna para o demo»; ali, a luta acêsa de rivais selváticos: o cavouqueiro, emérito jogador de páu, e o Firmo, capoeira, de uma agilidade de lebre encebada, vencendo este; mais além, a desfôrta, onde o capoeira é moído a páu pelo Jerónimo e os companheiros; depois, as lamentações da pobre mulher do cavouqueiro, abandonada pelo seu homem, desamparada em terra estranha.

«E maldizia, soluçando, a hora em que saíra da terra; essa boa terra cansada, velha, como que enfêrma; essa boa terra tranqüila, sem sobressaltos, nem desvarios de juventude. Sim. Lá os campos eram frios e melancólicos, de uma verde aloirado e quiêto, e não ardentes, esmeraldinos e afogados em tanto sol e tanto perfume como os dêste inferno, onde, em cada fôlha que se piza, ha por debaixo um reptil venenoso, como em cada flôr, que desabotôa, em cada moscardo, que adreja ha um vírus de lascívia. Lá, nos saudosos campos da sua terra, não se ouviam, em noites de lua clara, roncar a onça e o maracajá, nem pela manhã, ao romper do dia, rilhava o

bando truculento dos queixadas; lá não vagava pelas florestas a anta feia e terrível, quebrando árvores; lá, a sucurijú não chocalhava a sua campinha fúnebre, anunciando a morte, nem a coral esperava, traidora, o viajante descuidado, para lhe dar o bote certo e decisivo; lá, o seu homem não seria navalhado pelo ciume de um capoeira: lá, Jerónimo seria ainda o mesmo espôso casto, silencioso e meigo, seria o mesmo lavrador triste e contemplativo, como o gado que á tarde levanta, para o céu de opala, o seu olhar humilde, compungido e bíblico. Maldita a hora em que ela veio! Maldita! Mil vezes maldita!

E muito mais diríamos e reeditaríamos somente do *Cortiço*, dêsse livro que é um verdadeiro enxame de verdades, de cenas cruas, crudelissimas.

Da verdade, porém, nem todos gostam, porque a luz da verdade é como a do sol: abraza, aturda, cega!

IV

Não tivemos a estulta pretensão de fazer um estudo, que se assemelhasse, pelo menos, ao de Domingos Barboza, na Academia Maranhense de Letras, o cintilante autor do *Dominó vermêlho* e *Contos da minha terra*, nem tampouco ao de Alcides Maia, na Academia Brasileira de Letras, o sucessor de Aluízio, na cadeira patrocinada por José Bazilio da Gama, dêsse autor magnífico das *Ruinias vivas* e da *Tapêra*, cheios das frases opulentas de um espirito forte; em que se espelham, vivos, o drama dos pampas, o estóicismo do gaúcho destemido, quer nos choques formidáveis e sangrentos das guerrilhas em defêza da terra natal, quer na laboriosa faina das xarqueadas, em tudo, al fim, que redunde em trabalho, atividade, vida. As páginas de Alcides Maia, repassadas de harmoniosa fragrância, são páginas sentidas, reais, harmoniosas, verdadeiros hinos á pátria labor, á pátria verdade, á pátria luz bendita!

Quizemos apenas trazer o nosso pequenino tributo ao mestre insigne.

Agora, que, bem ou mal, cumprimos o nosso dever, resta-nos apresentar os nossos agradecimentos ao selêto auditório, — e dirigir-vos um apêlo a

vós, ilustres companheiros da Legião dos Atenienses, para que todos venham tomar posse das suas cadeiras, apreciando os seus patronos, evidenciando a nossa existência.

Oferecemos-vos, como estímulo, esta láuda relumbrante de Euclides da Cunha, o grande escritor dos *Sertões*:

Conta-nos o saudoso autor de *A' margem da História* a sua chegada, com os restos de uma comissão exploradora, á foz do Cavaljani, último esgalho do Purús, distante 3.200 quilómetros da confluência dêste braço do Amazonas. Eram nove companheiros apenas, que chegavam sucumbidos, do qual após um naufrágio, salvaram simplesmente meia ração de carne sêca e farinha, que eram o seudesespêro e a sua única salvação. A viagem corêra penozíssima. O rio estava cada vez mais razo; arrastavam-se pezadas canôas a pulso, como se fôssem por terra. A' noite, aquêles bravos, que labutavam todo o dia, metidos nágua, sem um trago de aguardente, ou de café, que lhes mitigasse tão bruto regime, acampavam. Mal se armavam as barracas.

«Assim, todas as noites, naquelas praias longínquas, havia este contraste: de um lado, um abarracamento minúsculo e mudo, todo afogado na treva; de outro, afastado apenas 50 metros, um acampamento iluminado e ruidoso, onde ressoavam os cantos dos desempenados chulos loretanos.

A separação entre os dois era completa. As relações quase nulas: a altanaria castelhana, herdada pelos nossos galhardos vizinhos, surpreendia-se ante uma outra, mais heróica, do exíguo e miserando agrupamento altivamente retraído na sua penúria, e timbroso em ultimar a sua emprêza, como a efêtuou sem dever o mínimo, ou mais justificável auxílio, ao estrangeiro, que se lhe associára.

Mas, ao chegar, naquela tarde, á foz do Cavaljani, considerei a emprêza perdida. Palavras sôltas de irreprimível desânimo, e até apóstrofes mal contidas, de desesperados, fizeram-me compreender que, ao outro dia, só haveria um movimento,—o da volta vertiginosa, rolando pelos estirões e cachoeiras, que tanto nos custaram a

vencer, acabando-se os nossos esforços numa fuga.

Os meus bravos companheiros rendiam-se aos revêzes. Atravessei, em claro, a noite. Na manhã seguinte, procurei-os, na tentativa impossível de os convencer a mais um sacrificio.

Acocoravam-se á roda de uma fogueira meio estinta; e receberam-me sem se levantar, com a imunidade do seu próprio infortúnio. Dois tiritavam de febre. Falei-lhes. A honra, o dever, a pátria, e outras magníficas palavras, ecoaram longamente, monotonamente inúteis. Permaneceram impassíveis. Quedei-me, inerte, numa tristêza exasperada.

E, como a aumentá-la, notei, dali mesmo, voltando-me para a direita, que os peruanos se aprestavam á partida. Desarmavam-se as barracas; reconduziam-se, para as ubás ligeiras, os fardos retirados na véspera. Em pouco, os rémos e as *tanganas* compridas, alteados pelos remeiros, fisgavam vivamente os arês...

E, atravessando pelos grupos agitados, um sargento—passo grave e solene, como se estivesse numa praça pública, á frente de uma formatura—cortou perpendicularmente a práia, em rumo á canôa do chefe, tendo no braço direito, perfilada, a bandeira peruana, que deveria içar-se á pôpa da embarcação. De facto, chegando, hasteou-a. Passava um sudoeste rijo. O belo pavilhão, vermelho e branco, desenrolou-se logo, todo estirado, ruflando...

E acudiu-me a idéa de apontar aquêlo contraste aos companheiros abatidos. Mas, ao voltar-me, não os reconheci. Todos de pé. A simples imagem do estandarte estrangeiro, erguido triunfal, como a desafiá-los, galvanizára-os. Num lance, sem uma ordem, precipitaram-se aos aprestos da partida. Em segundos, a nossa bandeira, que jazia, enrolada, em terra, aprumou-se, por seu turno, numa das canôas, patenteando-se-nos aos olhos.

As promessas divinas da esperança!

E partimos, retravando, desesperadamente, o duelo formidável com o deserto».

—Porque não pautais por êsse adorável exemplo, ó mocidade ateniense,

a vossa norma de trabalho? Porque não fremais de entusiasmo e não vos arrojaiis á luta, disposta a vencer, como venceram os nossos maiores, que nos legaram tantos padrões de glória imorredoiira? Porque não pelejar com intrepidêz, quando vemos o vizinho desprendido e forte? Porque, tal aquêlê destrôço de homens esfaimados, trôpegos pela fadiga, abatidos pelo fracasso, não vos animais a desacocorar-vos, rompendó as cadeias vergonhozas da indolência e do indiferentismo, da incredulidade e da falta de civismo, para vos tornardes, ao invés de mortos moralmente, adeptos dessa «educação que dá ao mundo enfêzadinhos morais, incapazes para as lutas pela vida e com a alma encaçoçada de escrofulozos preconceitos», homens de rija têmpera, consciêntes dos seus deveres, dos quais possa ressurgir um núcleo de energias, que vibre de orgulho, mostrando ao paiz e ao mundo, ás academias e aos sábios, aos que governam e aos que idealizam, quanto pôde o querer da mocidade, dessa mocidade maranhense, que dezeja ser amanhã o que foi óntem: vigorosa, instruída, inteiramente digna do rútilo cognome de Ateniense?!

Praza aos céus que sejâmos ouvidos nesta prece e que possais, ó mocidade ateniense, desfraldar, muito breve, o pavilhão da nossa grãndêza, clamando a nossa radiante Vitória!

O sr. JOÃO VITOR RIBEIRO proferiu este discurso, ao saúdar o novo legionário:

Mais um grande triunfo se regista hoje, nos anais da Legião dos Atenienses. Esta nóvel corporação, oriunda do congraçamento de elementos que definhavam em algumas associações literárias, dizimadas pelo deliquio, abre os seus salões, para acolher mais um legionário, o qual vem aumentar o elenco do seu quadro efêtivo.

Esse factó, que traz, em si proprio, uma razoável soma de interesses vitais á Legião, vem colocá-la em destaque neste meio intelêtual, onde todas as investidas se esborôam, por feito de um terrível quebranto, que tudo aniquila.

Pela terceira vêz prestâmos um sin-

gêlo concurso á organização do quadro efêtivo da Legião. Da primeira, para ler um humilde trabalho sôbre F. Sotêro dos Reis o erudito filólogo, patrono da cadeira que aqui ocupo; da segunda, para cumprimentar o nosso bom companheiro António Viana de Souza, que entrou com um precioso estudo acêrca da personalidade de António Lôbo, o querido e saúdosó mestre; hoje, para dar ás bôas-vindas ao novo companheiro Joaquim Vieira da Luz, que acaba de ler uma substanciosa apreciação da obra de Aluízio Azevêdo, o insigne escritôr, que tanto honrou a nossa terra.

Já tivemos ensêjo de afirmar algures que, quando a juventude legisla, não ha vétó, por melhor justificado que destrua as leis dêsse poder gigante, muralha invencível e esperança grandiosa da pátria. Filiando-nos a este decidido grupo, que procura um lugar na história literária do Maranhão o nosso dever é cumprir todos os seus preceitos e empregar todo o nosso esforço pelo êxito das suas tentativas.

Atendendó ainda á antiga camaradagem, e ao subido gráu a que chegaram as minhas relações de amizade com Joaquim Luz, incorreria, pôr certo, numa falta gravíssima, se me furtasse a recebê-lo neste recinto.

Arrastados por essa corrente impetuosa de cruzadas literárias que sempre se multiplicaram em S. Luiz, encontrámo-nos um dia, em tórno da mesa redaccional do *Canhoto*, orgão de uma sociedade humorística do mesmo nome que levantára a sua tenda ali, a dois passos do Licêu.

Abandonando os rigôres da etiquêta, não fomos apresentallos um ao outro. Para colaborar no *Canhoto*, não havia escrúpulos. Aprontavam-se uns 500 réis mensais, e as colunas do jornal não refugavam colaboração. Foi assim que, de simples estudante, passâmos a escrever nas folhas ao lado de Hilton e Djalma Fortuna, Manoel Fernandes Lisbôa e outros. Joaquim Luz fôra admitido, não sem opposição, porque se entendia que um empregado da Praia Grande não tinha aptidões para as letras; mesmo assim, teve o seu posto no grupo evidenciando-se-nos, mais tarde, um precioso auxiliar.

Quando em 1913, consideravelmente acrescidos, fundámos a Sociedade Literária Barão do Rio Branco já o Luz se tornára credor da nossa confiança e exercia um sensível influxo nos nossos ensaios.

Costumavamos então reunir-nos diariamente na sede social, para trocar idéas e muitas vêzes no calôr das nossas contendas tivemos que atender as reclamações do impassível coronel Alfrêdo da Silva Fortuna que tão bondosamente nos cedia um quarto desocupado nos baixos da sua residência para darmos franca expansão ás manifestações do nosso espirito. Esse gesto nobre, que lhe trazia, e a toda a sua exma. familia o sono bastante perturbado pelas nossas reuniões, porque iam até altas horas, levou-nos a conferir-lhe o justo diploma de sócio benemérito.

Nessas reuniões de real proveito em que discutiamos, desde as tiradas humorísticas á concordância gramatical, não raro sacrificada Joaquim Luz tomava parte saliente captando cada vêz mais o nosso aprêço e simpatia. Era essa a nossa escola prática, em que sem uma orientação superior tratavamos de num esforço elogiável, robustecer as nossas idéas ainda confuzas apenas tinturadas pela observação e pelo instinto peculiar aos filhos desta terra para as pugnas mentais.

Com as suas «matutadas», uma interessante sêcção em que êle colaborava, sob os pseudónimos de *Bastião Nastaço da Silva* e *Pilidoro Zidoro Sargado*, obteve fama, nas colunas do *Cambôto*. Fizera-se digno da nossa admiração, pelo tom galhofeiro e agradável sabôr que sabia emprestar ás apreciadas *cartas de matutos* em linguagem fielmente apanhada ao sertanejo borrifando-o com umas ligeiras gôtas de instrução.

Foi com essas cartas que principiou a sua marcha nesta ingrata carreira que a tantos ilude. Impellido pela insistência habitual de tudo pesquisar e pelo aferrado apêgo ás letras a que se devotou com admirável pertinácia, converteu-se por fim, num defensor acérrimo das nossas tradições e pode-se dizer, foi o único a encarar seriamente o encargo que nos arrogámos, criando

a Rio Branco. Constituiu-se um batalhadôr incansável; que chegou a ficar impertinente, «ranzinza», aplicando o melhor do seu esforço, para que se não desmoronasse o edificio que ajudára a construir, e que muitos loiros conquistou, de 1912 a 1918.

Na Rio Branco, afirma-o sem receio de contestação, não houve quem trabalhasse mais pelo engrandecimento da nossa terra do que Joaquim Luz. Acentuou-se a labuta no período em que esteve, pela última vêz, na presidência daquela sociedade.

Influenciado talvez pelos espíritos superiores da velha Caxias, quase seu berço natal (1), de onde têm saído diversos vultos de valôr, Joaquim Luz soube dar um cunho vigoroso á administração do Rio Branco e, frizemo-lo, as melhores edições do *Ateniense* publicaram-se durante a sua gestão. «Como preito de justa homenagem», dedicou-se-lhe uma página daquele jornal, em dezembro de 1917, a propósito do seu aniversário natalício.

Não será fastidioso reproduzir o que ali dissemos a seu respeito:—«O nosso presidente é um exemplo do trabalho personificado. Bem poderiam os seus empreendimentos e o extraordinário impulso, que deu á nossa associação, servir de escudo para todos que aqui moirejam. Assumiu as rédeas presidenciais num tempo de verdadeira decadência para a Rio Branco e logo se fizeram sentir a sua ação benéfica e a sua vontade de ferro E' com a consciência limpa e clara, pela luz da justiça, que lhe tecemos estes encômios, porque ainda mais merece e as nossas frases serão sempre pálidas, para quem tudo faz pelo nosso ideal, não enxergando empecilhos, sejam os mais intransponiveis, quando se trata do interesse da nossa colêtividade, em tão

(1) Joaquim Vieira da Luz, filho de humildes lavradôres, nasceu aos 17 de dezembro de 1893, na fazenda S. Pedro, duas léguas distante da vila de S. José dos Matôes, município pertencente á vasta comarca de S. Francisco, passando, logo após o seu nascimento, a residir, com a familia, no lugarejo chamado Bôca da Mata e depois na Conceição. São seus pais o sr. Antônio Vieira da Luz e a exma. sra. d. Liberata de Moura Castro Luz. Antes de atingir a idade de 10 anos, iniciou como caixeiro, em Caxias, a sua vida de trabalho, profissão essa de que nunca mais se afastou. Frequentou, naquela cidade, irregularmente, as aulas dos professores Raimundo Baima, Antônio Gentil de Abreu (Esternato Benedito Leite), Jerônimo Vilêla e João Soares de Quadros. Em 1910, veio para S. Luiz. Aqui, desbravou a intelligência por meio de leituras e no convívio das aregmições literárias a que se filiou. E' secundarista do Instituto Ateniense, escola roturna de ensino secundário.

bôa hora confiada á direção benemérita de Joaquim Luz, um dos jôveus intelêtuais maranhenses que mais se tem imposto pela força do seu trabalho e pela operozidade da sua intelligência, que tudo alcança e tudo vence.

A Sociedade Literária Barão do Rio Branco, até então dirigida por estudantes e funcionários públicos, precisava de mostrar que, no meio commercial, também existem intelêtuais, muito embora o labôr cotidiano desvie os môços do culto das letras, exigindo-lhes todo o esfôrço de que são capazes. Foi então que buscâmos Joaquim Luz para a nossa tenda, e hoje, para muita honra dêle e nossa, o nosso homenageado cumpre lá os seus deveres de empregado modelar, ao mesmo tempo que aqui se distingue como um rapaz de futuro e largos conhecimentos. Ao instituir a nossa bancada honorária, o nosso chefe, atendendo á sua predilicção e simpatia pela escola naturalista, tomou para seu patrono o nome do autôr do *Mulato*—e muito tem sobressaído, pelas colunas do *Ateniense* já pelo seu estilo escoreito e delicado, já pelos descortinos da sua inspiração sadia, em contos impecáveis.

E' a terceira vêz que o elevâmos á presidência dêste grêmio depois de ter ocupado os principais cargos da diretoria dando sempre flagrantes provas do seu génio de inovações práticas, as mais proveitosas para o nosso triunfo. Implantou uma nova feição neste nosso órgão de imprenas ilustrante com *clichés* executados numa importante officina do Rio de Janeiro ao mesmo tempo que deu um aspêto elegante ao *Ateniense*, mandando imprimilo na melhor tipografia da terra.

O nosso jornal humilde timoneiro das nossas idéas e incansável propugnador das nossas doutrinas, muito deve aos dotes criadores de Joaquim Luz, que o fez espalhar por todo o Brazil e pelo estrangeiro, onde também conta assinantes em número animadôr».

Marta um dos primeiros contos que compôz, foi reoebido com aplauzo; era o fruto inicial, mas sazonado, de uma inescurecível vocação. Concebido em estilo vivaz era como um triste poema o epflogo de uma história de amôr, em cujo oceano se debatia o

nosso herói. Além do *Vencido* e mais alguns contos, Joaquim Luz escreveu, sob os pseudónimos de *Jovira Justino*, *Lêssa* e outros, diversos trabalhos notadamente a sêccão *A's florinhas do amigo Feijó* mimosas conversas com as amiguinhas do autôr do *Meu jardim*. De progresso em progresso. Joaquim Luz foi assumindo proporções escaçionais no círculo da nossa admiração. Fazia como Gonçalves Dias: era pequêno, mas só fitava os Andes.

Tal é, senhores, a figura dêsse bravo que hoje transpõe os humbrais do nosso desataviado templo. Aluno estreme da escola naturalista entregou-se ás obras de Aluizio Azevêdo, o nosso romancista iniciadôr no Brasil dessa grande corrente. Adôtou aquele nome para patrono da sua cadeira e na fiel observância do nosso regimento acaba de pronunciar o respêtivo discurso.

O que foi a faina dêsse grande escriptôr já êle o descreveu com proficiência. Nada virá adiantar ao seu trabalho qualquer opinião nossa. E' um dever, entretanto dizer alguma coiza.

Aluizio Azevêdo teve como precursor das glórias que grangeou, um seu irmão, o polígrafo Artur Azevêdo, que despertára um vasto succêso, no Rio de Janeiro como poeta humorístico. Principiou pela arte de caricaturista, em que era exímio colaborando no *Figaro* e no *Mequetrefe*. O nome reboára-lhe com a retumbância do *Mulato* impresso aqui. De sorte que lhe não foi difficil abrir caminho.

Mostrava-se, porém, mais orgulhoso do lápis que do aparo, preferindo a qualquer dos seus romances, uma têla de figuras hirtas. Costumava esprimir, lastimando-se, conforme nos assevera Coêlho Neto:—«Que se fizera romancista não por pendor, mas por se haver convencido da impossibilidade de seguir a sua vocação, que era a pintura; quando escrevia, pintava mentalmente; primeiro desenhava os seus romances; depois redigia-os».

Mas como romancista é que ascendeu aos domínios da glória, legando ao porvir uma soberba muralha de livros tais como o *Mulato*, a *Casa de Pensão*, o *Coruja*, o *Cerção*, o *Livra de uma sogra*.

Uma vez que êle, com o seu afan, contribuiu consideravelmente para a exal-

tação da nossa querida terra, era justíssimo que nós os obreiros da geração actual não deixassemos a sua prestigiosa individualidade no esquecimento.

O seu nome está gravado em letras de ouro nos anais da Academia Brasileira de Letras, de que foi um dos fundadores e sobre elle esternaram-se os srs. Escraguolle Taunay, Coêlho Neto, Afrânio Peixoto Rodrigo Otávio e Alcides Maia, estes três na própria Academia Brasileira de Letras o templo supremo da intelêtualidade indígena, Raúl de Azevêdo na Academia Amazonense de Letras Domingos Barboza, na Academia Maranhense de Letras Carlos Dias-Fernandes, no *J. rnal do Comércio*, etc.

Resta-nos agora dar os parabens a Joaquim Vieira da Luz, esperançoso apóstolo das letras, pelo magnifico trabalho que apresentou e, em nome da Legião oferecer-lhe ainda os nossos saúdares.

Sê pois benvindo meu caro confrade. O triunfo que hoje obtiveste, não ha de encerrar-se entre as paredes desta sala: ha de repercutir longe e ser, mais tarde lembrado nas páginas da nossa história para honra e brilho da nossa terra, que tanto amâmos.

JOÃO LISBOA

O grande polemista do *Jornal de Timon* completou 109 anos de nascido, a 22 de março, e 58 de morto, a 26 de abril.

Uma das mais sólidas e resistentes individualidades mentais do Brasil, alteia-se, impávida, na inapagável corte dos que adquiriram, para o Maranhão, no seu aureo ciclo, o laurel de Atenas.

Mestre da prosa á maneira seiscen-tista, em que avultam António Vieira, Manoel Bernardes, fr. Luiz de Souza, Francisco Manoel de Melo, os arquitêtos do género, após uma época de predominante feição poética—, João Lisboa cortava a monotonia dos períodos longos com a vivêza do raciocínio mordaz, a quem não faltava um certo sabor filosófico.

Se viesse ao mundo meio século depois, seria um dos primeiros sociólogos da nossa língua, vistas as suas

decididas propensões para as rebuscas históricas, de onde estraía uma luz exata e originaes inferências, superiores, seguudo alguns, ás de Varnhagen, em pontos básicos da evolução brasileira.

Embora conste que o govêrno, planeia, comemorando o centenário da Independência, editar vários inéditos de escriptôres maranhenses e reimprimir diversos livros esgotados, desconhece-nos o método por que se pautará êsse meritório trabalho.

Avançaremos, porém, que a obra de João Lisboa, pelo seu especialissimo sentido, ao mesmo tempo local e nacional, merece atenções particulares, exigindo uma republicação, anotada, e dividindo-se melhor o seu valioso conteúdo, para que se lhe avalie o poder critico e construtivo.

Confiâmos no critério do exmo. sr. dr. Urbano Santos, homem instruido, e que timbra em zelar os notáveis do passado, cujas produções guarda, orgulhoso, na sua escolhida bibliotéca.

SER E NÃO SER

(ORIGINAL PARA O «ATENIENSE»)

*Ha em meu sêr um sêr que em ser descrido,
Pena por ser seu sêr um sêr pequeno,
Para ser do teu sêr, ó sêr moreno,
O sêr que deve ser teu sêr querido.*

*E por ser por teu sêr um sêr perdido,
Por ser pobre, ser franco, ser sereno,
Por teu sêr—forte sêr, tal sêr condeno
A ser de amor um sêr sempre vencido.*

*Não ha sêr que em teu sêr não queirâ ser,
O sêr que deve ser o sêr completo,
Dêsse sêr quem em meu sêr quizerâ ter.*

*Pois em ser o teu sêr um sêr mui nobre,
Sinto não ser teu sêr o sêr dilêto,
Dêste sêr, que é meu sêr—por ser tão pobre.*

SILVIO PACHECO.

O nosso calendário: Devemos aduzir, ás notas de **abertura** desta edição, que **Joaquim Serra** nascêu nesta capital, a 17 de setembro de 1837, bătizando-se, na igreja da Sé, a 11 de fevereiro de 1838. **Francisco Dias Carneiro** nascêu na comarca de Pastos Bons, fazenda Matê, a 23 de novembro de 1837; bătizando-se na freguezia de S. Sebastião da Passagem Franca, aos 29 de janeiro do ano seguinte.

Notas á margem

ERRATA

No monólogo *Velha história*, de Hilton Fortuna publicado no número anterior, deve se ler assim na página 3 este verso:

Não *lhes* negaram festas e carinhos,
em vez de:

Não *lhes* negaram festas e carinhos

Mais abaixo corrija-se para
Vítimadas da raiva que sentiram
em vez de:

Vítimas da raiva que sentiram
e ainda

O mais tocado *foi* pelo despeito;
em vez de:

O mais tocado pelo dsspeito;

ALUIZIO AZEVEDO

No discurso do legionário Joaquim Luz escaparam diversos se-
ções de fácil emenda Na página
31, deve-se entretanto acrescentar:

—...*Contos da minha terra*, ao de Raúl
de Azevêdo na Academia Amazo-
nense de Letras, nem tampouco...

Fizeram-se outras correções no
folhêto que se imprimiu contendo
êsse discurso.

Aos nossos sócios e assinantes

A Legião dos Atenienses convida
todos os sócios em atraso das suas
mensalidades a virem, num curto
prazo, solver o seu débito, pres-
tando assim um indispensável au-

xílio para o *Ateniense* poder circu-
lar com regularidade.

Sem o concurso monetário, mo-
ral e intelêtual da grande maioria
dos legionários a nossa construção,
longe de se consolidar tombará

Confiêmos em todos os nossos
companheiros e no verdadeiro sen-
timento de civismo acreditando
que nos não neguem a insignifi-
cante cooperação que se lhes pede,
para fins devôras nobilitantes.

A's pessoas a quem temos en-
viado o *Ateniense* e que se apressa-
vam a saldar as suas assinaturas
esprimimos aqui o nosso profundo
reconhecimento.

No intuito de regularizarmos a ti-
rajem da nossa revista solicitâmos,
com empenho a todos que a têm
recebido, desde o primeiro número,
e que ainda não pagaram as as-
sinaturas, a finêza de mandar satis-
fazê-las, para não nos vermos com-
pelidos a suspender-lhes a remessa.

Os preços das assinaturas são de
tal modo módicos (5\$000 para a ca-
pital e 6\$000 para fóra da capital)
que ninguem amigo da instrução e
que se interesse pelo desenvolvi-
mento intelêtivo de Atenas se recu-
zará cremo lo, a coadjuvar-nos.

Os nossos antecipados agrade-ci-
mentos, pois, a todos aquêles que
atenderem o nosso apêlo.

JOAQUIM LUZ tezoireiro.

SUMARIO

O nosso calendário.....	1	Voz interior.....	18
Discursos legiônicos ANTONIO		Rio Branco.....	18
LOBO -- (Recção do sr. António		Alcides Andrade.....	18
Viana de Souza, pelo sr. João Vitor		Discursos legiônicos:—ALUIZIO	
Ribeiro).....	2	AZEVEDO (Recção do sr. Joa-	
Passionais.....	8	Vieira da Luz pelo sr. João Vitor	
Fran Paxeco.....	9	Ribeiro).....	19
Lutar.....	11	João Lisbôa.....	36
Os pobres.....	11	Ser e não ser.....	36
Maria Amália Vaz de Carvalho	12	O nosso calendário.....	36
Traços criticos.....	12	Notas á margem.....	37
Na penumbra.....	17		

TIPOGRAVURA TEIXEIRA

— DE —

ALFREDO TEIXEIRA & COMP.

PRIMEIRO ESTABELECIMENTO NO GENERO DÊSTE ESTADO
Secção de Gravura Montada com as ultimas novidades do processo, está em condições de aceitar toda e qualquer encomenda concernente a gravura quimica, especializando-se os trabalhos em zinco, fotografar e os clichés a côres.

Uma das especialidades desta secção consiste no preparo de rotulos para fabricas, farmacias, mercearias, hotéis, carteiras de cigarros, cartões postaes, gravuras para reclamos, clichés para jornaes, e todos os trabalhos para o commercio, como cabeças de cartas, faturas, contas, etc.

PERFEIÇÃO, PRESTEZA E PREÇOS MODICOS

CASA NAZARETH

Rua Desembargador Cunha Machado, 42

ABREU & REIS

Dóces finos, sandwichts de fiambre, queijo e dóces; pastéis, etc.

Especial CALDO DE CANA, agua de côco e outras bebidas refrigerantes.

Esplendido salão de bilhares

Aceitam-se encomendas de dóces para casamentos, batizados, etc.

Contralam-se serviços de bar e confeitaria, para banquetes, ceias, etc.

Preços módicos, muito módicos.

Vendas unicamente a dinheiro á vista

Asseio irrepreensivel

BAR LULU'

(ANTIGO «GUÁPO»)

RUA DA CALÇADA, n. 9,

— DE —

LUCIANO NEVES

Gerente: ANTONIO LAULETA

Cerveja, Si-Si, Guaraná, Vermout, Wisky, Cacáu, Quinado e outras bebidas finas. Gelados de frutas, etc.

Dóces em calda e em massa, de diversas qualidades, á vontade do freguez. Pastéis, queijos de S. Bento, sandwichts, arroz doce, mingau de milho, etc.

Agua de côco, mamão, sapotis e outras frutas.

Cigarros das melhores marcas que vêm ao mercado, charutos finos etc.

VENDAS A DINHEIRO, A PREÇOS BARRATISSIMOS

ASSEIO E PRONTIDÃO

Casa GENTIL

GENTIL & CIA.

RUA DA PALMA, canto para a RUA CUNHA MACHADO

Teleg. «LABOR»

FAZENDAS, ESTIVAS E MIUDEZAS

COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

VENDAS A GROSSO E VAREJO

MARANHÃO



BRAZIL

O ATENIENSE

NUMS. 8 e 9

S. LUIZ DO MARANHÃO

ANO 1

MAIO E JUNHO — 1921



JOSE DO PATROCINIO

Quadro social da Legião dos Atenienses

PATRONOS

SOTÉRO DOS REIS	—JOÃO VITOR RIBEIRO
ANTÓNIO LOBO	—ANTONIO VIANA DE SOUZA
ALUIZIO AZEVEDO	—JOAQUIM VIEIRA DA LUZ
JOSE' DO PATROCINIO	—PITÁGORAS DE MORAIS
JOÃO LISBOA	—Djalma Fortuna
GONÇALVES DIAS	—Hilton Fortuna
ARTUR AZEVEDO	—José M. Reis Perdigão
EUCLIDES DA CUNHA	—Edmundo Calheiros
J. MARANHÃO, SOBRINHO	—José de Pádua Fortuna
VESPAZIANO RAMOS	—João Guilherme de Abreu
ALCIDES FREITAS	—Deolindo Couto
ANIZIO AUTO DE ABREU	—Walter Spíndola e Silva
JOSÉ DE ALENCAR	—José Mata Rôma
RAIMUNDO CORRÊA	—José dos Santos Carvalho
J. GOMES DE SOUZA	—Boanerges Neto Ribeiro
CANDIDO MENDES	—Oton Melo

SOCIOS HONORARIOS

José Eduardo Teixeira de Souza, Henrique Coelho Neto, José Ribeiro do Amaral, D. Helvécio Gomes de Oliveira, Domingos Afonso Machado, Aquiles de Faria Lisboa, Júlia Lopes de Almeida, Manoel Fran Paxeco, Alberto de Oliveira, José Francisco da Rocha Pombo, Medeiros e Albuquerque, Godofrédo Mendes Viana, Júlio Dantas, Domingos Quadros Barboza Alvares, Clóvis Beviláqua, Justo Jansen Ferreira, João Ribeiro, Afrânio Peixoto, José Luso Torres, Alfredo de Assis Castro.

SOCIOS AUXILIARES

Senhoritas Maria Carolina Botelho de Andrade, El-Zuila Souza, Noémí Souza, Mariêta Fortuna, Esveraldina Fortuna, Luíza Viana, Raimunda Aze-

vêdo, Raimunda Vasconcelos, Circe Castro, Creuza Castro, Henriette Bricolte, Francisca Domingues da Silva, Maria Celina Pessôa de Holanda, Conceição Parga Bâtista; sras. d. d. Corínia Caldas Dias, Estér Fortuna Pires, Raimunda Souza Ribeiro, Zila Páís; senhoritas Adelaide Kerte, Esmeralda Kerte, Lucrécia Kerte, Diná Teixeira, Amélia Macieira, Odila Berniz, Odéssa Berniz, Zélia Campos, Zuila Bertrand.

DIRECTORIA

Fran Paxeco, *presidente*; João Vitor Ribeiro, *vice-presidente*; João Guilherme de Abreu, *1.º secretário*; José dos Santos Carvalho, *2.º secretário*; Joaquim Luz, *tesoureiro*; Walter Silva, *bibliotecário*; Mata Roma, *orador*.

Suplentes;—Rúben Almeida, Nestôr Madureira, José Zoroastro da Silva Vieira, Clemente Guedes.

⇒ SUMARIO ⇒

O centenário.....	1	<i>sr. Joaquim Vieira da Luz</i>	14
Heureux anniversaire.....	2	Guerra Junqueiro.....	22
O três de maio.....	2	D. Francisco de Paula e Silva..	22
A barrajem	9	Sôbre um leito.....	23
Traços críticos.....	9	António Lobo.....	24
Tiradentes.....	18	Descrença.....	24
Discursos legiônicos: — José do		Lucídio Freitas.....	25
PATROCINIO—(Recção do sr. Pi-		Paulo Barrêto.....	25
tágoras Gonçalves de Moraes pelo		Notas	25

MAIO E JUNHO DE 1921

O centenário

Decorrem frios, em todo o Brasil, os propósitos de celebrar o primeiro século da independência. Estas comemorações obrigam a largos dispêndios, ligando-se os legítimos aos superfluos. A crise monetária veio tolar uns e outros.

O Maranhão, que se impôz ao conhecimento geral, cá dentro e lá fóra, pelo seu arrôz e pelo seus algodoads, no domínio laborista,—escudando-se nesta base imprescindível, grangeou fóros mais altos,—os literários. Estes asseguraram-lhe um conceito superior àquele, porque dimana do espírito. Os produtos da matéria esvaeem-se depressa. E o caso local confirma a regra. Por desventura, o declínio foi duplo. Fenômenos indissolúveis, através das épocas, vêem-se em qualquer parte.

Mas o que nos interessa sobremodo, agora, adstringe-se ao Maranhão intelectual. Neste sentido, formulam-se diversos projéto. Consta que o governo tenciona confiar êsse capítulo das festas rememorativas á nossa academia de letras. Ha nisto um rasgo de acerto, pois que nenhuma outra colêctividade, aqui, em tal assunto, possui a sua categoria.

A *Pacotilha* já se ocupou do problema, que reveste uma importância muito maior do que se imagina. Não basta que figurem, nesse vasto balanço duma faina de cem años, os escritores. Julgâmos preciso que se lhe alie a dos professores. Para ser completo, parece-nos indispensável que os estudos reunidos pelo congresso pedagógico, realizado nos começos de 1920, se imprimam com a devida prestêza. Muito elucidativos, quanto ao aspêto subsidiário, aplanariam o resto da tarefa.

A face propriamente mental da comemoração antolha-se-nos complexa. Querem uns que se editem inéditos,

outros que os republiquem os livros dos homens representativos. O articulista da folha referida opina por prêmios aos que redijam monografias alusivas ás individualidades máximas e que se elabore um trabalho de conjunto sôbre a literatura maranhense, terminando tais iniciativas por uma boa antologia, idéntica á do sr. Agostinho de Campos, sôbre os autores portuguezes, e á dos srs. Constâncio Alves e Afrânio Peixoto, acêrca dos brasileiros.

Frisa-se o vivo caráter popular da celebração, com fundadas razões. Nem se compreende que, tratando-se duma obra de civismo, se afaste dela a grande massa anônima, supostamente inculta, confinando-se o labor nos reclosos gabinetes dos instruidos. Entendemos que nos cumpre cooperar em comum, fornecendo cada qual uma parcela do seu esforço, ainda que seja mínimo.

Ha inéditos, entanto, que se não devem perder. Citaremos, entre outros, a versão da *Odisséa*, por M. Odorico Mendes. Alguns escritos, quase inéditos, porque andam esparsos, como os de Celso Magalhães, em nosso poder, também merecem a fôrma livreca. Acontece o mesmo ao *Guêza*, de Souzaandrade, cheio de variantes, e acrescentado, que salvâmos de um inteiro naufrágio, em que se submergiu, além de várias peças, uma autobiografia do insigne helenista e poeta. Lembraremos ainda as investigações de Nina Rodrigues, dispersas em revistas e opúsculos.

Conviria, de igual maneira, organizar um dicionário do estado, ampliando o de César Marques, mas conferindo-lhe a moderna feição de enciclopédia. Existem os elementos necessários. Pede-se ainda, num tom de súplica, o preparo da carta geográfica, do compêndio correlato, duma história econômica e social do Maranhão. Obtiveram-se, para a primeira, com o congresso de lavradores, numerosos auxílios informativos. Para

a segunda, tendo em conta as normas eruditas, requer-se um critério metódico, apto a extrair dos factos quanta luz êles comportem, no tempo e no espaço. Sobejam as fontes de consulta.

Não será difícil, havendo um pouco de vontade, e a horas, aprontar as contribuições que indicámos.

Heureux anniversaire

«Christus vincit, Christus imperat,
Christus regnat. Alleluia!...»

*C'este le beau mois de Mai! C'este le mois
[de Marie!
Et le troisième jour de ce temps enchanté,
Deux fêtes, unissant Religion et Patrie
Emplissent nos esprits et nos cœurs de clarté:*

*«Invention de la Croix!» Découverte bême
Dont sainte Hélène a pu nous donner, la
[beauté!...
Votre immortel Cabral, au péril de sa vie,
Délivre le Brésil de son obscurité.*

*An 1500! Date à jamais impérissable,
Puisque au monde étonné s'ajoutait un
[vocable,
Expressif par lui seul: BRÉSIL terre de feu!*

*«Vera Cruz» productif! «Santa Cruz»
[d'espérance!
Et depuis ce 3 Mai, de sublime alliance
La Croix et le Brésil nous font mieux sen-
[tir Dieu!*

HENRIETTE BRICOTTE.

O três de maio

(CONFERÊNCIA FEITA, NESSE
DIA, EM 1921, PELO LEGIONÁ-
RIO RÚBEN RIBEIRO DE AL-
MEIDA)

I

Quando, mais uma vez a gente volta a última folha dos «Lusiadas», o que se sente, o que nos surpreende e aturde, o que nos admira e empolga até ao máximo não é a uniformidade sonora do seu estilo impecável, nem é a opulência raja-

desca dos seus versos de oiro, nem ainda a cadência canóra das suas rimas suaves, nem tampouco o fausto portentoso da sua imaginação de artista. O que, mais uma vez, nos estarrece e deleita levando-nos quase ao êstase literário, é o entranhado patriotismo que de todo êle transpira, da primeira á página final, em cada canto e em cada estância, em cada período e em cada verso

O patriotismo é, com efeito a nota predominante, o «facies» primordial da epopéa latina. O poeta fala da sua nação, já não digo como se falasse de si mesmo mas da mais idolatrada pessoa da sua familia. O amor de mãe, ali, está perfeitamente confundido no amor da pátria, porque de logo se palpa que para o poeta, pátria e mãe são vocábulos que se completam e se identificam. Ana de Sá, nome da genitora estremeçada, e Portugal, «santo nome da pátria», no dizer de Saint-Lambert, eram palavras que para Camões, possuíam o mesmo sentido e á fé vos confesso que em dificuldades me acharia para me responder a quem mais amou, porque o tenho, para mim, como o génio transmigrado de um grego ou romano, antigo egoista no seu patriotismo até á avarêza, mais ciumento talvez de si mesmo do que da própria mulher...

E quando um dia amargo, passou pelo golpe rudíssimo de perder aquela, o poeta não chorou largo tempo a sua desdita, porque cedo reconheceu que não ficára de todo órfão do materno afêto. — porquanto, se perdera a mãe mortal de sangue, lhe ficava a mãe imortal de espírito, na qual, viva, continuava a palpar a chama sagrada da que, com tamanha ternura, o dera á existência.

Notai sras e srs, se porventura, ainda nisso não puzestes reparo o poeta fala de tudo quanto se refere á sua terra querida. Vêde que não é artifício enganoso, mas a linguagem espontânea e simples, que brota dos lábios filiais para os ouvidos maternos.

Aqui, ao iniciar o seu poema soberbo, são

*As armas e os barões assinalados,
que da ocidental praia lusitana,
Por mares nunca dantes navegados
Passaram ainda além da Taprobana.—*

Mais adiante, é

*...o peito illustre lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram:*

Ali, é a

*...bem nascida segurança
Da lusitana antigua, liberdade.*

Acolá, enfim, ainda no canto primeiro:

*...um novo exemplo
De amor dos pátrios feitos valerosos,*

Amor da pátria, apressa-se a esplançar o poeta,

*...não movido
De prêmio vil, mas alto, e quase eterno;
que não é prêmio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.*

E assim, a cada volver de página, encontraremos sempre, ás mancheias, pródigas, palavras carinhosas, para a sua terra e para a sua gente para o seu rei e para a sua história.

Pois bem, sras. e srs. é esse poeta, eminentemente patriota e sincero, quem no lo conta, com olhos de vidente habituado aos mistérios subtis da natureza, as aventuras dos seus «fortes portuguezes». É ele quem magistralmente no lo narra — e bem se vê que a narrativa foi sentida no canto V, o episódio quicá mais belo de todos, o episódio do gigante Adamastor.

Das alvíssimas práias de Belem, partira Vasco da Gama, com os seus homens e as suas náus empavezadas, vélas pandas aos galernos ventos, corações a trasbordar de esperança e o espirito beduinamente sequioso de glória e de renome, rumo do Boa Esperança. E «já cinco sóis eram passados», quando, de entre a nuvem «temerosa e carregada», que tão otimamente nos

descreve, em estâncias que guardá-mos de côr (e é esse, á justa, o melhor título do seu valor), começam a desenrolar-se as fórmias do gigante, que, no instante, só em Ródes achou comparação.

E o gigante principiou a falar, como o rei Lear, da tragédia shakespeareana, como o Edipo, da legenda egícia, ou como o Tupí, do poemêto gonçalvino lançando imprecações e anátemas, blasfémias e castigos, queixas e apôdos, contra os que lhe vinham perturbar o sono de pedra, em que o transmudára Zeus, quando foi do seu arrôjo, na escalada olímpica.

Nessa fala ciclópica, que era um compêndio de ódios e despeitos, invéjas e temores tudo fez o titan, para desvanecê-lo do seu intuito. Pela sua bôca, cioso do feito sublimado nas fábulas remotas, manifestava-se Baco, o invejoso, conspirando os deuses para uma vindita

*...Oh gente ousadas, mais que quantas
No mundo cometeram grandes coisas.*

Apostrofou o Adamastor, encolerizado. Inúteis eram, porém, todas as suas ameaças. Os ventos e borrascas desmedidas, que assegurou o castigo que prometeu á primeira armada que por êle ousasse passar, a vingança que jurou ao seu bravo descobridor; os naufrágios e perdições de toda a sorte, que garantiu para cada ano, e as demais desfórras que enumerou — longe de esmorecer os portuguezes, ainda mais lhes acirrou o desejo da afronta. E assim os tivemos, esplendidamente formosos, sorrindo ao monstro, enquanto as suas náus, de altas prôas erguidas, singravam de quilha a Melinde, pelas águas revôltas do Indico.

¿ E que vem a ser, afinal, haveis de perguntar, que significação esotérica terá esse Adamastor de granito, posto como ataláia pelásgica, no extremo sul do coração africano? ¿ Por quê essa revólta, por quê essas conspirações, por quê tantos empelhos ao santo desejo de correr os oceanos?

E' que os «Lusíadas», epopéa cujo alvo era a narrativa e o elogio dos feitos portuguezes, como a *Odisséa*, os de Ulises, a *Ilíada*, os de Ilion, a *Eneida*, os de Enéas, com ostentar, tais estas, uma vasta dóze de mitologia, para obedecer aos cânones da época; ostentava tambem uma imensa dóze de verídica

Dispam-a, contudo, de toda a sua roupagem fabulária, de todos os seus deuses, mitos e ficções, e te-reis ainda os «Lusíadas, intactos, menos belos de certo, pouco poéticos, talvez, mas sempre sinceros, sempre patrióticos, mesmo nas suas minúcias.

Todos sabemos que a viagem á Índia neles descrita, com os mais fortes coloridos, não a elaborou Camões, sendo capaz de fazê-lo, apenas com os puros recursos da sua imaginação privilegiada. Ele mesmo a realizou, no frágil barinel *S. Bento*, recordando assim as derrotas dos seus antecessores os heróis do Algarve, quando metiam a prôa das suas caravélas a bússola em rumo do ignôto, repleto das mais incríveis surprêzas como das mais dolorosas decêções. Assim, de volta á pátria, tudo quanto escreveu, quer no seu poema, quer nas suas sátiras acérbas, trazia um alto cunho de verdade. E, viajando junto dos rudes marinheiros compatrióticos, buscava tornar-se confidente das suas apreensões e cuidados, crenças e pensamentos. Eles, insuspeitos, transmitiam-lhe as lendas infantís de ilhas, que vogavam, sôltas, pelos mares solitários; doutras que, espavoridas, fugiam ao navegante, que se esforçava por se aproximar delas, de ninhos de serpes e dragões incandescentes, conservando, como nos cantos de fadas, preciosos tesoiros escondidos; de seres mirabolantes que surgiam, alta noite dos báratros oceânicos, para conduzi-los á perdição e; sobretudo, das sereias, aqueles híbridos de peixe e mulher, cuja voz, de tom nostálgico e dolente, revelava o condão feiteiceiro de hipnotizar os olhos e narcotizar os ouvidos, arrastando-os, insensivelmente

adormecidos ou ébrios para cima de fatais escólhos e parcéis.

Depois o Adamastor é um símbolo. Como Edipo, de quem afirmaram os deuses, pela frase superna dos oráculos, que seria, ao mesmo tempo, o mais sábio e o mais infeliz dos humanos, mercê da sua grande inteligência que o induziria a decifrar o enigma esfíngico — assim, aos portuguezes, Edipos medievos pela decifração do torturante, enigma atlântico — o caminho da Índia, e tava reservado concomitantemente, a maior sóma de glória e felicidade mas tambem de ódios e vinganças, esconjuros e maldições..

II

Símbolo que seja parece adequada aqui, no instante, a sua revivescência, nesta prosa incolôr, em que se procura abordar um tema tão augusto, qual o do descobrimento do Brasil.

Dizer, de facto, como êle se passou, relembrar as suas peripécias, descer a pormenores mesmo que fôssem os mais interessantes, seria apenas crescer de uma, e esta infeliz, as muitas e formozas páginas que, acêra do mesmo assunto se teem produzido.

Entrar em discussões estéreis sobre as seus pontos duvidozos forcejando, por exemplo, em descobrir se a fróta ancorou em Pôrto Seguro ou na práia Cabrália, ou se competiu a André Gonçalves ou a Gaspar de Lemos levar a missiva de Caminha, seria tão ridículo e absurdo como se alguém que tecendo a biografia de um homem célebre, entrasse em considerações quanto á côr das meias usadas pelo mesmo, em criança ..

Tirar-lhe, por outro lado, a importância devida, sob o pretêsto de que não fôram os portuguezes os seus verdadeiros descobridores e sim os espanhóis, teria guarida aqui, se o nosso objetivo consistisse em apurar privilégios de conquistas ou revindicações, ou se quizessemos demonstrar que houve, no caso, usurpação de direitos, o que,

de todo em todo, se não encontra nos livros. Além disso, a palestra não pretende ser uma lição de história pátria. Quem a lê, está plenamente convencido de que não a faz a alunos e sim a entendidos na matéria, pois não perdoaria que, entre os presentes, alguém houvesse que lhe desconhecesse, quando menos os traços gerais . .

Pelo que se depreende, ha motivos para se tratar do acontecimento, não por modo restritivo, como um impreciso facto insulado, mas com aquele patriotismo universal que nos aconselha o bizarro Latino Coelho, agregando o á série dos descobrimentos, e esta, por seu turno, á série dos factos que reunidos, cauzaram esse período lindissimo, a que chamâmos a Renascença da Európa.

Na verdade, a viagem de Cabral em si mesmo, é de uma pobreza lastimável. Nada de interessante. Nem um naufrágio, consoante na de Gaspar Côrte Real; nem uma tempestade, tal na viagem de Bartolomeu Dias; nem uma rebeldia a bordo, conforme na de Colombo; nem uma surprêza, como na de Magalhães. Deslizou tudo num mar de rosas.

De tal maneira é singela que a podemos resumir em quatro palavras: partida de Lisboa, a 9 de março de 1500; passagem pelas Canárias, a 14, e por Cabo Verde a 22; chegada ao Brasil, em 22 de abril. O resto, que a enche, não é a jornada. São os antecedentes ou consequentes.

Englobai a, porém, ao estenso périplo africano dos portuguezes e ao não menor, occidental, dos espanhóis, e vereis como ela, na apparencia simples, contribuiu poderosamente para a fama immediata dessas duas potências. Vereis como as nações europeas, a que passava despercebido o viver desses dois povos ibéricos, agora lhes apontam, pasmadas, os seus olhos gulosos de cobiça, invejando já, odiando essas duas expressões geográficas, arvoradas em senhoras do mundo, em Romas modernas. E por que meio?

Pela perseverança e bravura dos seus filhos.

Compreender-se-á assim, sob esse ponto de vista, que o episódio de Adamastor não é apenas portuguez. Abrange tambem o espanhol e, ainda, o normando. Difunde-se, enfim, a quaisquer gentes que visionavam no mar o caminho da glória.

O símbolo, aliás a «sublime invenção poética», no conceito dum crítico, não se imaginou tão só para a epopéa lusónia, se bem que para ela se escrevesse especialmente, mas para todas as epopéas de todos os paizes que se fizeram navegadores

Tanto mais que essa falta de interesse notada, ainda ha pouco na viagem de Cabral, diz respeito ao seu trajeto até ás terras de Santa Cruz. Porque, daqui para o seu destino evidenciou-se das mais accidentadas possiveis. Ora acompanhai-nos

A 2 ou 3 de maio de 1500, segundo Caminha, ou as *Décadas* dos 11 navios, com que Cabral zarpára de Lisboa, 11 agora se despediram de Pôrto Seguro. Uma horrorosa tempestade, sobrevinda no famoso cabo da Boa Esperança, desgarrar os navios, depois de os entrechocar, afundando, sob as suas vagas em fúria, aquele onde vinha o seu descobridor--Bartolomeu Dias. E assim morria o herói, com um sorriso talvez de triumpho espedido ao rei morto, que tão profundamente o contrariára, mudando lhe o nome de Tormentório.

De novo juntas, em Sofala, as seis náus restantes chegaram a Calecute, em cujo samorim encontram aquele mesmo chefe avaro e traidor que Gama nos patenteia. Seguindo as instruções do monarca, montou-se uma feitoria, entregando-a a Aires Corrêa Gaspar Corrêa ambos degredados, com os seus homens pelos féros muçulmanos, que assim se vingavam do apresamento dum navio árabe, feito por Cabral, ao que este respondeu, dando ao pôrto o espetáculo fantástico de incendiar 15 náus dos piratas. Casou-se, a esse clarão o bombardeio da cidade e o morticínio dumas 500

peçoas. De Calecute, partiu Cabral para Cochim, perdendo no caminho, a náu de Sancho de Tovar, daí para Cananor, onde os respetivos rajás o receberam com as mesmas mostras de simpatia, dispensadas a Vasco da Gama.

A frota estava reduzida a quatro náus, e destas ainda uma se desgarrou noutra borrasca, ao dobrarem o Cabo da Bôa Esperança. Em Cabo Verde, reuniu-se-lhe a de Pero de Ataíde salva na aguada de S. Braz e no pôrto de Bezeneque a de Pedro Dias, que se criam perdidas. E desta fórma, desmastroadas e trôpegas, triste como numa tarde aziaga, a 23 de junho de 1501 Lisboa assistiu ao regresso de quatro dos 13 soberbos navios de Cabral, que um ano, quatro mezes e catôrze dias antes vira fazerem-se ao largo

O primeiro gesto foi de alegria. A cidade inteira alvorotou-se, quando soube que entrava a barra a esquadra de Cabral. Mas essa alegria logo se transmudou em desalentada indiferença e mesmo indignação, ao ver as náus e compreender a sua odisséa.

O povo, nestes instantes, não tem piedade. Em vêz de aclamá-los, aos bravos, pelo triunfo e palpar, no esfacêlo das caravêlas, um motivo para orgulho, pensou que vinham da Índia e deviam de trazer opulências. Mas levá las iam, se fôsem as dôze! De sorte que, naquella hora dolorosa para o almirante, ninguem lhe recordava o feito do descobrimento de Santa Cruz, cuja notícia, há mezes chegada, revolucionára a capital.

No meio do cortêjo de fidalgos e povo, que o acompanhou até ao paço, — «silencioso e grave como um combóio funerário», seguiu Cabral a informar o rei da sua empreza. E depois de narrar, humilhado, os seus insuccêssos, citando a morte de Bartolomeu Dias e Simão de Pina, Sancho de Tovar e Vasco de Ataíde, houve um minuto em que o soberano, visivelmente aborrecido, o admoestou:

Vejo que só de mortes me falas. As tuas notícias são um amon-

toado de desastres.

—E mais valera, senhor, objêtou o almirante, que eu também ficasse, varado naquelas práias ou sepultado no mar; não tinha agora as amarguras que estou sofrendo

E' que, sras e srs., as esquadras, como os exércitos, teem a sua manhã como teem a sua tarde, o oriente como o poente, o nascente como o ocaso, a vitória como o desbarato. A manhã é o brilho das fardas, o reluzir das armas a brancura das vélas o asseio das náus, a ordem, a disciplina. A tarde é a negação de tudo isto: é o sujo, o sangue, a pólvora, os gritos de maldição, os naufrágios, as correrias e como ponto final a crítica, a zombaria, a chufa da canalha. Se isto é uma verdade Cabral teve a sua manhã, teve a sua aurora nas terras de Santa Cruz—e teve a sua tarde, teve a sua noite nas terras malsãs da Índia.

Mas voltou, e a sua volta, sendo uma humilhação foi um triunfo: sendo uma derrôta, foi uma vitória.

Quando êle não tivesse, porém, uma fama tão grande, como a de Colombo, quando não tivesse curtido naufrágios como Bartolomeu Dias, quando não tivesse tanto valor como Vasco da Gama, quando não sacrificasse a vida á pátria, como os Córtereais, quando não tivesse nenhum dêsses gestos, que os teve, um, pelo menos, lhe não pôde ser negado. Foi quando, pisando a nossa terra americana, a instâncias dos seus comandados, que o queriam forçar a conduzir para a metrópole alguns selvajens livres, respondeu com uma frase própria de um nobre — que a «palavra, que devia noticiar a el-rei D. Manoel um importante descobrimento, não devia, ao mesmo tempo, anunciar-lhe a violação de hospitalidade».

Essa resposta definiu o navegador. E, muita embora os inimigos graciosos, que em casos tais sóem aparecer, lhe procurem deslustrar o nome, cobrindo o de apôdos, nós, brasileiros, haveremos de louvá-lo, cada vez mais, cobrindo-o de bênçãos e gratidão.

III

O século XV, na Európa, como toda a idade média, foi uma quadra de trevas, tão profundas que os historiadores dos séculos por vir hão de considerá-la tão estúpida que, recusando-lhe crédito histórico, a relegarão para o ról imprestável dos mitos e legendas.

Custa, sem dúvida, a perceber que, após haverem a Grécia e Roma assombrado o mundo com as suas maravilhosas civilizações, elevando, a primeira, as suas especulações filosóficas até aos mais abstratos problemas do pensamento, e a segunda fornecido uma base social, calcada no direito, e uma agudêza de vistas que lhe conferiu o cognome orgulhoso,—custa a perceber que, após épocas tão brilhantes e saúdozas, em que se pôde apontar, naquella, um Sócrates, e nesta um Vergílio, a humanidade caisse em brumas tão espessas como se não depara símiles nas suas irmãs, porque, se o permitem ao adorador impenitente do passado, foi sob aqueles dois povos que o mundo assistiu ao rúbido raiar do seu século de ouro, perdido, para nunca mais...

¿ E que vemos, depois do seu eclipse? Um infinito de hipócritas, arvorados em papas, a discutir puerilidades, como, p. ex., a maternidade divina da Virgem ou a unidade de Cristo; outros, a bradar, posséssos—; Deus o quer!, aos infelizes cruzados, incitando-os ao que chamavam a guerra santa, como se estas palavras se não repelissent e se o seu deus fôsse um Moloch passional e vingativo, a exigir holocaustos humanos, para a tórpe satisfação carnal de instintos grosseiros, sensuais...

Irrisória em vários casos, na maioria profundamente triste, a idade média revela-nos, como caraterística fundamental, a cavalaria, que o génio espanhol de Cervantes tão bem satirizou, época em que, á falta de occupações, os fidalgos ignáros se vestiam de ferro, e aos seus cavalos, numa conjunção esquisita, e saíam, campos a fóra, á procura de pretéstos fúteis, e fáceis de encontrar, para os seus duélos desiguais, indignos.

E' a época em que se estabelece

um regime totalmente absurdo, como êsse do feudalismo, em que suzerano e vassalo se unem num indissolúvel pacto, para o qual o último concorre com o seu trabalho, a sua defêza, a garantia do seu auxílio, até a própria vida, e o primeiro, o fidalgo, se contentava com uma simples promessa de proteção. E' a época em que um Pepino, o Breve, usurpa descaradamente, aos lombardos, os seus territórios gregos e os cede ao catolicismo, para o seu património, esquecendo-se de que a sua missão deve ser apenas espiritual e de que o seu fundador jamais cuidou de se prover para o dia seguinte...

E' a época em que a deusa Tortura das *Metamorfoses*, de Ovídio, se corporifica e baixa á Terra, sob a figura negra e nauseante de Arboês, cujo maior prazer, para os olhos, era presenciar o incêndio de crianças, agarradas ao cólo das mães, e, para os ouvidos, o sêco e macabro estalar de ossos deslocados, partidos. E' a época em que, debaixo da fórmula governamental das comunas, se torna de novo, com pequenas variantes, ao servilismo da turba romana. E' a época, alfim, em que, como opposição a toda essa miséria, a história pôde apenas registar a fundação da universidade de París, ou a elevação, para as alturas, da catedral de Amiens, traindo, no gótico do estilo impecável, a mão do artista sonhador, e a promessa de melhores dias para a Európa.

O legendário Guilherme Tell, dos suíços, compelido por Gessler a cortar, com uma seta envenenada, a maçã que puzeram sôbre a cabeça do filho inocente, simboliza essa tormentosa idade média, em que se desencadearam as mais fortes paixões e se saciaram os mais cobardes apetites.

A humanidade estava farta de sofrer. Impunha-se-lhe, sem tardança, uma eficaz e pronta reaçãõ, não de palavras, nem de planos abstratos, mas de feitos concretos, de atos e de exemplos: E o génio humano, o Homero europêu, tão bem se compenetrrou dessa necessidade, que ela se fez sentir, de mil maneiras, ao mesmo tempo, e todas elas singulares. A França aperfeiçoa o invento dos chinêzes ou gregos, como queiram, apresentan-

do as suas colubrinas; os arabes preparam a bússola; os alemães do Réno geram a «ave da imprensa».

Que poderia fazer Portugal? Qual o seu concurso, nessa exposição de habilidades e bravuras? Portugal, pequenino, como expressão geográfica, retido, como a Fenícia, entre as montanhas e o oceano, entre a terra e a água, que parte se reservaria, nessa grêi de nações?

Ah! Portugal soltou aos mares misteriosos os seus barinéis, errando, quais alcíones, á mercê das vagas, sujeitas, como elas, ao capricho dos ventos e tempestades, mas chegando, também como elas, a pôrto feliz, para, de regresso ao ninho, colher a certeza de que tomara parte na tarefa, e de que o seu quinhão não fôra dos menores.

Mesclam-se êsses acontecimentos no himineu mais curioso de quantos já nos deram a observar. Dêsse cadinho titânico de invenções e descobrimentos, em que o homem andou guiado como pela dêstra de um imenso deus benfazejo de um Ormuz medieval, surge então, na Itália, uma família de eleitos. De Florença, o seu pensar sacode a Itália toda e invade a Európa quase inteira. E' aí que um Tasso, no canto primeiro da sua *Jerusalem libertada*, reconhecendo a vanêza dos séculos transatos, invoca a sua musa e lhe diz:—«Tu sabes que o homem corre a enervar-se, com as venturas da Parnaso; sabes que a verdade, adornando-se das graças da poesia, conduz e subjuga os mais rebeldes corações. Assim, apresentâmos a uma criança enfêma os bordos dum vaso cheio dum dôce licôr, felizmente falso. Ela bebe sucos amargos—e deve a a vida ao seu êrro».

A Renascença foi, de facto, a primavera das nossas modernas idades, o maio em flôr do calendário humano. Dela, como sínteses, poderemos destacar—na da arte, Miguel Angelo; da poesia, Camões; da prosa, Montaigne; Erasmo, do humanismo; Lutero, da Reforma; Copérnico, da sciência. Mas, para que Copérnico batalhasse pela hipótese de Galileu; para que êsse genial Montaigne compuzesse os seus definitivos *Ensaio*s; para que Lutero se insurgisse contra os dógmas pre-

tensiosos; para que Erasmo elaborasse o *Elogio da loucura*; Miguel Angelo ideasse o seu Moisés e Camões escrevesse os seus *Lusíadas*—foi preciso, justamente, que todos os eventos atrás mencionados se casassem em harmonia, pois que êles são simples frutos das navegações e conquistas. Fruto da Renascença é, ainda, a existência de um paiz rico e formoso como este em que habitâmos e cujo descobrimento comemorâmos. Mas fruto duma árvore cujas raízes se fixam nas bandas de além-oceano e cujos galhos se difundem, viçosos, pelos quatro cantos do globo, dando sombra e descanso, fartura e alegria.

«Terre promise!» exclamou o insigne estadista francêz Paul Doumer, ao proferir um discurso em Coritiba (1907). Sim! terra prometida, terra da promessa, da qual é justo acariciar o sonho de que se converterá numa nova Canaan, para onde os Moisés futuros hão de guiar os êxodos formidáveis dos povos, quando se abarrotar o limite das terras em que nasceram...

Vítor Hugo, como se, pela sua bôca divina, falasse um vidente da estatura do bíblico Daniel, teve conceitos, para o nosso torrão, que valem por uma profecia:—«Haverá, no século XX, uma nação extraordinária. Esta nação será grandiosa, o que não obstará a que seja livre. Será illustre, pensante, rica, pacífica e cordial, para com o resto da humanidade. Terá o aprumo de uma irmã mais velha, posto que seja a mais nova».

Tal o fruto da árvore de além-mar. Pois bem. No dia em que êsse fruto se festeja, não se poderá, de modo nenhum, esquecer a árvore que o produziu—e para ela devem dirigir-se as nossas bênçãos. Eis por que espero indulgência de vós todos, por ter vos falado mais de Portugal do que mesmo do nosso Brasil. Eis por que iniciâmos a nossa oração, evocando o gênio da nossa raça, para finalizá-la com os olhos fitos no seu estupendo vulto.

E se um dia, no Passado, se consentiu a Vasco da Gama ouvir, saída do seio das vagas, a voz estentórica dum gigante, imprecando:

Oh! maldito o primeiro que, no mundo,
Nas ondas vélas pôz em sêco lenho,

nós hoje, aproveitando-nos dos versos luminosos do poeta, repitámo-lo, mas transformando-o:

Oh! Bendito o primeiro que, no mundo,
Nas ondas vélas pôz em séco lenho.
Bendito!



A BARRAJEM

EDMOND ROSTAND

(TENTATIVA DE TRADUÇÃO)

Jamais me esquecerei, toda a minha vida,
Da história que Mangin, com voz surda e sentida,
Me narrou, entrecortando a frase de elegância:

— «Meus oficiais, senhor, seguiam-me a distância.
Nada têm que temer um chefe, — é o seu dever;
E havia dito: irei para que possa ver.
Meu bastão de comando alçado ao ar já tinha,
Quando um fogo violento esturje lá na linha.
Era a barrajem infrene!

Oh! quando eu lhe dissêr
Irei, pôde contar: — eu vou!

Eis meu mistér!
Só por cauza de um tiró além não prosseguier,
Nunca!

O estado-maior olhava-me a sorrir...
Avanço!

E, ao caminhar, desperta-me a consciência
Fazendo-me pensar do perigo á iminência:
— Porque devo avançar?

Será justo, afinal,
Que por orgulho só se esponha um oficial?...
— Ora, muitos irei deixar nessa barrajem...
— Delivre-me um instante e co' a maior corajem.
Senti que atrás de mim olhares fuzilavam;
Parei, com a luneta, olhando...

Fumegavam
Entre nuvens de pó, de areia e de fumaça,
Os caubões infernais de horrífica coiraca.
Distingui, através do espesso nevoeiro,
Correndo para nós, um joven mensajeiro.
Vinha de azul e rubro, em fúria tresloucada...
(Porque nossa culotte então era encarnada).
O fogo redobrava...

— Acalma-se o soldado.
— Para quatro sinais, sobre um papel lacrado
Trazer, fóra preciso um inferno de frontar.
Desabituaado ainda ao estrondo de espantar,
Hezilava.

Era móço. Um rosto arredondado
E rózeo. Ao vé-lo, assim, com ar amedrontado
Julgava-se um cobarde.

Os mais empedernidos
O joven ver passar temiam estarrecidos...
— Entanto, ele passou.

Como, não sei dizer!
Vimo-lo então sumir-se após e reaparecer.
Surgiu-nos do fumeiro um mízero esgarrado,
Audaz e cambaleante e que ao dever sagrado
Prestava seu tributo! E, tranzido de horror,
Bravo e feroz, olhar de fúria e de pavor,
Depois de ser herói como animal corria!...
— Ante si, de repente, ele viu que luzia
Nosso estado-maior.

(Não tínhamos então
Disfarçado os honês).

— Tomado de emoção,
O pobre mensajeiro a mim veio correndo.
Seu rosto apavorado em febre vinha ardendo!.
E arquejante, em soluço, a bravura e o seu medo
Narrava-me, a tremor; assim como um segredo...
— Tal ao braço paterno um filho se aconchega
Dizendo-lhe: «vés tu que fiz?» — Ele se chega
A mim; como se eu fóra um dezejado abrigo...
E esse pobre infeliz que, diante do perigo,
Sem respeito, abraçava assim um superior,
Eu o estreitei também, mostrando-lhe amor!...
E nenhum oficial ouzúra reprender
Esse joven abatido e humilde que a tremor
Colava-se a meus pés, como se fósse um crime
Mostrar-se fraco então, — éle que foi sublime!
— Eu olhava a batalha ao longe, mudo e grave,
Sentindo contra mim o palpitar suave
Daquêle coração... B, às vezes, contra o coiro
Da perneira, ao luzir do obuz num grande estouro,
Sentia o estremecer do corpo em convulsão!
E os braços me apertando!...

O' suprema emoção!
Devíamos formar um grupo singular
Que exército nenhum teria pra igualar!
— Contemplava o ascender dos róis de fumeiro
Que vinham da batalha em caminhar ligeiro,
E me quedava imóvel.

A's vezes, com doçura,
Para dar ao soldado a enérgica brandura,
E fazê-lo sair do horror que o amedrontava,
Sem que desviasse a vista, a minha mão baixava...
E pensativo sempre, e sempre com bondade,
Quando éle me estreitava aos gritos: — E' verdade
Que, apesar dêsse olhar severo e tão terrível,
Tu sabes bem, — ó tu! — o quanto isto é horrível?...
E comprehendes que eu seja um desvaído enfim?...
— Afagando-lhe a fronte, eu lhe dizia:
— Sim!...

Rio — abril — 1920

HILTON FORTUNA.

TRAÇOS CRITICOS

PORTUGAL E A GUERRA PENIN-
SULAR: — D. JOÃO VI NO BRA-
ZIL, por Oliveira Lima. 1908.

Pernambuco «decaíra da sua preponderância de capitania, que mantivera, com aristocrática bravura e aristocrática lealdade, a integridade do domínio português, na América. Estava, porém, na plena importância económica, sendo, por excelência, a terra do açúcar e do algodão». Sobressaía: — «No pôrto do Recife, ancoravam sempre muitos navios, incluzivê os que faziam comércio com a Índia portuguesa, transportavam negros da costa africana e traziam farinha de trigo, móveis e outras manufaturas dos Estados Unidos, levando, como retribuição, açúcar, melão e aguardente».

A cidade, de 25.000 moradores, em 1809, movimentava-se por um modo extraordinário. «A convivência, quiçá maior e mais agradável do que noutra qualquer ponto do Brazil, denunciava-se amplamente pela dança, música e jôgo, as suas espreensões habituais». As procissões e as festas de igreja «constituíam antes méras diversões». A vida monástica desprezara-se, trocando-a os rapazes pelo comércio, o exército ou qualquer outra profissão secular. «Eram, de resto, os frades os primeiros a não atribuir-se grande respeitabilidade, sendo mesmo o geral do clero reconhecidamente dissoluto».

Surge agora, neste radiante quadro, bem satisfatório de pormenôres, o Maranhão, cujo desarrôlo agrícola rompía os limites da capital. «Caxias, o antigo arraial das Aldeias Altas, contendo, no seu têrmo, 30.000 almas, e devendo a sua prosperidade á cultura do algodoeiro, iniciada, no século anterior, pela Companhia do Maranhão e Grão-Pará, e á energia dos seus habitantes, muitos dêles reinícolas, era um dos raros pontos florescentes do interior do Brazil: chegava a esportar 25 a 30.000 sacos, de cinco a seis arrôbas cada um. A capitania, toda ela, ou, pelo menos, a parte entre matas ocupada pelas fazendas, pelas missões, pelas igrejas e pelos povoados á margem do Itapecurú, dava uma certa impressão de abundância. A população orçava, como a da Baía, por 200.000 almas, almas cristãs, deve entender-se, porque das pagãs não se poderia fazer cálculo. Era S. Luiz do Maranhão um centro que se havia de revelar, breve, tenaz e violentamente luzitano, na côr política e nas tendências imaginativas». Spix e Martius observaram «a feição refinada e culta da sociedade local, distinguindo-se, em particular, o sexo feminino, pela sua independência mental e a educação esmerada».

Aqueles itinerantes, quando lhes permitiram a visita das alturas amazônicas, supuzeram ir devassar uma incôgnita. Até ali, o Brazil denotára-se-lhes bastante imperfeito. Mas existia, do sul ao norte, do litoral aos confins da floresta, «apesar das soluções de continuidade, a base duma nacionalidade, de algum modo homo-

gênea». Os povoadores da Amazônia computaram-se, no ano de 1820, em 83.500,—68.500 no Pará e 15.000 na comarca do Rio Negro. Descendiam de europêus, na sua maioria de origem insulana, salientando-se pela tranquilidade e ausência de paixões. Spix e Martius falam na «sua fleuma, a par da vivacidade do pernambucanô, do gênio prático da baiano, da fina urbanidade do maranhense, da cortezia cavalheirosa do mineiro, do humor bondozo do paulista». A borraça principiava a estrair-se. A ilha de Marajó já cultivava a indústria pastoral. Recorda o muito que Pombo executou, em favor de Belém.

O Brasil transmitia, em resumo, «então, como hoje ainda, a impressão de uma sociedade em formação, sem característicos acentuados e fixos. Fóra da estreita faixa da costa, e aí mesmo, dava, outrossim, a sensação duma terra que aguarda, para ser fecunda e cumprir o seu destino, o esforço do homem».

III

A organização do primeiro ministério chamou ao poder D. Rodrigo de Souza Coutinho, confiando-se-lhe as pastas dos negócios estrangeiros e da guerra, o visconde de Anadia, ao qual se entregou a marinha, e D. Fernando de Portugal, o vindiouro marquês de Aguiar, a quem se reservou a presidência do erário e o cargo de assistente ao despacho. «Passava D. Rodrigo, com razão, pelo principal corifeu do partido inglêz, formando, com Barca e Palmela, cada um no seu grupo, a trindade dos mais distintos homens de estado portuguezes, no primeiro quartel do século XIX». (*Obr. cit.*, 167-8). Preocupavam o espírito de Coutinho, no dizer de Oliv. Lima, as matérias económicas, á data na ordem do dia, influenciadas por Adão Smith e Turgot. «Não só trabalhava como fazia os outros trabalhar, obrigando todos os que o cercavam a multiplicar-se em prol da regeneração pública, e, para isto, repelindo os ociosos e os corrompidos. Sem as qualidades esteriôres, de sedução, de Barca e Palmela, era menos superficial e muito mais inteiriço do que o primeiro, muito menos cético e mais audaz».

do que o segundo. A superficialidade em questão deve, todavia, entender-se de opiniões, não de conhecimentos, pois que a variada instrução do conde da Barca era notória».

Esmiúça as prebendas com que João VI agraciou os titulares que o acompanharam e a gula que patenteavam. «A impaciência do regresso dava frenesim a êsses emigrados postiços, e de azedume os roêra, desde que tinham posto pé em terra». Mas, «sendo preciso dotar o acampamento com ares de côrte, mesmo porque ninguém podia prever o tempo que duraria a tirania do côrso sôbre a Eurôpa, trataram os nobres de mitigar as suas saúdaes, refazendo, em tudo e por tudo, a capital deserta, transformando o Rio numa cópia, por mais imperfeita que sempre a achassem, da querida Lisboa». Fundaram-se as mesmas repartições portuguezas, estabeleceram-se as mesmas instituições judiciárias, militares, escolares. Tornou-se livre a indústria, como livre se tornou o comércio, pela carta régia de 28 de janeiro de 1808. Com esta medida, lucrou, principalmente, a Grã-Bretanha. A agricultura também se emancipava. «De muitas, da maior parte das transformações, a que anda associado, no Brasil, o nome de D. João VI, e com que ficou assinalada a transferência da côrte portugueza, não é temerário dizer que foi Linhares o inspirador».—(*Obr. cit.*, 200).

Reformaram-se a policia, a tropa de linha e a milicia; melhorou-se o armamento; aumentaram-se as fortificações das fronteiras; aprofundou-se, pelo estudo, o conhecimento do terreno de embate eventual das forças militares.—Tentaram-se novas culturas, introduzindo-se novas plantas, criando-se, no Jardim Botânico, da lagôa Rodrigo de Freitas, um viveiro. Para difundir os vinhêdos, importaram-se 80.000 bacêlos. O chefe de divisão Luiz de Abreu, que foi prisioneiro de guerra, na ilha Maurícia—donde os navios francêzes saíam a depredar o comércio portuguez com a Índia e a China—, trouxe vejetais e sementes para o horto do Rio, como o abacate, a canforeira, a caneleira, a moscadeira.

Os hospitais adquiriram um confôr-

to superior, instalando-se uma casa de espostos. Os processos forenses tomaram prestêza. O correio estendeu-se a todas as capitânias. Encetaram-se os seguros contra fogo e naufrágios. Abriam-se livrarias. Regulamentou-se a catequese dos índios e o tráfico dos escravos. As finanças robusteceram-se, alargando-se o número de aduanas. Facilitou-se o movimento das embarcações, a armazenagem, o despacho das mercadorias, o pagamento dos tributos alfandegários. Começou-se a construir, nos estaleiros, não só barks mercantes quanto de guerra, a fabricar petrechos náuticos. Acolhiam-se benevolmente os que viessem dedicar-se á lavoura, professassem as artes liberais e mecánicas.

A capital aformozeava-se. A quinta da Boa Vista (S. Cristóvão), o Campo de Santana, o Rio Comprido, Botafogo, o Catete, a Tijuca, a Gávea, o Jardim Botânico, o Corcovado, a Lapa—desafiavam os olhares dos residentes e dos forasteiros. «A recompensa melhor do estadista, que os escritores estrangeiros, coévos, são unânimes em acatar e elogiar, coube-lhe, por certo, quando, no teatro do Tejuco, em pleno distrito diamantino, se celebrou a sua apoteóze. Chegava do morro do Pilar, a 25 léguas de distância, o primeiro ferro fundido, na fábrica ali erigida, pelo intendente dos diamantes, por ordem do conde de Linhares. Cavaleiros louçãos fôram ao encontro dos carros, puxados por juntas de bois, acompanhando-os, entre aplauzos ao príncipe regente, cuja effigie encimava os carros, no meio de várias alegorias á mineração, cornucópias de abundância, cyclopes batendo o ferro e um génio calcando a invéja».

Os gabinetes de João VI—tres ministros para seis pastas—indicam-nos, cada qual na sua órbita, as fazes das diferentes influências individuais, que predominaram no govêrno do Rio, de 1808 á 1821. «Os quatro primeiros anos, de 1808 a 1812, pertencem decididamente a Linhares e á sua febril atividade refundidora. Os dois anos imediatos são de incúria e descanso, após a lufalufa das mudanças administrativas, magistréticas e sociais. Cabem a Aguiar, que Marrocos irreve-

rentemente trata de cabeça de ferro, pelo que chama a sua difficil penetração, e devia antes dizer a sua difficil sensibilidade de ministro, e a Galveias, o *doutor Pastorinha* de D. Carlota, fidalgo de costumes desregrados, aos quais fazem aluzão as cartas de Mañrocós e diversos autores do tempo. Anadia falecêu, môço, no fim de 1809. Durante 1810, acumulou Aguiar o exercício da pasta da marinha, de que, em 1811, tomou conta o conde das Galveias, que, em 1812, igualmente recolheu a herança de Linhares, gerindo os tres ministérios, até morrer, em janeiro de 1814». Os anos de 1814 a 17 são os da volta ao poder de António de Araújo, conde da Barca. O período restante do reinado americano é preenchido pela figura do desembargador Tomaz António Vilanova Portugal. Este «pé de boi» foi substituído na direção da marinha, de que se incumbira, desde a morte de Barca, em junho de 1817, pelo conde dos Arcos, que governava a Baía. Vilanova sobraçou também a pasta dos negócios estrangeiros, té á volta, em 1820, do conde de Palmela. «Naturalmente, D. João VI via-se melhor compreendido por uns ministros do que por outros, e prezava-os mais ou menos, segundo o gráu de identificação das vistas respêtivas. Um ministro como Linhares, renovador—e, ao mesmo tempo, aferrado ao sistema absolutista, convinha-lhe particularmente. Ninguem, mais do que esse rei pusilânime, estimava levar por diante os seus projéto e possuía um geito, muito dêle, de fazer prevalecer a sua vontade, sem hostilizar violentamente a dos seus conselheiros, que conservava sempre enciumados e divididos, pâra mais facilmente governar». Saboreava a sabedoria do adágio.

Versa o cap. V sôbre a emancipação intelétual. Os jesuitas ensinavam, antes de varridos por Pombal, matemática elementar, gramática latina, filosofia, teología dogmática e moral, retórica. Conferiam aos alunos, concluído o curso, o diploma de mestre em artes. Que artistas! No Rio, quando lá aportou a família real, «o que havia de melhór, como estabelecimentos de educação», cingia-se aos seminários de S. José e S. Joaquim, inau-

gurados, em 1739, pelo bispo António de Guadalupe, que se fundiram em 1817. Preparavam clérigos e funcionários públicos, servindo, do mesmo passo, a igreja e o estado, «ensinando, pâra o que dêsse e viesse, latim e cantochão, especialidade, aliás, a última, do seminário de S. Joaquim, menos leigò e destinado a órfãos desvalidos». O programa dos estudos, no outro, abrangia gregò, francêz, inglêz, retórica, geografia, matemática, filozofia, teologia. Que salsada!

A instrução auferiu novas regalias, côm a transferência domiciliária da monarquia. Fundou-se, no hospital militar da Baía, um aula de cirurgia, e mais outra na casa congênere do Rio, «ambas com um curso de 5 anos, afim de formarem cirurgiões práticos». A introdução da ciência médica, no Brasil, ou, pelo menos, do ensino médico,—historia Oliveira Lima, deve-se a um pernambucano, o dr. José Corrêa Ricanço, depois barão de Goiana, o qual, após fazer estudos em Lisboa, os fôra completar a Paris, e aí se cazara com uma filha do célebre professor Sabatier, sendo, no regresso a Portugal, sucessivamente nomeado professor de anatomia e cirurgia na Universidade de Coimbra, primeiro cirurgião da família real e cirurgião-mór do reino. Manoel Luiz Alvares de Carvalho, baiano, formado em Coimbra, organizou, no hospital da Misericórdia, a escola médica do Rio, criada, como a da Baía, em 1808, a instâncias de frei Custódio de Campos Oliveira, leigo professo da ordem de Cristo, e cirurgião-mór do exército e armada. Uma terceira escola de medicina, prometida ao Maranhão, na carta régia de 29 de dezembro de 1815, nunca chegou a montar-se.

Instituiu-se uma Academia de Marinha, anexando-se-lhe, em 1809, um observatório astronômico, para uso da companhia dos guardas-marinhas. Implantou-se, em seguida, uma Academia Militar. Funcionára no Rio, desde 1699, uma aula de fortificação, e, em 1793, abrixa-se, no Arsenal de Guerra, uma aula, para o apresto dos soldados, os officiais de linha e das milicias. A Academia Militar, cujos lentes gosavam de privilégios idénticos aos de Coimbra, reüniu-se à Academia de

Marinha, em 1832-33, converteu-se na Escola Central, em 1858, e, afinal, em 1874, na Escola Politécnica de hoje.

A boa Aula de Comércio, no Rio, instaurada juntamente com a Academia Militar, acuzou maior matrícula. A inclinação mercantil sobrepunha-se á bélica. Regeu-a o professor José António Lisboa, o qual cursára matemática, no Colégio dos Nobres, em Lisboa, e, depois, visitára Paris e Londres. Existia, desde 25 de janeiro de 1812, um laboratório prático. A coleção mineralógica do barão Oheim, adquirida pelo governo, originou o Museu Nacional, por decreto de 6 de junho de 1818. Principiavam a reunir-se nele amostras de minerais e colêções de etnografia regional. Em Pernambuco, ondeha via, desde o bispo Azeredo Coutinho, um concorrido seminário de estudos secundários e eclesiásticos, um colégio de meninas e muitas escolas primárias, abriu-se, a 6 de junho de 1814, um curso de matemática, recitando o discurso inaugural o dr. António Francisco Bastos, opositor da Faculdade de Matemática de Coimbra, lente e dirêtor dos estudos militares na capitania.

Os prelos empreenderam a sua rude ranjadeira. No espaço que medeia das *Observações comerciais e económicas*, de José da Silva Lisboa—1808—ás *Memórias do Rio de Janeiro*, de monsenhor Pizarro—1820—, brotaram da imprensa régia obras didáticas, de moral, de filosofia aristotélica, poéticas, dramáticas, clínicas, náuticas, etc. A revista *O Patriota*, editada nos anos de 1813 a 1814, teve como colaboradores Sivestre Pinheiro Ferreira, José Bonifácio de Andrada e Silva, Domingos Borges de Barros, Mariano da Fonseca e outros. O *Correio Brasileiro*, que se imprimia em Londres, vivêu de 1808 a 1822. Voltaire e Rousseau, cujos livros o corregedor Pina Manique incinerava em Portugal, iludiam a interdicação no Brasil, se dermos crédito a Luccock. Os colégios femininos floresciam.

Iniciava-se, afinal, uma Academia de Belas-Artes, que se denominou, primeiro, Escola de Ciências, Artes e Offícios. O grupo de artistas de Paris, contratado pelo embaixador

Marialva, que desembarcou, em março de 1816, no Rio, era chefiado por Lebreton, secretário perpétuo da classe de belas-artes do Instituto de França, e compunha-se de J. B. Debret, pintor de história; Nicolau Taunay, pintor de género e de paisagem; Augusto Taunay, escultor, irmão daquele; Grandjean de Montigny, arquiteto; François Ovide, professor de mecânica; Simon Pradier, gravador em talha fina, e François Bonrepos, ajudante do escultor A. Taunay.

«Podiam as reformas do ensino ser, inquestionavelmente, mais de téze e no papel do que reais e efetivas, entrando a rotina as rodas do carro e roubando á marcha a velocidade; os livros estrangeiros tinham entrado a circular grandemente, disseminando as idéas liberais e operando, necessariamente, sobre o franco desenvolvimento das mentalidades, ao mesmo tempo que os livros nacionais se tornavam, em avultado número, acessíveis a toda a gente, pela livre frequência, em 1814, da Biblioteca Real, de princípio apenas facultada a alguns privilegiados».—(*Obr. cit.*, 253). Esse estabelecimento contava 60.000 volumes, além duma farta mêsse de manuscritos, pertencentes ás opulentíssimas livrarias da Ajuda, do Infantado, das Necessidades.

FRAN PAXECO.

Tiradentes

(ALOCUÇÃO PROFERIDA,
A 21 DE ABRIL, NA HOMENAJEM QUE A LEGIÃO DOS
ATENIENSES PROMOVÊU)

Quizera falar-vos em consonância com as harmonias dêste dia glorioso da nossa pátria: dia de louvores patrióticos, que reboam nestes sagrados tétos do saber, celebrando, no mais extraordinário dos epinícios, o rompimento das gargalheiras da morte pela potência invicta dum dos precursores da liberdade nacional—Tiradentes; dia de efusão patriótica e entusiasmo cívico, ante o símbolo quecido, que nos evoca a terra mãe, no seu passado sublime, entristecido pelas

tradições enlutadas dos nossos heróis, que tanto lutaram por ela, à pátria, chorando, vencendo, cantando, e cujas cinzas se transformaram, no mesmo sólo que as viu nascer.

Pátria de glórias imarcessíveis e batalhas incruentas; pátria de heroísmos inefáveis, de feitos jámais imitados, grande no facies das suas belézas e bela no seu panorama de grandézas!

O que, entretanto, dêsse passado glorioso vos não poderá dizer o meu empobrecido verbo, dir-vos-ão a eloquentíssima e profunda significação dêste dia auspicioso, e o conjunto das côres simbólicas da nossa bandeira, que palpitou, hõje, ali fóra, ao beijo das auras e ás vibrações da luz, com insofridas ánsias de voar para o céu, que ela reflete.

Senhores:—Ha, na nossa vida, um elemento a contrastar todas as resistências que se lhe opõem e domina todas as forças. Esse elemento é a idéa: a idéa, que sustenta e ampara os espiritos e os movimenta; a idéa, que é a base dos acontecimentos e do poderio dos povos, porque estes vivem pela idéa, se aumentam pela idéa, se engrandecem e glorificam pela idéa.

Pois bem: foi uma idéa também que aqui nos congregou—qual a que teve o imortal dêste dia, pela independência e liberdade da mãe-pátria, personalizando uma tradição grandiosa, compondo uma obra gigantesca, assinalando uma época. Tal idéa teve-a êle, fixa e ardida.

Consagrou á pátria, entranhadamente, onímodamente, todo o seu sêr. Votou-lhe um culto especial, estremo. O bem da pátria foi a seiva trasbordante da sua alma; a glória da pátria, a paixão absorvente, indómitta, a fascinação da sua vida. Incarnou a índole de um povo e o anseio de um século; manifestou, clara e positivamente, a força dominante, irresistível e céntrica de uma aspiração coletiva; corporizou e animou a supremacia de uma convicção esclusiva, imagem de um sonho.

Ah! aquela-ousada tentativa, tão edificante e nobre, aquela alucinação por um ideal, em que transparecia, fulgurante, a um tempo, o desejo de uma nação, como esta, não ha voz que a cante, a menos que seja a

voz da epopéa, nem beneficios que a recompensem, a menos que sejam os beneficios da glória.

Foi Tiradentes quem mais trabalhou pela cristalização dêsse ideal da pátria, quem mais átivou a execução dêsse plano colossal, esse cometimento audaz e dignificante,—a todas as luzes, incomparável. Sempre, em todos os tempos, assim procederam os heróis, os paladinos impertéritos das causas nobilitantes, regeneradoras, beneméritas.

Eles, bem o dizemos, não seguem para as catacumbas do cemitério:—aparecem, vencedores, na impávida téla da história.

Walter Silva.

José do Patrocínio

(DISCURSO PRONUNCIADO, A 13 DE MAIO DE 1921, PELO SR. PITÁGORAS GONÇALVES DE MORAIS, AO ENTRAR PARA O QUADRO DE SÓCIOS EFÉTIVOS DA LEGIÃO)

*E levantam-se mudos taciturnos
Os mártires sombrios da avaréza,
Quando ainda no hastil dorme a bonina
E o passarinho dorme na devéza.
E vão postar-se em quietação de estátuas
Ante o feitor, submissos, alinhados.
Os cães podem latir ante o seu dono,
Mas êles devem estar sempre calados.*

Treme-me a voz no peito, sinto-me indignado, quando penso, quando vejo que, debaixo do sol da pátria, defendida pelas nossas leis, existiu e medrou a pior das iniquidades que a ambição humana pôde abortar—a escravidão dos nossos semelhantes, daqueles cuja culpa única é a de terem côr negra, a côr do sofrimento real.

Sob uma côr escura, occultam-se, muitas vêzes, um coração generoso e uma inteligência de anjo. O negro! O africano! Raça nobre, altiva e forte! Quanto lhe deve a pátria! Fôste tu que desbravaste as suas matas, tu que desenvolveste a sua lavoura, tu que incentivaste o seu comércio! A ti

te deve ela um grande número dos seus intelêtuais, a maior porção do sangue dos seus mártires, na paz e na guerra, desde a colônia ao império, das batalhas dos Guararapes ás do Paraguái.

Sim, fôste tu, raça africana, que, noite e dia, ao sol e á chuva, num trabalho titânico, muitas vêzes curtindo a recompensa imediata do chicote, fizeste, em lugar do cardo agreste, desabrochar do seio da terra o sorriso da vida: a seiva, a mêsse, o pão. Ao teu suór bendito, deve o Brasil uma parte dos seus poétas e sonhadores, pois o brasileiro, na sua maioria, usando a comparação de Coelho Neto,—«tem a côr do dilúculo, anúncio da madrugada, divindade intermédia, símbolo da transição da treva para o esplendor, prelúdio de alva. No seu coração, casam-se os dois cantos: o do rouxinol dos luares e o da cotovia das alvoradas».

Pois bem, srs., dessa raça heróica, uma das que mais contribuíram para a formação da personalidade nacional—aquí, era a criança ao abandono, nua, ali a donzêla em desrespeito, submetida a leilão, acolà, o velho vergastado, alimária inútil,—veio ao mundo, há 67 anos, José Carlos do Patrocínio.

Patrocínio, nome que, no dizer dum literato patricio, «contém, nas suas dez letras, todo um evangelho de amor. Segundo decálogo de Deus, dado, não em tábuas de pedra, mas num corpo de bronze, em cujo coração, como em alâmpada recôndita, ficou ardendo e flamejando o fogo sagrado da sarça do Sinái. Homem que era o turbilhão, coluna de génio: atraía.

Impetuoso e meigo, fecundo á maneira do sol e, como o sol, arrasador, bem merecia um lugar no Panteon dos heróis de Carlyle, entre as duas teorias—a dos Poétas e a dos Sacerdotes, porque participava da naturêza de ambos: era o vate.

Contemplativo e revolucionário, melancólico e violento, carinhoso e indômito, concentrava o sofrimento», e a revólta de toda uma raça, pois, como sabeis, êle pertencia àquela maioria de brasileiros de que falei acima—«e foi a fôrça que se insurgiu contra a opressão».

Sangue do meu sangue! Patrocínio,

meu irmão e meu patrono! envergadura de bronze! espirito de luz, para quem me senti arrastado, logo nos meus mais verdes anos! Moisés brasileiro, que conduziste os negros a Canaan, depois de haverem passado o mar de sangue,—perdôa-me, se, com as minhas palavras, não pudér honrar-te. Guia, entanto, os meus passos, orientando-me na senda pedregosa das letras, debaixo sempre da tua estrêla bendita! E tu, sangue africano, parcela orgulhosa que vibra nas minhas veias, estúa, explode! Sê o intérprete de toda essa raça, fazendo-me enaltecer o seu benfeitor!

II

José Carlos do Patrocínio, filho de João Carlos Monteiro, nascêu em Campos, estado do Rio de Janeiro, aos 8 de outubro de 1854. Surgiu do nada, como o universo. Criou-se, todos nós o sabemos, nos obscuros desvãos de uma quitanda, e no remanso beato duma igreja de província. Foi caixeiro, sacristão, farmaceutico. Estudante, já escrevia na *Gazeta de Noticias*, sob a direção de Ferreira de Araujo. Redigiu, após, com Ferreira de Menezes, a *Gazeta da Tarde*. Fundou, por último, a célebre—*Cidade do Rio*.

Qual fio de água subtil, que se insinúa por entre pedras, recorda ainda o autor dos *Mistérios do Natal*—depois cresce e se assoberba, assim foi êle. Pobre e desconhecido, entrou, sorrateiramente, na sociedade, para, mais tarde, Melkart irradiante, fundir as algemas dos escravos, no calor do seu génio, e alumiár a pátria, no caminho da liberdade!

Sentindo o sangue líbico vibrar-lhe nos glóbulos, começa a sua campanha—cruzada feita com o evangelho e com a clava—contra o despotismo dos faraós nacionais. «Confiança robusta, irradiava génio, infundia coragem. Os que iam ao seu espirito, saíam iluminados, os que buscavam o seu coração, regressavam satisfeitos. Na poesia, era águia, olhando da altura e encarando o sol; no jornalismo, era o lince, devassando a terra.

Investia com todos os os problemas, afrontava todos os assuntos e voltava sempre, das polémicas, com o troféu da vitória.

Quem o lêsse,—continúa Coelho Neto,—dizia, ao fulgor dos seus períodos, que êle os compuzera com a lentidão esmerada e paciente dos artistas escrupulosos da escola de Horácio. Engano: os artigos de Patrocínio saíam de um jacto e luminosos como explosões. Era uma cratera, não um tórculo. Nunca os relia e, não raro, depois de haver sentidamente escrito um hino de misericórdia, sôbre os escravos sofredores, empunhava o tagante e saía, como um flagêlo, sôbre os adversários.

Orador popular, impulsivo e fascinante, quem o viu na tribuna, guarda, por certo, na lembrança, a sua entranha figura semi-bárbara, quase grotesca. Não era oradôr de escola, disciplinado, elegante: era um ímpeto. A sua palavra não tinha melodia—era silvo ou rugido; o seu gesto era desgarrado, o seu olhar despedia faúlhas.

Avançava, recuava, agachava-se, ingava, retraía-se. despejava-se, fiava nas pontas dos pés, arremangado, com a gola do casaco tão subida que, ás vêzes, parecia um capuz de monge; o colête, sungado, deixava espocar a camisa. Era um desmantêlo de tormenta. Havia nele dormências, como nos oceanos. Dias inertes. Nem um encrespar de vaga, nem um hálito de brisa. Imobilidade.

Bastava, porém, uma lufada de cólera ou uma causada aza branca, passando, iterativa, no indeciso ir e vir de quem se sente perdido, para que a paixão o revolvesse ou a piedade o despertasse. Foi num desses dias lânguidos que se deu o encontro do gigante com Silva Jardim, que então andava em propaganda temerária, aproveitando o abalo que a abolição produzira no edificio do império, para fazer que ruisse. Encontraram-se os dois apóstolos no teatro Lucinda. O discurso de Silva Jardim foi uma objurgatória violenta contra José do Patrocínio,—cativo de um beijo, com que a princêza lhe ameigára o filho.. E o que houve de acusações, de doestos, de invêtivas e de apôdos, nesse discurso!

O teatro regorgitava e o povo, sempre vário, bandeára-se para o orador, vendo a atitude mole, quase humilde, o jornaplista, que se encantoára num

camarote, entre um grupo de amigos.

Quando foi o momento da resposta, Patrocínio começou em tom flébil, tímido, mastigando as palavras, relanceando, com o olhar apagado, o auditório fremente. Não era o tribuno fogoso dos grandes dias, mas um vencido, que se rendia, de rastos, aos pés do adversário. Paula Ney, que era um dos pares fiéis do campeão, eriçou-se e, indignado, rompendo a multidão apinhada, disse, com áscuas de ódio nas pupilas, brandindo energeticamente a bengala:— Vou espicaçar o monstro, com um dardo de injúria. Isto aqui não é a Biblia em que David, com uma funda e uma pedra, vence o gigante Golias. Esperem a volta. E desaparecêu.

Patrocínio prosseguiu mórroso, pálido, sem alma, engasgado, a repetir—nós.. nós... De repente, como uma flecha zunindo, esfuziou, das torrinhas, em voz de falsete, um à parte:— «Olha o carôço».

O povo rompeu em gargalhadas. Patrocínio bambeou, tremeu; acenderam-se-lhe os olhos, as narinas entraram a aflar sofregamente, como se farejassem com raiva. O seu corpo pôz-se a oscilar, como zimbrando em marêta, e o gigante reaparecêu, formidando:—Nós, nós somos um povo que gargalha, quando devia chorar...

O verbo explodiu, como raios duma nuvem negra, carregada de procéla. Oh! êsse discurso, o apêlo á voz anónima, á voz cobarde, ao silvo da víbora, e, por fim, a resposta esmagadora á Silva Jardim, a reabilitação do caráter pela gratidão do patriôta e pelo amôr de pai! O povo ergueu-se—e as mesmas vozes que, minutos antes, o haviam chásqueado, aclamaram-o com delírio. A derrota mudou-se em triunfo e foi por entre alas que troaram os aplausos, através de uma ovação estupenda, que Patrocínio deixou o teatro, onde tivera tão comprometida a reputação da sua eloquência arrebatadora».

Patrocínio também era um crente, quase um sacerdote. Ele próprio confessava:—«Para padre, só me faltam as ordens». Ouvi-lo sôbre as coisas da igreja, era melhor do que ler um ritual.

Vejâmos, por exemplo, alguns tre-

chos dum seu falado artigo:—«Como o poviléu fanático, em tórno do pretório de Pilatos, a sciência moderna reclama-nos de novo Jesus, para torturá-lo, para escarnecê-lo, para matá-lo. Não é amigo da liberdade humana quem quizer poupá-lo á fúria do ceticismo; preciso é que seja de novo crucificado em todas as consciências, para que se resgate a lei de evolução natural da sociedade. Bem quizeramos lavar as mãos, como o romano pusilânime e entregar á incredulidade o companheiro sobreumano das nossas horas de angústia. Bem quizerá mos negá-lo, de público, para furtar-nos á irrisão da descrença egoísta e aos ataques da sabedoria atéa. A nossa consciência, porém, nos manda pleitear a causa do nosso deus, porque em vão procurámos quem o há de substituir, na economia da civilização».

E, depois de se referir á eficaz ação do evangelho, á caridade cristã, ao consôlo na vida futura, rematava:—«Tenhâmos todos a corajem de afirmar Jesus, como o ateísmo afirmou Augusto Comte; tenhâmos a corajem de arrostar o ridículo dos atéus, contrapondo-lhes a moral que serve os humildes. Reivindiquemos para a nossa fé os direitos que lhe dão dezanos e séculos de progressó. Quando nos quizerem sufocar com a gargalhada incrédula, respondâmos, com segurança e altivêz, que os cérebros, a que a humanidade mais deve tiveram espaço para guardar êsse deus de que ela escarnece. Quando o ateísmo dissêr que êle impede o progresso, respondâmos-lhe, sem receio, mostrando-lhe Colombo, multiplicando a terra, e Pasteur, multiplicando a vida».

Membro da Academia Brasileira de Letras, romancista de pêso, deixou-nos Patrocínio diversas obras da sua lavra:—*Mora Cequeiro* ou a pena de morte, romance histórico, publicado em 1877; o *Retirante* romance de que ressumbra, admiravelmente, quanto o seu coração era generoso e bom, votado á piedade, sempre pelos fracos e necessitados; é um canto de dôr pelos flagelados do Ceará, sacudido á luz em 1879; *Manifesto da Confederação Abolicionista*, em 1883; *Pedro Espanhol*, em 1884; *As meninas Godin*, em 1885; *Conferência pública*, em 1885, e outras

muitas, cujo desfecho foi o solene dia 13 de maio de 1888.

Oh! esse dia! No momento em que a princêza Izabel, acabava de assinar o áureo decreto da abolição, para sempre, do escravismo no Brasil, um homem da côr do dilúculo, banhado em lágrimas de alegria, caía aos pés da imperante, a beijar-lhe as mãos, entre soluços. Era José do Patrocínio. Nesse memorável dia, carregado aos ombros do povo, este pedia-lhe fios da barba, como relicário, arrancando-lhe os botões da sobrecasaca e do colête, pois os considerava relíquias do grande homem. Rouco de tanto responder a discursos, gemendo, arquejante, entre abraços e beijos, o herói chegou á frente do seu jornal, onde, aclamado por todos os companheiros de trabalho, inclusive os compositores, que haviam subido á sala da redação, não pôde conter o pranto. O povo prorrompeu em alacres vivas e os populares, que o carregavam, orgulhosos do grande fardo, reclamavam caminho. Um velho negro ajoelhou-se e, juntando as mãos, inundando-se-lhe os olhos, dirigiu-se ao libertador. Parecia que re-sava diante de um santo. Um silêncio respeitoso permitiu que fôsse ouvida a oração do infeliz:—«Nhô Patrocínu... Deu du céu bençõe suncê. Eu, pobre véio, já não se importava co cativêro. Morte tá hi módi libértá corpu di negru, cansado di trabaiaá, ma zêre, nhô, fio, fia, neto piquinino, esse sim, í parceru turu... rapaziada môça, esse, sim vai pruvêta liberdade. Nó Sinhô tá lá in cima; êle ha di oíá suncê, nhô Patrocínu. Antonce não hai Deu nu céu? Viva o sarvadô di nós! Viva!»

E o negro, trémulo, foi-se arrastando de joelhos, para beijar os pés do redentor da sua raça. Patrocínio, porém, avançando precipitadamente, apertou-o nos braços em lágrimas, enquanto o povo comovido, petrificado, entrava, correndo, na *Cidade do Rio*.

III

Já que vos falei sôbre a existência do herói, necessário se torna que vos fale também acêrca do seu tristíssimo óbito. (1905).

Num quarto, alumiado por uma ja-

nela, onde mal cabiam uma cama de solteiro, um lavatório e duas cadeiras, jazia o pelejador da campanha magnífica. Magro, esquelético, com os olhos recolhidos ao fundo das órbitas, a fronte vasta, escavada, de uma côca baça de bronze empoeirado, a bôca reentrante, á falta dos dentes, sem voz, meio encolhido na enxêrga, as pernas cobertas por um chale azul, Patrocínio acabava miseravelmente, num grabato de esmola.

Em cima do lavatório, estava um velho prato, com um resto de mingáu, ás môscas; aos pés da cama, pelos travesseiros, no chão, os jornais. Na parede, um Cristo morto.

Morria como vivêra: defendendo os fracos, batendo-se pelos deserdados. Todos os dias, mesmo da cama, escrevia os seus artigos, a lápis. Quando lhe minguavam as fôrças, ditava-os á sua mulher. O seu último apêlo foi em prôl dos animais, porventura mais gratos do que os homens. A sua oração derradeira, a de um panteísta.

Estinguiu-se numa esplosão o que se dessangrára em contínuas esplosões: caiu afogado em sangue, como o sol tomba no ocaso, envolto em môrtalha de púrpura. Varonil como Cirano, no tranze fatal, não se entregou cobardemente á Morte: sentindo-a, aprumou-se, no respaldar do leito. Viram, então, que o seu corpo amolecia e oscilava: perdêra o equilibrio.

Oh! Alma de graça etérea, sonho de luz, beijo de Deus, escuta a minha prece, ouve a minha oração:— Patrocínio—tu, que foste, no Brasil, o defensor da raça africana, o seu anjo de confôrto; tu, cujo espírito é o arcanjo tutelar que sôbre ela ainda hoje véla, Deus te mostre a face, Deus, de existência mais certa que a luz dos meus olhos, e de justiça mais réta que a verdade,—que Deus, por tua intercessão, proteja a nossa pátria, guie o Brasil, este Brasil, que tanto amaste e pelo qual deste a vida! Que êle seja forte, bello e grandioso, amado e respeitado, no sólio sublime das suas três raças. E se, um dia, o inimigo ousar atacá-lo, e a sorte o inibir de vencer, não fique um só brasileiro, não reste um só irmão de Henrique e Marcilio Dias, um só dos teus irmãos

que primeiro não morra, por êle dê a vida, e diga como Camões:

Oh pátria! oh, minha pátria!...

...ao menos juntos morreremos...

*
*
*

O legionário Joaquim Vieira da Luz, recebendo o sr. Pitágoras Gonçalves de Moraes, proferiu êste discurso:

E' a segunda vêz que nos arrojâmos a vir á vossa presença, qual delas no desempenho de mais imperiosa tarefa; ôntem, cumpriamos os preceitos do nosso estatuto, tomando posse da cadeira que a vossa bondade nos consentiu escolhessemos e ocupássemos na Legião; hoje, ainda no cumprimento de um acôrdo firmado entre os legionários, acôrdo que se nos afigura de fôrça igual ao da nossa carta regulamentar,—apresentâmos as boas vindas protocolares ao novo companheiro, que ascende ao quadro dos sócios efetivos, para o que preparou, sôbre o seu patrono, o estudo que acabastes da ouvir e de aplaudir.

A nossa tarefa, se bem que espinhosa e árdua, encarada pelo verdadeiro prisma, reduzi-la-emos aos moldes da nossa pequenêza, tão difficil nos parece o seu cabal desempenho.

—Que vós poderemos dizer de vós, senhor legionário, que ôntem vos filiastes ao nosso grupo?

—Que sois um espírito instruido? Que sois uma intelligência fulgurante? Que a nossa terra deve esperar muito de vós?

Preferimos não afirmar, porque, além de sermos contrários aos exagêros encomiásticos, nos escasseia competência para apreciar as vossas qualidades, ante o auditório que nos escuta. Deixai-lhe, pois, a sentença.

—Quem melhor do que os que vos têm lido, nas páginas do *Ateniense*, e acabou de vos ouvir díscurrer sôbre José do Patrocínio, poderá julgar o vosso mérito? Decerto que não sere-mos nós.

Os aplauzos, que recebestes, patenteiam não ser inútil o vosso empenho, o vosso esforço.

Falar-vos-emos de Patrocínio num relance, porque, para profundos conceitos e estudo á altura das suas reais qualidades, nos minguam os co-

nhecimentos positivos, não nos assistindo mesmo o direito de tal fazer, visto que dêle se apossou o nôvel legionário.

Pitágoras de Moraes disse-nos quem foi Patrocínio, como jornalista, romancista, tribuno, patriôta, possuidor de um talento devéras assombroso. Mas, afôra tudo que Patrocínio tenha sido, acima do jornalista, do romancista, do tribuno, do patriôta, está o evangelizador. Sim, está o evangelizador, porque Patrocínio o foi no mais alto gráu, na acção máxima do termo.

A campanha abolicionista transformou-se no seu evangelho e Patrocínio operava-o com a pena possante, com a palavra tersa, que jorrava sempre farta, aos borbotões, em caudal. Mas viabilizou-a melhor, mais ardentemente, com o coração, com a alma. Era uma loucura, um desespero, o seu empenho pelo emancipacionismo do ilôta. Enquanto não vinha o decreto imperial, a liberdade colêtiva, Patrocínio trabalhava, por todos os meios, pela liberdade parcial.

«Intérminas noites — lêmos em Joaquim Leitão — andou pelo mato, dando fuga a escravos, que acoutava e colocava em terras distantes daquela de onde haviam fugido, chegando a esmolar em plena rua, para o resgate de alguns, que eram apanhados pelos «caçadores do mato». Foi nessas expedições pelo interior, nas quais êle ia anticipadamente realizando o que a sua pena reclamava da sociedade e do trono, que êle correu sério risco muitas vêzes. Mas, quando Patrocínio ascendeu verdadeiramente á consubstanciação de um espírito, foi respondendo ás injúrias: — Pugno pelos meus. Sou negro e quero ver os negros libertados».

Prossigâmos, repetindo o que se lê no livro *Do civismo e da arte no Brasil*: — «Envergonhasse-se este homem do seu nascimento, não fôsse êle coerente no ímpeto com que trabalhava pela cruzada da abolição e, antes de ser assinada a lei áurea, haveria caído abaixo do seu pedestal, reduzido a cacos. Assim, êsse negro ficou, para todo o sempre, com o seu nome e a sua effigie numa brancura imaculada, essa brancura que vem dos corações

espiritualizados pelo Bem e pela Justiça. Certo que não foi o único campeão da abolição. Revôltas sociais nunca as fez sozinho o seu herói; nem um homem podia chegar aos pulsos de uma raça — oxalá! — e com as mãos quebrar-lhe as algemas, abrir-lhe as gargalheiras, com a mesma facilidade que se desata um negalhô. Acumulação de todos êsses infinitamente pequenos sacrificios anônimos, das vontades humildes, dos inenarráveis esforços da própria adesão platônica dos fracos, das heróicas proezas dos recantos, eis o que foi esta, o que são todas as flechas da grande parábola humana».

«O emancipacionismo tem já os cabelos brancos», exclama Silvio Romero. Não foi sua altêza a regente, como dizem os monarchistas; não foi o sr. João Alfredo, como dizem os pretendentes; não foi o sr. Joaquim Nabuco, como dizem os liberaes; não foi o sr. José do Patrocínio, como dizem os democratistas; não foi o sr. Dantas, como dizem os despeitados...

Obra do povo, patrimônio da colêtiva glória, sim.

Mas, porque entre todo esse panteon de grandes nomes, desde o satírico Gregório de Matos, patriarca do abolicionismo, até Antonio Bento, encontrando, numa conservação de embalsamamento, a fama de José Bonifácio, Castro Alves, Rebouças, Silva Jardim, Nabuco, Rui Barbosa, e tantos outros, porque é que a alma nacional iria justamente ajoelhar a sua apoteótica gratidão diante de José do Patrocínio?

Talvêz que êle puzesse na partida mais coração do que qualquer outro, que o seu sangue o fizesse o maior causidico do movimento. Com efeito, o dia Treze de Maio representa, para José do Patrocínio, a sua aclamação.

Esse trajeto do palácio á redação da *Cidade do Rio*! Faltou-lhe morrer sufocado no abraço da massa popular. Quando pôde libertar-se da turba, hiante de júbilo, enfebrecida, doida, e subiu as escadas do jornal, esgaralado, sem colarinho, sem chapéu, a sua têtz envernizada reluzindo, em cima esperava-o muita gente, os companheiros das duras horas de traba-

lho e uma verdadeira casa civil de admiradôres.

Ao abraçá-lo, uma mulher, escritôra, disse-lhe:

—Patrocínio, mata-te!

De facto, que lhe podia reservar a vida de mais compensadôr, que outras, que mais autênticas glórias seriam os homens capazes de conquistar, que vallessem aquela sua?!

E nesse dia, em que se podia ter sentado no trono, dia em que o seu prestígio fôra ainda bastante para reflêtir uma resplandecência de magnanimidade sôbre a regência da princeza imperial, êsse homem, que tinha esgotado todas as heroicidades, percorrido todos os caminhos do perigo, fólheado o evangelho do sacrificio, e que era, duma só vêz, mártir, herói e santo, estava sem um real de seu, no dia da sua coroação.

Coelho Neto, que secretariava a *Cidade do Rio*, ficára incumbido de arranjar dinheiro. Ao chegar debaixo da janela da redação, Patrocínio, ainda prêzo nos braços do povo, interrogava-o, com um gesto de cabeça. Neto, debruçado sôbre a tabolêta da folha, dobrou e abriu quatro vêzes os dedos da déstra. Patrocínio contou ao lumaréu do seu olhar e, chegando ao tópo da escada, mal que pôde falar:

—Neto! deixa vêr os vinte contos!

—Que vinte contos, seu Patrocínio? A glória subiu-lhe á cabeça!..

—Pois tu não fizeste sinal?... assim... quatro vêzes?... cinco, dez, quinze vinte contos.

—Qual o quê! Quatrocentos mil réis...

«Assim, aquêle homem, que batêra o mato pelas noites negras, roubando escravos, que vestíra muitos, para os disfarçar depressa em serviçáis e melhôr os furtar às pesquisas da policia escravocrata, que do seu bôlso—quintos vinte contos!—tirára muita carta de alforria, não tinha nem com que pagar o champagne, nos festejos do seu reinadô!

Que importava, se êsse dia de glória fôra a recompensa de todos os seus sacrificios, a abnegação inteira, descontada no oiro de lei da estridente apoteóse. Senhoras que entravam pela redação a dentro, queriam depôr as joias, dinheiro; de toda a parte corri-

am abraços. Nesse dia, Patrocínio não pizou, talvez, uma pedra das ruas do Rio de Janeiro, porque a multidão o carregava ao côlo, ás costas, queria deitar-se nas calçadas, para que êle passasse por cima dos corações agradecidos. A população de Roma não faria manifestação mais imponente a um dos seus triunfadores, não receberia melhor um Cêzar. Foi um dia de glória, como poucos têm amanhecido no mundo! Com um dia dêsses na vida, um homem deve ter a consciência do que vale. E, quando isso é assim, nada ha que o derrube».

Mais um trecho:—«Durante a presidência de Floriano, Patrocínio apresentou-se candidato ao congresso, pelo Rio de Janeiro. Uma das conferências, que realizou, para defender a sua candidatura, foi cá em baixo, no centro da cidade, no teatro Lucinda.

Da porta aos camarotes, havia militares, oficiais da guarda-nacional, florianistas até ao fanatismo. O militarismo odiava Patrocínio. A primeira palavra que êle arriscasse contra Floriano, qualquer daqueles militares seria capaz de o enforcar com as bandas de sêda. Dizia-se mesmo, cá fôra, antes da conferência, que Patrocínio não saía vivo dali.

Patrocínio começou a falar. A principio, o primeiro quarto de hora, mal, torturado, a associação de idéas difícil, a voz pouco segura; o seu bambolear, de braços estendidos, como para dar impulso ao pensamento, ficando-se na ponta dos pés, para crescer, tornavam-o *gauche*, sem elegância, partindo para uma derrota. Mas, passado esse primeiro quarto de hora, —ah!—começa a sentir-se na sala um borbórinho. O orador, agóra, é uma torrente de astros, despenhando-se sôbre o auditório deslumbrado. Já não é o mesmo! Aquêle negro, com uma barbicha rala, passada em colar, tem agóra qualquer coiza de sobrenatural, de fascinador, no seu domínio, porque êle diz tudo, tudo, e os que, pouco antes, o matariam, por um leve assomo de protesto contra o marechal, escutam-lhe, consentem-lhe, magnetizados, o mais formidável ataque de quantos têm sido feitos a Floriano».

«O negro—como êle mesmo se apo-

dava—tinha deslumbramentos ignívomos; e o seu instrumento oratório possuía todas as cordas da emoção humana. Não falava, não escrevia! Derramava-se em catadupas de sensações, de conceitos, de apóstrofes, de epigramas, de poesia. Esse mestiço de génio fazia exhibirem-se vivas as personagens, que amava ou odiava, pondo os caracteres numa terrível mudêz, senão em carne viva. As suas palavras escorriam sangue».

As manifestações a Patrocínio, no grande dia, foram monumentais. Na *Cidade do Rio*, os discursos proferidos contavam-se aos centos: só o desgraçado Montezuma fez quarenta e seis e, para evitar mais um, teve, quando, já tarde da noite, acompanhava o herói, com outros companheiros, que agredir, nas proximidades da Escola Politécnica, um manifestante, agarrando-o pelo colete e ameaçando-o:

—Se grita, morre !...

Mas o homem, com os olhos esbugalhados, explicou que ia levantar um viva ao grande brasileiro.

—Aqui não ha grande brasileiro, não ha nada. Só te digo que, se gritas, morres.

—Então a gente não pôde ter opinião ?

—Não .. Quarenta e seis ! Sabes tu que são quarenta e seis discursos ?

—Não, senhô.

—Pois sei eu, que os fiz. Vai e lembra-te das minhas palavras:—Nem um viva !...

O notâmbulo, quando se considerou a distância em que não seria atingido pela ameaça, bradou, no silêncio da noite, um estrondoso—Viva José do Patrocínio !

Era assim o grande abolicionista, verdadeiramente idolatrado por quantos lhe ouviram pronunciar o nome, uma vêz sequer.

* * *

Bem vêdes, senhor legionário, pelo que fica dito, o quanto fomos descuidados e falhos, para falar do vosso patrono. Recorremos, entretanto, aos trechos das testemunhas dos seus contemporâneos e, citando-os, pensamos ter desempenhado o que nos competia, lamentando que não fôsse

outro, dê voz mais autorizada, quem vos viesse receber nesta casa, para que se não verificasse e contraste da pobre saudação que vos fazemos com a opulência das que tiveram os ocupantes das cadeiras de Sotéro dos Reis, António Lobo e Aluizio Azevêdo. Não seja, porém, esse contraste, senhores da Legião dos Atenienses, senão um incentivo, para que todos os que nos sucederem nesta tribuna nos sobrepujem, em todos os pontos. Sentiremos, com isso, a mais sincera das satisfações. Os nossos augúrios são para que todos os legionários brilhem, subindo cada qual um degráu da escada luminosa do saber, que nos conduzirá ao trabalho, á pertinácia, ao amor ás artes, ás letras e, sobre tudo, á conquista dum Brasil novo e livre, ao Maranhão intelêtivo, grandioso. Não poderemos subir convosco, levando outros aprestos á luta, mais do que uma dôse de boa vontade, firme, indissolúvel, decidido a todos os sacrificios e a todos os atrevimentos.

—Não vos estamos daqui patenteando de quanto é êle, o nosso atrevimento, capaz? Não estamos aqui a comprometer os créditos da Legião, com esse rosário de inutilidades?

Confiâmos, porém, na vossa penetrante intelligência, que decerto já alcançou os bons intuitos que nos animam. A nossa tarefa, nesta casa, não é a de ensinar, de pigarrear doutrinas, a vós, que me ouvís, intemperatos legionários, mas a de aprender no vosso convívio, procurando captar, nos vossos corações, um sentimento úno, perfeito, magnifico: o do cumprimento dos nossos deveres, como cidadãos brasileiros. Oxalá todos os nossos colegas tivessem a noção do quanto é necessário, para a grandêza de uma causa, para a vingança de um ideal, a desobriga dos seus deveres. Se assim acontecesse, em vêz da promessa pronta a tudo, e rébil, sempre, outros horizontes, mais claros, se nos descortinariam.

Daqui, dêste recinto, no dia da inauguração do nosso grémio, a que devia acorrer toda a mocidade ateniense, para assistir ao conagração dos grupos literários, reboaram incentivos entuziásticos, fogosos, de quem aqui não mais voltou.

- Qual o motivo dessa ausência?
 —Espulsámos algum companheiro?
 —Não. Apenas repelimos, e repe-

liremos, sempre, para saneamento moral, os que, menosprezando os seus deveres, quizerem ou tentem usurpar os nossos direitos.

O paiz, depois das campanhas pelo abolicionismo e pela república, agita-se agóra na campanha nacionalista. Que o ideal nacionalista triunfe, prospere, floresça e que dêle todos os brasileiros alimentem uma noção verdadeiramente digna.

Para que a liberdade, promulgada em 13 de maio de 1888, e a república, proclamada em 15 de novembro de 1889, se intégrem, no seu máximo esplendôr, e o nacionalismo vingue, é mistér que haja equidade, que sejam cumpridas as leis, que desapareçam as usurpações e os usurpadôres, as *chantages* e os chantagistas, os desrespeitos á propriedade, aos direitos de cada um, á moral social, á familia, á honra, que os homens tenham dignidade e não percam o decôro de si mesmos, a compostura da exata missão, na ligeira trajetória da vida.

—Como elevar a moral, implantar a ordem, o respeito, tudo que se precisa, enfim, para a perfeição?

—Como debelar todos os males?

—Educando o povo, mas educando-o rigorosamente.

—Guerra, pois, ao analfabetismo!



GUERRA JUNQUEIRO

*Lá nas plagas, do Velho Continente,
 Em gléba irmã do solo brasileiro,
 Inda vive, a cantar, Guerra Junqueiro,
 De alma sempre florida, adolescente.*

*Como um astro brilhante, refulgente,
 O seu estro ilumina o mundo inteiro,
 Ou, como um forte e vivido luzeiro,
 Emanam-nos a luz de um sol nascente.*

*Produz canções doiradas, côr da aurora...
 Vai do Parnaço ao Pindo a toda a hora,
 Num vôo prolongadissimo, altaneiro.*

*F entre as fibras dos grandes corações,
 Honrando a velha pátria de Camões,
 Inda vive, a cantar, Guerra Junqueiro.*

S. Luiz—921

NERI CAMELO.

D. Francisco de Paula e Silva

Passou a 1 de junho o aniversário do falecimento de D. Francisco de Paula e Silva, o virtuozzo prelado, que dirigiu, durante onze annos, com impecável magnificência, a igreja maranhense.

Espirito culto e de quilate superior, D. Francisco grangeou a admiração e o respeito dos sanluizenses e encheu de glórias a diocese que em tão bôa hora lhe confiaram.

E para honra nossa, o seu cor-



po foi inumado no templo augusto da catedral, onde êle costumava ministrar as sábias lições de doutrina cristã e de civismo, que tantos frutos produziam.

O 1º de junho, que tantas tristezas trás á igreja e á familia maranhenses não pôde ser esquecido

absolutamente pelo povo que tanto admirou D Francisco.

Ao que sabemos, a União Operária, de que foi o fundador, cogita de conseguir a consagração do nome do saídozo antístite numa das ruas da nossa capital.

Sobre um leito

CENA III

(José e Cármen)

José

Cármen, se eu pudesse, neste momento, revêr num lampejo, ao menos, toda a nossa união, quizera mostrar-te, num oceano de lágrimas, quanto já sofri; quizera dizer-te, num ramalhete de beijos, o muito que te amei; quizera atestar-te, sobre uma púrpura a sinceridade do meu coração. Mas o sangue, que tenho perdido, enfraquece-me o cérebro e não posso juntar o passado. Verás, contudo neste sangue, a minha dôr, o meu infortúnio e o meu amar também. (Pauza pequena) Amar-se! Ser-se amado como se ama oh! que belo seria! Medir o nosso amor igualmente! Unir, sem vestígio de receio abertamente, os dons sensíveis que pulsam dentro de nós! Dizer-se a verdade que assenhoria o nosso peito, oh! que belo! (Notando que Cármen se enternece) Choras? Sim, derrama lágrimas que eu derramo sangue! .. Sofres? Recebe o sofrimento, que eu agonizo!

Cármen

E eu também...

José

Se algum dia me amasses...

Cármen

Ainda, neste momento, a desconfinça te subjugá. José, não me crês? Oh! por tudo quanto já sofreste, eu te amo! Juro-te!...

José

Só agora, quando não há salvação, quando tudo é consumado, me confessas o que tanto cobiçara ouvir dos teus lábios! Ah! se me houvesse dito uns dias antes! Se

o orgulho não te houvesse proibido, que me importava o conselho de papai! E que me tocava o capricho criminoso dos teus pais? Tu e eu queriamo-nos! Eu e tu amayamos! Ah! Cármen! Porque só quebraste o teu orgulho diante da minha morte?!...

Cármen

Oh! Não fales assim...

José

Mas eu também fui culpado. Cimento, reconheço-me as estrémas. Alma nervosa por demais é a minha que geme, á menor coisa e se contorce, convulsióna, aniquila! E' que nasci para o amor somente! Nasci para ser amado como amo, franca e sinceramente e não para amar a ocultas no silêncio, como... Ah! esqueçâmos tudo isso e nesta hora, que nos resta, unâmo-nos...

Cármen

Não, José Ficarás comigo. O meu coração, - que será dêle, se não viveres? Não José! Não falemos de tais assuntos e sim do nosso himinêu...

José

Pobre Cármen! Digâmos antes da consumação! Olha, serás sempre minha?

Cármen

Não sabes? Não vês? Não ouves a voz do meu coração?

José

Não comprehendes? Vê como é triste a minha condição: acho-me entre a vida, que fica para trás, saudável, e a morte, que se me depara, cruel e certa!...

Cármen

Não! Ela não nos vence...

José

E de tal modo vence que nem a percebês... Chega-te a mim: é breve o que me resta

Cármen

José, olha-me; vê nos meus olhos a dôr do meu coração: vê, idolatrado, que padeço imensamente. (Fitando José, que empalidece). Que tens? Que é? Diz-me!...

José (fracamente)

E' o epílogo, o desenlace, a morte. (José toma as mãos de Cármen, que soluça). Cármen, quantas vêzes adivinhára este drama... E tudo camí-

nha para uma desgraça. Ai, que dôr!...

Cármem (beijando-o)

Tu... morres... Mas eu morrerei contigo...

José (num esforço último)

Mamãe! Dolôres! Venham! (Beijando a cabeça de Cármem). Ah! nunca me esqueças!

A. VIANA DE SOUZA.

ANTÔNIO LOBO

Bem pouco tempo faz que se evolou para a vida etérea o insigne literato maranhense, que era um espírito lucilante e um esteio magnífico dos que, na sua época, montavam guarda às nossas tradições, e já todos o esquecem quase.

Deparam-se lhes sempre, aos homens de vulto, coincidências notáveis que até na morte os envolvem de poesia, alegre, às vezes, triste, outras. Assim tem sucedido com diversos dos nossos escritores

Américo Maranhão, sobrinho, não quiz morrer num dia tristonho, mas numa noite de natal, quando os crentes seguiam a caminho da ermida, para a tradicional *missa do galo* e as crianças esperavam o *papá Noel*, com o seu alfôrge de brinquedos e *bombons*; foi também pelo natal que Vespasiano Ramos, no Amazonas, como Maranhão sobrinho, nos deixou a chorar Antônio Lobo, um dos que reacenderam, na alma da juventude o fogo do amor aos nossos valores intelêtuais; querendo, mesmo na morte, dar nos o seu incitamento para as agras lutas dessa empreza sublime, que sustentou, e da qual pretendem arredar-nos, escolheu, para a sua morte o dia de S. João. E, enquanto as fogueiras crepitantes ardião, radiando pelas ruas da cidade, a perda de Antônio Lobo era pranteada geralmente.

Os tempos passaram-se fugazes, como que em vertigem, e, do autor de *Pela ramã*, resta apenas uma saüdade, prestes a desaparecer, tal, aligerò, se desvanece o fumo das gueiras, lá fóra

Vão rareando os homens de rija tèmpera que nos levem a estreme-

cer de entusiasmo e a trabalhar com afinco, pelo que respeita á nossa grandêza mental, tão amesquinhada nesta geração

Cumpre-nos, ao menos, enaltecendo a memória dos que nos enalteceram, prestar-lhes sempre os testemunhos do nosso vivo reconhecimento.

J. L.

Descrença

*O amor, para mim, não tem poesia,
Que eu vejo fluir os outros corações:
Nem o canto sublime da harmonia,
Que vibra inspirações!
Não tem, como do sol irradiante,
Em manhãs claras, divinas,
A luz vivificante.
Que ilumina prados e campinas*

*O amor para mim é frio e rude
Como o cair da noite na floresta.
É a expressão pálida e funesta,
Do própria quietude ..*

*No livro perfumado dos amores,
Eu traduzo somente desenganos,
Rendilhados de máguas e dôres...*

*O sonho que me inspira a mocidade,
E que minha alma pálida descreve,
É como pranto frio da saüdade,
Que nasce e morre num soluço breve...*

*Tudo isso porque, mulher tirana,
Eu vejo, nos teus olhós mentirosos,
A dôr que fere e que profana
O amor dos venturosos!*

*Teu amor, esse punhado de ilusões,
Lembra o som, que passa e não demora,
E o levantar de purpurina aurora,
Que esconde a luminosa fronte,
Banhada de rubores,
Quando o sol se ergue no horizonte,
Numa mortalha de límpidos esplendores!*

*E assim, mulher, cruel e fementida,
Eu diviso, ás claras, meu futuro,
E a, esperança de amor por esta vida.*

DAVID AZEVEDO

Lucidio Freitas

As letras piauíenses estão enlutadas. Num período bem curto, perdeu o vizinho estado duas brilhantes personalidades da sua actual geração: Alcides e Lucidio Freitas.

Repercutiu dolorosamente nos círculos literários desta Atenas, a morte do jóven poeta da *Vida obscura*, livro em que o seu autor se demonstrou um espírito ninguém o nega dotado de belos atributos estéticos. Os versos enfeixados naquêlê volume não são versos de um dilettante, mas de um artista consciencioso do seu valôr e de uma alma que bem sabia sentir as fortes emoções da vida sempre cheia de surpresas e desiluzões.

A morte não o colheu de súbito. Esperava a como um vaticínio, do qual não podia fugir embora tivesse a pujança da sua mocidade, para desafiá-la.

E assim nesse desenlace trágico, ficaram as letras piauíenses, e as artes do Brasil, sem os maviozos poétas que muito fizeram nos poucos anos que viveram, o que é uma consolação benéfica para o angustiado coração de pai dêsse varão soberbo - Clodoaldo Freitas, o qual, nem um cacique heróico assiste sempre, sereno e rijo, firmado no seu talento ao deperecer da tribo de brávos e fulgurantes manejadores do tacape sublime que a todas as armas vence, pelo esplendor da sua belêza e pela harmonia dos acordes que produz—a poesia.

JOAQUIM LUIZ

PAULO BARRÊTO

Nem só a Academia Brasileira de Letras perdeu um dos seus membros de grande valor, a imprensa cariôca um dos mais cintilantes jornalistas, os portuguezes um dos seus grandes amigos e desinteressados defensores como o Brasil um dos seus grandes e ilustres filhos, com a morte de Paulo Barrêto, o popular homem de letras e de imprensa, que triunfou, criando fama, vastamente conhecido pelo pseudónimo de *João do Rio*.

Triunfos iguais ao de Paulo Barrêto bem poucos se registam num meio como o Rio de Janeiro mormente quando a base do triunfo se vai buscar no amarissimo labor do jornalismo.

João do Rio, entretanto, não triunfou só no jornalismo mas no romance no conto ligeiro, na crônica saltitante, na polémica, na politica, no teatro.

Antipatias, detratores, todos os têm, e Paulo Barrêto tambem os teve. Para confundir tudo porém, realizou-se a rara apoteose dos seus funerais.

Choremos a morte do grande patriôcio pois que a intelêtualidade brasileira está de luto.

NOTAS

Jornais & Revistas

RELAÇÃO—Recebemos desde o seu primeiro número, este importante jornal-revista, dirigido pelas penas seguras de Fernando e Cândido Mendes de Almeida. Publica-se no Rio, quinzenalmente. O seu programa é de véras apreciável. No n.º 3, traz referências á REGINA, ação teatral de Assis Garrido! e á *Instrução no sertão*, conferência de Frederico Figueira.

LÁBARO—Circula entre nós, sob os auspícios de um grupo de estudantes, em parte desertores da Legião, este jornalzinho, de feição literária contendo colaboração farta, em prosa e verso. Auguramos ao vigoroso confrade muitos loiros.

O SERTÃO—Como o *Lábaro*, circulou em junho, o primeiro número do *Sertão* dirigido por Souza Bispo e Izac Ferreira.

Os dois jovens sertanejos propõem-se a extinguir o analfabetismo no interior, como se tal emprêza fôra mais fácil do que serenar uma tempestade num côpo de água.

São bem intencionados, os jóvens sertanejos. O que os perde, e a todos, que julgam estar perto do céu, é quererem logo levantar vôo muito alto.

Aplaudimos os bons intuitos do *Sertão* e desejamos-lhes vitórias.

O ATENIENSE

(ÓRGÃO OFICIAL DA LEGIÃO DOS ATENIENSES)

PUBLICA-SE MENSALMENTE

Assinaturas, por doze números :

Capital	5\$000
Fóra da capital.....	6\$000
Colêção completa, desde o primeiro número	10\$000
Número avulso	1\$000

Pedidos acompanhados pelo custo da assinatura, ao diretor-tezoireiro

JOAQUIM LUZ — S. Luiz do Maranhão



Biblioteca da Legião

JOAQUIM LUZ — *Aluizio Azevedo* (discurso de posse, 51 páginas, Tip. Teixeira—1921).

OLIVEIRA ROMA — *Versos sem estilo* (94 páginas) Tip. Teixeira—1921—1 vol, br....5\$000

O ATENIENSE

NUM. 10

S. LUIZ DO MARANHÃO

ANO 1

JULHO — 1921



CASTRO ALVES

Quadro social da Legião dos Atenienses

PATRONOS

SOTÉRO DOS REIS	—JOÃO VITOR RIBEIRO
ANTÓNIO LÓBO	—ANTONIO VIANA DE SOUZA
ALUIZIO AZEVEDO	—JOAQUIM VIEIRA DA LUZ
JOSE' DO PATROCINIO	—PITÁGORAS DE MORAIS
JOÃO LISBOA	—Djalma Fortuna
GONÇALVES DIAS	—Hilton Fortuna
ARTUR AZEVEDO	—José M. Reis Perdigão
EUCLIDES DA CUNHA	—Edmundo Calheiros
J. MARANHÃO, SOBRINHO	—José de Pádua Fortuna
VESPAZIANO RAMOS	—João Guilherme de Abreu
ALCIDES FREITAS	—Deolindo Couto
ANIZIO AUTO DE ABREU	—Walter Spíndola e Silva
JOSÉ DE ALENCAR	—José Mata Roma
RAIMUNDO CORREA	—José dos Santos Carvalho
J. GOMES DE SOUZA	—Boanerges Neto Ribeiro
CANDIDO MENDES	—Oton Melo

SOCIOS HONORARIOS

José Eduardo Teixeira de Souza, Henrique Coelho Neto, José Ribeiro do Amaral, D. Helvécio Gomes de Oliveira, Domingos Afonso Machado, Aquiles de Faria Lisboa, Júlia Lopes de Almeida, Manoel Fran Paxeco, Alberto de Oliveira, José Francisco da Rocha Pombo, Medeiros e Albuquerque, Godofredo Mendes Viana, Júlio Dantas, Domingos Quadros Barboza Alvares, Clóvis Beviláqua, Justo Jansen Ferreira, João Ribeiro, Afrânio Peixoto, José Luso Tórres, Alfredo de Assis Castro.

SOCIOS AUXILIARES

Senhoritas Maria Carolina Botelho de Andrade, El-Zuila Souza, Noémi Souza, Mariêta Fortuna, Esveraldina Fortuna, Luiza Viana, Raimunda Aze-

vêdo, Raimunda Vasconcelos, Circe Castro, Creuza Castro, Henriette Bricotte, Francisca Domingues da Silva, Maria Celina Pessôa de Holanda, Conceição Parga Bâtista; sras. d. d. Corina Caldas Dias, Estér Fortuna Pires, Raimunda Souza Ribeiro, Zila Páís; senhoritas Adelaide Kerte, Esmeralda Kerte, Lucrécia Kerte, Diná Teixeira, Amélia Macieira, Odila Berniz, Odéssa Berniz, Zélia Campos, Zuila Bertrand.

DIRECTORIA

Fran Paxeco, *presidente*; João Vitor Ribeiro, *vice-presidente*; João Guilherme de Abreu, *1.º secretário*; José dos Santos Carvalho, *2.º secretário*; Joaquim Luz, *tesoureiro*; Walter Silva, *bibliotecário*; Mata Roma, *orador*.

Suplentes:—Rúben Almeida, Nestôr Madureira, José Zoroastro da Silva Vieira, Clemente Guedes.

SUMÁRIO

OS NÚCLEOS LITERÁRIOS.....	1	O 28 DE JULHO, por Walter Silva.....	8
CASTRO ALVES.....	1	VERSOS SEM ESTILO, por Guilherme de Abreu.....	9
PAULO BARRETO, por Mata Roma.....	2	CRUEL DESTINO, por Arnaldo Ferreira.....	10
MAPA DO CORAÇÃO, por Hilton Fortuna.....	4	DA PENUMBRA, por Mata Roma....	11
ADULTÉRIO, por A. Viana de Souza.....	5	MONÓLOGO, por Hilton Fortuna..	11
DE CABO A RABO, por Santos Carvalho.....	6	PAISAGEM, por José Monteiro:...	12
INVOCÇÃO À VIRGEM MARIA, por Oliveira Roma.....	7	PÉDRO LESSA.....	12
		NOTAS.....	13

JULHO DE 1921

Os núcleos literários

A mais velha das folhas maranhenses, discreteando sobre o primeiro livro de versos dum legionário, notou-lhe falhas de revisão, do que só cabe a culpa ao revisor, e máu gôsto gráfico, e disto a culpa está nos mestres de oficina, que descuram as esplêndidas tradições de Belarmino de Matos e Corrêa de Frias.

Decái-se em tudo, não só na parte material como na parte redaccional da imprensa. Os jornais de S. Luiz inserem coisas incríveis: êrros comensinhos de linguagem, de geografia, de história, etc. A sêccão telegráfica, por exemplo, que se incumbê, noutros lugares, a quem tenha noções do que vai pelo mundo, corre quase á matrôca, dando uma péssima idéa das nossas adoráveis gazêtas. E' certo que os fios se mostram abomináveis, obrigando os tradutores a ser charadistas. Mas ha charadas fáceis, ainda as do divertido telégrafo, quando se acompanha o que se passa fóra da ilha.

O articulista, prevalecendo-se do ensejo, espraia-se acêrca do que pôde competir aos cultores das letras, reunidos ou dissociados. Parece-lhe que as coisas caminham de mal a pior, achando pedantescos os grupos associativos e quiçá nocivas as suas conseqüências. Recomenda-lhes, á maneira do gracioso e severo S. Tomaz, que se revistam de perseverança, que persistam nos seus estudos, que labutem, individualizando-se.

E' de agradecer o conselho. Os rapazes mostrar-se-ão reconhecidos, sem dúvida, a essa belas intenções. Mas o caso não é para conselhos e sim de cooperação, de nos imiscuirmos, comêles, em todos os movimentos empreendidos, prestando-lhes o apoio dum concurso franco e pertinaz, sustentando-os nos quebrantos, preenchendo-lhes as lacúnas, persuadindo-os de que principiámos da mesma fórma,

contendo-os nós estritos limites duma ínfima pocira, que uns ténues borrifos de água desvanecem.

Hemos assistido ao nascedoiro, aqui, neste vintênio, dum sem-número de agremiações literárias—e tambem á sua morte inglória, na maioria, ou a uma hibernação lastimosa. Quais as causas dessa profunda ausência do chamado *esprit de suite*? O conspícuo articulista conhece-as tão bem quanto nós.

Educando-se as gerações *à tort et à travers*, sem a linha de um ideal definido, regionalista, nacionalista ou universalista, — artístico, científico ou filosófico, usando-se e abusando-se, em larga escala, das expansões retóricas, impelidas logo por ventos galernos, vivendo a girar planos inexecutáveis, porque escasseiam os executores, e fugindo aos encargos intranferíveis, porque nos horrorizámos das responsabilidades, o fracasso de quaisquer tentativas segue-se, galópico, semanas após o início. E' que se não difundem, nem perfilham idéas sólidas. Seduz-nos a palavra cantante, e asfiadora, daquele herói dos moínhos.

Talvêz, combatendo o regime da parola sáfara, estorcegante, se colhessem alguns frutos do sonóro hino ao trabalho, cotidiano, que o *démôde* Castilho compôz, espalhando-o, a rôdos, por todas as escolas.

Pois que só de trabalhar, em várias direções, e em diversos ramos, se precisa, constantemente.

CASTRO ALVES

Comemora-se, a 6 de julho antecedente, o 50º aniversário da morte do imortal poeta baiano António de Castro Alves.

Esse vulto insigne da literatura nacional, cujo nome se salienta no segundo grupo dos «últimos românticos», classificados por José Veríssimo, nasceu como Gonçalves Dias, nos confins do sertão Tal acontecimento verificou-se aos 14

de março de 1847, na fazenda Caessú, próxima á cidade da Cachoeira (Baía).

Aos quinze anos, transportou-se para Pernambuco, onde terminou o seu curso de preparatórios e encetou o jurídico. Passou-se, em 1868, para S. Paulo, e aí esteve até ao terceiro ano. Não pôde concluir os seus estudos, em virtude duma grave doença, da qual resultou amputarem-lhe o pé esquerdo. Pouco tempo depois, num lance desastrosos, succumbiu

Em 1868, adquirira fama, com a publicação de alguns poemas e do drama *Gonzaga ou a Conjuração mineira*.

Na *côrte*, foi recebido e saúdoado, na imprensa, por José de Alencar, que lhe dirigiu palavras muito elogiosas, tal Machado de Assis, que se tornou amigo e admirador do grande poeta.

Entre outros livros de Castro Alves, conhecemos—*A cachoeira de Paulo Afonso*, os *Escravos* e as *Espumas flutuantes*, este publicado em 1870, pouco antes da sua morte.

Quanto ao dia em que ocorreu o triste facto, ha controvérsia. José Veríssimo assinala-lhe o de 6 de julho de 1871, embora os académicos de S. Paulo e os membros do Grémio Literário Castro Alves celebrassem o decenário do poeta a 10 de julho de 1881.

Está fóra de quaisquer dúvidas, porém, que o passamento de Castro Alves se deu a 6 de julho de 1881, conforme se vê nas edições do *Diário da Baía* (7 e 8 de julho de 1881).

Cantor de largo vôo, a maior figura do estilo a que se chamou *condoreiro*, destaca-se dos líricos pela altura dos seus temas em que ha a compreensão das realidades sociais, —traço pouco visível, até ali no demasiado sênsualista poesia brasileira. Basta essa nota particular, para lhe distinguir a predominância.

Em comemoração ao cincoentenário daquela data, a Academia Brasileira de Letras renderá as mais eminentes homenajens á memória do escelso poeta. A Legião dos Atenienses regista-a nos seus anais demonstrando que lhe não passou despercebida.

Paulo Barreto

(Discurso proferido, pelo legionário Mata Roma, a 24 de julho).

Faz trinta dias, hoje, que morreu Paulo Barreto. Apenas—trinta dias.

O ledor de jornais percorre ainda todas as colunas da *Pátria*, na esperança, dolorosamente fugitiva, de ler mais um «bilhete» do fulgurante cronista. O brasileiro que sabe ler uma crónica sente-se ainda alanceado pelo golpe imprevisto e traiçoeiro.

E aqui, em S. Luiz, aqui se rendem homenajens á memória do fecundo escritor nacional, e a colonia portugêsa é quem promove estas homenajens!

Parece criminoso o indiferentismo dos literatos maranhenses. Dir-se-ia que os nossos intelêtuais estão sob o pêso de profunda letargia!

Mas não, meus senhores. Para bem longe tal pensamento. Pelas colunas dos nossos jornais, já falaram de *João do Rio* e da sua obra.

A idéa, que rebentou na alma portugêsa, já estava em germe na alma ateniense. Ha só o privilégio da iniciativa. Iniciativa que diz bem alto o sentimento do grato coração lusíada pelo nome do estremoso amigo de Portugal.

Ilustres portugêses:—Louvando e agradecendo o vosso edificante gesto, e dêle querendo coparticipar, a Legião dos Atenienses manda-me aqui representá-la.

Escusado seria o avisar-vos de que a escolha foi imerecida: sabem-o todos. Todos o sabem, mas não ha desdoiro em confessá-lo. Os pequenos sentem como os grandes e, ás vêzes,—com fôrça maior.

E aqui estou, a dizer-vos: bem haja o vosso gesto. Fazeis bem, illustres portugêses. O pranteado homem de letras era um sincero amigo da vossa terra. Lêde o *Portugal de agora*—«êsse Portugal das «grêves líricas», povo extraordinariamente joven e absolutamente sentimental», lêde o «livro do brasileiro que, certo do futuro da sua

pátria, amava fervorosamente Portugal, escrito com uma grande ternura pelo paiz que lhe foi assunto, e com um grande, íntimo desejo de mais ligar duas nações, que devem seguir juntas para o progresso»; lêde-o e vereis o que vos afirmo. E amigo, tão amigo que, já prestes a resvalar para o túmulo, manifestava a vontade insopitável de residir em Portugal.

Naquela noite ruidosa e festiva em que, ao sorriso das môças e ás pilhérias dos companheiros, a imaginação do brasileiro, a embriagar-se no vinho capitoso dos folgedos, a alma a arder nas fagulhas das luzes multícôres, em busca do paiz misterioso das lendas da noite das fogueiras, *João do Rio* não se esquecia da terra dos Fados e Canções.

Horas antes do momentó fatal, patenteava a um amigo:—A minha aspiração única é ser embaixador do Brasil em Portugal. E queria-o, apenas, para mais fortificar os já fortes elos da cadeia étnico-mental de ambas as nacionalidades.

Procedeis bem, illustres portuguezes. Se êle não fôra merecedor, vós não estarieis aqui, não estariamos nós, impulsionados pelo mesmo sentimento, a venerar-lhe a memória.

A causa desta comunhão é o efeito da obra do magnífico-escritor, efeito cuja causa se encontra nos dons do coração, na purêza do espírito, na pujança do talento, na grandêza da cultura que se refletem nessa mesma obra.

Nada mais estamos fazendo do que o imposto por *João do Rio*. Cada homem, diz um filósofo, tem em si o seu destino, e o que se lhe apresentar no futuro será o fruto do que êle merecer. Recompensa-se e pune-se a si próprio; «colhe o que semear, e alimenta-se do que colhe». Enquanto vivo, fortifica-se ou debilita-se, segundo os alimentos que produz e prepara; e, após a morte, em toda a parte, encontrará seu castigo, ou a sua recompensa.

A prova desta asserção verifica-se em todos vós, e manifesta-se bem claramente em um—esse vosso generoso patricio, que vive, diariamente, a trabalhar, a trabalhar, sem fadiga, pelos homens e coisas do Maranhão.

Que frutos, que doces frutos não está colhendo! Que recompensa não terá, mais tarde!

E' sempre assim. Aquilata-se o valor do homem pela sua obra, e, «—nela, a sua individualidade passa além da morte»: é impossível destruir a personalidade humana. As suas concêções—os seus ensinamentos, os seus erros, as suas paixões permanecerão eternamente.

E a obra de Paulo Barreto aí está, variada, cintilante eloqüente, a comprovar quem êle foi. Môço, muito môço ainda, já era o esperançoso jornalista da *Cidade do Rio*, órgão dirigido pelo inolvidável José do Patrocínio. Conduzindo-se dessa folha para a *Gazeta de Notícias*, e desta para o *Paiz*, deu sobejos testemunhos de—cronista original, de observador exímio. Em numerosos diários e revistas, da metrópole e dos estados, deparam-se nos fulgurações do seu soberbo talento.

Havia muito que tinha um renome nacional, a transpôr, com os seus volumes, os Andes e o Atlântico. E quando, ao abandonar o *Rio Jornal*, que fundára, de parçaria com outros, Paulo Barreto lançou a *Pátria*, chegou ao apogêu da glória. Prêgando idéas novas, derrubando preconceitos, censurando os máus e aplaudindo os bons, pelas colunas do valente matutino, tornou-se um sól.

Entusiasmado pelo grande amôr a Portugal, combatia fortemente os inimigos gratuitos do paiz irmão. Na sua terra, a pena de *João do Rio* operava inabalavelmente em defesa da terra amiga, procurando estreitá-los, unilos, consolidá-los.

E, nesse afan pela causa justa da vossa terra, illustres portuguezes, morreu Paulo Barreto. Morreu. Mas tende fé, porque nenhum vínculo espiritual se quebra. «O túmulo não è o término da vida; no féretro, não ficam as nossas afeições, com o nosso corpo. As afinidades elêtivas enlaçam-se para a eternidade».

Ele vive ainda. A sua alma, apaixonada pela «alma encantadora da ruas», viverá, bipartida, na cidade da baía imensa, das árvores colossais, dos morros enormes, das múltiplas religiões, «do céu violentamente azul, das montanhas congestionadamente

verdes»; e nessa outra, na cidade de um «suavíssimo céu, tão puro, transparente, infinito, que lembra carícias divinas sôbre a terra dôce; de paisagem de tão gaias nuanças e tão suaves declives e tão doirado aspéto que mais parece um jardim de encanto, surgido após a tormenta, como a ilha da bonança».

Viverá sempre na Tijuca, no Ouvidor, na Beiramar, no Pão de Açúcar, em Copacabana e no Corcovado, a contemplar aquelas mulheres de cabelos de azeviche e olhos d'acôr da noite, como sem previverá no Rossio, na rua do Oiro, no Chiado, na Alta, na Baixa, a estasiar-se ante aquelas «mulheres de uma belêza quente e sensual, que têm, em cada face, uma infinita expressão de poesia e de bondade».

Viverá no Rio, a ouvir o canto de cisne das mulheres do Brazil, e viverá em Lisboa, a ouvir a «voz de veludo das mulheres de Portugal». E nela, na sua alma, sempre, a viver o problema da absoluta necessidade de uma «verdadeira aproximação das duas raças, que têm de conservar o património de uma língua esplêndida».

Fazeis bem, fazemos bem, pois, illustres portuguezes, em cultuar-lhe a memória.

E tu, ó artista soberbo, que disses-te tão bem como «os dias passam», que, por um prisma original, observaste os «dias de interesse, os dias de desabafo, os dias de crueldade, os dias de amor—êsses dias de almas diversas, que fazem a misteriosa harmonia da vida, a sinfonia interminável da existência—êsses dias aziagos em que olhâmos as mulheres feias, e êsses consoladores em que contemplâmos as mulheres bonitas», — mal sabias, ó artista, que em breve morrerias, ao cair de um dêles. Morreste, talvez, num dêstes últimos—«dias deliciosamente doirados, mesmo que chova a cântaros», —«dias que esperâmos sempre, chegam sem nos prevenir e acabam, quando menos esperávamos».

Morreste, talvez, numa dessas noites em que os teus olhos se fixavam na «confusão miriônica das côres, vendo em cada rosêta um caleidoscópico, sentindo em cada tabolêta o so-

nho poético de um tesoiro de Golconda, a escorrer para a semi-opacidade casta de rubis, lágrimas de esmeralda, reflexos cegadores de safira, espelhamentos jaldes de topázio! Noites em que vias «a lua-cheia, muito lânguida e muito pálida, ampla como uma ânfora de consôlo e benaventurança, a estender a poesia misteriosa da sua luz, a derramar a delícia tranqüila do seu esplendor».

Artista, ó artista admirável,— Já que nada temos a dar-te, em troca do *Rosario de ilusões*, magnânimo,— que nos deixaste, recebe um saudoso rosário de lágrimas!



Mapa do coração

*Um dia, sem querer, eu comeei
Sôbre a folha de um livro a desenhar.
Que estava a minha pena, observei,
De um coração a planta a debuxar.*

*Traçou todo o contorno original:
Manchas de todo o jeito, aqui e ali
Era um mapa perfeito, em tudo igual
Aos que fazem da terra onde eu nasci.*

*—Vales, planaltos, rios e montanhas,
Cidades e dezertos, tudo havia!
Só faltava dar nomes às estranhas
Parajens que no mapa, atento, via...*

*—Então, novo Colombo, com critério,
Cada qual batizei: Amôr, Saudade,
Vale da Dôr, Planície do Mistério,
Cidadêlas do Bem, da Falsidade...*

*Montanhas do Heroismo e da Afeiçõ,
Caridade, Esperança, Mágua e Pranto,
Convergentes do rio da Paixão,
Limitavam a Miséria, lá num canto...*

*Já não tinha lugar pra coisa alguma:
A cordial geografia era replêta...
Mas, faltava-me um nome, onde reçuma
A razão do viver que o bem completã:*

*E' o recanto sagrado em que Jesus
A doutrina pregou sublime e eterna!
E' a Cidade da Fê, da Fê que è Luz
De redenção ao mal que nos prosterne!...*

*—Tal como do meu mapa, em peito humano,
Ela cortada foi: a Fê morreu!
Entre os gózos da terra, o povo usano
Dela, hem cedo, ingrato, se esqueceu!...*

Rio, 1921.

HILTON FORTUNA.

Adulterio

(ATO II; CENA X)

Augusto e Júlia

Augusto (avançando)

Retira-te, adúltera!

Júlia (com serenidade)

Dá-me o teu perdão, Augusto, que me retirarei.

Augusto

Perdão? Falas-me em perdão?... Só com a morte!...

Júlia (resoluta)

Homem covarde, mate-me!

Augusto

Desgraçada, inda me desafias!... Pois bem: amei-te profundamente; hoje, todo esse amor está transformado em cólera. (Afastando-se de Júlia, com as mãos para trás). A tristêza é maior do que a alegria; o ódio é maior do que o amor! (Augusto fere Júlia, que recua, e, após, em passos vacilantes, vai cair junto dêle).

Júlia (tombando)

Perdôas-me, Augusto? Perdôas-me, meu amor?...

(Augusto, ante o cadáver da espôsa, deixa cair o punhal; pega-o, depois, coloca-o num sofá, ao canto da sala, e, ajoelhando-se, beija-o freneticamente).

Augusto

Mulher corajosa e bôa, não podes morrer! (Molhando as mãos no sangue e levando-as aos lábios). Sangue! Sim, quero beijá-lo, purificar com êle os meus lábios (beijando os lábios da mulher). Está quente ainda: beija-me! Os teus lábios teem o calôr da vida! Diz-me uma palavra! Oh, Júlia, perdôa-me! Chegou a minha vêz, perdôa-me!...

(Augusto cala-se, algum tempo; levanta-se, trémulo, e caminha para a mesa). Era preciso! Era preciso, para que a cólera se tornasse, de novo, em amôr. (Sentado). Covarde!...

CENA XI

(Aparece Estér)

Estér

Papai!

Augusto (virando-se)

Volta, Estér.

Estér (aproximando-se)

Mamã, papai?

Augusto (embaraçado)

A tua mãe?

Estér (insistindo)

Sim, eu deixei-a aqui, e agóra não a encontro: quero vê-la!

Augusto

Ela já se foi... enxotei-a...

Estér

Então, vou procurá-la: é minha mãe!

Augusto (detendo Estér)

Minha filha...

Estér (chorando)

Ao menos, em amizade a mim, deveria ter-lhe perdoado, papai! E nem caindo aos seus pés, implorando-lhe o perdão! Ah! ingrato...

Augusto (mostrando as mãos a Estér) Não... eu sou mais do que um ingrato: sou um criminoso!

Estér (horrorizada)

Sangue, nas suas mãos? Papai! Que fez!?!... Onde está mamãe?!...

Augusto (abraçando Estér)

A tua mãe... ah! desgraçado... A tua mãe está, infeliz criança, está...

Estér

Onde?!?

Augusto (segurando-a)

Ali, no sofá.

Estér (em gritos)

Mamãe! E's tu?! Que tens?

Augusto

Sossêga. Estér... Não me ouves?

Estér (soltando-se do pai)

Será possível que mamãe esteja morta?... Ela, em cujos braços me criei!?!...

Augusto (em desespero)

Como sou desventurado!..

Estér (chegando-se ao sofá)

Mamãe morta? Não! não é ela! não creio (Levantando uma cortina, com que Augusto cobrira o cadáver. (O' mamãezinha tu, morta?! (Desfalecendo). Mamãe, minha querida mamãe!...

Augusto (socorrendo Estér)

Desgraçado, que fizeste?...

A. VIANA DE SOUZA.

De cabo a rabo

Para Moreninha Ribeiro

No tempo em que o Cazuza freqüentava a escola particular do professôr Palmas, contava dôze para catôrze anos.

O seu fisico manifestava-se como o de um rapaz forte e desenvolvido. Era o verdadeiro tipo do campônio, criado á lei da naturêza, afeito ás correrias pelas verdes matas, esposto ao sol, á chuva, sempre a gosar da melhor saúde.

Tudo isso, porém, contrastava com o seu aproveitamento. Já haviam decorrido seis bons anos, depois que se matriculára na escola, e, até então, pouco lucrára dos ensinamentos que, pacientemente, procurava ministrarlhe o velho Palmas. A letra era péssima, e, afóra uma leitura muito gaguejada, mal sabia dispôr os algarismos, para efêtuar os duas primeiras operações aritméticas.

O pai, abastado comerciante, chegára a fazer fortuna, mais por uma questão de sorte nas transações, que constituíam o seu officio. Quanto a instrução, rivalizava com o filho. Não deixava, entretanto, de causar-lhe impaciência o atrazo do primogênito, que, para salvar-se, culpava o velho professôr. Era o Palmas que não o ensinava; limitava-se a dar-lhe bôlos e cascudos, chegando mesmo a não revelar o mínimo interesse pela sua pessoa.

Certo dia, resolveu o pai entender-se com o velho mestre. E falou-lhe com toda a franqueza:

—Ou o sr. me adianta o pequeno, ou eu o retiro da escola, por uma vêz.

—Mas, comendador...

—Não quero saber de nada. Dezejo apenas ver adiantado o menino.

—...comendador, eu...

—Não admito réplicas, senhor, respondeu asperamente o homem. Já disse: ou este ano o rapaz aprende, ou eu o retiro da escola. E saíu á bruta, resmungando.

Era o Palmas um homem de temperamento brando, tão brando que

chegava a intimidar-se á mais leve ameaça.

Aquele gesto brusco causára-lhe espécie. Não fazer a vontade ao outro, equivalia a perder um amigo, um pai, visto que o comendador acumulava, naquelas redondêzas, um infinito de altos predicados. Rico, negociante, chefe político, perder a sua amizade tornar-se-ia um descrédito para êle, Palmas, e a sua ruína seria completa.

Em pensamento, via os outros alunos a despedir-se da escola, como represália ao terrível desacato. Esperimentava já os horrores da fome, que iria curtir, destituído de recursos. Sentia-se morto, sòzinho, sujeito á ganância de corvos famélicos, porque sôbre êle, professôr embora, e dono de um coração de oiro, decerto recairia a odiosidade de todos, para se mostrarem, por essa maneira agradáveis ao comendador.

Não era possível. Urgia sair da triste situação, e, para tal, bastava preparar o Cazuza, para os exames definitivos.

*
*
*

Aproximava-se a época fatal e o velho Palmas suava por todos os póros, sem conseguir encaixar nos miólos do seu aluno «predilêto» duas palavras de gramática. E lutava todo o dia, a explicar-lhe que José era um substantivo próprio, por ser nome de gente. Repetia a explicação. Mas o desastrado Cazuza, se uma vêz atinava com um exemplo adequado, esquecia depois tudo, como se nunca tivesse ouvido falar em semelhante coiza.

Decidiu o professôr deixar essa parte da gramática, e passou aos adjêtivos. O resultado foi o mesmo.

O caso piorava, agravando-se. O velho Palmas, entretanto, com a visão do sinistro futuro que o esperava, ensaiou mais uma tentativa. Apelou para os verbos e foi mais feliz.

Após um trabalho estenuante, ia o Cazuza percebendo as tres primeiras pessoas de cada tempo. As lições consistiam só nisso. Enquanto o mestre apontava, consecutivamente, para o Cazuza, para êle e para outro aluno, que forçava, nas «aulas de gramática», a permanecer de pé, guardando uma certa distância, o Cazuza ia

respondendo maquinalmente—*eu, tu, elle*, e, com algum embaraço, pospondo aos pronomes, a forma indicativa dos verbos regulares.

Depois, já não se tornava preciso que o professôr mostrasse as personagens, porque as figuras da conjugação ficaram todas, mais ou menos, gravados na memória do aluno, de modo que, com a máxima facilidade, lhe saltavam dos lábios, uma a uma, as pessoas do modo indicativo do verbo que devia conjugar. De aritmética, bastariam as duas operações, que o filho do comendador resolvia, agora, com certa desenvoltura. Assim o pensava o mestre, exultando pelo triunfo que iria alcançar.

—Está salva a pátria, dizia êle, de si para si, esfregando as mãos.

* * *

A' hora aprazada para os exames, na escola particular do professôr Palmas, observava-se um razoável agrupamento de alunos, a um lado, e de assistentes, a outro.

O pai do Cazuzza scientificára a muitas pessoas que, segundo informações do sapientíssimo professôr, o filho faria uma bonita figura, indo até prestar exame de coisas desconhecidas.

Movidos pela curiosidade, apressaram-se a comparecer ao ato, além do Zé Povinho, o vigário da freguezia, o antigo farmaceutico, padrinho do Cazuzza, o velho síneiro, que acumulava os cargos de servente da casa da câmara e porteiro do cemitério, a professôra, que era um pouco mais joven do que o seu companheiro de labor, etc.

Respeitavelmente empavezado na sobrecasaca dos dias de grande gala, toma o professôr a cadeira do magistério, conta, em ligeiras palavras, o motivo daquela reunião, e, depois de, através dos óculos, percorrer o auditório e os examinandos, num ar prazenteiro e ao mesmo tempo grave, chama o Cazuzza.—Menino, diz, vindo-o junto ao quadro negro, queira lêr a frase que se contém na pedra.

Previamente ensaiado, não foi difficil ao Cazuzza recitá-la quase de côr:

Ama o teu próximo como a ti mesmo.

—Muito bem! Vamos adiante.

E, feita uma pausa:—Diga-me onde está o verbo?

Invocação á Virgem Maria

(Para a talentosa diretora da Escola Normal Primária,
sra. D. Roza Castro)

*Quando, á tarde, Maria, o guerreiro do Sol
Vai, sangrento, cair no túmulo do Ocaso,
Canta dentro de mim um casto rouxinol,
E sinto quanto é grande o amor em que me abraço.*

*Ouvindo que, na voz harmónica dos sinos,
Todo o mundo te exalta, eu julgo-me feliz
De saúdar-te também, em frêmitos divinos
Que a alma sente, porém que a palavra não diz*

*E eu rezo, eu vou rezando, em profundo fervor,
Pondo em cada palavra um trecho da minha alma.
E nolo que me vem da oração mais vigor,
Ao doce adormecer da Natureza calma.*

*Como que me transformo ao te invocar o nome!
Enchem-me o coração uns effluvios suaves.
A alma firme do crente a máguia não consome.
Canta, sempre, ditosa, em festas, como as aves,*

*E, depois de rezar, estática, no enlêvo
Estreme dêste amor tão fundo e tão sagrado,
Medito, minha mãe, no muito que te devo,
Em solene mudêz de campo abandonado.*

*Maria! Minha mãe! Augusta mãe de Deus!
Envolla na oração, minha alma te procura.
Escuta-me, ilumina os brancos sonhos meus,
Para que sempre seja alegre, boa e pura.*

S. Luiz, 15—VII—921.

OLIVEIRA ROMA.

—«Amar», responde, bem convicto, o aluno.

Sorirsonho, o professor olha, por cima dos óculos, para o comendador, que está cheio de pompa, orgulho.

—Agora, Cazuzza, conjugue-me o indicativo presente do verbo, de cabo a rabo.

O discípulo não percebera muito bem a arguição do mestre e assim, antes de responder, pôz-se a reflêtir, sem saber se devia concordar com a primeira idéa que lhe afluíu ao cérebro.

—Vamos, Cazuzza, sem receio. Um verbo tão fácil.....

Neste ponto, o aluno não teve mais dúvidas. E, desembaraçadamente, começou:

—Eu de cabo a rabo,

—Tu de cabo a rabo,

—Ele de cabo a rabo...

Não pôde concluir. A hilaridade communicára-se a todos.

SANTOS CARVALHO.

O 28 de julho

Senhores:

Um dos escolhidos para falar neste dia, em que se comemora a definitiva adesão desta grande e abençoada terra á causa da independência pátria, venho, cheio de justificado temor e acanhamento, satisfazer a honrosa missão.

Recordar datas magníficas, como esta, trás um confôrto patriótico. Reacendem-nos o passado, e obrigam-nos a estudar os caratêres dos homens, a conhecer as coisas desses tempos, já distantes de nós, pela radical mudança politica e moral que deles nos separa.

A grandêza de alma e bondade absoluta do nosso digníssimo presidente, secundado pelos generosos companheiros, por uma indicação espontânea e de suma honra para mim, colocaram-me nesta receosa e contrita posição, que outro deveria tomar.

Como, porém, na expressão, de um grande orador, ha honras que se não solicitam, mas tambem que se não desprezam, não quiz fugir á investidura, tão acima das minhas forças, de si estenuadas com o precipitar de um espaço em demasia estreito, para dizer algo sôbre o assunto.

Seja como fôr, aproveito me do favorável ensejo de me dirigir a este selêto auditório, não para esboçar traços históricos e biográficos, o que já fez, com critério e exemplos de sólida cultura, o illustre orador que acabastes de ouvir, mas para me rejubilar convosco, erguendo tambem, muito alto, o meu canto patriótico pelo futuro dêste glorioso Maranhão. Não o farei, porém; não é que me dominem sentimentos de intolerância bairrista e sim porque, além do a que me referi, temo que, em qualquer dos meus conceitos ou opiniões a emitir, se vislumbre qualquer malícia, de que sou ilêso, alguma alusão ofensiva aos melindres dêste ou daquele. Digo-vos

isto, para descargo da minha consciência, e para justificar-me de semelhante omissão.

E' do meu dever não tratar aqui de questões politicas, que nos irritam, sem, ao menos, nos deixarem a recompensa de um princípio. Temos tido lutas improduti-vas; temos andado, por vêzes, sem ideal definido, transviados em plena escuridão pela floresta dantesca do engano e da sedução, do êrro e da ignorância, sem o bálsamo suave de contemplarmos o bruxolear da claridade que guiava o poeta.

A data, que hoje comemorâmos, representa um dos laços eternos, que nos ligam a essa magnânima época, grandemente estudada e criticada. Olhando-a através da história, devemos orgulhar-nos dela e dela receber ensinamentos salutarees, que nos iluminem a razão pelo nosso futuro, que nos impilam á esperança em momentos mais auspiciosos.

Senhores:—O século em que vivemos não pôde admitir ilusões. A vida é uma luta contra a própria natureza ambiente. Nada conseguiremos sem um trabalho porfiado, incessante. Estamos, máu grado a dôce poesia dos nossos sonhos, sujeitos aos tremendos abalos das leis universais. Tempestades morais se desencadeiam sôbre nós.

—Não vêdes quão terríveis se nos deparam os horizontes?

—Não divisais, ao menos, essas ameaçadoras núvens, prenes de borrascas, afusilar no céu?

—Não ouvís os brados de desespero dôs que se arrastam na penúria do corpo e do espírito? As apóstrofes tristonhas dos que choram as nossas lutas fraticidas? A voz do desânimo nas almas sinseras? Não vêdes tambem o movimento da ordem, trabalhando pela extinção do cáos?

Assim, quando chega o rumor longínquo da procela que se avizinha, quando me fere a vista do quadro, turvo por núvens, densas de ignorancia, alento-me, encarando os obreiros do progresso, os semeadores das idéas sãs, e através dessas núvens borrascosas, des-

vido raios doirados de um novo sol, fortalecendo nos a confiança num porvir melhor.

Moços:

Para estímulo do vosso patriotismo, possa essa bandeira, que lá fóra tremúla, lembrar-vos, nos vossos labores afanosos, todos os encantos difundidos a flux, pelos prados imensos que a relva e as flôres alcatifam; todas as belêzas espargidas pelas cerradas florestas, onde a vida palpita, desbordante da seiva impulsionadora dos rijos palmeirais, que, balançando os leques soberanos, se estadeiam pelo espaço azulino da nossa pátria; todas as harmonias da fauna exuberante, a orquestral alegria de um mundo paradisíaco; todos os fulgores dêste nosso risonho e puro céu, de cortinas transparentes, fechadas sôbre o bêrço imarcescível da pátria e bordadas com o ouro cintilante das constelações, onde treme e brilha o cruzeiro—símbolo augusto da paz.

Sublime é a vossa missão. Disseminando luz e formando caratêres, ides continuar a obra dos cultos eleitos da glória, que veem dirigindo a humanidade pela trilha do bem. Ides fazer a sementeira das idéas fecundas, colhidas, paciente-mente, na arvore multissecular da esperiência humana.

Não se pôde calcular a vantagem que o douto leva sôbre o indouto. Sem as chispas do saber, Edison não nos daria o telefónio, nem Branly e Marcóni o telégrafo sem fios, Newton não teria descoberto as leis da gravidade e da gravitação. Laplace e Herschell não compreenderiam a mecânica celeste.

A pátria precisa de energias íntegras e virís, que saibam utilizar tais luzes, iluminando a estrada do progresso, fertilizando a sementeira do bem, desabrochando as flôres olentes do espírito matizando o céu do espírito com as côres de aspirações legítimas.

Unidos, pois, como as falanges gregas, destemidos como as vencedoras legiões romanas, preparemos nos para as pugnas do novo e ri-

sonho dia, cujos albores, num dilúculo de fagueiras esperanças, já se desenham nos nossos horizontes ensombrados.

WALTER SILVA

Versos sem estilo

eis o livro que, nesta cidade, acaba de publicar o distinto

poéta Oliveira Roma.

Versos sem estilo, que é positivamente o invêrso do título que lhe deu o poéta, proporcionam bons momentos de leitura agradável a quem, como nós, tem a ventura de possuí-lo.

Metido naquele sertão ubérrimo, onde lhe prendem o vôo, o grande âmôr á terra natal, e o carinho terno e meigo do lar querido, Oliveira Roma, de nome pouco divulgado, já devido á excessiva modéstia, já devido á quietitude das longínquas parajens sertanejas, era, até então, desconhecido de muita gente.

Mas o seu formoso livro, que é um conjunto de produções admiráveis, tirou-o dêste mundo ignorado, fazendo-o lido e íntimo dos amantes do belo.

Eça de Queiróz afirmou que, para nos fazer-mos homens, na estensão máscula do termo, é necessário: ser pai, plantar uma árvore e escrever um livro! E disse-o muito bem.

E' uma trilogia completa. Ser pai é povoar o sólo, é amar a pátria, fortalecê-la, e querê-la próspera; cavar a terra e jogar a semente, é mistér que muito dignifica e eleva a quem o professa; livros bons só os escrevem as imaginações poderosas ou as culturas superiores; é a mais alta das conquistas.

E Oliveira Roma, o poéta conterráneo, com a publicação dos—*Versos sem estilo*, onde se admira o íntimo consórcio do sonho com a vida, da arte com a naturêza, da mulher com o maravilhoso, adquiriu aquelle direito e tornou-se, assim, o homem perfeito, como o idealizou um dos maiores prosadores da nossa língua.

Terminando estas ligeiras palavras sôbre Oliveira Roma, recordemos uns versos seus, que ainda outro dia ouvimos, de lindos e perfumosos lábios, ao som soluçante de um piano:

*Coração, por que soluças,
 Todo o dia sem parar?
 Minha dôr, por que te aguças?
 Por que aumentas meu penar?*

..... Estes lamentos da alma apaixonada do poeta, ditos assim, tremulamente por uma graciosa criança de olhos vivos, comunicativos e tentadores, pareciam gemidos torturantes, ais pungentísimos de um coração «ferido e bambo pela dôr de uma saúde».

GUILHERME DE ABREU.

Cruel destino

Ao Zoroastro Vieira

Sentado ao pé da espôsa agonizante, Carlos, com a cabeça entre as mãos e os olhos cheios de lágrimas, recordava toda a sua vida de casado, tão curta, repleta de felicidade, amor e poesia.

Encontrára-a, pela primeira vez, havia dezoito mêzes, nas sombrias e estensas alamêdas do Palácio do Cristal.

Era ao desabrochar da primavera. O arvoredo revestia-se de nova folhagem; os pássaros, atraídos pelas belêzas da estação, regressavam, de longe, afim de reconstruir os ninhos. Por toda a terra, banhada pelos raios vivificantes do sol, corria uma seiva rara, que se comunicava às almas, cumulando-as de esperança e vigor.

E ela, esbelta e grácil, assemelhava-se a uma rosa de formosura e castidade.

Relancearam-se — e Carlos reconheceu se, logo, envolvido na luz pura e diáfana do seu olhar. Cumprimençou-a, ligeiramente, e queudou se, estático. a contemplá-la, afastando-se, rápida, num andar de sílfide, que deixava admirar-se lhe o corpo bem modelado, harmonioso, cheio de graça e sedução.

Desde êsse dia, um sentimento novo penetrou-lhe o corpo, apercebendo-se de que á existência, que êle, até então, levára, faltava alguma coisa, — alguma coisa que a completasse, alguma coisa que lhe

dêsse ventura. E compreendeu que essa lacuna só poderia ser preenchida por um amor santo de espôsa, por um lar em que vivesse uma criatura que, com o seu espirito subtil, lhe inundasse os dias de carinho e sossêgo.

Pensando assim, Carlos procurava encontrar-se, outra vez, com a mulher que tanto o impressionára e que julgava pudesse trazer-lhe a felicidade por que suspirava.

Encontrou-a e, depois de vári s entrevistas, transmitiu-lhe a sua paixão. Correspondeu.

Casaram-se. A vida transcorria-lhes serena, quando Maria Luiza caiu doente, vítima de uma pneumonia dupla.

E ali estava deitada, agóra, enquanto, á sua cabeceira, Carlos chorava copiosas lágrimas de dôr.

Era pêlo comêço do outono. Lá fóra, o frio arrepelava, despindo as árvores, deixando-as esqueléticas sem uma flôr, sem uma fôlha...

O crepúsculo baixava lentamente. Principiava a invadir o quarto uma sombra incerta e Maria Luiza sentia que a sua última hora se aproximava. Uma saúde imensa apoderou-se da sua alma, saúde de sair dêste mundo, saúde de a compeliem ao abandono do marido, junto de quem fruira tantos momentos risonhos.

Chegaram-lhe aos ouvidos, trespassando os traços crepusculares, os sons do toque de ave-marias, na igreja visinha.

Vagarosamente, fecharam-se-lhes as pálpebras e uma lassidão profunda assenhoreou-se-lhe de todo o sêr: era a morte que a espreitava para se apossar de mais aquela vida.

No jardim, os pássaros, despedindo-se daquêles lugares, erguiam o vôo, á procura de outras plagas, mais distantes, onde a primavera dominasse. E ao partir, viram, em ziguezague pelo espaço, alando-se para as alturas celestiais, uma fôrma tênue, transparente, que se lhes figurou a alma daquela espôsa, cujo tempo de casada fóra qual uma passageira quimêra!

No compartimento em que a mor-

te estampára o seu sinête, a escu-
ridão era completa agóra, apenas
interrompida por um soluçar con-
vulso, cheio de muita mágua, muita
dôr, muita saúde...

Em 22-5 21.

ARNALDO FERREIRA.

DA PENUMBRA

O TERMO "LARÁPIO"

Quem quizesse perquirir a etimo-
logia da palavra «larápio», recorreria,
sem mais delongas, para colher a sua
raiz, ao velho latim, fonte de muitos
vocábulos portuguezes. E, se nada
encontrasse aí, o caminho a seguir
seria em rumo ao sânscrito, hebraico,
árabe.

Mas há palavras cuja origem é um
verdadeiro enigma, e, ás vêzes, com-
plicadissimo. Tal nos parece a do tris-
sílabo «larápio».

Logo á primeira vista, tem-se uma
idéa, uma semi-convicção de que se
derivará de «rapio»,—o famoso verbo
«rapio», celebrado, numa célebre
apreciação humorística, pelo gigante
dos «Sermões».

Autorizado pela significação das
duas palavras, e sendo elas tão pa-
recidas na fórmula, discutir-se-ia o
caso, na lisonjeira esperança de ven-
cer qualquer contestação possível, e
convencer o dissidente.

—Uma prótese, um acréscimo pela
lei do refôrço, e eis explicada a an-
teposição do «la», decidindo a breve
contenda.

E' bem diversa, entretanto, a pro-
cedência dêste vocábulo: diversa e
algum tanto disparatada: provém,
não de um, mas de quatro...

Cerca de uns duzentos anos antes de
Cristo, existia em Roma um pretor,
que era, ao mesmo tempo, um refina-
dissimo concussionário. Nas funções
do seu cargo, fraudava os subal-
ternos. Os superiores, a seu turno,
viviam num contínuo ludibrio. Além
disso, não perdia vasa para escamo-
tear o alheio. Furtava tudo, a todos.

Debalde se clamava e reclamava.
Era pretor, e, como tal, possuía imu-
nidades. E, de mais a mais, a justiça
estava nas suas mãos. Chamava-se

Lucius Amarus Rufus Apius, e assi-
nava L. A. R. Apius.

O povo, que tão bem sabe desa-
frontar-se, mesmo quando lhe falham
os recursos, reuniu-lhe as primei-
ras iniciais ao último cognome, e,
adaptando a liga aos contraventores
do sêsto mandamento, ao deparar-se-
lhe um, bradava, numa viva explosão
de vingança:—*Larapius!*

23-9-21

MATA ROMA.

Monólogo

(PARA COLEGIAIS)

*Quando eu entrei para a escola,
(Oh, como eu lembro êsse dia!...)
No coração bendizta
Minha mamã e o papá!
— Logo-bem cedo acordava
Deixando a cama e os lençóis;
Contente a aurôra saudava:
—Coisa mais linda não ha
Que ver luzindo arrebois!...*

*Quanta alegria, Jesus,
Ouvindo o gulo cantar!
Tr de mansinho acordar
Minha mamã e o papá!
— Minha filhinha, tão cedo?
(Diztam eles)—E então?...
Islo, papá, é segredo;
Coiza mais linda não ha
Que receber instrução!...*

*— Depois, que beijos, que abraços,
Ganhava sempre ao sair,
Vendo constantes sorrir
Minha mamã e o papá...
Chegava sempre primeiro
A' escola alegre e contente:
— O tempo é bem passageiro!
Coiza mais linda não ha
Do que o trabalhar frequente!...*

*As aulas sempre tão boas
São como um céu todo aberto;
Quanto prazer descoberto,
Minha mamã, meu papá,
A mestra — a luz, o carinho,
O bem, o belo e a verdade,
Lançava em nosso caminho...
— Coiza mais linda não ha
Que os brincos da mocidade!...*

*— Passi assim bem feliz
Um tempo grato e saudoso!
Era um viver honançoso,
Minha mamã, meu papá!
— Hoje, maior, mais crescida,
Quanto sou grata abraçando
Aos que ensinaram a vida!
Coiza mais linda não ha
Do que viver estudando!...*

Quizera passar meus anos
Aqui na escola bendita,
Pois nela em bondade habita,
Minha mamã, meu papá;
Mas não, terei que deixá-la
Quando o meu curso acabar...
Quanta saudade ao lembrá-la! ..
—Coiza mais triste não ha
Que as aulas abandonar!

Os anos passam velozes
E eu cada vez vou crescendo,
No coração bendizendo
Minha mamã e o papá;
E a mestra eu guardo no peito
Com muita estima e fervor:
Rendo-lhe nalma o respeito!
—Coiza mais linda não ha
Que a vida de luz e amor!

Rio—1918

HILTON FORTUNA.

Paisajem

*A' exma. sra. dona Côta
Reis, uma das mais genero-
zas senhoras de Alcântara*

Noite fria e de luar... Sentados, á porta da rua, recordavamos a quadra carnavalesca, saudosamente, dessa cidade maranhense, outróra uma das mais garridas.

Agóra atulhada de inúmeros e velhos prédios, e na sua maior parte em ruínas, estava a mergulhar-se na luz prateada de um luar triste. E' que as coizas tambem têm a sua página de amargura e de nostalgia.

A velha igreja da matriz, hoje em abandono, quase a ruir por terra, e cujos sinos, em tempo que bem longe vai, ressoavam ao *angelus* ou ás matinas, anunciando a missa, o casamento, o bátisado, remirava-se em si mesma, no caruncho das suas paredes negras de limo e na ferrugem do gradil de ferro, a ornar-lhe o frontispício. E assim, com as paredes esburacadas, com o soalho afundando-se mais e mais, ela difficilmente reluzia aos fustigos da lua, que, do alto, cascadeava golfadas de luz, mais clara e mais triste.

E nós, discorrendo, vagamente, a respeito de um ou outro factó, contemplavamos a beléza dessa paisajem,

em que se viam tambem carneirinhos descuidadamente pascendo na praça em frente a esse templo religioso, onde se realizaram animadoras festas e concorridissimas cerimónias litúrgicas.

A velha cadeia, em cujo pavimento superior funciona a camara, a poucos passos do mar, estava quiéta, nessa noite, sem vislumbre de soldados ou de presos. Representava uma segurança hipotética, um fâtor de temibilidade.

O mar, pertinho, desfazia-se em espumas alvissimas, que bordavam a orla estensa da praía.

O farol, de luz amarelaça, desferia um clarão tristonho.

No meio da nossa palestra, um relógio anunciou-nos as 9 horas e nós, depois de contemplarmos, por várias horas, o encanto dessa noite enluarada, recolhemo-nos aos nossos aposentos, enquanto a lua, bem alto, continuava a resplandecer, derramando catadupas de luz por sôbre a cidade, que já começava a dormir.

Alcântara, 1921.

JOSE JOÃO MONTEIRO.

Pedro Lésa

Este eminente juriconsulto, que nascêra na cidade Sêro, em Minas, aos 25 de setembro de 1859, falecêu no Rio, a 25 de julho dêste ano.

Advogado, professor, publicista, crítico, sociólogo, filózofo, Pedro Augusto Carneiro Lésa atingiu a mais alta judicatura da república, pois que subiu ao cargo de ministro do Supremo Tribunal Federal.

Duma intelligência penetrantissima, servida por uma seléta cultura, se as suas melhores obras são as jurídicas, isto não lhe estorvou os passos noutros campos mentais. E êsses trabalhos valeram-lhe a escolha para o Instituto Histórico e para a Academia Brasileira.

Não lhe faltavam, pois, em vida como na morte, nem as homenajens pessoais, nem as honras colêtivas. Bem as merecêu.

NOTAS

JORNAIS & REVISTAS

ARGOS.— Recebemos o primeiro número deste bem feito jornal da Fortalêza Trás as secções de *literatura e artes*, por Faustino Nascimento; *ciência e filosofia*, de Aluizio Coimbra; *juridicidade*, (o voto feminino), de Carlos Sidou; *filologia*, do dr. Erminio Araújo; *história*, de Hugo Vitor, além de outros escritos estimáveis, em prosa e verso. A leitura da boa publicação cearense impressiona magnificamente e bem prova que, na cidade da luz, se cuida melhor do que em Atenas dos assuntos que se prendem ás belas letras.

* *

A ESTRÊLA.—Recebem s esta interessante revista, do Aracati, Ceará, que está no xv ano de existência, devido á operosidade inteligente de Antonieta Clotilde. A illustre confreira teve palavras de carinho para com o nosso companheiro Joaquim Luz, apreciando o seu discurso, ao tomar posse da cadeira de Aluizio Azevedo

* *

Acuzâmos ainda o recebimento das seguintes publicações: «Boletim Mundial» e «Jornal Batista», do Rio; o «Anunciador», do Aracati; o «Correio do Codó»; o «Bloco», de Caxias; o «Tocantins», da Carolina; o «Norte», da Barra do Corda; a «Razão», da Estância—Sergipe; *Torneio magno*, da Távola do Bom Humor; *Eu*, soneto, num postal, com o retrato do autor - A Leite Lopes, Rio.

A LEGIÃO NA BAÍA

Deolindo Couto, nosso companheiro e talentoso académico de medicina, tem demonstrado um zelo inescandível em tornar conhecido o trabalho da Legião dos Atenienses, na terra de Rui Barbosa, essa legendária Baía, que, de longa data, se julga com mais direito do que nós ao cognome de Atenas Brasileira. E, graças ao talento e á dedicação do nosso confrade, registâmos, ufano-

so, a saüdação que o académico e brilhante beletриста, sr. Manoelito Betencourt, fez, a 11 de junho, numa sessão da Academia Manoel Vitorino, cenáculo das letras baianas, á Legião, representada pelo nosso companheiro que, por sua vez, cumprimentou a brilhante instituição literária.

Bom seria que todos os legionários daqui partidos procurassem, como Deolindo Couto, estabelecer um proveitoso intercâmbio mental com os outros estados federativos.

Reiterâmos os nossos parabens aos entusiásticos peoneiros da intelêtualidade baiana.

JOAQUIM LUZ

Num folhêto nitidamente impresso, com o retrato de Aluizio Azevedo, vem o empolgante discurso que o esperançoso môço, sr. Joaquim Vieira da Luz, pronunciou, a 14 de abril último, analisando o magnífico trabalho intelêtual do imortal e querido autor do *Mulato*.

E' um estado, êsse, de grande relevância para as letras maranhenses, reivindicando, para a luminosa memória de Aluizio, a justiça que os seus contemporâneos lhe negaram, ao ser divulgado o livro que desfechava um tremendo golpe nas idéas escravocratas daquela época, ao mesmo tempo que criava o romance naturalista e marcava uma nova era ás lêtras da sua pátria.

E' um trabalho consciencioso e bem elaborado o do jôven membro da Legião dos Atenienses, denotando a investigação sincera e paciente que fez da vida literária de Aluizio Azevedo, um dos espíritos mais fulgurantes e que, com intenso ardor, muito contribuiu para realçar o renome da terra, a qual tão fértil ha sido em illustrações, para lhe honrarem as tradições de Atenas Brasileira.

Esse discurso vem precedido duma honrosa dedicatória do autor, que agradecemos; e foi transcrito no «Ateniense», de abril findo, cuja edição trás tambem o retrato de Aluizio, na capa, e vem cheia de produções de um subido valor literário.

—Do "NORTE", da Barra do Corda, n.º 139, de 16—7—21.

O ATENIENSE

(ORGÃO OFICIAL DA LEGIÃO DOS ATENIENSES)

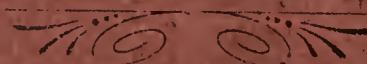
PUBLICA-SE MENSALMENTE

Assinaturas, por doze números :

Capital.....	5\$000
Fóra da capital.....	6\$000
Colêção completa, desde o primeiro número	10\$000
Número avulso	1\$000

Pedidos, acompanhados pelo custo da assinatura, ao diretor-tezoireiro

JOAQUIM LUZ—S. Luiz do Maranhão



— Biblioteca da Legião —

JOAQUIM LUZ — *Aluizio Azevedo* (discurso de posse, 51 páginas, Tip. Teixeira - 1921).

OLIVEIRA ROMA — *Versos sem estilo* (94 páginas) Tip. Teixeira—1921 — 1 vol., br., 5\$000